



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ANDRÉ VICTOR CAVALCANTI SEAL DA CUNHA

**A INVENÇÃO DA IMAGEM AUTORAL DE CHICO XAVIER: UMA
ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE COMO O JOVEM DESCONHECIDO DE
MINAS GERAIS SE TRANSFORMOU NO MEDIUM ESPÍRITA MAIS
FAMOSO DO BRASIL (1931-1938)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Meize Regina de Lucena Lucas

Co-Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos

**FORTALEZA
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C977i Cunha, André Victor Cavalcanti Seal da.
A invenção da imagem autoral de Chico Xavier : uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no medium espírita mais famoso do Brasil (1931-1938) / André Victor Cavalcanti Seal da Cunha. – 2015.
301 f. : il., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: História social.
Orientação: Profa. Dra. Meize Regina de Lucena Lucas.
Coorientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.
- 1.Xavier,Francisco Cândido,1910-2002 – Crítica e interpretação. 2.Xavier,Francisco Cândido, 1910-2002 – Contribuições em literatura. 3.Literatura e espiritismo – Minas Gerais – 1931-1938. 4.Literatura espírita – 1931-1938. 5.Obras psicografadas – 1931-1938. I.Título.

CDD 133.9320904

ANDRÉ VICTOR CAVALCANTI SEAL DA CUNHA

A INVENÇÃO DA IMAGEM AUTORAL DE CHICO XAVIER: UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE COMO O JOVEM DESCONHECIDO DE MINAS GERAIS SE TRANSFORMOU NO MEDIUM ESPÍRITA MAIS FAMOSO DO BRASIL (1931-1938)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Fortaleza, 04 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Meize Regina de Lucena Lucas (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Jailson Pereira da Silva
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof^a. Dr^a. Kênia Sousa Rios
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

FORTALEZA
2015

Dedico este trabalho a Ana Gabriela de Souza
Seal e a Beatriz de Souza Seal.
Respectivamente, meu primeiro e segundo sol.

AGRADECIMENTOS

Registro gratidão a pessoas cuja colaboração representou uma contribuição decisiva para a realização desta pesquisa de doutoramento.

À Prof.^a Dr.^a Meize Regina de Lucena Lucas, minha orientadora, pelo apoio incondicional, pelas leituras cuidadosas, pela disponibilidade e tratamento sempre afetuoso. Em seu conjunto, sua atuação representou tanto um norte intelectual quanto um suporte emocional de enorme importância.

Ao Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos, meu co-orientador, pela paciência em nossas longas conversas, pelas generosas sugestões. Suas doações colocaram a investigação no prumo, me permitindo seguir adiante.

Ao Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior, pelo envio de trabalhos acadêmicos sobre o Espiritismo coletados no acervo da UNICAMP. Esses textos integraram o referencial teórico da pesquisa, sendo essenciais na delimitação de nosso objeto de estudo.

Ao Prof. Ms. Eden Ernesto da Silva Lemos, por conseguir meu acesso ao acervo da Biblioteca de Obras Raras da FEB, bem como pelo envio, de Brasília, de todo o material microfilmado da revista *Reformador*. Sem as fontes da pesquisa, teria sido impossível esta investigação.

Aos colegas do Departamento de História da UERN, Lidiane Mendonça de Alencar, Luciovana Ferreira Barros, João de Araújo Pereira Neto e Roberg Januário dos Santos, pela ajuda imprescindível na execução das minhas atividades acadêmicas durante o período de finalização da escrita da tese.

Aos meus familiares e amigos, cuja convivência representou um alimento psíquico importantíssimo para me fortalecer diante dos anos de isolamento exigidos pelo processo de doutoramento. Em especial, menciono Carlos Alberto Seal da Cunha e Maria da Glória Cavalcanti da Cunha (meus pais) e Zuleide Gomes de Souza (minha sogra).

Aquilo que é feito por amor, faz-se sempre
para além do bem e do mal.
(NIETZSCHE, 2006, p. 96).

RESUMO

Esta pesquisa tem por fio condutor uma análise de Chico Xavier como portador de uma imagem autoral inventada, construída pela complexa dinâmica que constituiu sua representação de escritor psicógrafo na inter-relação produção, recepção e apropriação de suas obras. O Espiritismo nela foi abordado como fenômeno cultural e editorial. Investigou-se, pois, a criação da imagem autoral de Xavier, concebendo esta como uma elaboração coletiva da qual participaram vários sujeitos, dentre eles intelectuais ligados ao movimento espírita, editores e leitores. O período do recorte cronológico propriamente dito foi do final de 1931 até o início de 1938. As análises revelaram que a obra literária de Xavier foi produzida dentro do funcionamento de uma matriz febiana, engendrada, no final do século XIX, no bojo das disputas intestinas entre espíritas religiosos e científicos, bem como nos enfrentamentos com interlocutores em tempos de criminalização pelo primeiro código penal republicano. Um sobrevoo na literatura espírita do período da chegada de Xavier permitiu detectar-se indícios de bases culturais para sua escrita psicográfica. Quanto a sua escrita de si, pôde ser identificadas nos textos prefaciais assinados pelo medium estratégias de sedução e convencimento, com o uso de um amplo espectro de dispositivos textuais voltados à denegação autoral. Um segundo movimento analítico foi desenvolvido enfocando-se a criação da imagem autoral do jovem médium de Minas Gerais através da recepção de sua obra, do que dele disse a primeira geração de seus leitores. Pôde-se compreender seu surgimento na cena literária espírita, integrando um projeto coletivo elaborado e capitaneado por lideranças da Federação Espírita Brasileira. O núcleo editorial febiano, respondendo as críticas que procuravam desqualificar o livro de poesias escritas mediunicamente, promoveu transformações na imagem autoral de Xavier, visando a intensificar a denegação autoral para sustentar a autenticidade espiritual dos poemas. Assim, foram se diluindo os vestígios de suas qualificações intelectuais. Concomitantemente, potencializaram-se suas qualidades mediúnicas. Em adição, se passou a ressaltar seu comportamento virtuoso, acabando-se por conferir-lhe uma representação de medium acima da média. Nesta destacada posição, Chico Xavier inseriu elementos diferentes na matriz literária vigente no Espiritismo febiano de seu tempo. A investigação permitiu compreender duas estratégias para a constituição de seus espíritos-autores. Em *Emmanuel*, o sucesso editorial do personagem pode ser diretamente relacionado ao seu transbordamento com atuações em funções paratextuais e, principalmente, paraliterárias. Este exercício estava fundamentado na fusão entre as representações de *Emmanuel*, tanto como autor espiritual, quanto como guia do medium. Esta posição permitirá ao personagem desempenhar múltiplas atividades, ampliando-se significativamente as possibilidades de ação do próprio Xavier. No caso peculiar de Humberto de Campos, houve a apropriação de um já consagrado personagem literário para transformá-lo em um espírito-autor. Houve uma busca por estabelecer uma continuidade entre a produção literária convencional do Cronista maranhense e a psicografada por Xavier. Neste sentido, encontrou-se nas crônicas mediúnicas uma utilização de procedimentos literários que visavam a drenar a imagem autoral do literato para o texto psicografado. Estas apostas representaram estratégias bem-sucedidas, permitindo a Chico Xavier maior atuação como autor-ator na cena literária espírita e no cenário da grande imprensa nacional.

Palavras-Chave: Chico Xavier. Espiritismo. História do Livro e da Leitura.

ABSTRACT

The common thread throughout this research is an analysis of Chico Xavier as the carrier of an invented authorial image, built on the complex dynamics involving his representation as a psychographic writer in the production, receptivity and ownership of his works. We have approached Spiritism both as a cultural and editorial phenomenon. We have thus investigated the creation of an authorial image of Xavier, conceived as a collective construct from multiple individuals, including an intellectual elite linked to the Spiritism movement, as well as editors and readers. The chronological period of interest for this research ranges from the end of 1931 to the beginning of 1938. The analysis revealed that the literary work of Xavier was conceived according to the workings of the FEB, having flourished, from the end of the XIX century, within the internal power struggles among religious and scientific spiritualists, as well as within the disputes among different interlocutors in a time of criminalization by the first republican penal code. An overview of the spiritualist literature during the rising of Xavier allowed us to detect evidence of cultural bases for his psychographic writings. As far as his writings are concerned, we identified seductive and convincing strategies in the prefatory texts signed by the medium, involving the use of a large range of textual devices geared towards denying authorship. Yet another analytical movement was developed with a focus on the construction of the authorial image of the young medium from Minas Gerais, on the basis of the receptivity his works, of what was said about him by the first generation of his readers. We noted his rising in the spiritualist literature scenario, as part of a collective project, conceived and lead by frontrunners in the FEB. The editorial inner circle of the FEB, based on the criticism that attempted to disqualify the poetry book written mediunically, promoted transformations in the authorial image of Xavier in an effort to increase the authorship denial, in order to support the spiritual authenticity of the poems. Thus, the evidence of intellectual qualities of Xavier started to fade away. At the same time, his mediunic abilities showed a marked increase. Along with those, his virtuous behavior eventually granted him a reputation of an above-average medium. From such a remarkable position, Chico Xavier inserted different elements into the literary matrix of the current Spiritism of the FEB. This investigation allowed us to understand two strategies for the constitution of author-spirits. In Emmanuel, the editorial success of the character can be directly linked to his overflow that includes acting in paratextual and mostly paraliterary roles. This exercise was based on the fusion between representations of Emmanuel as both a spiritual author and as a guide to the medium. This position allowed the character to assume distinct roles, significantly increasing the possible courses of action of Xavier himself. In the peculiar case of Humberto de Campos, there was an appropriation of the already well-known literary character in order to transform him into an author-spirit. An effort was made to establish a continuous link between the conventional literary production of the chronicler from Maranhão and the psychographed production by Xavier. In this sense, we found, within the mediunic chronicles, the use of literary procedures that attempted to drain the authorial image from the literary to the psychographed text. Those bets turned out to be successful, allowing Chico Xavier to achieve a more prominent role as author-actor in the spiritualist literary scenario and within the setting of the large national press.

Keywords: Chico Xavier. Spiritism. History of the Book and of Reading.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Autores Estrangeiros Constantes no Catálogo da FEB	84
Quadro 2 -	Autores Nacionais Constantes no Catálogo da FEB.....	86
Quadro 3 -	Biblioteca da FEB 1931-1934	89
Quadro 4 -	Romances do Catálogo Febiano de 1935.....	102
Quadro 5 -	Textos psicografados por Xavier, com assinatura de Emmanuel e Humberto de Campos publicados no <i>Reformador</i> (1934-1937)	261

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Chico Xavier e seus Espíritos: elementos para pensar a complexidade da questão autoral no Espiritismo brasileiro	17
1.2 Tecendo os fios da trama: notas de apresentação sobre os caminhos percorridos	28
2 A INVENÇÃO DE UMA LITERATURA ESPÍRITA NO BRASIL (1870-1900)	30
2.1 Apropriações no cenário da Capital do Império: da produção nacional ao nascimento do romance espírita no Brasil (1870-1890)	31
2.2 A invenção da matriz febiana para o Espiritismo brasileiro (1890-1900)	45
2.3 Espiritismo como religião por meio da Literatura: produção literária espírita no seio do círculo de Menezes	54
2.4 A vitória da Literatura sobre o espetáculo	64
3 ANTES DO PERSONAGEM, O SEU CENÁRIO: CENA LITERÁRIA ESPIRITISTA NO PERÍODO DA CHEGADA DE CHICO XAVIER (1932-1935)	72
3.1 Análises do Catálogo de Livros da FEB em 1935	72
3.2 Desencontros dos espíritos e a “Igreja de Pedro”: Projeto editorial febiano e o anticatolicismo	88
3.3 Primavera literária do romance no Espiritismo brasileiro (1932-1935)	101
3.3.1 Os romances espíritas escritos em regime de autoralidade convencional	107
3.3.2 Configurações híbridas no regime autoral: romances espíritas escritos por inspiração	117
3.3.3 Romances espíritas produzidos em interautoria	125
4 CHICO XAVIER, POR ELE MESMO E POR SEUS LEITORES: CENAS INICIAIS DA INVENÇÃO DE SUA IMAGEM AUTORAL (1931-1934)	137
4.1 Jogos de sedução e convencimento: a escrita de si em <i>Palavras Minhas</i>	138
4.2 Fórmula que não deu certo?: A escrita de si no texto prefacial de <i>Cartas de uma Morta</i>	153
4.3 A Invenção de Chico Xavier: o medium na recepção por seus leitores	160
4.3.1 Chico Xavier Antes de Parnaso de Além-Túmulo	161

4.3.1.1 Anticaticolicismo nos primeiros escritos psicográficos de Xavier (1932)	170
4.3.1.2 Na Morte do Homem, o Gérmen do Mito: o início de uma sutil e profunda metamorfose	178
4.3.2 Entra em Cena Parnaso de Além-Túmulo	185
4.3.2.1 Um Momento para os críticos ou Humberto de Campos: esse (des)conhecido	196
4.3.2.2 Na resposta aos críticos, uma mudança na imagem autoral de Xavier: escalada rumo à mitificação	206
5 CHICO XAVIER E A INVENÇÃO DE SEUS AUTORES ESPIRITUAIS (1934-1938)	215
5.1 Autor espiritual com funções múltiplas: a invenção de Emmanuel	215
5.2 O surgimento de uma (in)esperada parceria	239
5.2.1 O retorno de Humberto de Campos: de celebridade literária a autor espiritual	239
5.3 A consolidação dos autores espirituais que dominaram o cenário da literatura espírita na segunda metade da década de 1930 (1935-1938)	250
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	268
REFERÊNCIAS	275
FONTES	282
ANEXO A - Contracapa da primeira edição de <i>Nosso Lar</i> (1944)	287
ANEXO B - Capa do livro <i>Do Calvário ao Apocalipse</i>	288
ANEXO C - Contracapa do livro <i>Do Calvário ao Apocalipse</i>	289
ANEXO D - Catálogo de livros da editora da FEB	290
ANEXO E - Propaganda do livro <i>Jesus e sua Doutrina</i>	291
ANEXO F - Propaganda da trilogia <i>Cruzada Redentora</i> de Antônio Lima	292
ANEXO G - Propaganda dos livros de Zilda Gama	293

ANEXO H - Propaganda do livro <i>Redenção</i>	294
ANEXO I - Propaganda do livro <i>Lídia</i>	295
ANEXO J - Propaganda do livro <i>Herculanum</i>	296
ANEXO K - Propaganda do livro <i>Parnaso de Além-Túmulo</i>	297
ANEXO L - Primeiro artigo de Humberto de Campos sobre <i>Parnaso</i>	298
ANEXO M - Segundo artigo de Humberto de Campos sobre <i>Parnaso</i>	299
ANEXO N - Matéria do <i>Diário Carioca</i>	300
ANEXO O - Propaganda da Segunda edição de <i>Parnaso de Além-Túmulo</i>	301
ANEXO P - Propaganda do lançamento de <i>Crônicas de Além-Túmulo</i>	302

1 INTRODUÇÃO

No término de sua vida, em 30/06/2002, ele estava cercado de notoriedade. Vida, desde determinado ponto, marcada pela pobreza voluntária. Possuía apenas uma vastíssima obra literária, de mais de 400 títulos publicados. Tornou-se a maior referência de seu segmento religioso. Sua figura transcendeu o rótulo que o abrigava. Para os seus, adquiriu uma condição humana incomum, pois atuaria concomitantemente em dois mundos. Transformou-se para eles em mais do que um “*megamédium*”: um mito em sua contemporaneidade. Afinal, quem foi Francisco Candido Xavier?

Esta é uma pergunta que este trabalho não pretende responder. Aspectos biográficos não compõem o seu escopo. Interessa-nos o autor da literatura espírita brasileira; Literatura de massa, que, amplamente produzida em nosso País, representa um fenômeno cultural, religioso e editorial ainda pouco estudado (ROCHA, 2001, P. 13). O número exato de suas publicações é incerto. Sabe-se, como informamos, que passam de 400 títulos. A Federação Espírita Brasileira (FEB) garante que o Medium mineiro responde pelos direitos autorais de 412 livros (2014). Na sua maioria, aproximadamente 300, foram publicados após a década de 1970, quando sua figura pública havia se consolidado no cenário nacional. O gênero produzido neste período foi predominantemente a mensagem doutrinária de consolação e contou com inúmeras assinaturas, muitas delas de personagens sem peso ou significação. É provável que a intensificação do volume de publicação de títulos vindos à luz represente uma estratégia editorial para angariar recursos explorando a visibilidade alcançada por Chico Xavier, já que os direitos autorais das obras sustentavam uma série de instituições espíritas, bem como diversas atividades assistenciais. A parte mais significativa, entretanto, que fizera a “fortuna” do Medium e lhe trouxera reconhecimento, representa um quarto dos livros. Evidentemente 100 obras já é quantitativo digno de nota. Dentre elas, se encontram títulos que contribuíram diretamente para uma reconfiguração do Espiritismo¹ brasileiro, consolidando determinada matriz que vinha sendo constituída desde o final do século XIX. Os gêneros literários escolhidos, diferentemente da fase pós-1970, marcada pela homogeneidade, denotam uma

¹Em acirradas disputas discursivas envolvendo os campos médico, jurídico e religioso, a noção “espiritismo”, criada em princípio para definir certo corpo doutrinário, vai ganhando colorações variadas, até tornar-se um vocábulo polissêmico. Há ainda na atualidade uma luta semântica, não sendo possível optar por determinada acepção sem posicionar-se no debate em curso. Neste trabalho procurei não cair nas armadilhas desta complexa teia semântica. Voltando a acepção original do termo, o conceito de espiritismo “será sempre utilizado para designar o corpo teórico-doutrinário criado inicialmente por Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (...)” (ARRIBAS, 2010, 17). Já que o próprio vocábulo representa um neologismo de autoria de Kardec, a ele recorreremos pela necessidade de delimitação.

grande diversidade. Foram psicografadas inicialmente poesias e mensagens doutrinárias. Depois, contos, crônicas, romances. Estes últimos concebidos como relatos autobiográficos de pessoas mortas; narrativas de espíritos discorrendo sobre tramas vivenciadas em suas vidas passadas, sobre suas experiências em uma dimensão denominada de *plano espiritual*.

Este é o caso de seu livro mais famoso. Ao longo de 70 anos, foi publicado um total de 2.107.000 exemplares em 65 edições. Apenas no ano de 2011 foram 32.484. Em 2010, quando lançaram *Nosso Lar - o filme*², longa-metragem baseado na obra, a publicação alcançou 185.489 exemplares. No que se refere ao item “traduções”, os dados também são relevantes. O livro ganhou versões em inglês, japonês, francês, espanhol, alemão, russo, grego, tcheco, braile e esperanto. A própria versão para o cinema representou um êxito de bilheteria. Produzido pela *Cinética* sob a tutela da Federação Espírita Brasileira e distribuído pela *Fox*, o filme obteve mais de um milhão de espectadores na primeira semana de sua exibição. Como dissemos, o livro em questão narra uma experiência de vida após a morte. Seu personagem narrador é um médico materialista e brasileiro. O cenário da trama é uma cidade no além, uma Roma celeste que supostamente existiria em cima do Rio de Janeiro, constituída à revelia da cidade dos homens. A obra recebeu assim o sugestivo título de *Nosso Lar* (1944).

Para vir à luz, ela seguiu um processo de criação que pode ser considerado “incomum”, pelo menos se elegermos como referências os parâmetros convencionais estabelecidos. Sua escrita, considerada psicográfica, foi marcada por duas assinaturas. Uma de Chico Xavier, já famoso nacionalmente em 1944. Outra do espírito de uma pessoa morta, que, para não ser identificada pelos familiares e contemporâneos ainda vivos, teria optado por adotar o pseudônimo de André Luiz. O produto desta autoralidade compartilhada é um livro concebido pelo Medium mineiro como uma ponte entre dois mundos, um instrumento que estaria “entre este mundo e o outro” (XAVIER, 2009, p. 136)³.

Com *Nosso Lar*, se fecharia a tríade dos principais autores espirituais que assinavam as obras de peso doutrinário significativo, encerrando um ciclo que se iniciará em 1932, mediante a publicação de seu primeiro livro. Três assinaturas. Três nomes próprios. Uma só mão. Estes ditos autores espirituais dominaram a cena literária espírita brasileira, conquistando para o Medium mineiro, paulatinamente, uma visibilidade sem precedentes no

² *Nosso Lar – O Filme*. Direção: Wagner de Assis. Rio de Janeiro: Century Fox, 2010. 1 DVD (105 min).

³ Chico Xavier foi convidado em 1971 ao programa de entrevistas da extinta Rede Tupi chamado de Pinga-Fogo. Nele apresentou a definição do livro como “um instrumento de cultura extraordinário, um instrumento que está entre este mundo e o outro” (2009, p. 136).

campo espiritista. Antes da chegada de André Luiz, o primeiro movimento ocorrido de 1931 a 1938 consolidaria a imagem de autor psicógrafo de Chico Xavier, inventada mediante a recepção de textos que levaram as assinaturas de vários autores espirituais. O mote desta pesquisa, seu fio condutor, será uma análise da complexa engrenagem que fizera surgir esse fenômeno literário: um *medium* e seus espíritos-autores.

Seu campo literário confessional, o do livro espírita, representa hoje um subsetor significativo do mercado editorial brasileiro, concorrendo lado a lado com as obras do gênero autoajuda. Já na virada do século XXI, havia mais de 170 editoras consideradas espíritas ou que adotaram uma linha editorial para atender o público leitor deste segmento (FERNANDES, 2002). Desta forma, há uma crescente comunidade de leitores, para utilizar uma noção cunhada por Chartier (1999, p. 11), consumidora ativa da produção literária do Medium mineiro. Como pretendemos demonstrar, entretanto, o processo de criação dos livros espíritas psicografados por Chico Xavier não se deu no vácuo. Não poderíamos compreender a sua obra, desconectando-a da invenção do circuito cultural peculiar que permitiu seu surgimento. Como veremos, sua erupção não prescindiu de bases sólidas já consolidadas.

Estudaremos assim a especificidade desta autoralidade, envolvendo os âmbitos de sua produção, recepção e apropriações pela leitura⁴. Francisco Candido Xavier, como ator social, como sujeito histórico, teve aqui papel preponderante, mas não isolado ou exclusivo. Sua obra literária foi produzida dentro do funcionamento de um cânone estabelecido, representando um experimento que deu certo, marcado pela testagem de fórmulas editoriais destinadas a um público leitor específico. Consideramos desta forma que estamos diante de um fenômeno editorial de vulto, cujas significativas proporções ainda não foram devidamente estudadas.

A seguir abordaremos propriamente a delimitação do objeto da investigação, porém, desde já, alguns pressupostos de nosso trabalho precisam ser anunciados. Não cabe no recorte adotado um posicionamento no debate acerca dos fenômenos mediúnicos ou parapsicológicos. Não interessa aqui a discussão da existência de uma realidade extracorpórea ou julgar o mérito da psicografia. O Espiritismo nele será abordado como fenômeno editorial. É sob tal perspectiva que a pesquisa se inscreve nas fileiras de uma História cultural do livro e da leitura. Como tal, na investigação, as obras psicografadas por Chico Xavier são compreendidas dentro da complexidade de seu circuito cultural, não sendo, em nosso recorte

⁴ Para Chartier, a ideia de apropriação remete à dimensão do “que os indivíduos fazem com o que recebem”, constituindo-se, a apropriação, em “uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos”. (CHARTIER, 2001, p. 67).

epistemológico, dissociados os âmbitos do texto e do suporte que lhe confere materialidade, os aspectos relacionados à produção da recepção e da apropriação dos livros (CHARTIER, 2003).

Esta perspectiva ancora-se na compreensão de que o texto em si não é todo-poderoso, tampouco há leituras completamente singulares (CHARTIER, 1990, p.121). Interessa-nos a mudança de eixo, ampliando o olhar investigativo sobre o livro espírita, englobando agora aspectos relativos tanto à invenção dos textos quanto à sua produção editorial e circulação social. Fazer isso remete a certo deslocamento de fronteiras, sendo

[...] necessário aproximar o que a tradição ocidental separou durante muito tempo: de um lado, a compreensão e o comentário das obras; de outro, a análise das condições técnicas ou sociais de sua publicação, circulação e apropriação. (CHARTIER, 2007, p.11).

Desta forma, como exigência de nosso aporte, pela necessidade de coerência, não poderemos dissociar na pesquisa as análises textuais propriamente ditas de reflexões sobre os dispositivos editoriais das obras e seus espaços de recepção, realizando assim “(...) o necessário entrecruzamento entre crítica textual e história cultural” (CHARTIER, 2002, p.97), entre os espaços legíveis e sua efetuação, entre a análise do texto, da sua materialidade como objeto e o estudo das práticas de se apropriar destes. Caminharemos nestas fronteiras para promover assim o encontro entre os mundos do texto e do leitor, fazendo dialogar o texto, o livro e a leitura para superar a dicotomia caracterizada pelas surdas interlocuções entre uma História quantitativa do livro e a crítica literária clássica (CHARTIER, 1999, p.12).

Voltemos, porém, à questão dos pressupostos. Explicitamos há pouco alguns compromissos. Agora preciso retomá-los para trazer outros à baila. Como dissemos, uma discussão sobre a mediunidade de Chico Xavier não integra as preocupações que compõem este trabalho. Não faz sentido procurar verificar se o fenômeno da psicografia é verídico ou se as obras são de autoria dele mesmo. Para os sujeitos integrantes do seu circuito cultural, da produção ao consumo, a autoria é questão equacionada: os espíritos são os autores. O percurso histórico de invenção das autorias e suas repercussões no mundo editorial é o nosso campo de interesse. Desta forma, a psicografia não entra em nosso recorte epistemológico como fenômeno psíquico, mas como realidade cultural.

Para a investigação, não é como *medium* ou paranormal em si, mas como um sujeito histórico que teve sua trajetória incomum marcada pelo fato de escrever textos psicografados. É, pois, como ator social, possuidor de uma vasta obra literária, que Francisco Cândido

Xavier nos interessa. Sua atuação contribuiu de forma significativa para a consolidação do livro espírita. Ao que tudo indica, suas obras ofereceram respostas aos argumentos de vários interlocutores, ajudaram a redimensionar a produção editorial do seu segmento confessional; ampliaram vertiginosamente a venda e o consumo de obras espíritas e contribuíram com a popularização do Espiritismo, promovendo uma ampliação dos adeptos e/ou a divulgação das ideias espíritas.

Este estudo buscará entender como um jovem de Minas Gerais, escrevendo obras de variados gêneros, dentre as quais destacamos, principalmente, os romances, contribuiu para consolidar de vez o Espiritismo no campo religioso brasileiro. Até agora, entretanto, nossas reflexões se deram em âmbito muito geral. Passemos ao movimento de explicitação dos recortes específicos que delimitarão o objeto da investigação. Vamos, pois, à ação no mármore, do martelo e do cinzel.

1.1 Chico Xavier e seus Espíritos: elementos para pensar a complexidade da questão autoral no Espiritismo brasileiro

O primeiro passo para nos acercarmos da literatura espírita como um objeto de estudo histórico foi considerá-la uma prática cultural passível de ser investigada pelo olhar do historiador. Um medium que psicografa um gênero literário, produzindo mediunicamente uma literatura espírita, coloca em xeque o contrato de identificação entre um autor e uma obra, descolando o ato da escrita da equivalência de autoria. O sujeito que escreve não é o autor intelectual do texto, não tem, em certo sentido, o domínio sobre ele. O Espiritismo kardecista estabiliza esta equação, indicando o espírito de um morto como senhor do texto.

Estudos envolvendo a figura do autor no campo literário são recorrentes há algumas décadas. Não seria exagero dizer que esta categoria, central para a literatura, representa hoje um tema clássico já amplamente debatido. Um indício da consistência desta afirmativa pode ser localizado no consenso construído entre as diversas abordagens, muitas vezes díspares, do campo da Teoria Literária, da História e da Sociologia: a completa falência da “... figura romântica, magnífica e solitária do autor soberano, cuja intenção (primeira e última) encerra a significação da obra, e cuja biografia dirige a escrita em uma transparente imediatez”. (CHARTIER, 1999, p. 35).

Uma referência obrigatória sobre a questão autoral pode ser encontrada na conferência proferida por Michel Foucault. Convertida em artigo sob o título de “Qu’est-ce qu’un

auteur?”, esta reflexão do filósofo-historiador francês promoveu uma profanação nas representações consolidadas em torno do autor como sujeito privilegiado na criação e imperador dos sentidos. A proposição da exposição materializada no ensaio não foi uma análise histórico-sociológica da personagem do autor (2002, p. 33-34). Seu compromisso foi sim o de refletir sobre a “relação do texto com o autor, a maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos na aparência”. (2002, p. 34).

Em seu artigo, Foucault faz uso de um sentido específico do conceito de autoria, compreendendo o autor como escritor de um texto, livro ou obra a quem se pode legitimamente atribuir a produção (2002, p. 57). Para ele, o nome do autor exerce o papel de garantir uma função classificatória ante os discursos, possibilitando uma seleção, delimitação e agrupamento de certos textos, permitindo também o movimento de comparação e o estabelecimento de inter-relações. (2002, p. 44-45). Ele marca o estatuto atribuído ao texto, bem como a sua recepção na esfera da leitura. O nome de autor instauraria assim uma ruptura e caracterizaria um modo singular, um funcionamento de certo grupo de discursos perante outros desprovidos desses atributos. Foucault denominou esta função classificatória de “função–autor”. Ela caracterizaria um “modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. (2002, p. 46).

Neste sentido, haveria características específicas dos discursos portadores da função-autor, estando elas intrinsecamente relacionadas à possibilidade de apropriação penal. Para o Historiador-filósofo, os textos teriam começado a efetivamente possuir autores e por eles serem possuídos na medida em que se tornou possível a penalização do autor, a tipificação na legislação visando à responsabilização de produtores de discursos transgressores. A instauração desse regime de propriedade para os textos foi situada entre o final do Setecentos e início do Oitocentos, intrinsecamente relacionada com a possibilidade de punição e não em atendimento aos interesses imediatos do escritor (2002, p. 47).

Não obstante, Foucault nos faz uma advertência importante: “(...) a função- autor não se exerce de forma universal e constante sobre todos os discursos”. (2002, p. 48). Esta afirmação nos possibilita fundamentar a compressão da escrita psicográfica como portadora de especificidades. Como discutiremos adiante, em Chico Xavier, para o estabelecimento do pacto de leitura necessário à recepção das suas obras no campo da literatura mediúmica, ele abriu mão da propriedade autoral sobre os textos, atribuindo a autoria aos espíritos de pessoas mortas.

Sem dúvida, a função-autor é o resultado de uma complexa operação que inventa certo ser racional a que chamamos autor (2002, p. 50). Nosso trabalho investiga não Chico Xavier como sujeito, indivíduo, pessoa. Esta não é uma das preocupações da pesquisa, mas uma análise de Chico Xavier como portador de uma imagem autoral inventada, criada pela complexa dinâmica que constituiu sua representação de escritor psicógrafo na inter-relação produção, recepção e apropriação de suas obras⁵. Neste sentido, Chico Xavier é uma invenção, pois “(...) o que no indivíduo é designado como autor (ou o que faz do indivíduo um autor) é apenas a projeção, em termos mais ou menos psicologizantes, do tratamento a que submetemos os textos, as aproximações que operamos, os traços que estabelecemos como pertinentes, as continuidades que admitimos ou as exclusões que efetuamos.” (2002, p.51).

Assim, como “(...) estas operações variam consoante às épocas e os tipos de discurso” (2002, p.51), faremos uma análise sobre as operações que inventaram o autor Chico Xavier, observando as especificidades do período e do tipo do discurso (como veremos adiante, uma literatura psicográfica, com um tipo particular de pacto de leitura e de regime de autoralidade). Considera-se necessária uma análise histórica da invenção de Chico Xavier como um autor da literatura mediúnica, porque esse fenômeno de nossa vida cultural e literária não é dado ou espontâneo, mas foi configurado por operações complexas, que guardam especificidades consoante a época e possuem variações segundo a tipologia do discurso empreendido. Desta forma, um importante tributo de reconhecimento foi explicitarmos que, desnaturalizando a figura do autor, Foucault nos ajudou a iniciar a empreitada. O exercício que se seguiu foi, então, o de dessacralizar, problematizar, profanar.

Escolhemos para desenvolver uma reflexão sobre a complexidade da questão autoral do Espiritismo brasileiro dois outros intelectuais que se debruçaram sobre a problemática da

⁵ Para a realização desta tese, uma importante contribuição acerca da compreensão da ideia de imagem autoral nos foi fornecida por Maingueneau (2010, p. 139-156). Segundo o pesquisador, esta remete a uma representação inventada por complexas engrenagens. Seria uma criação instável e fluída que não pertenceria propriamente ao escritor, ao texto ou ao público leitor, mas resultaria da interação de instâncias heterogêneas (MAINGUENEAU, 2010, p. 140). Uma imagem de autor não remeteria necessariamente a pessoa do escritor, nem a sua existência empírica ou concreta. Essa representação criada coletivamente poderia mesmo ser inventada após a sua morte. Ela não representaria um produto direto ou linear da atividade do escritor ou das características do texto escrito, mas seria “elaborada na confluência de seus gestos e de suas palavras, de um lado, e das palavras dos diversos públicos que, a títulos diferentes e em função de seus interesses, contribuem para moldá-la (MAINGUENEAU, 2010, p. 144)”. Comporiam o processo de criação de uma imagem autoral, portanto, as palavras e os gestos do autor, o gênero literário no qual escreve, as decisões e estratégias editoriais para a publicação da obra, incluindo-se aqui os procedimentos tipográficos utilizados, a recepção pelo público leitor, marcada pelas apropriações por meio da leitura. Nas interações dessas múltiplas instâncias, da esfera editorial a recepção pelo público leitor, engendrar-se-iam estratos de representação aglutinados à imagem autoral, configurando-se uma dinâmica inventiva com elementos não hierarquizados, apropriados de fontes díspares (MAINGUENEAU, 2010, p. 144-151).

autoria. Ambos tomaram como ponto de partida as inquietações lançadas por Foucault. Fazer dialogar Roger Chartier e Dominique Maingueneau para criar um instrumental teórico capaz de atender o desafio a que nos propusemos é o compromisso desde aqui, desta síntese introdutória.

Convidaremos primeiramente Roger Chartier. Em dois momentos ele seguiu de perto as formulações foucaulteanas em um exercício crítico intestino, desenvolvendo um olhar analítico por dentro. Na obra *A Ordem dos Livros* (1999), como não poderia deixar de ser, na centralidade da cena, a categoria “função-autor”, tomada como pressuposto e fio condutor. Como já dissemos, para Foucault esta seria a característica de parte dos discursos que circulam dentro de uma sociedade. Pressuporia um estado de direito com o reconhecimento da responsabilidade penal do autor, articulando-se a esta a noção de propriedade literária. Diferentemente da evidência empírica de que todo texto escrito possui alguém que desenvolveu um trabalho intelectual de produção de suas linhas, a função-autor seria o produto de complexas operações nas quais se atribuiria a um escrito a unidade e coerência de uma obra, fundindo-a a uma individualidade que pode ser responsabilizada juridicamente, criando-se assim um regime específico de propriedade (CHARTIER, 1999, p. 36-37).

Em sua reflexão sobre o tema, Chartier elege como mote a desconstituição de certas imprecisões advindas de leituras apressadas ao texto foucaulteano. Para ele, apenas por meio de uma apropriação de superfície, poderíamos situar o nascimento da função-autor na modernidade.

[...] Talvez, se admitirmos que os traços fundamentais que, no livro, manifestam a atribuição do texto a um indivíduo particular, designado como seu autor, não aparecem apenas com as obras impressas, mas caracterizam o livro manuscrito desde o início de sua existência. A mais espetacular dessas marcas é a representação física do autor, em seu livro. O retrato do autor que torna imediatamente visível a atribuição do texto a um eu singular é frequente no livro impresso do século XVI. (IDEM, p. 53).

Buscando demonstrar a impropriedade de se considerar o nascimento da função-autor circunscrito a esse período, foram indicados exemplos de dispositivos jurídicos, repressivos e materiais, representando, estes, marcos fundamentais da invenção histórica da figura do autor. Interessa-nos aqui dar mais visibilidade ou ênfase à análise das relações entre os dispositivos jurídicos e a criação do regime autoral da época moderna.

Desta forma, a função primordial do autor seria a de garantir unidade e coerência a um discurso, coagulado, delimitado, definido por meio da categoria “obra”. Desta forma, sua

função foi a de “constituir a escrita como expressão de uma individualidade que fundamenta a autenticidade da obra”. (IDEM, p. 53). A invenção da figura autoral, entretanto, estaria muito mais ancorada na necessidade de responsabilização jurídica do escritor do que relacionada ao conceito de propriedade literária. Na França, desde o século XIV, a escrita emergiu como produto de uma criação individual, mas foi só no século XVI que a responsabilidade do autor foi inserida na legislação com a intencionalidade de permitir o controle sobre as esferas editoriais, para sustar a difusão e circulação de textos considerados fora dos cânones ortodoxos (1999, p. 51).

Chartier retoma a interlocução, assumindo novamente sua posição de leitor de Foucault no texto *O que é um autor? Revisão de uma genealogia* (2012). Neste momento, ele abordou outras nuances, desenvolvendo sua crítica em bases diferenciadas. De fato, nesta reflexão, ele amplia o debate sobre o esboço de cronologia utilizado na proposição foucaultiana, afirmando que este deveria ser profundamente revisado (CHARTIER, 2012, p. 47). Assim, a genealogia da função-autor, os elementos que a caracterizam, sua gestação, possuiria uma duração muito mais longa do que a proposta pelo Historiador-filósofo (CHARTIER, 2012, p. 61).

Um exemplo desta fragilidade poderia ser observado no recorte cronológico utilizado por Foucault para afirmar que, durante os séculos XVII e XVIII, os enunciados científicos haveriam entrado em um regime de circulação pautado no anonimato. Para Chartier, ao contrário, neste período, considerado por muitos de uma revolução científica,

[...] a validade de uma experiência, a credibilidade de uma proposição, a garantia de uma descoberta, a autenticação de uma narrativa de descoberta ou de experiência reclamam o emprego do nome próprio, não necessariamente o nome do próprio erudito, do técnico ou do profissional, mas o nome próprio daquele que tem a autoridade o bastante para enunciar o que é verdadeiro em uma sociedade cuja hierarquia das ordens e do poder é ao mesmo tempo uma hierarquia das posições sociais e da credibilidade da palavra. (2012, p. 52).

Segundo Chartier, este se constituiria em um modelo aristocrático de validação dos textos, pois o estatuto de autoria era garantido não pela mão que escreve, mas por aqueles que detinham o poder de constituir o lugar do autor no discurso, de respaldar o texto como verdade, ou seja, “os príncipes, os ministros, os poderosos”. (IDEM, p. 53). Assim, o poder da validação estaria não na mão que segura a pena, mas naquela que detém o bastão, a toga, o obelisco ou qualquer outro símbolo de autoridade pública. Neste jogo de constituição da validade, caberia ao escritor uma apresentação de si próprio como um ator desinteressado, não estabelecendo uma relação direta de propriedade com seus enunciados. Este seria um

comportamento necessário, exigido como condição para credibilidade, como garantia de verdade e de legitimidade do discurso do saber, podendo ser observada tal prática em diversos prefácios e dedicatórias de obras hoje consideradas literárias ou científicas (CHARTIER, 2012, p. 53).

Não obstante, nosso interesse não é o de focarmos a crítica aos aspectos cronológicos. Pinçaremos aqui apenas elementos que tocam diretamente nosso objeto de estudo. A função-autor seria o resultado de complexas operações que relacionam um *corpus* discursivo a uma identidade singular, a um sujeito em particular (CHARTIER, 2012, p. 28-29). Ela não seria apenas uma função, mas também uma ficção, assemelhando-se ao campo do direito “quando ele constrói sujeitos jurídicos que estão distantes das existências individuais dos sujeitos empíricos”. (CHARTIER, 2012, p. 30). Desta forma, haveria uma convergência entre as figuras de autor e ator, no sentido de que o primeiro se vê no exercício de seu papel, na contingência de representar-se, de ser ator dele mesmo; não de si próprio, de sua individualidade ou subjetividade, mas deste outro: o autor, este ente que impregnou sua figura pública irremediavelmente (CHARTIER, 2012, p. 32). Para Chartier, uma condição basilar, fulcral, para a configuração do autor e, conseqüentemente, para a constituição da literatura, para a materialização de uma obra, seria a realidade existencial do sujeito, a realidade fenomenológica do Eu (CHARTIER, 2012, p. 32).

Como pensar, no entanto, o funcionamento de um regime autoral dentro das especificidades de uma escrita mediúnica? O Espiritismo possui como “prática ritual fundante” a comunicação com os mortos. Ora, para a comunidade de leitores que confere legitimidade a este tipo de literatura, a figura performática que assina o texto, que confere unidade e coerência a uma obra, é considerada o espírito de um morto, portanto, não podendo ser responsabilizado juridicamente. Talvez as contribuições de Dominique Maingueneau possam nos auxiliar nesta empresa. Ele propõe o que seriam as três dimensões da noção de autor (2010, 25-47). Em seu conjunto responderiam pela dinâmica que caracteriza um regime de autorialidade.

A primeira dimensão seria a do autor-responsável. Esta é a instância do indivíduo que responde por um texto. Como, segundo Maingueneau, ela é historicamente variável, não necessariamente representa linearmente o enunciador como correlato de um texto ou mesmo um produtor “em carne e osso, dotado de um estado civil”. (MAINGUENEAU, 2010, 30).

A segunda dimensão seria a que foi denominada de “autor-ator”. Para gerir suas atividades de produtor de textos, um autor precisa organizar sua existência tendo como

perspectiva uma carreira. Também variando consideravelmente segundo as conjunturas históricas de tempo e lugares, não necessariamente seria uma atividade profissional, mas compõe o espectro de obrigações a que alguém que escreve, para ser um autor, precisa se dedicar. Teatralidade na cena literária e circulação social seriam assim elementos exigidos em uma trajetória autoral.

A dimensão do autor como *auctor* seria a terceira apontada por Maingueneau. Esta dimensão se revelaria quando um autor se torna o correlato de uma obra. Enquanto a primeira dimensão – da responsabilidade – não é exclusivamente da literatura, ao contrário, em tese todo texto pressupõe um responsável, a terceira seria específica do campo literário. Para atingir um estatuto de *auctor*, um autor precisa ter sua imagem associada a um *opus*, precisa que outros sujeitos falem dele tomando-o como fonte de autoridade. Desta forma, para um autor obter o sentido pleno de *auctor*, seria necessário o reconhecimento de um público leitor, engendrando-se a invenção de uma imagem de autor.

Os aspectos apontados por Maingueneau ganham colorações muito peculiares quando tratamos da literatura que se entende como mediúnica. As dimensões do autor são cortadas transversalmente pela constituição da escrita psicográfica. Como compreender o regime autoral de um texto produzido em transe mediúnico, se para os sujeitos envolvidos no fenômeno o trabalho intelectual da escrita é de um espírito, enquanto a função do escritor - um medium - restringe-se a de um instrumento que apenas marca os caracteres no papel? Vejamos, por exemplo, a contracapa da primeira edição de *Nosso Lar* (1944) (Anexo A).

O nome do medium foi inserido em um plano superior da página, marcando como um selo a procedência da obra. Após o título, em letras destacadas, a insígnia do espírito. Como então precisar a questão da autoria? Caminharemos em conjunto com Lewgoy (2000) e Rocha (2008) para assumirmos uma tomada de posição. Elegendo como ponto de partida as representações dos sujeitos envolvidos no circuito cultural do livro espírita, Rocha se apropria dos conceitos de autor espiritual (morto) e autor empírico (médiun) para situar a problemática da autoria literária em sua investigação (ROCHA, 2008, p.248). Estas categorias, associadas à noção de interautoria cunhada por Lewgoy (2000, p. 142), parecem fornecer uma chave de leitura interessante para pensarmos as especificidades da autoralidade no campo literário espiritista. Segundo ele, o binômio espírito comunicante e medium psicógrafo comporia uma estrutura autoral compartilhada, estando estes polos em interdependência na escrita ritual psicográfica, pois,

[...] por mais que se idealize um médium inconsciente emprestando o seu corpo para a realização de uma psicografia pelo espírito, o fato é que sempre se concebe uma escrita compartilhada como um limite intransponível da atividade mediúnica, e que se articula igualmente com a percepção de uma participação do médium na composição da obra, como um instrumento que deve estar moral e intelectualmente afinado com o conteúdo de seu trabalho. A interautoria pressupõe uma escrita compartilhada, com inarredáveis influências da ambos os lados do trabalho mediúnico. (LEWGOY, 2000, p. 144).

Assim, a literatura espiritista brasileira desenvolvida do século XIX ao XX possui um regime de autoralidade marcado por uma fratura na figura do autor, sendo entendidos o medium psicógrafo e o espírito escritor como autores de uma mesma obra, ocupando as posições singulares de autor empírico e autor espiritual, respectivamente, estabelecendo um processo de partilha nas dimensões apontadas por Maingueneau por meio da interautoria literária. Desta forma, se autor empírico não seria responsável pelo trabalho intelectual de criação do texto, tarefa atribuída ao autor espiritual, ele assume as repercussões sociais da obra no mundo jurídico e institucional. Já no caso da dimensão do autor-ator o polo da visibilidade recai sobre o medium. É ele que possui uma carreira ou trajetória, é ele que se porta na cena do circuito de leitores espiritistas. A troca de serviços no funcionamento do regime de autoralidade da literatura mediúnica, entretanto, permanece, pois,

Se um médium pouco conhecido publicasse uma obra psicografada de André Luiz, certamente o meio espírita poria em dúvida sua credibilidade. Da mesma forma, se um autor espiritual desconhecido aparecesse recentemente em textos psicografados por Chico Xavier, ele imediatamente torna-se ia reconhecido, alçando o estrelato. A obra espiritual não tem autonomia plena em relação ao médium, é este que empresta o seu carisma de modo a marcar a individualidade, o valor e a notoriedade do autor espiritual. (LEWGOY, 2000, p. 143).”

Essa cumplicidade e, concomitantemente, compartimentalização se conservam também na dimensão do autor- auctor. Não há como dissociar o nome de Chico Xavier das figuras de seus espíritos-autores. Não há como pensar uma representação desses “autores espirituais” sem levar em consideração o Medium mineiro. Ambos são correlatos de uma obra de referência, pelo menos para o círculo intramuros dos leitores de livros espíritas. Evidentemente, na era pós-Xavier do Espiritismo brasileiro, o autor clássico não desaparece, mas permanece por meio de uma presença submissa sob a égide ou sombra do binômio da autoria mediúnica.

As análises de Rocha (2008) e Lewgoy (2000), articuladas às formulações de Chartier e Maingueneau, permitem-nos caracterizar alguns elementos constitutivos de uma literatura mediúnica espiritista originada no Brasil, possuindo em Chico Xavier seu representante mais

famoso. Não obstante, sua existência tornou-se possível apenas pela criação deste campo literário espírita, caminhando dentro de suas fronteiras e seguindo regras estabelecidas. Podemos, então, afirmar, com base em Rocha (2008, p. 244-245), que uma literatura espiritista se constituiu no Brasil desde o final do século XIX, engendrando um espaço mediúnico de enunciação. Nele foi estabelecido um pacto de leitura muito específico. Os leitores das obras espíritas escritas via psicografia acreditam na autoria de uma entidade espiritual. Todo um circuito de produção ao consumo está sustentado por esse corte central: um regime de autoralidade peculiar, baseado em uma fratura na figura de autor, cujo funcionamento foi categorizado por Lewgoy de interautoria. Dessacralizar e mesmo profanar esses elementos estruturantes da literatura espírita não é apenas compromisso desta investigação, mas condição primordial do nosso processo epistemológico. Como demonstrou Fernandes (2008), a escrita psicográfica não se estabelece no vácuo. Ela possui uma história e deixa rastros, por mais que um lugar comum aponte esta produção como sendo “aparentemente sem raízes” (IDEM, p.250). Este trabalho toma a psicografia como atividade humana, como prática cultural integrante de um determinado grupo. Partimos do princípio de que a literatura espírita, de base mediúnica ou não, “se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias”. (CERTEAU, 2011, p. 47). Este entendimento engendra a compreensão de que a literatura espírita produzida mediunicamente por meio da psicografia não é desenraizada, ao contrário, possui raízes que uma análise histórica faz revelar. Para utilizarmos as palavras de Certeau, a literatura espírita mediúnica é o “produto de um lugar” (2011, p. 57). É, antes de tudo, o resultado de uma complexa fabricação coletiva. É neste sentido que investigaremos assim a criação da imagem autoral de Chico Xavier, concebendo-o como um verbo que se conjuga no plural, analisaremos esta invenção coletiva da qual participaram variados sujeitos, dentre eles, intelectuais ligados ao movimento espírita, editores e leitores.

Para pensarmos a invenção⁶ desta interautoria capitaneada por Chico Xavier, novamente recorreremos a Roger Chartier. Na obra *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*, ele faz uma análise sobre a problemática dos autores heterônimos, enfocando principalmente o caso emblemático do poeta Fernando Pessoa. Estes seriam “autores inventados por certos escritores” (CHARTIER, 2012, p. 66), constituindo-se em uma prática

⁶ Neste trabalho a ideia de invenção não adquire a acepção pejorativa atribuída pelo senso-comum, mas é compreendida como um processo gestado criativamente, envolvendo-se diversos aspectos e variados sujeitos.

na qual o escritor interpõe diversos autores fictícios entre ele mesmo e sua obra. Os heterônimos, para Chartier, seriam dotados da função-autor, sendo constituídos por meio de dispositivos, de elementos que permitissem a criação de sua individualidade, de sua identificação pelo leitor. Dentre estes mecanismos de individuação estão a escolha de um estilo característico ou singular, bem como a apresentação de um esboço de biografia. Esta adoção de uma pluralidade de autores sucessivos e/ou simultâneos permitiria ao escritor

[...] a possibilidade de variar sobre as diferenças de gerações, de estilo, e de torna-las imediatamente perceptíveis, logo, romper com o que era a “função autor” tal como a definiu Foucault, ou seja, como uma fonte única de coerência, uma maneira singular de expressão, e de disseminar esta expressão do gênio singular por meio de uma pluralidade de indivíduos imaginados. (CHARTIER, 2012, p. 67-68).

Observamos que os dispositivos de validação utilizados por Chico Xavier em certos aspectos se assemelha ao modelo aristocrático, pois a validade do texto está situada ou garantida pelo uso do nome próprio do outro, do autor espiritual. Este último, concebido como transcendente e considerado em condição superior, gozando de um estatuto além do humano e detendo elementos que marcam sua superioridade do ponto de vista intelectual, ético e estético.

Seriam os autores espirituais heterônimos? Sua realidade existencial não é objeto de nossa reflexão, entretanto, sua existência em um regime de interautoria estabelece um funcionamento do ponto de vista literário muito semelhante à prática da adoção dos heterônimos. Assim, compreendemos que os denominados autores espirituais têm uma imagem individualizada constituída mediante dispositivos inseridos no próprio texto, bem como pela recepção deles, por meio de suas variadas leituras. Do ponto de vista histórico e literário, os autores espirituais comportam semelhança com os heterônimos, mas não podem se reduzir a eles pelas especificidades do seu processo de invenção e funcionamento no pacto de leitura. Esta especificidade, inclusive, representa uma das justificativas para a existência desta investigação.

Quem lê um texto de Walter Scott ou Fernando Pessoa, assinado com um heterônimo, sabe, apesar da diferença de assinatura, da peculiaridade de estilo e linguagem caracterizadora da assinatura, que se trata de um exercício literário, que está lendo Scott ou Pessoa. Um leitor de um livro psicografado por Chico Xavier acredita ler um texto que possui outra autoria intelectual, crê na realidade existencial ou fenomenológica do segundo e verdadeiro autor: o espírito. O escritor que adota o heterônimo não objetiva convencer o leitor da realidade existencial do autor fictício. Também não está disposto a abrir mão de sua produção

intelectual, de sua autoria, em última instância. Já na literatura mediúnica, esta é uma condição essencial, uma exigência primordial para o autor empírico. O psicógrafo precisa negar sua autoria intelectual como condição de credibilidade de sua obra.

É então neste sentido que analisaremos o reverso indissociável da primeira questão, expressa anteriormente. Como foram inventadas as imagens dos autores espirituais? Estudaremos assim também a invenção dos espíritos-autores por Chico Xavier e seus leitores.

Vale ainda salientar que, quando tratamos da invenção desses autores espirituais, não está em discussão se são apenas heterônimos ou possuem uma existência em uma dimensão intangível. Se há uma existência concreta destes personagens em um plano metafísico, se suas subjetividades alcançam uma existência empírica em outras dimensões da vida, novamente afirmamos que estas não são questões relevantes ou pertinentes ao trabalho. A única acepção que nos interessa, que toca nosso recorte epistemológico, é a da realidade do autor espiritual como um fenômeno cultural, histórico e literário.

Nossas inquietações voltaram-se justamente para operações literárias postas em funcionamento por Chico Xavier. Nesta empreitada, lançamos mão de uma abordagem bem definida: a História do livro e da leitura (CHARTIER, 1990; CHARTIER, 1999; CHARTIER, 2001; CHARTIER, 2002; CHARTIER, 2003; CHARTIER, 2004; CHARTIER, 2005; CHARTIER, 2007; CHARTIER, 2009a; CHARTIER, 2009b; CHARTIER, 2009c; CHARTIER, 2011; CHARTIER, 2012). Enfocamos os dispositivos do texto e da edição materializados nos livros psicografados pelo Medium, bem como os aspectos das esferas da recepção e apropriações das obras, por meio das leituras materializadas principalmente na revista *O Reformador*, órgão de divulgação da Federação Espirita Brasileira.

Consideramos assim que o fenômeno editorial de sua obra mediúnica não se explica no singular, mas no plural, pois é uma empreitada que “nunca se faz na solidão” (RAMOS, 2011,14). Chico Xavier é um coletivo que será estudado historicamente nesta pesquisa. Verticalizamos o olhar investigativo em um exercício de lupa para percorremos os caminhos da invenção do autor psicógrafo Chico Xavier e dos autores espirituais. O período de núcleo duro deste processo inventivo constituir-se-á em nosso recorte cronológico. Seguiremos, então, do final de 1931 até o início de 1938, explorando diferentes ângulos dessa trajetória.

1.2 Tecendo os fios da trama: notas de apresentação sobre os caminhos percorridos

Teremos, como desafio para este tópico de finalização do capítulo introdutório, a apresentação de uma breve síntese do que está por vir. Como um convite ao exercício criativo e criador da leitura, delinearemos a seguir os caminhos percorridos para o equacionamento das perguntas que engendraram nosso objeto de estudo. Escolhemos para o segundo capítulo da tese desenvolvermos uma análise histórica sobre a invenção da literatura espiritista no Brasil. Consideramos imprescindível para compreensão do novo que representou o surgimento de Chico Xavier e seus espíritos-autores, uma articulação com a história da criação da matriz lítero-religiosa produzida por sujeitos ligados à Federação Espírita Brasileira. Assim, para compreender o percurso trilhado por estas obras, do texto publicado às suas apropriações pela leitura, necessitaremos desemaranhar os fios da teia, seguindo o novelo para recuperar as tramas fundadoras do circuito cultural em que se deu sua criação. Este exercício nos levou a uma datação situada dos anos de 1870 a 1900, fornecendo-nos elementos iniciais para pensarmos a invenção da imagem autoral de Chico Xavier em outras bases. Situado historicamente dentro de uma linha que vai além da curta duração, podemos abordá-lo de uma perspectiva de duração menos imediata, buscando escapar dos riscos de análises anacrônicas.

Norteando-nos por uma intencionalidade semelhante, escolhemos desenvolver no terceiro capítulo uma abordagem sobre a cena literária espiritista no período da chegada de Chico Xavier. Nele teremos um sobrevoo sobre a literatura espírita dos tempos do iniciante Xavier, um pouco das obras de referência e dos autores consagrados que dominavam o cenário no qual surgira o jovem e desconhecido Medium de Minas Gerais. Seu aporte empírico fora o catálogo resumido de livros publicado pela FEB dado à luz no *Reformador* no ano de 1935. Cotejamos essa listagem com propagandas e artigos que tratavam dos lançamentos editoriais da instituição, material para divulgação também constante na dita revista de 1932 a 1935.

Com Chico Xavier inserido no âmbito da literatura espírita, estudaremos nos capítulos subsequentes da tese a invenção da imagem autoral do Medium mineiro como o autor empírico, sempre associada às representações dos autores espirituais que lhe deram sustentáculo e fundamento. Assim, analisaremos no quarto capítulo a criação propriamente dita desta imagem autoral nos primeiros anos de sua vida literária, possuindo-se o recorte cronológico do final de 1931 até 1934. Inicialmente, traremos uma análise da escrita de si de

Xavier, em textos prefaciais seus assinados em um regime de autoralidade convencional. Estes foram inseridos como prefácios nos dois primeiros livros psicografados pelo Medium, publicados sob o título de *Parnaso de Além-Túmulo* (1932) e *Cartas de uma Morta* (1935). Na sequência, teremos um estudo sobre a invenção coletiva da imagem autoral de Xavier por meio das variadas leituras, realizadas por críticos, leitores confessionais, editores e intelectuais ligados ao círculo febiano. Novamente, a fonte privilegiada das análises foram artigos publicados na revista *Reformador*.

Ao final, no quinto capítulo, percorreremos os meandros da invenção dos dois principais autores espirituais psicografados por Xavier na década de 1930, mais especificamente de 1935 a 1938. Veremos que a criação destes espíritos-autores, personagens dominantes no mundo literário espiritista na segunda metade dos anos 30 do século XX, possibilitou a Chico Xavier alcançar uma intensa visibilidade nos jornais de grande circulação do País, ocorrência sem precedentes para um medium vinculado ao Espiritismo brasileiro. Da mesma forma, a ele possibilitou gozar de um estatuto diferenciado dentro do movimento espírita de então.

Nossa tese termina, assim, com o erguimento dos pilares de sustentação de sua vasta produção literária, psicografada nas décadas posteriores. Finalizamos com a consolidação do núcleo duro de sua representação autoral, com a definição dos principais elementos integrantes da imagem contemporânea do medium Francisco Cândido Xavier. Resta aqui registrar o convite à leitura. Adiante, teremos a invenção de Chico Xavier e seus Espíritos.

2 A INVENÇÃO DE UMA LITERATURA ESPÍRITA NO BRASIL (1870-1900)

“Comunicado oficial”. Com essas palavras, Nestor João Masotti, então Presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), em nota divulgada no *site* oficial da instituição em 28 de abril de 2012⁷, tornou público o fechamento do parque gráfico febiano. Localizado em São Cristóvão, Rio de Janeiro, este, segundo os espíritas, chegou a ser um dos maiores em funcionamento na América Latina durante o período demarcado das décadas de 1950 a 1980 (SCHUBERT, 2010). A desativação foi justificada pelo atendimento “(...) a estudos de viabilidade econômica que indicaram a adequação dessa medida”. (FEB, 2012). Na sequência do texto, informa-se a terceirização da totalidade da impressão dos produtos ligados à editora da FEB, sendo contratadas empresas gráficas sem relação alguma com o trabalho confessional. Masotti tomou ainda o cuidado de diferenciar o parque gráfico dos trabalhos da editora, garantindo a continuidade dos “(...) processos de preparação, produção editorial, distribuição e comercialização (...)” (IDEM). No conjunto, o procedimento seguiria “a tendência verificada nas grandes editoras brasileiras e mundiais”, que vem, segundo ele, encontrando resultados econômicos mais eficazes com a transferência da impressão para empresas especializadas. Novos tempos; diferentes ditames do mercado.

Ao longo do século XX, estratégias editoriais foram traçadas pelos febianos para liberar a instituição da dependência de parques gráficos privados. As décadas posteriores a 1930 viram consolidar-se um circuito cultural materializado em um subsector muito específico de livros confeccionais. Hoje o segmento de livros espíritas escritos pela via mediúnica representa uma fatia não desprezível do mercado editorial brasileiro. Sua vendagem transcende o público que frequenta os centros espíritas kardecistas. A ampliação e diversificação do consumo dessa literatura mediúnica atraiu o interesse de grandes editoras. Em 2003, a Editora Siciliano inaugurou sua linha editorial espiritualista com a publicação de *Do Outro Lado da Vida*. A obra vendeu dez mil exemplares nos primeiros dois meses, apesar de contar com um discreto investimento na sua divulgação. Outro exemplo eloquente poderia ser encontrado nos dados fornecidos pelo *site* de compras *Submarino*. As encomendas de livros espíritas corresponderiam a mais da metade dos pedidos referentes a obras de cunho religioso. Comparando-se as estatísticas por público consumidor, o leitor spiritista compra 15 % mais do que os adeptos de outros segmentos confessionais (STOLL, 2009, p. 155- 156).

⁷ FEB. *Comunicado Oficial*. Disponível em: www.febnet.org.br. Acesso em: 04/03/2014.

Esta investigação pressupõe do pressuposto de que essa literatura espírita mediúmica foi historicamente inventada, constituindo-se para ela um cânone marcado por um peculiar regime autoral. Uma síntese de suas características singulares foi proposta em Rocha (2008, p. 15):

Ao longo do século XX, desenvolveu-se no Brasil uma literatura que funciona como mediúmica; ela é escrita por pessoas consideradas médiuns, que atribuem a autoria dos textos aos espíritos de escritores “mortos”; seus editores assumem a autenticidade da atribuição e para completar o ciclo, seus leitores lêem os livros presumindo que os autores são os espíritos.

Quando *Parnaso de Além-Túmulo* veio à luz, em julho de 1932, a literatura espírita baseada na psicografia já era uma realidade para a comunidade de leitores, praticantes de um Espiritismo-religião e que se denominava de movimento espírita. Neste capítulo, abordaremos os marcos desta invenção, que se não foi exclusivamente brasileira, aqui adquiriu configurações específicas. Traremos assim uma abordagem histórica sobre como a recepção da obra de Allan Kardec formou uma comunidade de leitores que resultou na criação de uma religião de configuração especificamente brasileira.

Veremos que as mudanças no Espiritismo brasileiro engendraram o estabelecimento de um cânone literário. No Brasil, o Espiritismo transformou-se em uma religião baseada em uma produção intelectual e literária, materializada no livro como artefato cultural peculiar. Dando sustentação ao cânone literário criado, está um regime autoral muito próprio. Fulcro ou pedra angular do edifício doutrinário kardecista, o primeiro capítulo do texto destina-se à análise da questão autoral na consolidação de uma literatura mediúmica no Brasil.

2.1 Apropriações no cenário da Capital do Império: da produção nacional ao nascimento do romance espírita no Brasil (1870-1890)

Nas décadas de 1870 e 1880, observou-se uma efervescência na recepção dos livros espíritas, com a fermentação na cena carioca de várias comunidades de leitores. Diversas instituições espíritas foram fundadas no período na Capital do Império, mas a marca geral era a diversidade sem unidade. A heterogeneidade nas interpretações, originadas muitas vezes de referências díspares, suscitou a criação de um cenário fragmentado (PEREIRA NETO, 2001, p. 93). Para a navegação neste movimento tão diverso, cunharam-se categorizações internas, às vezes impostas, às vezes autodenominadas, para representar essas subdivisões intestinas. Assim, dentro do movimento spiritista nascente havia, dentre outros, os considerados

místicos, puros, religiosos e científicos. Pesquisas revelaram (ARRIBAS, 2010; GIUMBELLI, 1997) a fragilidade e fluidez dessas rotulações adotadas pelos próprios espíritas de então. Pelo menos das décadas de 1870 a 1880 ocorre uma circulação bastante promíscua entre os sujeitos participantes, com mudanças constantes de posição e até a inserção simultânea em instituições que materializavam cada uma destas.

A mudança de contexto engendrará um acirramento das posições nos anos de 1890 em diante. Ocuparão a centralidade nas disputas simbólicas travadas intramuros os integrantes dos dois últimos segmentos citados (os científicos e os religiosos) que polarizarão as configurações até então mais plurais.

De fato, a primeira instituição espírita, oficialmente fundada em 02 de agosto de 1873, foi o Grupo Confúcio, considerada filiada aos grupos dos puros. Dentre os integrantes de sua diretoria, duas figuras merecem destaque. Seu vice-presidente, o médico Joaquim Carlos Travassos, e Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, membro do Conselho Fiscal. Este último, que até 1868 havia sido presidente da Província do Espírito Santo, era poeta famoso, ocupando também a função de editor na Garnier, maior editora do Brasil naquele momento⁸. Mediante a articulação entre ambos, materializou-se uma tática que demonstra a intrínseca relação dos espíritas com a cultura letrada. Nos anos de 1875 e 1876 a editora Garnier publicou quatro das cinco obras do Pentateuco kardequiano⁹. O tradutor para o português foi o Dr. Carlos Travassos (ARRIBAS, 2010, p. 99). O projeto editorial foi assumido por Bittencourt Sampaio. Este é um dado importante. A aposta de uma empresa da dimensão e prestígio da Garnier indica que havia um “empenho profissional evidente (...) visando a resultados positivos no mercado do livro, diante de uma demanda receptiva que se demonstrava favorável (FERNANDES, 2002, p. 15)”.

O Grupo Confúcio, continuando a aposta nas suas relações com o impresso, fundou também a *Revista Espírita*, homônima em nosso vernáculo da versão francesa criada por Kardec. Esta, no entanto, teve vida efêmera, circulando apenas de 1875 a 1876. O próprio Grupo Confúcio extinguiu-se rapidamente, fechando as portas em 1879. Antes, porém, suas

⁸ De 12/12/1889 até 25/10/1892, Sampaio foi também Diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (WANTUIL, 2002, p. 249).

⁹ Foram elas na respectiva ordem: *O livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Céu e o Inferno* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. É interessante notar que a ordem de publicação no Brasil não representou estritamente a sequência de lançamentos pelo autor na França. Lá *O Evangelho Segundo o Espiritismo* foi à terceira obra a vir à luz, assinada por Allan Kardec.

divisões internas deram início a uma mitose que resultou na fundação da Sociedade de Estudos Deus, Cristo e Caridade, em 1876¹⁰ (ARRIBAS, 2010, p. 101).

Nessa instituição Sampaio definiu ou pelo menos explicitou mais fortemente sua vinculação a uma compreensão religiosa do Espiritismo. Como presidente, Bittencourt Sampaio implementou o estudo da obra de outro francês, Jean-Baptiste Roustaing. Intitulada de *Os Quatro Evangelhos: Espiritismo Cristão ou A Revelação da Revelação* (1865), traz na íntegra o novo testamento, com todas as suas passagens interpretadas pelos próprios evangelistas. Publicada em quatro volumes, ela exprime duas diferenças significativas em relação à proposta de Kardec no *Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864). Primeiramente não há neste último uma abordagem do texto do Novo Testamento na sua totalidade, mas uma seleção de passagens. O critério utilizado para os trechos analisados teriam sido os momentos em que os evangelistas abordam os princípios morais:

Podem dividir-se as matérias contidas nos Evangelhos em cinco partes: *os atos comuns da vida do Cristo, os milagres, as profecias, as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja e o ensinamento moral*. Se as quatro primeiras partes foram objeto de controvérsias, a última manteve-se inatacável. Diante deste código divino a própria incredulidade se inclina; é o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quais quer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda a parte levantada pelas questões de dogma; aliais, discutindo-as, as seitas encontrariam aí sua própria condenação, porque a maioria está mais interessada na parte mística do que na parte moral que exige a reforma de si mesmo. Para os homens em particular, é uma regra de conduta abrangendo todas as circunstâncias da vida, privada ou pública, o princípio de todas as relações sociais fundadas sobre a mais rigorosa justiça; é, em fim, e acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada, um canto do véu levantado sobre a vida futura (KARDEC, 1996, p. 08).

¹⁰ Com a sua conversão ao Espiritismo, Bittencourt Sampaio obteve respostas para uma série de fenômenos que, segundo ele, o acometiam. Sua inserção no movimento espírita nascente veio acompanhada do exercício de um “mandato mediúnico”, para utilizar a expressão convencionada entre os adeptos espiritistas. Sampaio tornou-se um medium bastante atuante, dedicando-se principalmente aos trabalhos “receitistas”. A mediunidade receitistas durante as três décadas finais do século XIX representou a prática mediúnica mais destacada nos centros espíritas. Ela consistia em um transe mediúnico em que um espírito de um médico prescrevia remédios homeopáticos a pacientes acometidos das mais diversas enfermidades. Sem dúvida, a promoção da cura representava no período um forte argumento de autoridade no sentido da confirmação dos postulados e explicações espíritas, servindo, portanto, como instrumento de divulgação doutrinária e conversão de novos adeptos.

Foram os serviços de mediunidade receitistas prestados, dentre outros, por Bittencourt Sampaio, que contribuíram decisivamente para a conversão ao Espiritismo de dois personagens destacados na sociedade carioca de então: o famoso advogado Antônio Luiz Sayão e o médico também conhecido pelos seus feitos na política imperial, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. Juntos eles formaram a tríade de intelectuais responsáveis pelas operações simbólicas que resultaram na configuração peculiar da Doutrina Espírita no Brasil. Unidos, deram andamento a um trabalho criativo marcado por uma série de diálogos com variadas matrizes e campos de conhecimento, assinalado também por um movimento de seleção a elementos doutrinários da obra kardequiana, produzindo destaques e ênfases a determinadas questões e, como não poderia deixar de ser, em um movimento de recepção e apropriação, engendrando secundarizações e esquecimentos (ARRIBAS, 2010, p. 207-210).

Portanto, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* não se propõe ser uma tradução doutrinária de todo o Novo Testamento, mas uma reflexão acerca de seus princípios éticos. A obra de Rousaing sim, proclamava-se uma versão espírita e atualizada dos Evangelhos. Esse trecho da obra de Kardec é eloquente também em vários sentidos. Nesta abertura do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, o “codificador” deixa clara sua representação do Novo Testamento como um código de conduta, com um conjunto de princípios éticos que se vivenciados levaria à felicidade pessoal e coletiva. Sua preocupação em tratar apenas de assuntos que seriam consensuais possivelmente revele uma compreensão de que o Espiritismo para ele até aquele momento (1864) não representava uma opção religiosa singular. Por que Kardec em sua última obra - *A Gênese* (1868) - tratará das questões consideradas anteriormente como secundárias ou até mesmo irrelevantes, procurando dar explicações espíritas das passagens que trazem, por exemplo, os “milagres” pretensamente realizados por Jesus Cristo? Este será um dado que abordaremos adiante. O importante aqui, porém, é entendermos que, aos olhos do grupo de Bittencourt Sampaio, a recepção da obra roustainguista representou um fortalecimento do aspecto religioso da Doutrina Espírita por esta justamente oferecer respostas a todas as passagens evangélicas, fornecendo explicações consideradas especificamente espíritas sobre questões que Kardec não se propôs tratar no seu terceiro livro.

No período, as identidades muito fluídas começaram a solidificar-se. Dentro da *Sociedade Deus, Cristo e Caridade*, iniciou-se um processo de definição que resultou em uma radicalização de certas posições. A centralidade discursiva do aspecto religioso engendrou uma reação de grupos dentro da própria instituição, mais identificados aos aspectos científicos, mais preocupados com a fenomenologia espírita e com certo experimentalismo dos fenômenos mediúnicos. Liderados pelo professor Angeli Torterolli, considerado o mais expressivo líder dos científicos de então, promoveram um racha, dando seguimento a mais uma mitose institucional. Os religiosos retiraram-se da instituição que teve o nome modificado para *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. Fundaram outra, denominada de Grupo Espírita Fraternidade (1880) que logo a seguir se transformou em Grupo Ismael (ARRIBAS, 2010, p. 101-103).

Os quadros deste último assumiram mais tarde as rédeas da condução do movimento espírita brasileiro, constituindo-se em uma espécie de núcleo duro do trabalho de orientação federativa. É importante atentarmos para o fato de que foi deflagrada, neste momento, na década de 1880, portanto ainda no Império, a acirrada disputa entre os grupos

autodenominados de espíritas religiosos e de espíritas científicos. Aqui os dados foram lançados. Traziam concepções acerca do Espiritismo com certas convergências e pontos de contato, mas também distanciamentos e até mesmo antagonismos. Detonou-se, então, intensa produção discursiva por parte dos intelectuais filiados a esses segmentos do movimento espiritista. Em jogo estava a possibilidade de consolidar a definição do que seria o Espiritismo no Brasil, quais representações e práticas caracterizariam a sua configuração nacional. Neste processo de polarização, as diferenças foram ressaltadas, as discordâncias ganharam colorações superlativas. Para os sujeitos envolvidos, o Espiritismo ou seria ciência ou seria religião. Como procuraremos advogar adiante, as engrenagens postas em funcionamento na definição de um Espiritismo de configuração religiosa engendraram uma produção literária espírita no Brasil. Foram os enfrentamentos iniciados na década de 1880 e radicalizados na década de 1890 que, inclusive, lançaram as bases para a criação de uma literatura mediúmica nacional.

Neste mesmo ano, foi traduzida e publicada pela *Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade* a quinta obra do Pentateuco kardequiano. Intitulado de *A Gênese*, com o subtítulo *os milagres e as predições segundo o espiritismo*, o livro, sem dúvida, representa o momento em que Kardec realiza um duplo movimento. Abordando os milagres realizados por Jesus, produz uma análise, procurando desconstruir a noção de “milagre”, explicando os fenômenos bíblicos por via do que para ele seriam leis naturais. Seu intento foi o de mobilizar um instrumental positivo para operacionalizar reflexões acerca dos fenômenos transcendentais descritos no Novo Testamento. Ao fazer isso, buscou preencher a lacuna explorada em Rousstaing (1865), combatendo a repercussão desta obra no movimento espírita francês.

Estudos culturais que tomaram os processos de tradução como objeto de reflexão indicam que nestes, muitas vezes, está em jogo um princípio de confirmação, quando “pessoas de uma dada cultura traduzem obras que sustentam ideias, premissas ou preconceitos já presentes nela”. (BURKE, 2009, p. 27). No cenário do Espiritismo brasileiro em formação, o recurso à tradução surgiu como estratégia de disputa simbólica para marcar posições e ressaltar ênfases doutrinárias. É importante ressaltar, inclusive, que no período, se já havia uma preocupação com a fidelidade ao texto original, os procedimentos tradutórios permitiam apropriações mais livres, fornecendo uma margem maior para uma utilização estratégica das traduções (SOARES, 2008, p. 87). Assim, os ditos científicos traduzem a *Gênese*, em resposta à tradução dos *Os Quatro Evangelhos* pelos religiosos. Pode-se inferir a intencionalidade do grupo de Torterolli com o lançamento de *A Gênese* naquele momento específico. Considerada

a mais científica da produção kardequiana, com ela buscavam neutralizar a recepção de Roustain e, conseqüentemente, enfraquecer o fortalecimento dos “espíritas religiosos”.

Um dado interessante é que, neste ínterim, concomitantemente às disputas discursivas iniciadas, ocorreu a criação de um jornal com vocação de propagar as ideias espíritas. Seu criador, membro ativo da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, não integrava o quadro de lideranças dos grupos em polarização. Correndo por fora, em 1883, Augusto Elias da Silva colocaria em circulação o primeiro exemplar de *O REFORMADOR*, dedicando o jornal a Kardec, apresentado como o criador da ciência espírita (ARRIBAS, 2010, p.111). O projeto idealizado por Elias, de um espaço aberto aos espíritas para utilizar a imprensa como mecanismo para divulgação do Espiritismo, recebeu o apoio do Marechal Ewerton Quadros.

A necessidade mais imediata para justificar a criação fora a ação combativa da Igreja Católica por meio de duas de suas pastorais, publicadas através do jornal católico *O Apóstolo* em 15 de junho de 1881 e 15 de junho de 1882, respectivamente. De autoria do bispo da diocese de São Sebastião, Dom Pedro Maria de Lacerda, apresentava os espíritas como vítimas de possessões e alucinações, bem como salientava os pontos de divergência entre o Espiritismo e os dogmas da ortodoxia católica sobre comunicabilidade dos espíritos e na reencarnação (ARRIBAS, 2010, p. 113). Em outras palavras, Pedro Maria de Lacerda formulou uma síntese antecipatória dos argumentos que seriam desenvolvidos por médicos, católicos e cientistas sociais em décadas posteriores. Apresentaria o Espiritismo como contrário à boa religião e como veículo de “patologização”. Este elemento é um dado interessante, pois faz perceber que uma representação “patologizadora” foi desde muito cedo incorporada aos argumentos da Igreja, compondo seu arsenal discursivo contra os espiritistas. Foi para se contrapor às pastorais que Elias e seu grupo dedicaram quase que exclusivamente as primeiras edições do *Reformador*.

Um ano mais tarde, em 1884, mobilizados pela energia fornecida pela contraposição a um interlocutor externo e poderoso como a Igreja Católica, o grupo reunido em torno do jornal, fundaria uma instituição denominada de Federação Espírita Brasileira (FEB). Seu primeiro presidente, Ewerton Quadros, realizara uma aproximação com as concepções do grupo dos religiosos mediante a leitura da obra roustainguista. Desde 1883 ele trabalhou na tradução dos quatro volumes para o português. Não obstante, a FEB possuiu em sua agenda de fundação a congregação dos grupos de espiritistas cariocas. Objetivando-se, segundo Arribas (2010, p.108), a demonstração da marca de “neutralidade” da instituição, o grupo dos

espíritas científicos liderados por Torterolli foi convidado a compor o espectro da nova entidade.

O episódio da fundação da FEB permite-nos ainda trazer à baila alguns dados interessantes. Uma análise de configuração dos seus quadros iniciais, dos seus primeiros desbravadores, indica que entre eles não estavam as lideranças mais destacadas até aquele momento. Sua primeira diretoria, portanto, foi composta por figuras sem grande expressão dentro do Espiritismo brasileiro¹¹ (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009, p. 147).

O foco na divulgação doutrinária somada à intenção de constituir um espaço neutro atraiu personagens integrantes de diversas agremiações. Uma atividade que teve maior destaque no começo da FEB¹² foi a organização de conferências para a propaganda espírita. Esse gênero textual oral marcou significativamente o *modus operandi* do Espiritismo brasileiro, pois da segunda metade da década de 1880 em diante, as “palestras públicas” caracterizar-se-iam por serem o principal meio de divulgação doutrinária via oralidade¹³. Foram realizadas no espaço da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Destinadas ao público em geral, contaram com um número expressivo para a época. Entre os seus conferencistas estavam Bittencourt Sampaio e Torterolli.

Não obstante, grande número de frequentadores se acercaram dos centros e da FEB para buscar tratamento homeopático-espiritual, oriundos principalmente, mas não só, das classes populares¹⁴. Em contraste com o grupo mais “seleto”, formado por leitores das obras

¹¹ Em seu nascimento, a FEB, apesar da insígnia de Federação não trazia o propósito federativo. Foi o que afirmou a edição do Reformador após a sua criação. No texto encontra-se explicitamente que não se buscava representar outros grupos espíritas, mas sua finalidade era marcada pelo esforço de propagação da doutrina espírita através principalmente da imprensa. Seu mote não seria o trabalho federativo, mas a divulgação doutrinária. Consta inclusive nas páginas do reformador uma recusa da instituição a um convite da London spiritualist Alliance para compor uma confederação internacional espiritualista sob essa alegação. Pode-se deduzir com isso que pelo menos as características de uma atuação federativa enquanto ente representativo não estava claro entre seus membros fundadores. (GIUMBELLI, 1997, p. 64). Esse é um dado importante para consolidar a compreensão de que a FEB não nasceu para fazer frente ao Centro da União Espírita do Brasil. Não representou uma ação programada pelos religiosos na disputa de espaço que começava a ser travada no movimento espírita da cena carioca.

¹² Segundo Giumbelli, o quadro de sócios fundadores da FEB contava com 40 membros. Dentre eles apenas 03 não eram do Rio de Janeiro (1997, p. 64).

¹³ Em 2007, a FEB publicou um texto de orientação às atividades do Centro Espírita. Nele a primeira das “atividades básicas” de uma instituição espírita é justamente a Palestra. Este gênero textual oral foi assim definido no documento: “É uma reunião pública, na qual são realizadas palestras ou conferências sobre temas relacionados com a Doutrina Espírita, voltadas a atender aos interesses da população em suas necessidades de esclarecimento e consolação”. (FEB, 2007, p. 23-24). Essa descrição caberia confortavelmente para caracterizar as conferências realizadas em meados da década de 1880.

¹⁴ Outro eixo de atividade que se consolidou na FEB foi o da prática terapêutica. No movimento espírita da capital do Império surgiu atrelado ao estudo das obras um exercício mediúnico com finalidades curativas. Há registro de seções mediúnicas desde o Grupo Confúcio em que se buscava convencer espíritos obsessores a desistirem do seu projeto de vingança (Giumbelli, 1997, p. 76). É bem verdade que o fenômeno da obsessão espiritual foi abordado pelo próprio Kardec, já na sua obra inaugural. Em *O Livro dos Espíritos* o tema foi

de Kardec que se proclamavam seguidores da Doutrina Espírita. Pela análise dos seus adeptos, podemos compreender em linhas gerais as categorias socioprofissionais dos participantes do espiritismo. Havia médicos (alopatas e homeopatas), advogados, engenheiros, militares, funcionários públicos, profissionais autônomos. Vemos assim que os integrantes do movimento espírita não advinham das classes populares, mas de grupos letrados¹⁵.

Voltemos, porém, ao debate entre espíritas científicos e religiosos. Diversos autores, como Giumbelli (1997) e Arribas (2010), explicitam a importância da criação da FEB para os destinos seguidos pela doutrina kardecista. O presidente da instituição, bem como o círculo próximo que dava suporte a sua gestão, demonstrava uma forte inclinação para o aspecto religioso apesar das práticas conciliatórias adotadas (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009, p. 147). Estas não foram suficientes para apaziguar os ânimos, mantendo-se a configuração fragmentária, marcada pela dispersão interna e pela falta de homogeneidade doutrinária. Neste

tratado no capítulo *A Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal* de forma bastante genérica, incluído na dinâmica das influências espirituais (Kardec, 2009, p. 165-188). No entanto, na sua segunda obra, *O Livro dos Médiuns*, o autor trata detidamente a temática, mas a ênfase da abordagem é relativa ao fenômeno como componente problemático para o exercício da mediunidade (Kardec, 2011 p. 387-392). Essa ênfase na obsessão para explicar a gênese de problemas psíquicos e na denominada desobsessão como terapêutica destes, começou a ser construída no Brasil durante a década de 1880. Talvez pela aproximação cada vez maior com o ideário cristão, no qual a prática da expulsão de demônios integrava o conjunto de procedimentos e habilidades consideradas estigmas de santidade ou sinais do estado de graça, pois “o Novo Testamento está cheio de narrativas e de milagres em que o Senhor expulsa os demônios (é o tema favorito de evangelho de São Marcos). Os cristãos tinham entre os pagãos a fama de serem hábeis exorcistas (...)” (VEYNE, 2010, p. 75). Entretanto, não só a alma, mas principalmente o corpo foi o foco das práticas de cura que se instalaram nos Centros Espíritas. Uma configuração muito peculiar foi a consolidação da mediunidade receiptista, resultante da hibridação entre espiritismo e homeopatia. Matrizes separadas foram unidas na atuação da FEB e dos centros cariocas. É bem verdade que são conhecidas as aproximações entre ambos. Inclusive que a doutrina formulada por Harnemann teria facilitado a recepção da obra de Kardec por criar um clima cultural favorável a manifestações de aspectos intangíveis na matéria. Também sem dúvida Kardec realiza apropriações a diferentes matrizes, dentre elas, a homeopatia, incorporando, por exemplo, a noção de fluido vital (GIL, 2010, p. 200-2002).

Não obstante, a produção peculiar de nosso Espiritismo foi o de criar uma prática híbrida, pois, como abordamos anteriormente, os médiuns receiptistas, recebiam em transe as receitas homeopáticas dos médicos espirituais. Na FEB a mediunidade receiptista ganhou destaque, com a criação, inclusive, de um laboratório homeopático para a distribuição gratuita de remédios à população em geral. Assim, um aspecto terapêutico, diferentemente do caso francês, começou a ser implementado no movimento espírita brasileiro. A dimensão do atendimento da FEB por meio da homeopatia foi classificada por Aubrée e Laplantine (2009) como a constituição de uma rede de medicina paralela. Apenas como exemplo, os autores citam as cifras de atendimento do ano de 1905, quando a mediunidade receiptista já começava a entrar em certo declínio: durante todo o ano, em atendimentos diários e distribuição de remédios homeopáticos só na FEB, chegou-se a atender 146,589 pessoas. Se dividirmos o valor numérico pelo número de dias do ano, encontramos o dado expressivo de aproximadamente 470 consultas. Assim, foram atraídos para seus consultórios milhares de pessoas, principalmente parcelas da sociedade que se sentiam a margem do atendimento médico convencional. Teve assim início certa ruptura entre os participantes do movimento espiritista.

¹⁵ “A maioria dos principais líderes, portanto, ocupava posições sociais relativamente privilegiadas, o que garantia aos grupos de que eles participavam a possibilidade de se beneficiar de recursos, conhecimentos e redes de relações, valiosos em determinadas circunstâncias.” (GIUMBELLI, 1997, p. 62-63).

momento, existia apenas um consenso tênue em torno da compreensão sobre as práticas espíritas¹⁶.

Nesse panorama nebuloso, surgiu uma liderança que marcaria a História do Espiritismo no Brasil. Político de carreira, exercendo vários mandatos como vereador e depois deputado geral pela Província do Rio de Janeiro. Reconhecido como uma das lideranças mais destacada dos liberais na Câmara Legislativa. Médico dotado de um trabalho assistencial de vulto nos subúrbios cariocas. Em 1886, o cearense Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti declarou publicamente sua conversão ao Espiritismo, assumindo sua nova posição em uma conferência realizada pela FEB no salão da Guarda Velha, localizado na avenida do mesmo nome, hoje denominada de 13 de Maio. O ato, marcado por certa dramaticidade advinda do hábil político-imperial que um ano antes havia ocupado a função de presidente da Câmara, repercutiu estrondosamente na sociedade letrada da Corte, sendo noticiado no jornal *O País*. Segundo este veículo de comunicação, diante de mais de 1500 pessoas, número expressivo para a época, Bezerra de Menezes havia tomado a palavra e discorrido por cerca de uma hora sobre a Doutrina Espírita (WANTUIL, 2002, p. 232-233).

Evidentemente, a transformação do médico famoso e político liberal em espírita foi sendo gestada durante algum tempo. Bezerra de Menezes publicou um artigo no *Reformador* de 15 de agosto 1892 em que socializa os pilares de seu processo de conversão. No ano de 1875 ele teria entrado em contato com a Doutrina Espírita pela leitura de *O Livro dos Espíritos*. Publicado pela Garnier, lhe foi doado um exemplar pelo próprio tradutor, Joaquim Travassos. Apesar de ter ficado impressionado com a obra, apenas em 1882 uma experiência de cura abalaria seu sistema de crenças. O médico havia sido acometido de dispepsia, doença que lhe trazia forte desconforto estomacal. Por cinco anos teria procurado os melhores especialistas da Capital do Império. Em atitude, segundo ele, movida mais pelo desespero do que pela crença, procurou João Gonçalves do Nascimento, um medium receitista famoso nos meios espíritas cariocas.

¹⁶ Além das dissensões internas, no período intensificaram-se as investidas de setores significativos dos médicos alopatas. Talvez incomodados com a forte concorrência no plano clínico ou pela repercussão e popularidade dos procedimentos homeopáticos via mediunidade receitista, agentes da medicina oficial passaram a tomar posições contrárias à atuação dos espíritas (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009, p.160). Uma das ações foi a produção de um relatório por meio da Academia Imperial de Medicina publicado no ano de 1885. Nele os médicos responsáveis solicitavam punições com severidade para as práticas espíritas por considerá-las um fator de perturbação mental. Essa representou uma das primeiras formulações do campo médico brasileiro que buscava associar o Espiritismo a doença mental (GIUMBELLI, 1997, p. 94).

Eu não acreditava, nem deixava de acreditar na medicina medianímica, e confesso propendia mais para a crença de que o tal médium era um especulador. (...) Era preciso, porém, visto que se tratava de uma experiência, que eu tomasse todas as cautelas, para que ela me pudesse dar uma convicção fundada.

Combinei com o Dr. Maia de Lacerda, completamente desconhecido do tal médium, ser ele que fizesse pessoalmente a consulta, recomendando-lhe que assistisse ao trabalho do médium enquanto este escrevesse, e pedisse-lhe o papel, logo que acabasse de escrever; por que bem podia ter ele um médico Hábil, por detrás do reposteiro, que lhe arranjasse aquelas peças.

É verdade que o médico não sabendo de quem se tratava, visto que só se dava ao médium o nome de batismo e a idade dos consultastes, não poderia adivinhar-lhes os sofrimentos, mais, em todo caso eu queria ter a certeza de que era exclusivamente do médium, homem completamente ignorante de medicina, um trabalho sobre medicina.

O Dr. Lacerda fez como lhe recomendei e trouxe-me o que, a meu respeito, escreveu o médium, que não podia reconhecer-me por meu nome próprio, “Adolfo”, não só porque a muitas pessoas com esse nome, como porque sou conhecido geralmente por Bezerra de Menezes, e bem poucos dos que não entretêm relações íntimas comigo sabem que me chamo Adolfo. Tomei o papel, que dizia:

“O teu órgão, meu amigo (era o espírito que falava ao médium), não é suficiente para satisfazer este consultante, atentas as circunstâncias de sua elevada posição social (eu era membro da câmara dos deputados), e principalmente de sua profissão médica. Entretanto, como não dispomos de outro, faremos com ele o mais que pudermos. Vejo no organismo do consultante...”: Segue uma descrição minuciosa de meus sofrimentos e suas causas determinantes, tão exatos aqueles, quanto perfeitamente fisiológicas estas.

Não posso descrever o abalo que me produziu este fato estupendo! Segui o tratamento espírita, e o que os mestres da Ciência não conseguiram em cinco anos, Nascimento obteve em três meses. (MENEZES, 2011, p. 29-30).

Ao que tudo indica, as experiências da cura atreladas às leituras das obras de Allan Kardec foram fatores significativos na definição da adoção do rótulo espiritista. Até aquele momento a Doutrina Espírita não representava especificamente uma opção religiosa, nem integrava completamente, ou de forma consolidada, o campo religioso brasileiro. Na centralidade deste estava o Catolicismo, ocupando a posição de religião oficial do Estado. A questão da fragilidade intelectual do Medium em relação à peça técnica produzida, aos conhecimentos acadêmicos demonstrados, utilizada como argumento de validação do fenômeno, fornece uma pista interessante acerca da invenção autoral no Espiritismo. Esse tipo de recurso argumentativo, por exemplo, será largamente utilizado com relação ao caso Chico Xavier.

Para autores como Arribas (2010, p. 139) e Soares (2010, p. 73), a integração de Bezerra de Menezes ao movimento espírita organizado representou uma conquista significativa. Apesar da composição deste ter a proeminência de grupos letrados, não havia até aquele momento aderido ao Espiritismo uma figura de prestígio social e político como ele. Sua adesão foi festejada e trouxe mais respaldo social e capital cultural aos seguidores da Doutrina Espiritista.

Combativo, lançou-se à cruzada em favor da nova crença escolhida. Encerrou sua carreira de político imperial em 1885, passando a dedicar-se à causa escolhida. Práticas médicas, relações interpessoais, trabalho intelectual foram mobilizados por ele para o desempenho do que considerou o despertar de uma missão. Como intelectual e pensador liberal, já havia publicado uma série de trabalhos. Ficou conhecido, por exemplo, pelo ensaio abolicionista *A Escravidão no Brasil e as Medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a Nação*¹⁷. (MENEZES, 2009). Como autor espiritista, iniciou escrevendo uma coluna no jornal *O País*. Aqui entraram em jogo suas articulações com o mundo editorial. Lançando mão de seu capital cultural, Bezerra conseguiu publicar, sob o pseudônimo de Max, uma série de artigos de conteúdo espírita no período de 23 de outubro de 1887 a 24 de dezembro de 1894. Com o encerramento da coluna, a pena de Max segue funcionando em colunas no *Jornal do Brasil* e na *Gazeta de Notícias* (WANTUIL, 2002, p. 237).

Sua atuação, no entanto, não ficou restrita aos impressos “laicos”. O *Reformador*, transformado em revista e convertido em órgão oficial de divulgação da FEB, representou o *locus* discursivo privilegiado. Foi principalmente dele que Bezerra de Menezes, falando ao movimento espírita, desempenhou a função de Kardec brasileiro, contribuindo com a invenção da configuração brasileira para um Espiritismo inserido definitivamente no campo religioso. O *Reformador* foi a tribuna na qual socializou as narrativas de sua conversão, deu luz a artigos enfocando assuntos voltados ao movimento e, o mais importante, “publicizou” sua produção intelectual como autor espírita.

Quando tratamos de sua produção intelectual, especificamente espírita, nos referimos a gêneros além dos artigos publicados nos impressos, em que Bezerra converteu sua energia criativa para realizar o movimento de apropriação à obra de Kardec. Consideramos, assim, que Bezerra de Menezes, por meio das seleções, exclusões, silenciamentos, inserção de elementos alienígenas, ênfases próprias que não estavam em Kardec, desempenhou uma função central, sendo uma peça-chave na criação do Espiritismo brasileiro, na invenção de um cânone, ou melhor, de uma leitura canônica norteadora da recepção da obra kardecista no Brasil.

De fato, o primeiro texto fundador deste processo criativo e criador foi *A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica*. Escrito ainda em 1886, tinha como interlocutor nominado seu irmão, Manuel Soares da Silva. Católico fervoroso, ficara contrariado com a adesão pública de Menezes às fileiras do Espiritismo. Ele teria chegado a renegar os laços de

¹⁷ O ensaio foi publicado em 2007 pela editora LORENZ, recebendo a segunda em 2009.

consanguinidade, cortando as relações entre ambos. Como resposta à rejeição de Soares, Menezes optou por produzir um texto-síntese, endereçado ao irmão, mas que representou um diálogo direto com a teologia católica vigente. Produção publicada pela FEB nas páginas do *Reformador* de 1920 a 1921, sob a denominação de *Valioso Autógrafo*, possui uma estrutura e funcionamento que levam a crer ser o gênero textual “epístola” a referência do autor para escrevê-la. Na sua “carta epistolar (sic)”, Bezerra já revela as matrizes teóricas de sua formação, principalmente sua educação católica, bem como pode ser percebido o exercício de pinça dos elementos da obra kardecista, dando os destaques necessários para fortalecer sua argumentação (ARRIBAS, 2010, p. 142-143).

Nela o Catolicismo foi eleito como seu interlocutor privilegiado em grande parte de seus escritos. Essa relação em Bezerra foi marcada pela ambiguidade, por momentos de contemporização e de distanciamentos com a Igreja Romana. Se na carta ao irmão chegou a afirmar que “Espiritismo não era de todo contrário ou totalmente diferente do Catolicismo, posto ser igualmente cristão” (IDEM, IDEM), no artigo autobiográfico do *Reformador* acusará a Igreja Romana de ser concomitantemente uma prestimosa aliada do materialismo e uma formidável inimiga do Cristianismo (MENEZES, 2011, p. 35).

Essa ambiguidade com relação ao Catolicismo será um elemento participe ou integrante da matriz em formação de um Espiritismo com configuração religiosa. Quanto a Bezerra de Menezes, em realidade, era um esgrimista das ideias e colocou sua vocação a serviço da causa abraçada. Após a carta epistolar, continuou seus escritos não só nos artigos publicados na imprensa espírita e laica. Deteve-se em estudos acerca do fenômeno da obsessão espiritual e suas relações com a perturbação mental, resultando na obra intitulada de *Loucura sob Novo Prisma*, publicada apenas na década de 1920 pela editora da FEB. Uma das principais apostas da pena de Bezerra, porém, permanece ainda inexplorada por investigações acadêmicas.

Em 1888, no início de sua atuação como autor espírita, ele se decidiu pela escrita de romances espíritas. Ao todo escreverá seis. Quando faleceu, em 1900, estava concluindo o sétimo, *Casamento e Mortalha*, permanecendo este inacabado. Nessas obras Bezerra exprime muitos traços autobiográficos, bem como são abordadas temáticas de sua atuação política, a exemplo da abolição, tema tratado em *Pérola Negra (2011)*¹⁸. Surgem assim nas narrativas as paisagens que povoavam suas lembranças, sendo descritas textualmente as regiões do Ceará e do Rio Grande do Norte nas quais o autor viveu sua infância. As experiências vividas, as lutas

¹⁸ Este romance foi publicado originalmente em formato de folhetim na revista *Reformador* de 1901 a 1905. Apenas em 2011 ganhou sua primeira edição como livro pela editora da FEB.

enfrentadas, elementos de sua formação católica, médica, humanista, transformaram-se em material para a formulação das tramas, convertidas em instrumentos a serviço da divulgação doutrinária; pedagógicas, buscavam ensinar seduzindo o leitor. Os romances foram publicados em formato de folhetim na revista *Reformador*, uma parte em sua contemporaneidade e outra foi dada à luz apenas postumamente.

A produção de romances por uma liderança do quilate de Bezerra de Menezes é um dado nada desprezível. Apresentaremos mais detalhadamente na sequência do texto sua produção romanesca, inserida em uma série de transformações e enfrentamentos. Por hora, precisamos situar nossa trama na erupção do novo que representou o surgimento da escrita literária dentro do Espiritismo brasileiro. Encontra-se na seção *Notícias do Reformador*, publicada em primeiro de junho de 1896, uma peça importante para a nossa análise. Quase uma década após o lançamento de *A Casa Assombrada*, obra editada em formato de folhetim de 1888 a 1891 com o eloquente subtítulo de “romance espírita”, a FEB anunciava a continuidade dessa linha editorial com a chegada de *História de um Sonho*. Seguindo a prática corrente, principalmente nos círculos ocultistas, a exemplo de Kardec, Bezerra de Menezes adotou o pseudônimo de MAX (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009, p. 42). Vejamos o texto propagandístico de lançamento do livro:

O que começamos a publicar hoje, ainda escrito por MAX, tem seu enredo no planeta Vênus, cujos Tipos e descrições são apanhados nos ensinamentos dos Espíritos. É, pois, um romancete essencialmente espírita, servindo de motivo à explanação de várias das principais teses da Doutrina Espírita. Preenche dois fins: entretém como romance e instrui como trabalho doutrinário. O espírita não perderá tempo lendo-o, e o que não o é, sempre colherá alguma coisa, sabendo como resolvem-se importantes questões que agitam a humanidade, pelo Espiritismo. O autor não procurou vaziar seu trabalho nos moldes de qualquer escola romântica e literária. Seu plano foi simplesmente instruir nos princípios da nova Doutrina, e para isso deu a forma romântica e desenvolveu-a em linguagem singela, ao alcance de todas as inteligências. O leitor espírita, já conhece o estilo de MAX: trazer as questões mais intrincadas ao alcance de qualquer (um) sem se preocupar com a forma. Pois é nesse estilo que está escrito o romancete que se denomina: HISTÓRIA DE UM SONHO (FEB, 2011, p.11).

A obra foi classificada, então, como um “romancete essencialmente espírita”. O gênero literário a que pertence está claramente definido: trata-se de um romance. Possivelmente o diminutivo “romancete” visava a preparar a recepção do leitor, pois a dimensão do livro é bem menor do que outros do gênero escritos pelo mesmo autor¹⁹. A noção “essencialmente espírita” tem o papel de explicitar os compromissos da narrativa,

¹⁹ *História de um Sonho* recebeu na versão recente 156 laudas (MENEZES, 2010), uma dimensão muito inferior, por exemplo, as 484 páginas de *Evangelho do Futuro* (MENEZES, 2011).

voltados à instrução pelo entretenimento da leitura. O texto tornar-se-ia assim pretexto. Segundo o comentarista febiano, não haveria vinculações com escolas literárias, nem fidelidades para além do trabalho de divulgação doutrinária. Sobressai-se o aspecto pedagógico do livro, escrito, segundo a nota, “em linguagem singela, ao alcance de todas as inteligências” (IDEM, IBIDEM). A afirmativa de que o estilo já era conhecido pelo leitor espírita representa um dado por demais relevante, indicando que do final da década de 1880 a meados da seguinte havia se formado uma comunidade de consumidores de uma literatura de romances produzida por autores espíritas brasileiros.

Neste momento, esbarramos em outra questão importante: a identidade autoral. No espiritismo brasileiro deste período, dominava na cena literária o regime de autoralidade convencional. A obra, portanto, era “fruto da imaginação fecunda do Dr. Bezerra de Menezes”. (IDEM, IBIDEM).

Em síntese, a especificidade então não estaria na forma ou no gênero, mas no conteúdo. Os romances de Bezerra de Menezes seguem o modelo clássico do romance de tese, cânone deveras atuante no final do século XIX (LEWGOY, 2000, p. 132). Foi a adjetivação, porém, que trouxe o novo. O texto explana “várias das principais teses da Doutrina Espírita”. Seus romances eram assim comprometidos com um projeto de consolidação de uma configuração religiosa do Espiritismo no Brasil. Esse será o fio condutor do nosso próximo tópico. Nele pretendemos analisar como as disputas travadas para instaurar uma religião espírita engendraram as bases de criação de uma literatura mediúnica brasileira produzida via psicografia. Veremos que, por isso, não podemos separar um Espiritismo-religião de uma produção literária e principalmente romancesca. Religião e literatura constituir-se-ão no Brasil um binômio indissociável.

Resta-nos informar que Bezerra de Menezes, como seria de se esperar, não restringiu sua atuação ao campo da produção literária. Agiu, concomitantemente, como um líder ativo, fundindo o intelectual e o militante. Rapidamente foi reconhecido como uma liderança capaz de apaziguar os ânimos dos grupos na disputa interna. Conhecido como político hábil e conciliador²⁰, em pouco tempo, foi aclamado como condutor de um processo de costura entre as dissidências. Assumiu a Presidência da FEB em 1889, permanecendo também como vice-presidente da FEB no ano de 1891. Suas intenções para constituir um consenso, porém, em torno de uma configuração híbrida entre as leituras de espíritas religiosos e científicos esbarraram em uma intervenção alienígena ao movimento. Com o advento da República, veio

²⁰ Quando ele encerrou a carreira política, havia ocupado recentemente a Presidência da Câmara dos Deputados.

a atuação do Estado mediante a criminalização das práticas espíritas. As posições internas se radicalizaram. O ideal de pacificação transformou-se em terra arrasada.

2.2 A Invenção da Matriz Febiana para o Espiritismo Brasileiro (1890-1900)

O mote da primeira gestão de Bezerra de Menezes na FEB foi o trabalho de contemporização entre os segmentos do movimento espírita. As experiências do político conciliador do Império parecem ter conduzido a sua militância no sentido da criação de uma unidade. Coerente com sua posição, ele procurou realizar costuras para conciliar as dissensões internas (ARRIBAS, 2010, 170-174). Uma de suas ações relacionadas a esse intento parece ter sido a implantação, nas dependências da FEB, de um estudo semanal de *O Livro dos Espíritos* (L.E.) de Allan Kardec (WANTUIL, 2002, p. 233). Conferências já faziam parte do repertório de iniciativas da Instituição. Em uma delas, o próprio Bezerra anunciou sua conversão. Uma inovação, contudo, foi introduzida na sistemática de trabalho adotada, com as palestras públicas estruturadas pela leitura comentada de algumas questões do L.E. A primeira obra do Pentateuco kardecista é composta por perguntas e respostas, aproximando-se do gênero cartilha ou catecismo. A organização do estudo seguindo-se uma ordem crescente das perguntas permite a inferência de que havia uma preocupação em promover uma leitura sistemática do conjunto do texto. Assumir definitivamente uma obra de referência foi uma ação importante, principalmente se levarmos em conta o fato de que naquele momento, não havia se consolidado uma leitura espírita hegemônica, autorizada e canônica. Sua implantação pode indicar também uma intencionalidade em garantir um consenso doutrinário mínimo entre os diversos grupos dentro desta comunidade de leitores ainda muito fluída.

A dinâmica intramuros, contudo, foi solapada pela chegada do Código Penal Republicano. Seu artigo 157 criminalizava o Espiritismo no Brasil²¹. Os espíritas

²¹ Possivelmente o evento mais impactante no cenário do movimento espírita da década de 1890 foi a criminalização do Espiritismo pelo novo Código Penal republicano. Por meio deste as práticas espíritas passaram a ser tipificadas em lei como crime. Associadas a uma série de outras práticas, como rituais de magia e adivinhação e, inclusive, também, as de charlatanismo, caracterizadas dentro de um bojo muito diverso, foram apontadas como infração contra a saúde pública por considerarem que elas exploravam a credulidade, induziam à loucura e indicavam um exercício ilegal da Medicina. O movimento espírita passou a sofrer repressão policial e precisava se reorganizar para sobreviver. Várias foram as investidas da polícia a centros espíritas do Rio de Janeiro. Denúncias apresentadas acarretaram diversos processos judiciais. A tipificação criminal do Espiritismo representou uma vitória da aliança entre a classe médica alopata e a Igreja Católica, celebrando uma parceria que se perpetuará por décadas adentro no século XX. Entre ambos se consolidou uma interlocução marcada pela migração recíproca de argumentos. Pesquisas vêm demonstrando (GIUMBELLI, 1997, p.89; ALMEIDA, 2007; ARIBAS, 2010) que até pelo menos a década de 1950 houve uma troca de serviços caracterizada por um recurso de autoridade ao argumento do campo alheio entre os médicos e os católicos. Médicos com frequência usam argumentos religiosos ou defendem interesses do grupo católico e padres lançam mão de argumentos

ensaiaram uma reação para sustar a criminalização. Em 1890, Bezerra de Menezes havia deixado a Presidência da FEB para assumir no mesmo cargo a direção do Centro Espírita do Brasil, entidade ligada a Federação. Foi em nome desta instituição que ele dirigiu no fim de dezembro uma representação ao Presidente Deodoro da Fonseca, solicitando a exclusão dos artigos do Novo Código Penal que tipificavam criminalmente as práticas espíritas. Vários espíritas considerados de prestígio assinaram o documento, dentre eles o próprio Bezerra, Dias da Cruz, presidente da FEB à época, e Antônio Luiz Sayão. Mais uma tentativa ocorreu em agosto de 1893, quando outra representação foi encaminhada agora ao Congresso Nacional, pedindo a decretação de inconstitucionalidade dos mesmos artigos. Nesta tentativa, foi inserida também a assinatura do senador Pinheiro Guedes (SOARES, 2010, p. 80). Em ambas as iniciativas, não houve ressonância das autoridades, mantendo o Estado brasileiro a criminalização.

Uma das ações das lideranças ligadas ao grupo dos religiosos foi procurar atuar no campo jurídico para defender os interesses e garantir direitos dos militantes de centros espíritas, principalmente médiuns e diretores das instituições. De fato, a FEB só veio a ter seus integrantes citados em processos judiciais em 1904, mas a instituição forneceu assessoria jurídica aos centros menores, disponibilizando advogados e realizando a defesa de seus membros. Esse procedimento engendrou um fortalecimento significativo do papel federativo da instituição. Transmutada em porto seguro dos centros na tempestade anunciada, a representatividade da FEB ampliou-se. Vemos assim que a conjuntura externa levou a uma necessidade de representação. No cenário carioca do momento, a FEB desempenhou essa função, mesmo que a compreensão inicial dos seus fundadores não apontasse nesta direção. Essa ascensão, no entanto, poderia não ter transcendido os horizontes conjunturais se a estratégia adotada pela Federação não tivesse obtido êxito, pois outras instituições com pretensões federativas surgiram, a maioria de efêmera duração. Diante da criminalização, que percurso tomar? Qual trajetória seguir? A opção feita pelos representantes da FEB foi a de

médico-científicos visando à “patologização” dos espíritas. Ao que tudo indica, esta parceria realmente se prolongou por décadas. Em seus estudos, a autora identificou que os psiquiatras atuantes no eixo Rio-São Paulo nas décadas de 1930 e 1940 compreendiam as práticas espiritistas como “patologizadora”. Dentre eles, muitos possuíam uma formação católica, assumindo um rótulo religioso explícito, sendo inclusive integrados no movimento de leigos do catolicismo (ALMEIDA, 2007, p.112 e 113). Vale salientar que esta ampliação da utilização do conceito de Espiritismo para abarcar um conjunto muito diverso de segmentos religiosos e práticas diferenciadas se consolidou no Brasil nas décadas posteriores, ao ponto de hoje se fazer necessária a qualificação de qual Espiritismo estaríamos tratando (kardecista, umbandista, dentre outros), mas no período da criação do Código Penal os vocábulos espiritismo, espíritas, espiritistas estavam diretamente associados aos praticantes do kardecismo, inclusive porque foram estes que os introduziram no cenário brasileiro, já que traduziram do francês os neologismos criados por Allan Kardec.

buscar navegar de acordo com os mecanismos disponibilizados pelo próprio Estado Republicano. Em 1891 veio à luz a Nova Carta Magna. Entre os seus preceitos estava a garantia da liberdade religiosa. A escolha do culto religioso estava, desde então, garantida como direito constitucional. Os advogados contratados pela Federação exploraram esse viés, lançando mão nas defesas judiciais o dispositivo da Constituição. Sob a égide da FEB, o movimento espírita passou a utilizar o rótulo de religião como recurso de proteção e legitimação (GIUMBELLI, 1997, p.137-142).

Em termos legais, a estratégia adotada revelou-se eficaz. Nenhuma causa foi perdida. No que tange à dinâmica intramuros, a consolidação de uma autoimagem religiosa nos espíritistas apresentou rebatimentos imediatos. Internamente as perseguições policiais e judiciais ao movimento respaldaram ainda mais uma leitura religiosa do Espiritismo. Como não compreender os espíritistas enquanto cristãos modernos? Também não foram eles perseguidos em seu momento primitivo? A repressão fundamentou da mesma forma uma teleologia. À semelhança do Cristianismo, que em um primeiro momento representava apenas uma minoria religiosa (VEYNE, 2010, p. 35-58), o Espiritismo constituiria uma nova hegemonia vencendo não pelo rótulo, mas pelo convencimento. Perseguidos hoje para ser vitoriosos amanhã. Na atualidade, considerados criminosos, no futuro, mártires. A referência histórica dos primeiros cristãos é exemplar. Desta forma, no cenário do campo religioso brasileiro, ocupado quase que exclusivamente pela Igreja Católica começou a consolidação de uma nova opção: um Espiritismo especificamente religioso (ARRIBAS, 2010, p. 128-129).

Evidentemente o trânsito para um Espiritismo oficialmente definido e orientado como uma religião (IDEM, p.129) não se deu sem traumas nem estertores. O grupo autodenominado de espíritas científicos procurou reagir para reverter a situação. Afastaram-se da FEB formando uma dissidência. Em 04 de abril de 1894, aglutinaram-se sob a liderança de Angeli Torterolli em torno da fundação de outra instituição com caráter federativo: União Espírita de Propaganda no Brasil (UEPB). A reação dos religiosos foi imediata. Orquestraram as manobras decisivas os dois responsáveis pela edição da revista *O Reformador*: Leopoldo Cirne e Alfredo Pereira. Publicaram artigos em série, denominados de “Nossa Missão”. Na sequência, reconduziram Bezerra de Menezes ao posto da Presidência da FEB (IDEM, p. 174-175).

Havia aproximadamente dois anos que Bezerra de Menezes concentrara suas atividades doutrinárias no Centro Espírita Grupo Ismael. Nesta fase, participou ativamente dos estudos da obra de Rousstaing coordenados por Luiz Sayão, se aproximando

significativamente do segmento religioso. O seu retorno foi marcado por uma mudança no tom e pela ruptura com a prática de fornecer concessões para constituir consensos mínimos. Em sua segunda gestão, ele desenvolveu estratégias de enfrentamento com a radicalização das posições. O conflito aberto era uma constatação. Ocorre então a partir de 1895 um acirramento na disputa simbólica entre religiosos e científicos. Não cabiam mais contemporizações internas. O confronto tornou-se público e as posições irreconciliáveis.

Os liderados de Torterolli estruturaram uma série de ações por meio da UEPB. Em sua sede, realizavam estudos diários para seu quadro de sócios, bem como reuniões mediúnicas semanais consideradas experiências científicas experimentais. Seguindo o mote da instituição, cujo foco era a propaganda, foram promovidas sessões públicas para divulgação doutrinária que se aproximavam de um formato semelhante a um espetáculo. Momentos de estudo e reflexão eram intercalados com apresentações musicais e teatrais. Realizadas ao ar livre nas ruas cariocas ou em clubes da Cidade, esses eventos incorporavam práticas muito diferentes das que eram vivenciadas nos intramuros dos centros espíritas. Contavam não só com o público em geral, mas também com as representações de entidades voltadas a benemerência, como a maçonaria, por exemplo. Ao que tudo indica, esses espetáculos da UEPB objetivavam chamar a atenção para explicitar uma demonstração de força. Possivelmente representavam uma tentativa de propor um modelo de propagação da Doutrina Espírita em alternativa ao configurado pelos religiosos.

Essa duas frentes eleitas pela UEPB - a cientificidade doutrinária materializada inclusive por meio de experiências fenomênicas e a divulgação do Espiritismo via eventos no formato de espetáculos - foram combatidas com veemência pelo grupo dos religiosos sitiados na FEB. Bezerra de Menezes publicou um artigo na edição de agosto de 1896, denominado “A Verdadeira Propaganda”. Sua abertura anuncia uma contraposição frontal aos ditos científicos:

Pensem como quiserem os que entendem dever fazer a propaganda espírita por todos os modos, mesmos nas praças, sujeitando a divina doutrina a galhofa do público, mesmo nos teatros, em meio do ridículo dos espectadores, e até nos alcouces, por entre os esgares desprezíveis de seres infelizes, seus frequentadores. Nem Jesus, o santíssimo modelo, nem os apóstolos, seus imitadores, expuseram jamais à galhofa, ao ridículo e aos esgares da corrosão os ensinamentos de salvação. (MENEZES, 2011, p. 41).

A crítica, claramente destinada aos espetáculos organizados pela UEPB, envolve duas ordens: quanto às práticas e quanto aos locais de realização. Os interlocutores diretos, os

leitores a que o texto se destina parecem ser os integrantes do movimento espiritista, mas dentre eles não estão os “científicos”, pois não há a busca de convencê-los. No desenvolvimento do artigo, Bezerra explicita ainda com ênfase sua repulsa sobre a realização em locais considerados inapropriados, chamando-os de “antros”. Logo em seguida, enfoca o questionamento das práticas “espetaculares” implementadas, procurando dar mais densidade ao discurso:

Pelo contrário, os que são trazidos como em folia, por milhares que sejam virão crentes pelo modo porque viram obrar os propagandistas, de que o espiritismo é meio de distração, se não de brincadeira, e esses milhares nem aproveitam para si, nem concorrem de leve para o triunfo da boa lei. Propagar o espiritismo por toda a parte, sim; mas propagá-lo com o respeito e o acatamento que requer o ensino da divina revelação. (MENEZES, 2011, p.42).

As referências sacralizadas acerca de Jesus Cristo e ao Espiritismo foram mobilizadas como argumento de autoridade para dar sustentação à argumentação. Sua presença demonstra o distanciamento de certas representações entre os dois grupos, às vezes sutis outras abissais. Ao que tudo indica, os espetáculos com apresentações teatrais, musicais, declamações ao ar livre, feriam as sensibilidades dos religiosos. O uso de espaços dedicados a atividades de entretenimento, inclusive carnavalescas, caminhou neste mesmo sentido. Bezerra então canaliza e catalisa esse estranhamento para constituir uma crítica frontal à UEPB. Se compararmos essa posição com a adotada no artigo de 1890, intitulado “Fracos, porque desunidos”, veremos uma mudança significativa de tom, estratégia e postura.

A união faz a força, precisamente porque nasce dela o emprego dos esforços de cada um. Com quanto mais razão, pois, devem os espiritas unir-se, quando precisam de forças para resistirem aos inimigos da Terra e aos inimigos do Espaço? Da união resultará a uniformidade do trabalho, distribuídos regularmente pelos grupos e pelos indivíduos, segundo suas aptidões e disposições morais. Da união resultará o apoio mútuo, quer no sentido do socorro caridoso, quer no dos recursos para a obra da propaganda. Da união, em suma, nascerá o método, sem o qual todo o esforço humano é perdido, toda a boa-vontade é estéreo (MENEZES, 2011, p. 40).

Há no texto uma forte posição conciliatória. A mensagem aqui é a da unidade na diversidade; o respeito às diferenças internas para garantir os espaços para todos os segmentos. Este seria o caminho para a criação de um método, de um formato híbrido em que todos os espiritistas se reconheceriam. O convite ao “apoio mútuo, quer no sentido do socorro caridoso, quer no dos recursos para a obra da propaganda” não veio por acaso. Nesse trecho, o autor está se situando em um debate, no qual os religiosos se reconheciam mais nas práticas de assistência social como os científicos apostavam sua ênfase nas atividades de divulgação

doutrinária. No início da década de 1890, já no pós-criminalização, mesmo que a busca por hegemonia já estivesse deflagrada, internamente, a vitória significava colocar o outro na atitude de submissão. Em 1896, o grupo adversário perdeu o estatuto de irmandade, de copartícipe. A mudança significativa representou uma radicalização, porque os rivais internos foram catapultados. Não mais a presença submissa. Agora era a negação da presença, sua exclusão. No movimento espírita que se organizava sob a égide da FEB, eles não estariam mais autorizados a se abrigarem no mesmo rótulo.

No mês seguinte à publicação do artigo “*A Verdadeira Propaganda*”, Bezerra de Menezes lançou outro, agora no editorial. “*Clama, não Cesses*” foi ainda mais contundente.

Espiritismo não é ciência como apregoam os que procuram, nos fenômenos por ele produzidos, antes o maravilhoso do que os ensinamentos de salvação. Se o espiritismo fosse ciência, seria invenção ou descoberta dos homens, como têm sido todas as questões que são conhecidas até hoje. Se fosse ciência, fonte de luz para a inteligência, seria, como todas as que são conhecidas até hoje, estreme de ensinamentos religiosos. (...) Ciência é ele, porque altíssima religião; e quem diz religião diz ciência, por ser religião a ciência das ciências. Neste sentido, e só neste, pode se dizer que o Espiritismo é ciência: Religião científica. (MENEZES, 2011, p. 43-44).

No momento da radicalização, Bezerra lança mão do que parece ser uma apropriação das definições de ciência e religião advindas do positivismo. Na continuação ele desenvolve uma argumentação, procurando demonstrar as características epistemológicas da Doutrina Espírita como uma revelação. Por isso, apesar de todos os esforços dos espíritistas da UEPB, o Espiritismo não estaria sendo aceito como conhecimento válido pelo campo científico. Por essa razão, o intento seria uma tentativa vã e “Nada têm conseguido no sentido desse maior empenho”. (MENEZES, 2011, p. 45). Havia assim uma barreira epistemológica intransponível para a inserção do Espiritismo na esfera das ciências. Já quanto ao campo religioso, sua entrada era “natural e espontânea”:

Entretanto, aí está, desafiando as fúrias da incredulidade, o Espiritismo brilhantemente organizado em alta e sublime doutrina religiosa! Como, então, é ciência, se não dá para a constituição de uma ciência? Como deixar de ser religião, se dá para a constituição da mais elevada doutrina religiosa? (MENEZES, 2011, p. 45)

Essa defesa do Espiritismo como saber especificamente religioso é eloquente não só das representações que norteavam o grupo ligado a Bezerra, mas também revela seu senso pragmático. A constituição do Espiritismo inserido como uma opção no campo religioso brasileiro representou uma estratégia importante para garantir a sua perpetuação. No artigo em análise, ele faz críticas abertas ao grupo dos ditos científicos. Disseca o lema da UEPB,

“DEUS, AMOR e LIBERDADE”, procurando apontar as incoerências entre os dizeres e as posturas dos seus dirigentes. Questiona novamente as práticas implementadas por eles, afirmando que essas são relativas a empresas teatrais e festas mundanas, mas impróprias para o “exercício religioso”. A acusação foi categórica: estariam deturpando o verdadeiro Espiritismo. A gravidade da situação justificaria o tom veemente do texto como pode ser visto na sua conclusão.

Talvez haja severidade nestes nossos dizeres, mas, além de que não se arranca o cancro, sem dor, acresce que está acima de todas as considerações humanas o amor do próximo. Que nos impõe o dever de tentar o maior esforço por abrir os olhos aos que dormem nas trevas da morte, e de prevenir os incautos do abismo que se lhes cava debaixo dos pés. (MENEZES, 2001, p. 47).

A disputa discursiva passou então a adquirir ares de luta espiritual. A UEPB escolheu as páginas do *Reformador* para responder as críticas de Bezerra. Na época, a FEB disponibilizava no seu órgão oficial de divulgação espaço para publicações de outras instituições espíritas. Quando o artigo dos científicos foi encaminhado, eles “publicizaram” o texto como manutenção de sua política editorial, mas incluíram uma nota de esclarecimento. Os científicos procuraram então responder a Menezes com a mesma intensidade:

Os argumentos produzidos pelo Dr. Bezerra de Menezes, em prol da sua orientação espírita, não passam de vistosas bolhas de sabão sopradas pelo seu misticismo para deslumbrar a simplicidade ignorante dos que não sabem ou não se querem dar ao trabalho de raciocinar. (...) Como pode a religião ser ciência, se uma é produto da presunção e a outra é resultado da evidência? Se a primeira é hipotética e a segunda é positiva? Se aquela é estacionária e esta progressiva? Não! A religião não é ciência, porque a ciência sempre foi e há de ser sempre a formidável adversária da religião. (TORTEROLLI²² APUD SOARES, 2010, p. 107-108).

Neste trecho e ao longo de seu artigo, Torterolli utiliza referências nominais a Bezerra de Menezes e à FEB, acusando o Presidente da instituição de lançar mão de uma “retórica eclesiástica”. A dicotomia apresentada entre o campo científico e religioso dá mostra de quanto as posições haviam se radicalizado. O uso literal do nome e críticas enfocando diretamente o comportamento de Bezerra parece demonstrar a fragilidade da posição da UEPB ante a realidade do fortalecimento da FEB com a criminalização do Espiritismo.

²² Encontramos fragmentos deste em Soares (2010). Nesta obra detectamos uma interessante operação de apagamento. O nome do autor do artigo contra Bezerra de Menezes não foi revelado. Segundo Arribas (2010), este seria Torterolli. Tornando-se um personagem proscrito da História escrita por espíritas, não há referências a sua existência em obras como *Grandes Espíritas do Brasil*, escrita por Wantuil (2002).

O episódio descrito possibilitou certa visibilidade das disputas internas por via das trocas de artigos assinados pelos líderes das duas entidades. Claramente vinha conquistando a vitória o grupo ligado à FEB. A posição de Bezerra de Menezes só foi possível pela consolidação dos “religiosos” na direção da instituição. No ano anterior, quando assumiu a Presidência da FEB, exigira uma reformulação dos estatutos como um dos primeiros atos, adquirindo poderes absolutos quanto à condução da Federação. A palavra de ordem foi dar plenos poderes ao presidente. Nesta posição privilegiada, implementou as mudanças para tornar a FEB uma instituição modelar. Durante o ano de 1895, ele construiu as suas bases internas. Segundo Giumbelli (1997, p. 115), entre os dois grupos em litígio existiam principalmente diferenças nas práticas relativas à vivência dos postulados doutrinários. Foi então no seu segundo mandato que essas diferenças se tornaram mais nítidas, justamente porque o grupo dos “religiosos”, sob a liderança de Bezerra de Menezes, conseguiu consolidar uma série de medidas relacionadas ao seu programa de ação.

No seu bojo as medidas propostas por Bezerra de Menezes representavam um programa de “disciplinarização” das atividades dos centros espíritas. Textualmente, ele argumentava pela necessidade de unidade das práticas. Sua análise apontava para um diagnóstico até certo ponto caótico, pois no movimento cada qual estaria fazendo a doutrina ao seu modo, “sem ordem, sem disciplina, sem união, produzindo sem proveito, esterilizando a melhor vontade”. (MENEZES, 2011, p. 39). Ele propõe “(...) um trabalho uniforme, sujeito a regras invariáveis, tendendo ao mesmo fim: o alto fim posto pela Doutrina”. No lugar de um “um trabalho disforme, disparatado, sem nexos e, às vezes, felizmente raras, em diametral oposição às regras da doutrina”. (IDEM, IBIDEM).

Diante deste quadro, a situação exigia uma tomada de posição. Juridicamente, a FEB não poderia intervir diretamente nos centros. A fórmula encontrada fora a da orientação doutrinária mediante produção literária e a indução pelo exemplo. Assim os trabalhos vivenciados na sede da Federação passaram a ter certa força de prescrição. Nesta perspectiva, um programa doutrinário foi implementado na FEB. Foi este que Torterolli, não sem ironia, denominou de a “orientação espírita” do Dr. Bezerra²³.

Havia uma preocupação em dar uma conotação mais religiosa aos trabalhos da FEB. Sua sede foi convertida em campo experimental, no qual irradiaria pelo exemplo as práticas a

²³ Essas modificações propostas configuravam para Arribas (2010, p. 271) um programa de “religiosificação” do Espiritismo.

serem seguidas para a vivência de um verdadeiro Espiritismo²⁴. A solução encontrada foi transplantar as referências doutrinárias dos “religiosos”. O estudo coordenado por Sayão no Grupo dos Humildes foi transferido para a FEB como parte desse processo. Também foi aberta uma sessão pública de palestras com enfoque na obra *Os quatro Evangelhos* dentro da mesma sistemática adotada para o *Livro dos Espíritos*.

Nas décadas de 1860 a 1880, parte do movimento espírita brasileiro havia acolhido a obra *Os Quatro Evangelhos*. Polêmica na Brasil e na França, mesmo entre o grupo dos religiosos, não era uma unanimidade, havendo uma subdivisão entre os seus adeptos e aqueles que aceitavam exclusivamente os livros de Kardec. Grande parte das lideranças espíritistas brasileiras que concordavam com as teses roustainguistas havia crescido em meio ao Catolicismo, estando ainda arraigadas às suas representações. Estes sujeitos encontraram na “*Revelação da Revelação*” explicações espíritas bastante católicas para continuar mantendo crenças como a virgindade de Maria e Jesus como um Homem-Deus, ambas sustentadas pela concepção do corpo fluídico de Cristo²⁵ (ARRIBAS, 2010, p. 233-235).

No pós-criminalização, com a conquista do domínio da FEB pelos religiosos na segunda gestão de Bezerra de Menezes, ocorreu a amplificação da visibilidade da obra de Roustaing como estratégia para caracterizar o Espiritismo como religião. Por isso a inserção, na sede da Federação, do estudo de *Os Quatro evangelhos* com espaço semelhante ao dedicado para o *Livro dos Espíritos* é um dado eloquente no processo de “religiosificação”.

²⁴ No campo da divulgação doutrinária, os eventos destinados a abranger um público para além dos espíritas confessos foram sempre realizados na sede da FEB. Nestes momentos, as práticas vivenciadas se assemelhavam às que ocorriam ordinariamente nas sessões da instituição. Mote, o carro chefe, a via privilegiada de apresentação do Espiritismo à sociedade pela FEB passou a ser as atividades agrupadas sob o rótulo da caridade. Aglutinadas no Departamento de *Assistência aos Necessitados*, representavam um espectro diverso que foi ainda mais ampliado na segunda gestão de Bezerra. Foi mantida a assistência terapêutica via mediunidade receiptista, com a prescrição de remédios homeopáticos, mas a partir de 1895 iniciou-se um processo de sua substituição paulatina pela mediunidade curativa associada à terapêutica da desobsessão. Sem dúvida Bezerra de Menezes foi o maior mentor dessa mudança significativa de eixo no que tange às práticas de cura espíritistas. Desta forma, a mediunidade receiptista não foi imediatamente extinta, não foi combatida internamente, ao contrário, continuou recebendo papel de excelência até as primeiras décadas do século XX. Não obstante, sua prática colocou o movimento espírita em rota de colisão com a medicina alopática. Ao que parece o senso pragmático dos “religiosos”, conduziu a uma transição gradual para uma terapêutica mais “metafísica” consubstanciada nos procedimentos do passe magnético e nas reuniões mediúnicas de doutrinação de espíritos obsessores. A prática da desobsessão passou a partir do segundo mandato de Bezerra de Menezes a ganhar cada vez mais espaço nas atividades da FEB e do movimento Espírita (GIUMBELLI, 1997, p. 115).

²⁵ Kardec explica aos seus leitores essa noção da obra roustainguistas no livro *A Gênese* (1868): “*Jesus não teria revestido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível, uma espécie de agênere, em suma. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Foi assim que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro e foi com esse mesmo corpo que Ele se teria mostrado depois de sua morte* (KARDEC, 2011, p. 300)”. Como veremos adiante, o autoproclamado codificador do Espiritismo se posicionou de forma veemente contra as concepções propostas em Roustaing.

Sem dúvida, de todas as medidas implementadas para a consolidação do programa de “orientação espírita do DR. Bezerra” a mais importante foi o incentivo a uma produção literária espiritista própria, produzida para uma circulação nacional. Talvez grande parte do êxito dos “religiosos” se explique pela adoção desta estratégia. Optou-se por incentivar uma produção literária espírita autóctone, na qual as lideranças se envolveram diretamente no trabalho. Transformaram-se em intelectuais a serviço de uma causa. Concebiam ao seu modo o exercício intelectual realizado como uma atitude política (SEVCENKO, 2009, p. 95). Assim foi se gestando a invenção do Espiritismo brasileiro por meio de uma literatura espírita compreendida como uma missão. A dimensão e especificidades do que foi inventado, com a criação de um espaço peculiar de enunciação, merecerá de nossa parte uma análise mais acurada.

2.3 Espiritismos como religião por meio da Literatura: produção literária espírita no seio do círculo de Menezes²⁶

Uma produção intelectual espiritista como parte do intenso trabalho de criação dentro do movimento espírita havia se iniciado em décadas anteriores. Cedo, integrantes do grupo religioso se dedicaram à defesa de suas posições por via do escrito. Três autores se destacaram na produção de vários gêneros textuais. Bittencourt Sampaio, como editor da Garnier, já havia articulado a publicação pela editora de quatro das cinco obras do Pentateuco kardequiano. Em 1882, ele lançou “*A Divina Epopeia de João Evangelista*”. Segundo Wantuil, é uma versão poética do quarto Evangelho, sendo o texto bíblico convertido em versos decassilábicos no estilo das composições epopeicas (2002, p. 251).

Para o nosso estudo, entretanto, ainda mais importante foi a segunda parte desta obra. Sampaio inseriu após o poema um texto em prosa no qual analisa as passagens com base na Doutrina Espírita. Em seus comentários, procura defender a tese da divindade de Jesus, nitidamente uma apropriação roustinguista. Quando, em 1895, Bezerra de Menezes

²⁶ A noção de círculo parece-nos interessante, por explicitar o caráter marcadamente coletivo de sua produção, sem, óbvio, negar a questão da autoria individual. Assim, escolhemos chamar o grupo de literatos espiritistas integrantes do segmento “religioso” de círculo de Menezes, considerando que esses intelectuais “tiveram fortes laços de amizade, encontraram-se regularmente durante dez anos num grupo de estudos e partilharam um conjunto expressivo de ideias (FARACO, 2009, p. 13)”. Por anos, eles se reuniram em uma seção de estudos que funcionava no Grupo dos Humildes. Originários de posições sociais diversas e com uma formação plural, traziam como marca a heterogeneidade; porém estabeleceram uma unidade doutrinária em torno dos princípios evangélicos. Por suas características, guardadas as devidas proporções e especificidades, possuíam um funcionamento semelhante ao que vem sendo denominado de Círculo para classificar a escola linguística russa da análise do discurso (FARACO, 2009; BRAIT, 2009).

reassumiu a Presidência da FEB, ele compunha a comissão de frente, estando diretamente envolvido nas articulações para dar sustentação à gestão. Um dado pode nos possibilitar maior inteligibilidade sobre a clareza do grupo dos religiosos quanto à necessidade de produzir uma literatura capaz de dar sustentação doutrinária à suas posições. No mês de outubro, três meses depois da posse, Bittencourt estava trabalhando na escrita de outra obra no mesmo gênero da *Divina Epopeia*, intitulada de *Divina Tragédia do Gólgota*, quando subitamente veio a óbito. Os religiosos perdiam assim uma peça-chave. Morria um intelectual de referência e um dos principais articuladores das estratégias do grupo. O fato de ter a sua escrita sustada foi lamentado com veemência no *Reformador* (IDEM, p. 253). Há indícios de que existia em curso um projeto coletivo para intensificar a produção literária espírita. Diferentemente dos científicos da UEPB, que investiram na realização de eventos públicos com a utilização de diversos recursos musicais e teatrais, ao que tudo indica a aposta do círculo de Bezerra de Menezes foi a literatura²⁷.

Uma peça importante na produção do círculo de Menezes foi Antônio Luiz Sayão. Carioca de nascimento, formou-se na faculdade de Direito de São Paulo, mas retornou à Capital do Império, aonde estabeleceu um escritório de advocacia no qual atuou por toda a vida. O aspecto que nos interessa, porém, é o de sua militância no movimento espiritista. Sayão destacou-se como a liderança religiosa mais proeminente antes da cooptação de Bezerra de Menezes. Ante os conflitos internos que implodiram várias agremiações espíritas desde a década de 1870, ele tomou a iniciativa de fundar, em 15 de julho de 1880, um centro dentro dos moldes em que acreditava. Nesta perspectiva, começou a funcionar o Grupo Ismael, também denominado de Grupo dos Humildes ou até mesmo Grupo de Sayão. Extremamente vinculado a sua personalidade, os trabalhos organizados possuíam sua marca. Como já dissemos, as atividades deste, especializadas no estudo roustainguista, foram transferidas para a FEB em 1895. Durante mais de uma década, desempenhou a função de coordenação dos estudos roustainguistas, contribuindo para a formação de quadros no grupo religioso, atraindo lideranças que tiveram peso significativo nos rumos tomados pela Doutrina

²⁷ Não por acaso, no grupo a que pertencia Bittencourt Sampaio, floresceu uma produção literária, mas faltam esclarecimentos para potencializar a nossa compreensão acerca do seu papel. Até que ponto sua larga experiência como editor e poeta contribuíram na criação de uma literatura espírita nacional? Qual a relevância de sua inserção no mundo intelectual para a invenção do Espiritismo brasileiro? Estas são questões que permanecem sem respostas e estão fora das delimitações de nossa investigação. Resta-nos anunciar que sua morte, principalmente a forma como foi regulada sua perda, se constituirá em elemento central para a nossa trama.

Espiritista no Brasil. Não obstante, peso ainda maior neste sentido pode ter desempenhado sua produção intelectual.

Em 1893, no cenário das disputas intestinas, a experiência formativa do grupo Ismael foi sistematizada em um livro composto pela socialização de mensagens espirituais recebidas psicograficamente. Com 400 páginas, recebeu o título de *Trabalhos Espíritos de um Pequeno Grupo de Crentes Humildes*. Apesar de não ter tido muita perenidade, essa produção foi o indicativo da inserção de Sayão no mundo das letras espiritistas. Talvez um componente que explique a relativa falta de fôlego da obra quanto à perpetuação de tiragens nas décadas seguintes esteja relacionado ao gênero textual dominante em seu corpo. Observamos que, na História da invenção da literatura espírita mediúmica, diversos gêneros textuais e literários foram testados. Alguns encontraram sucesso editorial e foram consolidados, outros foram descartados no percurso ou adquiriram características marcadas pela efemeridade da circulação.

Quando analisamos mais detidamente esta obra assinada por Sayão, percebemos que ela foi constituída por mensagens, geralmente textos curtos que não ultrapassam duas laudas, nas quais se aborda uma temática específica com motivos evangélicos, se assemelhando de alguma forma aos textos inseridos no *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Visam como mote ou compromisso primordial a não promover a fruição estética, mas a aprendizagem de conteúdos doutrinários.

Por suas características textuais, essa obra representou o surgimento dentro do círculo de Menezes, de uma publicação em suporte no formato de livro de textos obtidos via psicografia. Não obstante, mesmo constituída de textos psicográficos produzidos pelos médiuns da instituição nas reuniões do grupo, ela foi assinada por Sayão. À semelhança de Kardec, o regime de autoralidade da obra funciona nos molde de uma etnografia dos espíritos. Não há destaques nem concessões autorais aos psicógrafos. Representa um dado eloquente o fato de a maioria das mensagens psicografadas que a compõem, segundo Wantuil (2002, p. 357) foi produzida por um só medium: Frederico Júnior. Volveremos a alguns traços biográficos seus, mas por enquanto precisamos salientar que ele representou um parceiro essencial na criação deste livro. Sua publicação, entretanto, não traria mudanças quanto ao regime de autoralidade em funcionamento.

Com o acirramento das disputas internas, dando-se início ao projeto coletivo de intensificação da produção intelectual dos “Religiosos”, Sayão escreveu um texto ainda publicado na atualidade pela FEB. Seu objetivo era o de facilitar a recepção dos livros de

Roustaing. Deteve-se em produzir uma obra-síntese, encarregada de popularizar as ideias roustainguistas. Sua escrita denotava características semelhantes ao gênero da divulgação, comprometida com um aspecto didático, buscando facilitar o entendimento de uma produção considerada mais complexa. Neste sentido, há nela uma série de operações de seleção, correções, adendos, enxertos. O produto final adquiriu, assim, especificidades, trazendo uma configuração diferenciada da obra-matriz de referência. Ainda publicado pela FEB, o livro *Elucidações Evangélicas*, de volume único, foi o instrumento responsável pela circulação e perpetuação da defesa das teses roustainguistas em distintos momentos do século XX.

Esta obra, que apenas em sua primeira edição recebeu o título de *Estudos dos Evangelhos em Espírito e Verdade*, foi prefaciada em abril de 1896, ano auge do conflito entre religiosos e científicos, mas só vindo à luz em janeiro de 1897, após a deflagração da radicalização entre FEB e UEPB. Dividida em duas partes, a segunda era dedicada a mensagens psicográficas com temáticas abordando passagens do Evangelho. Novamente a parceria Sayão-Frederico Junior foi obnubilada. A segunda parte foi composta por quase cem mensagens doutrinárias psicografadas por Frederico Júnior. Permaneceu, porém, mais uma vez a questão autoral sem a fratura entre o autor empírico e o autor espiritual. O fato de a primeira edição ter incluído textos produzidos via psicografia, entretanto, parece representar uma aposta numa proposta editorial. Neste momento, a aposta foi malsucedida. Na edição posterior, sob a alegação de baratear os custos de venda para torná-la mais acessível aos consumidores, este encarte foi suprimido (WANTUIL, 2002, P. 357).

Outro dado interessante sobre esta obra refere-se ao recorte utilizado. Foram objeto de reflexão os textos dos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, considerados sinópticos, já que o de João já havia sido analisado por Bittencourt Sampaio, inferindo-se uma possível divisão de tarefas pela complementaridade das obras escritas (WANTUIL, 2002, p. 148-149). Este nos parece outro indício de que havia um projeto editorial articulando e fomentando as produções literárias do círculo de Menezes com vistas à caracterização do Espiritismo como uma religião.

Mais um indicativo que compõe o espectro dos indícios sobre o projeto editorial febianco orquestrado pelo círculo de Menezes foi a defesa eloquente da obra assinada por Sayão na seção Bibliografia do *Reformador* de 01/02/ 1897.

O ilustrado doutor Antônio Luiz Sayão acaba de dar à luz um livro que destoa de quase todos os que têm saído publicados entre nós. Não é um brilhante repertório de coisas mais ou menos interessantes que, pela beleza da forma, dê testemunho da erudição do autor e sirva de agradável passatempo aos que só se preocupam com as

grandezas mundanas. Não. É um livro que, por sua contextura elevada e útil como poucos, desafia a atenção dos que procuram no conhecimento das verdades eternas (...) Altíssima a missão dos que foram escolhidos para fazerem na terra a obra de Deus: a divulgação do Evangelho segundo a luz do Espiritismo; e dentre aqueles missionários espalhados por toda a terra, levantaram-se, entre nós, Bittencourt Sampaio, com sua Divina Epopeia e Antônio Luiz Sayão, com os seus Estudos dos Evangelhos. Aquele limitou seu trabalho, que é monumental, ao Evangelho de S. João. Este ergueu seu monumento, sobre os de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas. Um completa o outro e ambos dão a luz, que a geração hodierna pode suportar, sobre toda a doutrina cristã (REFORMADOR, 1897, p. 06).

Em meio às qualificações elogiosas ao autor, vê-se o escritor situado no panteão de espíritos missionários, encarregados da continuidade da “divulgação do Evangelho segundo o Espiritismo” (REFORMADOR, 1897, p. 06). O livro assim foi apresentado como um texto-síntese baseado em Roustaing, mas procurou-se fundamentar as transgressões criativas, justificando os trechos corrigidos e aumentados com o argumento de autoridade, pois as mudanças teriam contado com o apoio dos espíritos superiores. Em resumo: “Seus trabalhos podem ser ditos: perfeito resumo da interpretação dos evangelhos em espírito e verdade, segundo Roustaing, corrigido e aumentado em certos pontos, sempre sob a assistência dos Altos Espíritos. (REFORMADOR, 1897, p. 06)”.

Ao que tudo indica, a obra *Elucidações Evangélicas* foi objeto de resistências em sua recepção inicial. Naquele momento, o movimento espírita se caracterizava por ser basicamente uma comunidade de leitores significativamente difusa. Os livros traziam a marca de autoridade de sujeitos oriundos de um País considerado referência em saber. Um passo muito importante para a continuidade do Espiritismo em terras brasileiras foi o estabelecimento de uma produção literária nacional. As disputas simbólicas internas, com grupos buscando implementar configurações diferentes para o Espiritismo nacional, parece ter posto em funcionamento uma complexa engrenagem que garantiu o florescimento de uma literatura espiritista com características locais.

Um dos recursos utilizados na produção da literatura espírita no Brasil foi a dos escritores nacionais se referendarem em autores ou “espíritos” europeus. Por algumas décadas adentro no século XX este procedimento existirá. Para Lewgoy (2000, p. 208) teria sido justamente Chico Xavier o responsável pela nacionalização das referências espirituais, com os espíritos-autores brasileiros assinando as obras. No caso de Sayão, ele se apropria do pensamento roustainguista, fazendo uma série de reelaborações e ajustes para deixar a obra mais acessível. Mesmo se referendando no autor francês, recebeu resistências que o *Reformador* de primeiro de fevereiro de 1897 procurava dirimir. Talvez porque Roustaing

estava longe de ser uma unanimidade, mas provavelmente também por ser Sayão um autor autóctone, desenvolvendo e corrigindo seu pensamento.

Em 06 de abril do mesmo ano, Bezerra de Menezes veio em seu socorro na imprensa aberta. Por meio de sua coluna no jornal *Gazeta de Notícias*, respondeu à pergunta de um leitor que inquiria sobre a validade dos escritos de Sayão. Para ele, o

[...] livro de Sayão é um resumo do Roustaing, com as vantagens de Allan Kardec. (...) É, portanto, correto e adiantado, sob o ponto doutrinário e é claro e conciso sob o ponto de vista do método. (...) Contém as ideias de Roustaing e o método incomparável de Allan Kardec. (BEZERRA apud WANTUIL, 2002, p. 151).

Desde a segunda edição²⁸ de *Elucidações Evangélicas*, o artigo-resposta de Bezerra desempenha a função de prefácio na obra. Seu argumento associava as apropriações da abordagem de Roustaing com a autoridade doutrinária de Kardec, conferindo legitimidade às operações realizadas. A figura do líder espiritista já famoso foi inserida para dar sustentação às teses roustainguistas via Sayão.

A atuação de Bezerra de Menezes, entretanto, não ficou restrita a apoiar os escritores de seu círculo. Ele se envolveu diretamente na produção literária. Sem dúvida foi o autor mais produtivo de sua geração e o principal responsável pela criação da matriz febiana, hegemônica na atualidade dentro do Espiritismo brasileiro. Responsável sob o ponto de vista não apenas político, mas acima de tudo doutrinário. Uma análise histórica da sua produção intelectual revela dados significativos. Apesar de as investigações acadêmicas (GIUMBELLI, 1997; ALMEIDA, 2007; ARRIBAS, 2010) darem ênfase aos textos *Uma Carta de Bezerra de Menezes* e *A Loucura sob Novo Prisma* como suas obras de referência, estes foram publicados 20 anos após o seu falecimento. Desta forma, representam uma fonte importante para a compreensão do seu pensamento, mas não da recepção de sua obra. Não foi por meio delas que na sua contemporaneidade Bezerra escolheu defender a configuração do Espiritismo como religião.

Um cotejamento entre as datas de publicação de seus escritos e os enfrentamentos realizados no movimento revela que Adolfo Bezerra de Menezes fora inclusive um romancista. Desde o início de sua militância espiritista, o gênero romance se encontrava no cenário de sua produção literária. Dois anos após o anúncio público de sua conversão, começava a vir à luz *A Casa Assombrada*. Em formato de folhetim, foi publicado originalmente de 1888 a 1891 em uma seção específica do *Reformador*. Ainda em 1890,

²⁸ Analisaremos mais detidamente aspectos relacionados à segunda edição no próximo capítulo.

publicou o segundo texto, *Os Carneiros de Panurgio: romance philosophico-político*, agora em formato de livro pela tipografia Serafim José Alves. Na sequência, lançou *Lázaro, o leproso* em folhetim pelo *Reformador* de 1892 a 1896; *União Spirita do Brasil. Spiritismo. Estudos philosophicos*, em livro no ano de 1894 pela Moreira. Este último tratava-se da coletânea de artigos – 69 ao todo - produzidos para sua coluna no jornal *O Paiz*. Depois, de 1896 a 1897 foi publicado o romance *A História de um Sonho*, como folhetim também pelo *Reformador*. Bezerra de Menezes estava publicando em folhetim desde 1898 o romance *Casamento e Mortalha*, quando veio a falecer em 1900, permanecendo a obra inacabada. Com a sua morte, a viúva doou à FEB quatro textos manuscritos inéditos publicados apenas postumamente. Foram eles: os romances *A pérola Negra* e o *Evangelho do Futuro*, bem como os já referidos *Uma Carta de Bezerra de Menezes* e *A Loucura sob Novo Prisma*. No conjunto são sete romances, cinco publicados em vida. Essa informação equivale a dizer que, como autor espiritista, Bezerra de Menezes optou por produzir uma literatura romanesca, na qual realizou uma série de operações inventiva para defender suas posições.

Essas obras serviram de instrumentos para divulgação doutrinária e caracterização de um Espiritismo-religião. Um bom exemplo pode ser encontrado em *A História de um Sonho(1901-1905)*. A trama foi ambientada no planeta Vênus, orbe no qual o personagem principal, um terráqueo, teve acesso em viagens astrais realizadas por meio do sono. A composição da narrativa é nitidamente fundamentada em postulados kardequianos. A concepção de pluralidade dos mundos habitados, com sociedades equivalentes à humana, está referida textualmente no *Livro dos Espíritos (1857)*. O conteúdo geral, como tratava de vida em outros planetas, era considerado científico. Inclusive sobre ele havia se debruçado o famoso astrônomo e espírita Camile Flammarion. Lançada em um momento de efervescência discursiva e no auge da disputa interna, representaria esta obra uma concessão? Uma nova tentativa de contemporização? Selecionamos um trecho bastante eloquente para servir de amostragem das complexas engrenagens postas em funcionamento. Nele se estabelece um diálogo de instrução entre o personagem principal e seu guia espiritual, que em muitas passagens lhe fornece ensinamentos. Vejamos a fala do mentor, apresentado sob a designação de Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga.

Todos, pois, sem exceção, mais cedo ou mais tarde, mais lenta ou mais rapidamente, chegarão a ver Deus. Tu te sentes pequeno à minha vista; mas conscientiza-te de que nós, os espíritos mais adiantados do que tu, não nos sentimos maiores à vista do nosso sacrossanto irmão Jesus, o redentor, a cujas plantas não temos merecimento para chegar nossos lábios. Ele mesmo, em sua divina humildade, considera-se um nada à vista do Pai Supremo. (MENEZES, 2009, p.20).

A primeira frase remete diretamente a um princípio doutrinário de Kardec. Este converteu a concepção de progresso do iluminismo a uma escala de desenvolvimento espiritual. Um espírito, criado na condição de simples e ignorante, mediante as reencarnações sucessivas aprenderia com a diversidade de experiências vividas até chegar à condição de espírito puro, perfeito moralmente. Esta seria uma destinação inexorável, variando-se apenas na escala do tempo por depender das escolhas realizadas pelo livre-arbítrio individual²⁹. A continuidade, entretanto, traz uma representação que não consta no universo conceitual kardequiano. Segundo o *Livro dos Espíritos*, Jesus seria o guia e modelo da humanidade por ter a condição de “ser mais puro que apareceu sobre a Terra” (KARDEC, 2011, p. 207). As expressões “sacrossanto irmão”, “o redentor”, “divina humildade” explicitam uma aproximação com a representação de Jesus como Homem-Deus, salvador de todas as humanidades interplanetárias. Esta é uma apropriação não de Kardec, mas de Roustaing.

A análise do livro permite, portanto, algumas deduções. A inserção de teses roustainguistas no edifício doutrinário eminentemente kardequiano é uma operação realizada no Espiritismo brasileiro não só por meio das obras amplamente conhecidas que tratam diretamente sobre o tema religioso. Também nos romances de Bezerra de Menezes, talvez de modo mais silencioso e eficaz, essas sínteses ocorreram. Especificamente na obra *A História de um Sonho*, vinculada a uma temática considerada do campo científico, há uma “religiosificação” das questões levantadas. Como o texto foi escrito e publicado no auge do conflito interno, isso parece indicar que a luta para o banimento das práticas do grupo dito “científico” não significou a exclusão do que se considerava o aspecto científico no corpo doutrinário, contudo, representou o estabelecimento de uma hierarquização na economia conceitual. Assim a conquista da hegemonia remeteu à estratégia de submeter qualquer tema, mesmo os de uma abordagem científicista, ao talante da óptica religiosa. É eloquente, por exemplo, o fato de o personagem que ministra o ensinamento ser um religioso de alta patente e não um destacado cientista, se anunciando qual a fonte de saber legítima e desejável.

Mesmo por meio dessa leitura flutuante do romance *A História de um Sonho*, pois um olhar mais verticalizado estaria fora dos propósitos da investigação, conseguimos vislumbrar algumas questões pertinentes ao nosso objeto de estudo. Nele, Bezerra de Menezes recorreu ao que Soares denominou de um narrador-personagem como elemento estruturador da trama (2008, p. 78). Há no texto um caráter marcadamente pedagógico, anunciado aos leitores do

²⁹ Este conteúdo foi especificamente tratado no *Livro dos Espíritos* nas perguntas de 100 a 131, nos tópicos Escala Espírita, Progressão dos Espíritos e Anjos e Demônios (KARDEC, 2011, p. 59-70).

Reformador na edição de 1º de junho de 1896. De fato podem ser localizados no livro procedimentos textuais característicos do compromisso em tornar acessíveis conteúdos doutrinários. Um bom exemplo são os diálogos entre o personagem principal e seu mentor espiritual. Existem assim muitos trechos de *A História de um Sonho*, nos quais surge na narrativa uma estrutura de perguntas e respostas ao estilo dos catecismos. Nitidamente representam um recurso didático para promover a aprendizagem de modo mais acessível.

A narrativa foi estruturada como relato de experiência. Esta linha de criação de romances propostos como relatos de uma história real já se encontrava no campo literário europeu desde o século XVIII, funcionando no século XIX como estratégia de consolidação do gênero ante as críticas que questionava sua legitimidade. No bojo desse procedimento de criação, os romancistas passaram a lançar mão do recurso da descrição.

Para a criação de uma atmosfera de verdade em torno dos enredos, a descrição dos cenários onde se passavam as histórias e das personagens nela atuantes foram importantes ferramentas. Essas descrições são uma das principais marcas distintivas do romance: a capacidade de retratar o cotidiano, a partir de técnicas descritivas (...). (SOUZA, 2008, p. 35).

A História de um Sonho explora a descrição de cenários ficcionais para mostrar ao leitor territórios desconhecidos, no caso, uma comunidade estruturada em Vênus. Como romance, ele converte as cenas descritas em quadros de escrita (CHARTIER, 2002, p. 100). A narrativa produzida por Bezerra de Menezes, porém, é atribuída a sua imaginação criativa, diferentemente dos romances mediúnicos cuja autoria é assinada por espíritos. No segundo caso, os leitores espíritas consideram o texto como relatos verídicos de fatos concretos. Enquanto *A História de um Sonho* é um simulacro de relato de experiência, *Nosso Lar* (1944), para o leitor convencido do pacto de leitura que a obra propõe, seria uma narrativa autobiográfica. Enquanto Bezerra produzia histórias miméticas, o romance mediúnico traria assim histórias reais. Essa mudança de eixo implicará a disseminação da crença em uma literatura escrita mediunicamente, cuja autoria da obra remete ao espírito de um morto; ou seja, a existência de tal pacto de leitura apenas foi possível pelo surgimento de um novo regime de autorialidade.

É preciso lembrar que a estratégia de conceber a narrativa romanesca com forte aparência de verdade para constituir no leitor um “efeito de realidade” esteve presente na criação mesma do gênero literário romance na Modernidade. O caso do romance *Pâmela*, de Samuel Richardson, é paradigmático. Esse autor fez uso de dispositivos estéticos para converter trechos da narrativa em quadros teatrais ou pictóricos, dando mais densidade aos

efeitos de realidade que buscava provocar pela leitura. Ele vai além, no entanto, lançando mão do segundo conjunto de dispositivos. Negando sua condição de escritor, afirmava ser apenas o editor das cartas que deram origem à narrativa. Buscava, assim, promover a supressão das distâncias entre a ficção literária e a realidade empírica. Paradoxalmente, Richardson potencializou os efeitos de realidade de sua obra, associando “a intenção moral e a indeterminação textual, o propósito didático e a ofuscação do escritor”. (CHARTIER, 2002, p. 100).

Essa operação de ofuscamento do escritor como autor toca particularmente nosso objeto de estudo, permitindo situar a escrita mediúnica em uma matriz cultural mais ampla, compreendendo-a de maneira menos alienígena e estruturada pela mobilização de um arsenal de recursos literários já existentes. Não obstante, no caso do Espiritismo brasileiro, foi a radicalidade da negação da figura de autor pelo escritor.

Quando deparamos o cenário revelado pelas análises, percebemos que elementos inseridos no circuito da literatura espírita possibilitaram o surgimento de uma produção literária romanesca, em parte via psicografia. Nas primeiras décadas do século XX, consolidou-se no Brasil uma produção literária. Para a criação deste fenômeno editorial, foi necessário o concurso de alguns elementos-chave inseridos no circuito literário espírita durante as décadas de 1890 e 1920. Tanto a publicação de obras produzida por mediums psicógrafos quanto à consolidação do gênero romance na perspectiva do romance de tese foram fatores de enorme importância.

Ao final do século XIX, havia se estruturado um segmento literário espírita em torno de uma produção local no Brasil, lideranças de peso convertidas em referências literárias para uma comunidade de leitores muito particular. Não podemos separar as duas esferas de atuação destes sujeitos, pois elas se retroalimentavam, trocando serviços constantemente. Não obstante, faltava ainda a ruptura no regime de autorialidade. Só posteriormente, determinados mediums se tornariam pessoas públicas e de destaque no movimento, estando esta evidência estritamente relacionada com uma particular configuração da função de autor-ator. Uma ocorrência paradigmática surgiria em 1897. Dois anos após seu falecimento, Bittencourt Sampaio ressurgiria das sombras da morte. Este representará um caso modelar de fratura no regime de autorialidade dentro do Espiritismo brasileiro.

2.4 A vitória da Literatura sobre o espetáculo

Os conflitos intestinos haviam adquirido repercussões públicas, quando o círculo de Menezes perdeu com o falecimento de um dos principais articuladores de seu projeto político-literário. Os dados, porém, estavam lançados e as engrenagens estavam postas em movimento. Como então interromper o fluxo criativo? Como seria possível deixá-lo morrer? Assim veio à luz o livro *Jesus Perante a Cristandade*. Em 1898, ele foi publicado pela FEB com duas assinaturas de naturezas diferentes. A autoria intelectual seria do espírito de Bittencourt Sampaio, o responsável por materializar as ideias no papel, o medium psicógrafo Frederico Pereira da Silva Junior.

Afinal, quem foi Frederico Junior? Ao acompanharmos sua trajetória, percebemos que este foi um personagem ligado ao movimento spiritista por algumas décadas, discreto, mas ativo e atuante nas instituições desde a década de 1880. Desta forma, este é um personagem que integrava ativamente o círculo de Menezes. Ele estava inserido no cenário, entretanto gravitava nas bordas até alcançar certa visibilidade na cena literária. Sua estratégia não foi convencional para o período em foco, representou sim uma aposta que funcionou. Desde o processo de sua conversão, Frederico Júnior teve sua figura associada à mediunidade. Em 1878, procurara pela primeira vez uma instituição espírita, objetivando receber uma mensagem dos mortos. Ao presenciar a reunião, o próprio Frederico teria entrado em transe mediúnico. Sua iniciação teria sido marcada assim por este rito de passagem. Dessa experiência, teria passado a frequentar assiduamente a *Sociedade de Estudos Espíritas Deus Cristo e Caridade*. Quando um ano depois o grupo dos científicos assumiu a instituição, transformando-a em “Sociedade Acadêmica”, Frederico Junior integrou o racha liderado por Bittencour Sampaio e Sayão, que deu origem em 1880 ao Grupo Espírita Fraternidade. No mesmo ano foi também fundador, com Sayão, do Grupo dos Humildes. A descrição da cena da noite de fundação deste último Centro revela bem o papel desempenhado pelo medium. Ocupando um lugar de destaque e concomitantemente de presença submissa, ele recebera uma mensagem do Espírito Ismael, considerado guia espiritual do Brasil, na qual este teria revelado ao grupo sua missão de reabilitar o Espiritismo em terras brasileiras (WANTUIL, 2002, p. 357).

Frederico Júnior gozava de um o perfil social próximo, como veremos adiante, ao de Chico Xavier. Era funcionário público e detinha pouca escolaridade. Sua posição talvez tenha ajudado a criar uma imagem de autor empírico, contribuindo para o apagamento da sua

personalidade como psicógrafo. Homem considerado humilde e sem instrução formal, como poderia ser o autor intelectual de textos que se proponham a continuar um legado literário como o dos escritos do famoso Bittencourt Sampaio? Como poderia produzir ele mesmo uma peça que equivaleria em estilo e qualidade literária às produções de um intelectual que foi em vida editor da Garnier e primeiro diretor da Biblioteca Nacional?

Quando Sayão assinou as publicações do círculo de Menezes, Frederico Júnior atuou como um parceiro ativo, trabalhando em regime de colaboração. Não obstante, os livros *Trabalhos Espíritos* e *Estudos dos Evangelhos* não levaram a assinatura do medium, transitando dentro do regime de autorialidade convencional. Assim, a obra *Jesus Perante a Cristandade* introduz um elemento novo no circuito literário espiritista do período, sendo publicada até hoje pela editora da FEB. Ela estava ancorada na assinatura de dois autores: um empírico e outro espiritual; ou seja, trazia uma autoridade compartilhada, funcionando dentro de um regime de interautoria. O psicógrafo desempenhava um papel importante, promovendo um apagamento de sua individualidade e um sacrifício de sua personalidade. O autor espiritual ancorava sua credibilidade literária, tornando-se “então fiador da autenticidade e da autoridade da obra”. (CHARTIER, 2002, p. 119).

Nessa mesma perspectiva autoral, Frederico Júnior psicografou ainda *De Jesus para as Crianças* (1901) e *Do Calvário ao Apocalipse* (1907). Encontramos esta última no acervo de obras raras da FEB. Vejamos o que nos revela a análise de seus elementos pré-textuais (ANEXO B; ANEXO C).

Neles observamos certas nuances da literatura mediúnica do período. À frente, após o título, apenas aparece o nome do autor espiritual, sem o indicativo de sua natureza. Sendo omitida sua condição de morto, possivelmente se potencializou um efeito de realidade, assemelhando-se a uma configuração autoral clássica, em um momento no qual a interautoria não havia se consolidado. A fratura foi, entretanto, explicitada na contracapa. As expressões *Ditado pelo espírito de*, seguida pela afirmativa *sendo medium*, registram uma autoria compartilhada inédita para as publicações do círculo de Menezes. Com *Jesus Perante a Cristandade*, inseriu-se o elemento que faltava para gracejar uma literatura espírita de base mediúnica no Brasil. Por meio das disputas simbólicas entre os grupos internos do movimento espírita, a literatura no Espiritismo brasileiro foi sendo transformada na principal via de acesso às verdades doutrinárias reveladas, agora sob a égide da autoridade do autor espiritual.

Quando *Jesus perante a Cristandade* veio à luz, trazia um regime de autorialidade compartilhada. Dispositivos textuais característicos do campo literário foram então

mobilizados. Apropriados de forma peculiar, voltaram-se para a constituição da autenticidade da autoria espiritual. Por exemplo, na obra *A Divina Epopeia de João Evangelista (1882)*, Bittencourt, em sua primeira parte, converte o Evangelho de João em um texto poético. Na segunda parte do livro, porém, o autor analisa passagens evangélicas, interpretadas de acordo com os princípios da Doutrina Espírita, escrevendo em prosa. O texto psicografado buscou, para caracterizar uma autenticidade com relação à autoria espiritual, estabelecer uma filiação a este momento da obra; não ao texto em verso, mas ao estruturado em prosa. Desta forma, seu gênero e estilo procuravam se aproximar da configuração textual característica da produção literária de Bittencourt Sampaio para constituir um nexos entre ambas. Assim, o leitor seria capaz de identificar a identidade do escritor morto mediante a comparação com sua escrita convencional, quando ele ainda estava vivo. Este se tornaria nas décadas seguintes o percurso clássico de caracterização de um espírito-autor, sendo um viés também explorado por Xavier. Selecionamos um pequeno trecho do texto mediúnico para dar ideia do exercício realizado:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.
No princípio, isto é, antes da existência do planeta que habitais, Jesus, o Espírito Puríssimo, primogênito do Pai, toma dos elementos dispersos e condensados pelo fluido universal, e forma uma grande esfera incandescente que, obedecendo às leis eternas da gravitação dos corpos, descreve a sua órbita, em volta de um grande astro. Cercada essa esfera de grandes vapores, pela alta temperatura, sobe aos espaços e, pela ação da sua vontade, ele congrega esses dois elementos que a ciência da terra chama hidrogênio e oxigênio, produzindo a água. A esfera, no correr não de seis dias, mas no correr de séculos, vai pouco a pouco se resfriando, e as matérias líquidas que se contêm no seu seio procurando, pela ebulição, rasgar a crosta dessa mesma esfera produzem essas irregularidades que se notam na face do planeta. (SILVA JÚNIOR, 2011, 26).

O livro foi estruturado por meio da seleção de frases ou pequenos segmentos do Evangelho de João. A escolha desses fragmentos, como sugere a leitura do sumário, obedeceu a ordem crescente dos versículos. Há um mote semelhante às produções do círculo de Menezes; o exercício de apropriações de elementos ditos científicos, fundidos a conteúdos doutrinários kardecistas, ambos submetidos aos pressupostos roustaingistas. Por isso, em uma mesma passagem, podemos encontrar elementos de saberes geológicos do final do século XIX articulados tanto à noção kardequiana de fluido universal, quanto a referências a Lei da Gravidade newtoniana, sendo Kardec e Newton submetidos a uma representação divinizante de Jesus, o Homem-Deus. Como pode ser percebido nas qualificações superlativas de “Espírito Puríssimo” e “Primogênito do Pai”, teria sido este ser divino que comandou os processos físicos e geológicos que deram origem ao planeta Terra. Os elementos em comum

nas produções dentro do círculo de Menezes, no entanto, não se restringem à estratégia de reduzir conteúdos considerados científicos ao talante do âmbito religioso. Pinçamos este fragmento pela inteligibilidade que ele proporciona:

No principio era o Verbo. Sim.

No princípio da criação do planeta Terra, Jesus, podemos dizer, médium de Deus, realizava em toda a criação a vontade de seu criador. E o verbo se fez carne, e habitou entre nós – e o Verbo se fez corpo, e o corpo habitou entre nós -, e Jesus tomou um corpo celeste, na frase do grande Apóstolo dos Gentios, e veio habitar entre os homens, dando cumprimento às profecias, oferecendo-lhes os elementos de salvação, a troco do seu precioso sangue. (SILVA JÚNIOR, 2011, 27).

A passagem está plena de elementos católicos. Diferentemente do que afirmam Lewgoy (2000), Stoll (2003) e Silva (2005), uma análise das produções literárias do círculo de Menezes revela que uma aproximação com o catolicismo e suas crenças permeava o Espiritismo brasileiro muito antes de Chico Xavier. Como pôde ser constatado na consulta a essas fontes, o Medium mineiro representará muito mais um herdeiro e continuador da matriz febianiana do que seu inventor. Está inserido muito mais em um fluxo de permanência e desenvolvimento de bases já lançadas. Afirmar o contrário é incorrer em anacronismos que ignoram o percurso histórico de criação de uma configuração específica do Espiritismo no Brasil.

Quando Chico Xavier iniciou sua produção, mais de três décadas depois da publicação de *Jesus Perante a Cristandade*, o cânone de uma literatura mediúnica havia se estabelecido. A obra psicografada por Frederico Júnior e assinada pelo espírito de Bittencour Sampaio foi fundante, no sentido de representar um marco na constituição de um regime de autorialidade compartilhada no seio do círculo de Menezes. Ela nestes termos fundou um regime de autorialidade baseado na interautoria dentro das cercanias do circuito literário espírita no Brasil.

Vale salientar que a questão expressa aqui não se refere à busca das origens, pois estamos informados de que “recorrer a essa categoria oblitera tanto a descontinuidade radical de mudanças históricas abruptas quanto a irreduzível discordância que separa as várias séries de discursos e práticas” (CHARTIER, 2003, p. 27). Não foi o propósito de nossa análise identificar se *Jesus Perante a Cristandade* foi a primeira obra psicografada a ser publicada no Território Nacional. Não compõe o espectro de nossas preocupações identificar se esta obra inaugurou o segmento de livros mediúnicos. A discussão é bem outra e se desloca para outro enfoque. O elemento central não é a origem, mas a visibilidade alcançada. O livro introduziu

um elemento novo na produção literária espírita instrumentalizada pelo grupo sitiado na FEB. Seu mérito foi ter conseguido projeção capaz de impor a si mesma um funcionamento autoral compartilhado.

De alguma forma, um olhar retrospectivo a partir do tempo presente escamoteia a compreensão dos sujeitos, atores de um processo no qual julgamos conhecer os vencedores da linha de partida. Como entender as posturas de um grupo que apostou suas melhores energias na configuração de um Espiritismo inserido no que consideravam o conhecimento científico? Mais interessante ainda é pensar que investiram em espetáculos com diferentes linguagens para conquistar a respeitabilidade desejada. Uma lógica anacrônica indicaria nessa aposta uma catástrofe anunciada, mas o desfecho da trama não era óbvio para os envolvidos. Os dados foram lançados. Os religiosos venceram. Os científicos perderam sua imortalidade. Foram banidos da memória do movimento espírita. Um apagamento se derramou sobre suas identidades. Tornaram-se sujeitos sem alma.

Até o fim da década de 1880, havia uma composição de forças marcada por uma disputa em curso. Internamente, não existia uma definição. O relativo equilíbrio nos jogos de poder engendrava a necessidade de composição heterogênea, com a adoção de movimentos ambíguos, com avanços no território alheio e recuos estratégicos, com tomadas de posição e concessões interessadas. Mesmo os discursos baseados no binômio “demonização-patologização”, produzidos pela ação católica e por médicos alopatas não conseguiram romper o sistema na sua tênue estabilidade. A conquista desses setores, entretanto, inscrevendo a tipificação do Espiritismo como crime na legislação penal, rompeu a membrana. Assim, a criminalização empurrou o pêndulo a favor dos que viam na Doutrina Espírita uma religião. Não estamos advogando que a configuração religiosa do Espiritismo é um produto da ação repressiva dos agentes do Estado (GIUMBELLI, 1997). Nem que a dinâmica interna do movimento espírita a teria engendrado em interlocução direta com a Igreja Católica (ARRIBAS, 2010). Estas são explicações válidas. Optamos, porém, por pensar a problemática sem começo, nem fim; sem causa e nem efeito. Compreendemos esses elementos participando de um sistema dinâmico, marcado pelas múltiplas interlocuções.

Assim, a forte disputa simbólica intestina dialogava constantemente com as investidas externas oriundas de campos diferentes, mas, principalmente, o religioso. Com a instrumentalização do Estado, via criminalização, o funcionamento de complexas engrenagens discursivas se tornou superlativo: o Espiritismo foi definido como uma religião. Vemos, desta forma, que,

Se hoje conhecemos o espiritismo como uma religião minimamente sistematizada entre diversas outras em oferta no mercado religioso brasileiro, é porque por detrás de todo esse processo de sua introdução e legitimação no Brasil, um grupo frente aos demais conseguiu vencer a disputa e alcançar assim a posição estatutária de ditar o que seria (ou não) espiritismo. (ARRIBAS, 2010, p. 54).

A bandeira de um Espiritismo de forte conotação religiosa foi eleita como estratégia de legitimação. Do ponto de vista jurídico, sua eficácia é historicamente inquestionável. A FEB adotou como política de ação a contratação de advogados para defender não só seus integrantes diretos, mas também os trabalhadores de centros espíritas filiados a ela que estivessem respondendo processos judiciais pela prática de Espiritismo. Abrigaram-se na Constituição de 1891, na qual era garantida a liberdade de culto religioso. Seus defensores argumentaram que as práticas espíritas de cura eram religiosas. Como não havia remuneração para as atividades, não poderia ser caracterizado o exercício ilegal da Medicina. O resultado foi que a Federação Espírita Brasileira não perdeu nenhuma causa.

O êxito jurídico, porém, está longe de explicar isoladamente a vitória do círculo de Menezes. Não há dúvida, entretanto, de que foi contribuição importante. Fortalecidos em sua posição, os religiosos deram prosseguimento à produção intelectual e literária do grupo. A aposta não em espetáculos públicos, mas por meio da literatura como instrumento de definição da posição estatutária, foi a estratégia mais bem-sucedida para caracterizar o Espiritismo como religião. Ao que tudo indica, a intensificação da produção do círculo de Menezes contou com o auxílio do experiente editor Bittencourt Sampaio para orquestrar um projeto editorial coletivo. É possível que com ele tenha sido definida uma divisão de trabalho intelectual, estabelecendo-se as linhas de atuação de seus membros. O fato é que há uma diversidade de gêneros textuais nos escritos do círculo, contando-se também com alguma complementaridade. Bezerra de Menezes, o autor mais destacado e produtivo, publicou no *Reformador* e nos jornais da grande imprensa ao todo 484 artigos espíritas em 12 anos (1888-1900)³⁰, bem como cinco romances. Depois de sua morte em abril de 1900 vieram à luz quatro trabalhos inéditos, nos quais se incluem dois ensaios e mais dois romances. O próprio Bittencourt Sampaio, morto em 1895, foi dessepultado. Ressurgiu como uma fênix trazendo das chamas um novo regime de auralidade. O papel do medium Frederico Júnior merece aqui destaque como um autor empírico que projetou sua obra para além dos cânones convencionais, dando visibilidade a uma autoria compartilhada. A apresentação destes dados

³⁰ Esse conjunto de artigos foi recentemente publicado pela editora da FEB, sob o título *Espiritismo: estudos filosóficos*.

permite vislumbrar quanto tempo e quanta energia foram despendidos para garantir que a compreensão da Doutrina Espírita como um conhecimento religioso fosse uma posição inquestionável. Em seu bojo foram estruturados os pilares para o florescimento de uma literatura espírita de via mediúnica.

O caso de Torterolli, militante do movimento espírita por décadas, foi muito emblemático. A UEPB, no final de 1897, entrou em dissolução. Havia inclusive anunciado um congresso que acabou por não se realizar. Não possuíam bases de sustentação. Como garantir a sobrevivência de um Espiritismo eminentemente científico sob o desafio da repressão policial e sem a proteção da Constituição? Como transformar a Doutrina Espírita em um conhecimento reconhecido como científico sem a mínima chancela do campo acadêmico? Enfraquecido politicamente, o líder dos autodenominados científicos enfrentou um processo judicial em outubro de 1898. Acusado de praticar o Espiritismo, foi enquadrado como réu com base no art. 157. Torterolli recebeu uma sentença de absolvição do Juiz, mas talvez os argumentos do magistrado para justificar a sua liberação tenham proporcionado um gosto amargo: o Espiritismo se tratava de uma crença religiosa protegida pela Carta Magna da República brasileira (GIUMBELLI, 1997, p. 117-118).

Após estes acontecimentos, os científicos deixaram a centralidade da cena. Fecharam suas instituições ou foram integrados paulatinamente ao movimento espírita dentro da égide da FEB. Os rótulos das subdivisões internas logo caíram em desuso. A partir deste período, “todo espírita no Brasil se entende como praticante de mais uma religião cristã”. (ARRIBAS, 2010, p. 272).

Agora hegemônicos, os religiosos, tendo Bezerra de Menezes como liderança condutora, traçaram um programa de execução para a constituição de uma unidade doutrinária. O Espiritismo institucionalizou-se e a FEB foi transformada em referência modelar. Suas diretrizes orientadoras passaram a nortear o movimento no plano nacional. Muito do que se conhece das práticas espíritas da atualidade foram definidas como cânones neste período. Foram montadas as bases de um cânone literário especificamente espiritista. Aqui foram lançadas as pedras angulares de um Espiritismo brasileiro: febiano, eminentemente religioso e terapêutico. O Espiritismo brasileiro tornou-se uma religião na qual a produção literária espírita passa a ter um papel central na criação de princípios doutrinários. Nele, a literatura mediúnica transformar-se-á na fonte de suas verdades espirituais. Décadas mais tarde, quando um jovem e desconhecido medium de Minas Gerais

despontou no cenário espírita nacional, já estava em funcionamento a matriz³¹ de um Espiritismo febiano, com seu corte epistemológico lítero-religioso. Escolhemos assim seguir este percurso. Antes de estudarmos a invenção do autor-medium Francisco Candido Xavier, analisaremos a cena literária espírita do período de sua chegada. Buscaremos compreender suas filiações para adquirirmos alguma inteligibilidade por via das possíveis leituras de sua formação inicial. Antes do personagem, vamos então ao seu cenário.

³¹ Nesta tese, com base em Rüsen (2001, p. 29), as noções de matriz e paradigma foram compreendidas como sinônimos.

3 ANTES DO PERSONAGEM, O SEU CENÁRIO: CENA LITERÁRIA ESPIRITISTA NO PERÍODO DA CHEGADA DE CHICO XAVIER (1932-1935)

Neste capítulo, teremos diante dos olhos uma imagem pálida e distante do que representou a dinâmica do circuito cultural do livro espírita de 1932 a 1935. Nele buscaremos compor um quadro que nos permita vislumbrar o cenário da chegada de Chico Xavier, alguns elementos da cena literária do período, bem como as características gerais daqueles que se reconheciam como integrantes do movimento espírita. Teremos, portanto, uma reflexão que se reconhece como incapaz de dar conta da complexidade dos fenômenos que chamam atenção do seu olhar. Não obstante, é preciso nos dar algum crédito. Uma análise de maior fôlego engendraria a necessidade de outro objeto de pesquisa. Neste trabalho, nosso exercício fotográfico se justifica por uma função bastante específica: a elaboração deste quadro referencial será um instrumento valioso ao corte epistemológico da investigação. Estudaremos assim, na continuidade da tese, Chico Xavier e seus pares, visando a percebê-lo como integrante de uma comunidade, uma comunidade de leitores. Elegemos como porta de entrada deste circuito literário uma análise do catálogo de livros publicados com a insígnia da FEB.

3.1 Análises do Catálogo de Livros da FEB em 1935

Uma página em branco. Esta é a representação dominante na atualidade acerca do campo da literatura espírita antes da chegada de Francisco Candido Xavier. Este apagamento foi o resultado engendrado pela gigantesca centralidade da cena ocupada pela figura carismática do Medium mineiro. Sua sombra autoral derramou-se com densidade durante décadas, se fazendo notar até mesmo entre as produções acadêmicas consideradas de referência quando se trata de abordar o Espiritismo como objeto de estudo (LEWGOY, 2000; AUBRÉE E LAPLATINE, 2009).

Optamos, desta forma, como passo inicial de apresentação do cenário no período de lançamento de Xavier como autor psicógrafo, por efetuar uma análise do catálogo de livros da editora da Federação Espírita Brasileira publicado nas páginas da revista *Reformador* em 1935 (ANEXO D). Intencionávamos adquirir uma visão panorâmica no primeiro momento,

mesmo que autoproclamada de superfície. O que nos revelou então essa perspectiva de sobrevoo?

A primeira questão que se impôs ao olhar analítico foi a dos critérios de organização do catálogo para a apresentação das obras e de seus respectivos autores. Uma leitura flutuante revela que não foi adotada a ordem alfabética. Os títulos em sua maioria foram aglutinados pela autoria. Uma importante constatação foi a de que não há na classificação dos livros, produzidos pela via convencional ou mediúnica, referências a uma autoralidade compartilhada. Nos casos de interautoria, detectou-se um apagamento de um dos polos, sendo suprimido ou o autor empírico ou o autor espiritual. Este dado nos permitiu levantar a hipótese de que, até meados dos anos de 1930, o regime de autoralidade baseado na psicografia não estava consolidado ou pelo menos não era predominante no segmento da literatura consumida no círculo do movimento espírita³². No bojo dos livros, o romance foi o único gênero literário que serviu de categoria organizadora. Temos, assim, uma seção específica, com o título em caixa alta. Os caracteres, além de estarem em letras maiúsculas, trazem o tamanho da fonte aumentado, quando comparadas aos nomes dos autores. A referência à autoria foi suprimida, sendo apresentados apenas os títulos das obras.

Ao que tudo indica, o catálogo foi organizado possuindo como um dos critérios o peso ou relevância do autor na economia doutrinária. Seguindo-se esta lógica, como não poderia deixar de ser, encontramos Kardec em primeiro lugar. Na listagem da seção, as cinco primeiras obras representam o que foi considerado o núcleo duro da produção kardecista: o denominado Pentateuco kardeciano³³. Acoplados ao Pentateuco, estão obras consideradas de menor relevância doutrinária. De dimensão mais reduzida, esta parte da produção kardeciana foi hierarquizada por meio do custo ao leitor. Apenas *Obras Póstumas* (1890), pelo critério do preço, goza do mesmo estatuto.

Os cinco livros do Pentateuco de Kardec possuem características textuais diferentes. Para Giumbelli (1997), *O Livro dos Espíritos* (1857) seria uma obra

[...] que expõe as comunicações espirituais com as quais trabalhou Kardec, organizadas e sistematizadas em forma de perguntas e respostas. Espécie de 'catecismo comentado', o estilo desta obra guarda ainda muito do ethos pedagógico no qual Kardec fora educado." (GIUMBELLI, 1997, p. 57).

³² Ao longo deste tópico, analisaremos ocorrências que reforçam os indícios desta afirmação.

³³ No Brasil, os cinco livros de Kardec considerados como obras básicas da codificação espírita são: *O livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), e a *Gênese* (1868). Entretanto, ele também escreveu outras obras espíritas como os livros *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* (1858) e *O que é o Espiritismo* (1859). Houve ainda a publicação de escritos inéditos depois de sua morte no livro *Obras Póstumas* (1890).

Assemelhando-se a um “catecismo comentado”, traz as características ainda dominantes no período das obras didáticas ou metaliterárias destinadas ao uso escolar (ABREU, 2012, 228-238). Seu estilo “pedagógico” denuncia a área de atuação profissional do autor³⁴.

Esta estrutura explicitamente didatizada, materializada na organização do texto em perguntas e respostas, paulatinamente vai cedendo lugar a configurações mistas, com características mais diversificadas de outros gêneros textuais. Desta forma, se acompanharmos o percurso de produção de seus livros, poderemos observar que Kardec procurou atender as demandas que lhe surgiam, abordando uma variedade de temáticas e associando a elas gêneros textuais específicos. No *Livro dos Médiuns* (1861), ele procurou disciplinar as práticas mediúnicas vivenciadas no movimento espírita nascente. Nele se procura dirimir heterodoxias e controlar as apropriações iniciais do *Livro dos Espíritos*. Formulou-se então um livro complementar ao primeiro, seguindo-se os moldes de um manual, categorizando-se os fenômenos espirituais e prescrevendo procedimentos recomendáveis.

Sua terceira obra, intitulada na primeira edição de *Imitação do Evangelho* (1864)³⁵, teve seu título modificado na segunda para *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Nela Allan Kardec produziu um livro com características textuais diferentes das suas duas obras anteriores. Selecionou passagens do Novo Testamento. Articulou a estas, mensagens psicográficas recebidas por médiuns. Seu trabalho então foi o de realizar análises, estabelecendo relações de intertextualidade do conteúdo bíblico com os considerados ensinamentos doutrinários dos espíritos.

No *O Céu e o Inferno* (1865), quarto livro lançado, há uma divisão do texto em duas partes com gêneros muito distintos. Na primeira, Kardec produz uma reflexão que se aproxima de um ensaio sobre a justiça divina segundo o Espiritismo. A segunda insere

³⁴ Afinal, quem foi Allan Kardec? Autor de diversos livros na área da educação, especializou-se na discussão do currículo e na didática de conteúdos específicos. Sua produção enfocava principalmente metodologias de ensino da língua francesa e das ciências ditas exatas. Nasceu em 1804 na cidade de Lyon, estudando no instituto do famoso pedagogo liberal e protestante Jean-Henri Pestalozzi. Desde 1820 radicou-se em Paris, cidade na qual desenvolveu suas atividades acadêmicas. Só na década de 1850, quando já era um escritor conhecido, travou contatos com os fenômenos ditos espirituais. Na época havia a prática corrente nos salões europeus da realização de sessões adivinatórias como instrumento de divertimento. Chamadas de “mesas girantes”, foram tomadas por ele como objeto de estudo. Rivail passou então a frequentar reuniões destinadas a investigar o mundo espiritual através da comunicação com indivíduos denominados de “médiuns”, pois teriam a capacidade de serem intermediários, de transmitirem mensagens de espíritos (GIUMBELLI, 1997, 57).

³⁵ Esta versão teve sua primeira edição recentemente publicada no Brasil pela editora da FEB. Trata-se de uma edição bilíngue, na qual o texto original em francês foi dado à luz em fac-símile, como uma segunda parte da obra. Ver *Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo* (2014).

narrativas autobiográficas dos espíritos, relatando seu estado na vida após a morte. Há a composição de um painel de relatos de experiências *post-mortem* colhidos empiricamente, organizado por categorias (espíritos felizes, de condição mediana, sofredores, suicidas, criminosos arrependidos, espíritos endurecidos) de acordo com a natureza da descrição colhida das práticas mediúnicas (KARDEC, 2009, p. 155-330). Observamos na obra uma troca de serviços entre as suas partes, podendo a parte 01 ser compreendida enquanto uma sistematização dos dados colhidos ou a parte 02 ser entendida como a aplicabilidade da teorização apresentada. De fato, Kardec busca estabelecer uma concatenação entre ambas, sendo o estudo dos casos articulado com os pressupostos de causa e efeito, princípio responsável por dirigir os destinos humanos, segundo o ensaio inicial inserido na primeira parte com o título de *As Penas Futuras Segundo o Espiritismo* (KARDEC, 2009, p.85-98).

Para Lewgoy (2000), este livro (*O Céu e o Inferno*) antecipa certos elementos de funcionamento da literatura psicográfica, pois traria

[...] um conjunto de narrativas que confirmam à maneira de testemunhos biográficos de espíritos, as razões para o padecimento e as alegrias sofridas em vida, bem como as diferentes condições em que se encontram após a morte, sendo esta a raiz religiosa e narrativa dos romances mediúnicos. (p. 120).

Tendemos a caminhar em sentido semelhante ao apontado por esse pesquisador. Consideramos que esta obra introduziu uma noção fulcral no edifício doutrinário do Espiritismo, abrindo a possibilidade da existência de gêneros textuais baseados em relato de experiência da vida depois da vida. Esta será uma categoria importante para a definição do pacto de leitura estabelecido no circuito de uma cultura literária espírita no Brasil.

No quinto livro, aparece claramente um Kardec procurando responder às interlocuções e enfrentamentos que o Espiritismo passava a deparar no auge de sua aceitação em território europeu³⁶. Existem no livro enfoques em temáticas de campos muito diferentes, com interlocutores diversos. Possivelmente para se posicionar ante o debate instalado no movimento espiritista com o lançamento da obra *Os Quatro Evangelhos* (1866) de J. B.

³⁶ De 1880 a 1910 existiu na Europa uma efervescência de periódicos dedicados à causa espírita. Na França em 1887 havia treze (13) circulando. Na Espanha a circulação era de 36 periódicos no mesmo ano. Ao todo na Europa, em 1890, puderam ser localizados 88 impressos de divulgação do espiritismo. Ao que tudo indica, a Doutrina Espírita teve em território espanhol uma recepção destacada. Não é de se estranhar que foi neste país que as autoridades eclesásticas organizaram um auto de fé, queimando em praça pública os livros publicados por Allan Kardec. Entretanto, o caso da Espanha não foi exclusivo neste tipo de reação. O movimento espírita europeu foi duramente atacado pela Igreja Católica. Uma das estratégias de combate foi a inserção em 1864 de todas as obras espíritas no *index librorumprohibitorum*. Este acirramento talvez se explique pela repercussão da obra Kardecista. No ano de seu falecimento, em 1869, apenas na França, o movimento espírita contava com 500 mil adeptos (GIUMBELLI, 1997, p. 59).

Roustaing³⁷, foi inserida uma abordagem sobre os milagres realizados por Jesus Cristo. Também se encontram no texto explicações de fenômenos astronômicos e geológicos, como uma hipótese explicativa para a gravitação da lua em torno da Terra. Desta forma, em *A gênese* (1868), ocorreu um retorno em bases verticalizadas a uma linguagem mais cientificista ou pretensamente científica.

Apesar da diversidade das características textuais dos livros do chamado Pentateuco kardequiano, há um apagamento de Kardec como autor, mesmo que nos seus quatro últimos livros ele tenha inserido muito mais reflexões propriamente suas. O pacto de leitura permaneceu ancorado no considerado corte epistemológico de *O Livro dos Espíritos*. Talvez essa manutenção se explique pelos dispositivos linguísticos de que Kardec lançou mão para constituir sua autoridade discursiva. O mecanismo textual utilizado frequentemente para a criação de uma verossimilhança seria o uso de referências intertextuais. Acreditamos que essa característica pode ser localizada no conjunto das obras lançadas por Kardec, sendo articuladas as informações dentro de um sistema de concatenação, visando à invenção de um corpo doutrinário coerente e centrado em uma figura autoral difusa, sintetizada na representação de “codificador” (LEWGOY, 2000, p. 136).

As obras de Allan Kardec trazem, desta forma, uma fissura no regime de autoralidade convencional. No *Livro dos Espíritos*, fora atribuída a autoria aos espíritos, o que justificaria inclusive seu título. O gênero “catecismo comentado” revela-se na estrutura textual quando Kardec restringe seu papel ao de aprendiz que lança questões e comenta as respostas obtidas por meio dos considerados médiuns. Ele estabelece, entretanto, seu lugar, sua contribuição. No artigo publicado na edição da *Revista Espírita* de novembro de 1864 com o título em voz imperativa *O Espiritismo é uma Ciência Positiva* explicitou claramente sua posição:

³⁷Nesta obra Kardec se posiciona claramente contra as teses defendidas pelo roustainguismo. Existem, inclusive, passagens com interlocuções diretas ao livro *Os Quatro Evangelhos*. Um bom exemplo pode ser encontrado no trecho inserido a seguir: “Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, Ele não teria experimentado nem a dor, nem qualquer das necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo nele não passasse de aparência, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse o cálice dos lábios, sua paixão, sua agonia, tudo, até o último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria sido mais que um vão simulacro para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, e, com mais forte razão, indigna de um ser tão superior. Numa palavra, Ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem. Como todo homem, Jesus teve, pois, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência”. (KARDEC, 2011, p. 301-302).

Na verdade, vendo a rapidez dos progressos desta doutrina, haveria mais glória em dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria o seu salário; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Poderia ter partidários, talvez fizesse escola, como muitas outras, mas certamente não teria adquirido, em alguns anos, o caráter de universalidade que a distingue. (...) Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz, outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui simples instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos Espíritos bons por se terem dignado servir-se de mim. (KARDEC, 1864, pp.433-434, 437).

Vemos, pois, que a posição de codificação traz em seu bojo o embrião de uma autoridade compartilhada, com o autor empírico responsável juridicamente pela obra abrindo mão de assumi-la como fruto de seu trabalho intelectual exclusivamente. Kardec, no entanto, não se colocava como medium, mas advogava um *locus* de investigador que no processo da pesquisa conseguira acessar dados revelados por entidades espirituais:

Que há”, pois, de surpreendente em que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também se ache sujeito a determinadas condições e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se no seu ponto de vista, pretende fazê-lo seguir a marcha que caprichosamente lhe imponha, ou queira sujeita-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que para fatos novos pode e deve haver novas leis? Ora, para se conhecerem estas leis, precisa que se estudem as circunstâncias em que os fatos se produzem e esse estudo não pode deixar de ser fruto de observação perseverante, atenta e às vezes muito longa. (...) Uma vez aberto, este caminho conduziu a um campo totalmente novo de observações. De sobre muitos mistérios se erguia o véu. As primeiras manifestações inteligentes se produziam por meio de mesas que se levantavam e, com os pés, davam certo número de pancadas (...). A precisão das respostas e a correlação que denotavam com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era espírito ou gênio, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante que se deve assinalar. É que ninguém imaginou os espíritos como meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Muitas vezes em se tratando das ciências exatas, se formulam hipóteses para dar-se uma base ao raciocínio. Não é aqui o caso. (KARDEC, 1857, p. 22-23).

Para Lewgoy (2000), o Fundador da doutrina espírita buscava conciliar na ideia de codificação a pesquisa de base empírica com a revelação, para erigir um cânone religioso com fundamentos não clericais. Misturava-se em profusão um ideário cristão ocidental com elementos do igualitarismo advindos da Revolução Francesa, somados a princípios do iluminismo científico e a pressupostos jurídicos pós-napoleônicos (IDEM, p. 117).

No trecho citado do *Livro dos Espíritos*, vemos a explicitação da lógica epistemológica kardequiana. Há nele uma busca por fundamentar seu trabalho no ideário científico da época. Kardec considerava fundar um novo campo da Ciência, engendrado pela

especificidade de seu objeto de estudo. Necessária, portanto, era uma metodologia própria, com seus instrumentos de coleta e análises peculiares.

Existe inclusive um cuidado em prever o possível contra-argumento do raciocínio circular. Em seu trabalho, diferentemente das Ciências Exatas, não teriam sido formuladas hipóteses explicativas, mas adotadas as explicações do próprio fenômeno. No seu bojo, as apropriações ao positivismo científico do período se revelam já em uma leitura de superfície. Outras referências do pensamento kardecista não são tão nítidas para um leitor da atualidade. Pesquisas apontam um quadro plural de matrizes, no qual Kardec costurou sua teia discursiva. Vinculações ao republicanismo, ao feminismo, ao pensamento liberal, são apontadas em articulação ao novo espiritualismo europeu e estadunidense (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009; ARRIBAS, 2010).

Em seu conjunto, a obra kardecista vinculava-se a um espiritualismo eclético do século XIX, buscando conciliar pressupostos dos campos científico e religioso, objetivando promover uma síntese entre Ciência e Religião; um conhecimento que, pelas características híbridas, não se integrava especificamente nem no campo religioso nem no científico. Seus livros afirmavam pressupostos metafísicos mediante a comprovação empírica.

O corpo doutrinário que organizou foi fruto da seleção a que submeteu as informações fornecidas por diversos espíritos intermediados pelos médiuns, que ele tentou adequar as descobertas mais recentes nas diversas áreas do conhecimento. Quanto aos fenômenos espíritas propriamente ditos, ele procurava manipulá-los e explicá-los de acordo com o procedimento científico, isto é, passando-os pelo crivo da observação e experimentação. A legitimação científica foi buscada, ainda, na ampliação do campo fenomenológico, com a inclusão das manifestações dos espíritos na ordem natural. (DAMAZIO, 1994, p. 24).

Esta multirreferencialidade do Espiritismo, articulando elementos tão diversos, concatenando campos discursivos tão díspares, foi equacionada por Kardec por meio da apresentação da Doutrina Espírita como sendo um conhecimento fundado em bases científicas:

Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, em fatos positivos, que se produzem a cada instante sob os nossos olhos, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação; numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que, tende certeza, ocupará o seu lugar ao lado das ciências *positivas*. Digo *positivas*, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa. O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação; esta lei

universal existia antes dele. Cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, embora não a conhecessem. (...) Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem e que, em todos os tempos, se produziram de maneira espontânea. Mas, sobretudo, o que o favoreceu nessas pesquisas é que lhe foi dado, até certo ponto, o poder de produzi-los e de provocá-los. Encontrou nos médiuns instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. É fácil compreender que isto não passa de uma comparação; não pretendo estabelecer uma analogia. (KARDEC, 1864, p.434-435).

O Espiritismo, portanto, seria uma ciência nova, necessária pela constatação de que a ciência materialista era incompetente para abordar a ordem dos fenômenos espirituais. Fundada na dinâmica pesquisa–revelação, seria então uma questão de tempo para ser alçada ao panteão dos saberes acadêmicos.

O modo formal e “objetivo” de formulação das perguntas, bem como a impessoalização e generalização das respostas, não deixa dúvidas quanto à inspiração de Allen Kardec nos moldes positivistas da prática científica da época. Esta, porém, serviu-lhe mais do que como modelo de investigação. As teorias, ou melhor, certas correntes do pensamento científico da época, foram por ele apropriadas como critério de validação das informações “dos espíritos”. (STOLL, 2003, p. 41).

Vale salientar que as explicações de Kardec para os fenômenos espirituais, bem como a tese da intervenção de serem extracorpóreos, não foram propriamente originais. Um segmento literário com ênfase em aspectos filosófico-religiosos vinha arrematando espaço no mercado editorial do período, a exemplo dos autores ligados ao novo espiritualismo ou à teosofia (STOLL, 2003, p. 28). Kardec integrava este subsetor não se constituindo uma produção isolada. Sem dúvida, contudo, fora o autor que gozou de maior sucesso editorial dentre os vinculados ao espiritualismo moderno. Durante o período em que atuou utilizando o pseudônimo³⁸ de Allan Kardec, de 1857 até 1869, ano de seu falecimento, ou seja, em aproximadamente 12 anos, *O Livro dos Espíritos* contou com 15 reedições apenas na França (STOLL, 2003, p. 29). A produção kardequiana também obteve sucesso editorial no Brasil. *O*

³⁸ Vale salientar que não foi a utilização de um pseudônimo que caracterizou a mudança no regime de autorialidade em Kardec. A prática da adoção de um pseudônimo, recorrente no século XIX, era ainda mais presente nos círculos denominados de iniciáticos, ocultistas ou espiritualistas. O escolhido por Hippolyte Rivail fazia uma referência à matriz céltica, considerada fundadora da nacionalidade francesa (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009, p. 29; LEWGOY, 2000, p. 141). Para aprofundamentos, observe-se Lejune (2008, p. 24), no clássico artigo “O Pacto Autobiográfico”, quando este afirma que: “Um pseudônimo é um nome diferente daquele que foi registrado em cartório, usado por uma pessoa real para publicar todos os seus escritos ou parte deles. O Pseudônimo é um nome de autor. (...) Os pseudônimos literários não são, em geral, nem mistérios, nem mistificações: o segundo nome é tão autêntico quanto o primeiro, ele indica simplesmente este segundo nascimento que é a escrita publicada. (...) O Pseudônimo é simplesmente uma diferenciação, um desdobramento do nome, que não muda absolutamente nada no que tange à identidade.”.

livro dos Espíritos foi publicado pela principal editora do Rio de Janeiro, a *Garnier*. No mesmo ano, teriam sido também publicados, pela mesma casa editorial, os títulos *O livro dos Médiuns* e *O Céu e o Inferno* (STOLL, 2003, p. 50).

Voltemos, porém, às análises do catálogo. A síntese nele mostrada comporta outros autores espíritas com êxito editorial. Logo abaixo do “codificador” do Espiritismo estão às obras de Léon Denis. Seu “(...) nome pode ser considerado um símbolo do pensamento espírita da época posterior a Kardec. Poeta e escritor originário de Touraine, socialista e franco-maçom (...) (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009, p. 122-123)”. Ele possui uma produção espírita gestada de 1885 a 1922, o que indica cerca de 30 anos de trabalho intelectual. Uma coletânea das palestras proferidas engendrou sua obra inaugural como autor espiritista. A essa altura Denis já era reconhecido como escritor militante, conferencista franco-maçom e socialista. Ele, aos 38 anos, abriu uma nova frente. Passou a se dedicar com afinco à nova atividade, apresentando características semelhantes às de Kardec. Possuía com este o traço de ser um estudioso. Não obstante, sua atuação era mais engajada com a agenda social francesa. Suas obras trazem a marca de sua formação. O regime de autorialidade é completamente convencional. Seus livros se apresentam como a produção de um intelectual a serviço de uma causa. Não há um recurso a autoridade dos espíritos. Este é um autor que assume completamente a autoria, sem nenhuma concessão ou denegação.

Denis foi uma liderança muito atuante do ponto de vista da ação militante. Dentro do Espiritismo, tornou-se referência pela produção intelectual e condução política do movimento espírita, inclusive no âmbito internacional. Para dar mostras dos seus empreendimentos e de sua atuação neste cenário, no Congresso Espírita Universal, realizado na cidade de Bruxelas de 14 a 18 de Maio de 1910, ele foi o representante tanto da França quanto do Brasil, desempenhando a função de delegado da FEB (SOARES, 1984, p. 37). Faltam, inclusive, investigações históricas para elucidar as intrínsecas relações de Denis com a FEB e suas repercussões nas configurações do Espiritismo brasileiro.

Também muito articulados com os movimentos sociais e outros segmentos espiritualistas, sua atuação transbordou as fronteiras do movimento espírita. Em 1880, compôs com Jean Macé a chamada Liga de Ensino, comprometida com a alfabetização e o incentivo ao letramento. Uma das atividades que desempenhou na liga foi a de capitanear a fundação de bibliotecas populares e círculos dedicados à leitura em pequenas cidades e vilas das regiões próximas de Tours. Em 1884, inicia sua vida pública como divulgador do Espiritismo, realizando conferências sobre o tema (SOARES, 1984, p.11-12).

Cartas trocadas com Henri Sausse demonstram o êxito editorial de sua primeira publicação espírita. *O Porquê da Vida* vendeu em três meses quatro mil exemplares de uma tiragem de cinco mil. Nela o autor buscou responder à luz dos princípios espíritas questões fundamentais da existência humana. Em segunda edição, o opúsculo foi acrescido de outros capítulos se aproximando de um formado de coletânea. (SOARES, 1984, p. 41-44). Na configuração final da obra, foi inserida uma “novela” com a temática espiritista ao estilo dos romances de tese. Publicada inicialmente em formato de folhetim no jornal *Le Spiritisme* em março de 1885, *Giovana* traz elementos bem característicos da cosmogonia espírita vigente no período³⁹.

Denis, como diversos autores brasileiros que representavam referências doutrinárias no pós-Kardec, em algum momento da sua produção, se arriscara na escrita do gênero romance. O gênero predominante de sua pena, contudo, foi mesmo o texto doutrinário. A ênfase da produção direcionou-se a aspectos considerados filosóficos. Sua escrita abordou temáticas variadas sobre questões fundamentais da existência humana, principalmente o sentido da vida e nossas relações com a morte. Esta última consumiu grande parte de suas reflexões. Os títulos *Depois da Morte* (1890), *O Problema do Ser, do Destino e da Dor* (1908) e *O grande Enigma* (1911)⁴⁰ são exemplos eloquentes do fôlego empreendido pelo autor para tratar do tema, sempre trazido à baila de forma transversal ao longo dos seus anos de atuação na cena espiritista. Outras questões, porém, chamaram sua atenção. A

³⁹ O título do texto é o nome de sua personagem principal. A trama gira em torno de sua morte prematura, que interrompe os planos de união conjugal. A narrativa se desenvolve assim por meio de seus contatos mediúnicos em espírito com seu noivo, Maurício. Ela chega a se apresentar visivelmente e travar um diálogo com ele, quando este estava prestes a cometer o suicídio. Vejamos um pequeno trecho:

“Sim, sou tua noiva, tua muito antes dessa vida. Escuta, um laço eterno nos une. Nós nos conhecemos há séculos, temos vivido lado a lado sobre muitas plagas, temos percorrido muitas existências. A primeira vez que te encontrei na Terra, era eu bem fraca, bem tímida e a vida então era dura. Tu me tomaste pela mão, me serviste de apoio; desde esse momento não nos deixamos mais. Sempre seguíamos um ao outro em nossas vidas materiais, andando no mesmo caminho, amando-nos, sustentando-nos um ao outro. Metido em combates, em empresas guerreiras, tu não podias realizar os progressos necessários para que teu espírito livre, purificado, pudesse deixar este mundo grosseiro. Deus quis experimentar-te, separou-nos. Eu podia elevar-me para outras esferas mais felizes, enquanto que tu devias prosseguir sozinho a tua prova aqui em baixo. Preferi, porém, esperar-te no espaço.” (DENIS, 2007, p. 44)

A apresentação da Terra como “*mundo grosseiro*”, a possibilidade de elevação do espírito de Giovana as “*esferas mais felizes*”, o uso da expressão “*espaço*” e não plano espiritual dão mostras da preponderância do princípio da pluralidade dos mundos habitados nas representações que regiam as relações dos espíritas com o *post-mortem*. Só mais tarde, mais de quatro décadas depois da publicação deste texto, a destinação das pessoas mortas deixará de ser o espaço ou outros mundos, modificando-se para cidades no além. Esta mudança de perspectiva será uma operação complexa apenas realizada no Espiritismo brasileiro pela literatura psicografada por Chico Xavier. Pela literatura, Xavier vai povoar esse espaço, vai lhe dar materialidade com *Nosso Lar*, livro publicado em 1944, período no qual o Medium mineiro já se encontrava consolidado.

⁴⁰ Esta obra teve uma segunda edição revisada pelo autor em 1921.

mediunidade foi abordada por Denis em sua obra *No Invisível* (1903), um tratado sobre os fenômenos espirituais, constituído sob um corte epistemológico pretensamente científico. Desenvolvendo um estilo semelhante ao de Kardec, nele a figura da autoria assume a posição de um pesquisador.

Temas históricos também foram abordados por ele à luz dos conhecimentos espíritas. O livro *Joana d'arc, Médiun* (1910), defende a tese de que a Mártir francesa era a reencarnação de Judas Iscariotes. O próprio cristianismo foi amplamente discutido em seus textos, principalmente em *Cristianismo e Espiritismo* (1898). E aqui tocamos em um aspecto que interessa particularmente a nossa investigação. Mais do que anticlericalismo, com Denis, o Espiritismo ganhou aspectos de anticatolicismo:

Sabemos tudo que a doutrina do Cristo contém de sublime; sabemos que ela é, por excelência, uma doutrina de amor, uma religião de piedade, de misericórdia, de fraternidade entre os homens. Mas, é bem esta doutrina o que ensina a Igreja Romana? A palavra do Nazareno é-nos transmitida pura e sem mistura, e a interpretação da Igreja está isenta de todo elemento estranho e parasita? (DENIS, 2013, p.50).

Já em 1889, no congresso Espiritualista Internacional, que reuniu em Paris seguidores de Swendenborg, cabalistas, teosofistas, integrantes da Rosa-cruz e, evidentemente, kardecistas, Denis explicitava sua posição. Os outros segmentos acusavam Kardec de ter posturas excessivamente conciliatórias com o Catolicismo. Foi na época o autor neófito no Espiritismo que teria saído em uma defesa kardequiana:

Allan Kardec, disseram, foi muito condescendente com as ideias místicas e Católicas. É inexato. O Metre (Kardec) foi condescendente com o Cristianismo, e não com o Catolicismo. Allan Kardec manteve a moral evangélica, porque ela não é somente a moral de uma religião, de um povo, de uma raça, mas, sim, a moral superior, eterna, com seus reflexos nas sociedades terrestre e do espaço. (DENIS Apud SOARES, 1984, p. 32).

A construção da figura autoral de Chico Xavier estendeu sua sombra, produzindo um eclipse na posição que o trabalho de Leon Denis desempenhou nas primeiras décadas do século XX no Espiritismo brasileiro, apagamento que não vem sendo desvelado por pesquisas acadêmicas (LEWGOY, 2000; STOLL, 2003). No âmbito francês, investigações apontam que

[...] Léon Denis sai à descoberta do que ele denomina “doutrina escondida” do cristianismo que os concílios abafaram sob os dogmas. Ao espírito do terror de um Deus vingador, defendido pela Igreja, e apoiando-se sobre um clero autoritário que não cessa de perpetuar a “opressão sacerdotal”, Denis opõe o espírito da caridade e da liberdade do Espiritismo. Com ele, a doutrina torna-se pois, absolutamente,

anticatólica. E essa reflexão do pensamento espírita que, à maneira da franco-maçonaria, torna-se laica e politizada. (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009, p.123)

Essa configuração anticatólica encontrava ressonância nos espíritas brasileiros, marcados por décadas de embates com a Igreja Romana. Denis serviu de instrumental discursivo para os enfrentamentos no campo religioso. Nas disputas entre espíritas e católicos no Brasil, estavam “em jogo maneiras de ataque e defesa, em lutas pela delimitação dos campos de saber e poder. Lutas que dependiam dos envolvidos e dos interesses em causa. As fronteiras moviam-se neste jogo, ora blindadas, ora porosas.” (RAMOS, 2011, p. 159).

No momento de lançamento de Chico Xavier, as fronteiras estavam blindadas. Havia endurecimento e radicalização de posições. Léon Denis entrou como um dos componentes do arsenal, mobilizado pela intelectualidade febianiana. Sua presença logo abaixo de Kardec não foi uma inserção ao acaso. A organização da autoria revela a profunda hierarquia da economia doutrinária materializada na listagem das obras postas à venda no catálogo da FEB. Sem dúvida, acabamos de apresentar as duas principais referências espiritistas da época do iniciante Chico Xavier, entretanto, outras produções desempenharam papel relevante.

Abaixo de Léon Denis e ao lado de Allan Kardec, estão três produções mediúnicas, apesar de não aparecer no catálogo sua interautoria. Os títulos *Jesus Perante a Cristandade* e *Jesus para as Crianças* receberam a assinatura de Bittencourt Sampaio. O primeiro livro, como procuramos demonstrar no capítulo anterior, foi uma obra fundante da interautoria no Espiritismo brasileiro, produzida no bojo dos conflitos intramuros do movimento espiritista. Ambas foram psicografadas pelo médium Frederico Júnior, mas seu nome, sua identidade autoral, não aparece, não existindo registros de sua presença como referência na autoralidade dos textos. No caso de *Do País da Luz* (1919), o polo da interautoria se inverte. Foi o autor empírico, o medium português Fernando de Lacerda, que conseguiu projetar sua imagem. Sua obra é uma coletânea de mensagens assinadas por diversos autores espirituais, dentre eles muitos personagens históricos e intelectuais de renome. Ele desempenhou um papel deveras importante como referência no início da trajetória autoral de Chico Xavier. Aqui as semelhanças não são meras coincidências. Na chegada de Xavier à cena literária, ele fora comparado a esse psicógrafo. Se na atualidade Lacerda é apresentado aos leitores espíritas como o Chico Xavier de Portugal, quando principiante, Xavier foi recebido como o Fernando de Lacerda brasileiro.

No catálogo, encontramos ainda vários livros espíritas e espiritualistas estrangeiros traduzidos para o português pela FEB. Vejamos o que estes dados revelam:

QUADRO 1: Autores Estrangeiros Constantes no Catálogo da FEB

Autor	Títulos	Regime Autoral	Ano de Publicação da Primeira Edição no Brasil	Nacionalidade do Autor
Angel Aguarod	Grandes e Pequenos Problemas ⁴¹	Ditada por inspiração ao autor pelo seu guia espiritual.	1932	Autor Espanhol.
Alfonse Bué ⁴²	Magnetismo Curador; Magnetismo e Hipnotismo Curativo	Convencional Autoridade discursiva baseada na pesquisa	1919	Autor francês.
Paul Gibier	Análise das Coisas: fisiologia transcendente ⁴³	Convencional Autoridade discursiva baseada na pesquisa	1903	Autor francês.
Conan Doyle	A Nova Revelação	Convencional	1929	Autor Inglês.
J. C. Friedrch Zollner	Física transcendental	Convencional Autoridade discursiva baseada na pesquisa	1877 (1º edição inglesa)	Autor Alemão.
Padre Marchal ⁴⁴	Espírito Consolador	Convencional	1930	Autor francês.
William Stainton Moses ⁴⁵	Ensinos Espiritualistas	Autoralidade compartilhada, mas pelo espiritual da autoria é representado pela figura genérica dos guias espirituais.	1929	Autor inglês.
Ernesto Bozzano	Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte; Metapsíquica Humana; A crise da Morte;	Convencional Autoridade discursiva baseada na pesquisa	1920; 1927; 1930; 1926; 1934; 1921.	Autor Italiano

⁴¹ Obra apresenta a moral cristã como solução dos problemas individuais e sociais.

⁴² Considerado um dos iniciadores do hipnotismo.

⁴³ O livro trata da existência do espírito como agente organizador da matéria. Relaciona a hipnose e os fenômenos mediúnicos com o futuro da ciência. Defende a necessidade da pesquisa científica isenta de preconceitos.

⁴⁴ Autor é um padre francês que se converteu ao Espiritismo. O livro traz 40 crônicas com temáticas espíritas.

⁴⁵ Autor é um pastor protestante inglês. A obra foi psicografada, sendo ditada pelos guias espirituais do reverendo. O gênero é mensagens doutrinárias, sendo estruturadas em forma de perguntas e respostas. Ao olhar da atualidade, o livro não é propriamente espírita, mas espiritualista.

	Pensamento e Vontade; Xenoglossia ; Enigmas da Psicometria.			
Jose Amigò Y Pellicer	Roma e o Evangelho	Convencional	1899	Autor Espanhol.

Fonte: elaboração própria.

Sem dúvida há um peso doutrinário maior das referências francesas na economia espiritual do Espiritismo brasileiro, com uma predominância qualitativa dessa matriz, entretanto, no período de chegada de Xavier, o exercício de análise do catálogo demonstrou que, apesar da ênfase, podemos falar em uma multirreferencialidade, com autores de variadas nacionalidades. Consideramos, assim, que quadros comparativos entre Kardec e Xavier (LEWGOY, 2000; STOLL, 2003) sem levar em conta todo este percurso, podem ser indícios de olhares distantes e ahistóricos.

Um dado interessante identificado foram autores reconhecidos em seus respectivos campos de conhecimento, tais como Friedrich Zollner e Ernesto Bozzano, vinculados ao campo científico, e Conan Doyle, famoso escritor, criador do personagem Sherlock Holmes. No livro *A nova Revelação*, Doyle faz um relato autobiográfico, narrando seu processo de conversão ao Espiritismo. Há outra obra de sua autoria que não consta do catálogo, intitulada *História do Espiritismo* (2013). Ainda na atualidade é publicada pela editora *Pensamento*. Figuram também dentre os autores, referências religiosas como padres e pastores que se converteram ao Espiritismo ou ao espiritualismo. Estes são os casos de Marchal (1930), Jose Amigò Y Pellicer (1899) e Stainton Moses (1929), todos personagens vinculados ao campo religioso.

Diante dessa visão de conjunto, podemos afirmar que possivelmente a inserção no catálogo de títulos com a autoria de sujeitos vinculados ao campo científico, literário e religioso explicita uma estratégia editorial, visando a respaldar a Doutrina Espírita, conferindo-lhe legitimidade. As figuras autorais evocadas ou selecionadas funcionavam como um poderoso argumento de autoridade em favor de um estatuto de respeitabilidade e credibilidade ao Espiritismo. Essa perspectiva panorâmica possibilita afirmar também que o catálogo da FEB contemplava as várias tendências dentro do movimento espiritista, com obras marcadas pela ênfase em um dos aspectos doutrinários considerados rótulos intramuros no final do século XIX. Com a institucionalização do Espiritismo no Brasil, via invenção da

matriz febiana, os rótulos como espíritas científicos e espíritas religiosos desaparecem do uso cotidiano, entretanto, as tensões se perpetuaram com a permanência de “tendências”. Essas trazem suas preferências materializadas nas apropriações pela leitura de obras referenciadas nos campos de saber que citamos há pouco.

Os dados revelam que o catálogo febiano procura atender essas perspectivas, oferecendo uma diversidade de opções para atender aos leitores das mais variadas preferências dentro do movimento espiritista. Assim, os adeptos mais vinculados ao aspecto religioso poderiam se reconhecer e encontrar sustentação em suas posições em títulos como *Roma e o Evangelho* ou *O Espírito Consolador*. Já a tendência científica foi amplamente contemplada, com parte significativa de livros ofertados, a exemplo de *Física Transcendental* ou todo o acervo traduzido das obras de Ernesto Bozzano. O segmento de leitores com preferências relacionadas ao âmbito considerado “filosófico” tinha à disposição títulos publicados recentemente, com uma visibilidade incomum para outros momentos da História do Espiritismo no Brasil. Esta certa visibilidade na cena literária era capitaneada pela fórmula editorial cujo principal representante fora Leon Dénis, mas não exclusivamente centrada nele, pois sua abordagem encontrava ressonância, constituindo seguidores em escritores estrangeiros e nacionais. Este é um dos dados revelados, quando analisamos também os títulos produzidos por autores brasileiros:

QUADRO 2: Autores Nacionais Constantes no Catálogo da FEB

Autor	Títulos	Regime Autoral	Ano de Publicação	Gênero
A. (Aristides) Leterre	Jesus e sua doutrina; Hilaritas	Convencional	1934; 1934	Texto doutrinário em prosa.
Nogueira de Faria	O trabalho dos Mortos ⁴⁶	Convencional	1921	Texto doutrinário em prosa.
Alpheu Gomes O. Campos	Amor a Verdade	Convencional	1927	Texto doutrinário em prosa.
Leopoldo Cirne ⁴⁷	Doutrina e Prática do Espiritismo ⁴⁸	Convencional	1921	Texto doutrinário

⁴⁶ Livro se assemelha a um “estudo de caso” que teria ocorrido em Belém do Pará. Aborda fenômenos espirituais, tais como: fotografia espírita, as cirurgias espirituais, as materializações e a escrita direta. A ciência e a religião são colocadas como forças “irmãs e eternas”.

⁴⁷ Autor considerado um dos vultos do Espiritismo brasileiro. Também conhecido como o “León Denis brasileiro”, foi presidente da FEB, sucedendo Bezerra de Menezes. Presidiu a instituição por 14 anos, de 1900 até 1914.

⁴⁸ Obra publicada pela editora *Jornal do Comércio*.

				em prosa.
Miguel Vives	O guia prático do espírita ⁴⁹	Convencional	1911	Texto doutrinário em prosa.
Oscar D'Argonnel	Não há Morte; Vozes do além pelo Telefone ⁵⁰	Convencional	1918; 1921	Texto doutrinário em prosa.
Bezerra de Menezes	Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica ⁵¹	Convencional	1921	Texto doutrinário em prosa.

Fonte: elaboração própria.

No quadro 2, observa-se a configuração de um projeto editorial com características semelhantes às dos títulos publicados por autores de outras nacionalidades. Há autores voltados para públicos leitores com tendências mais científicas (Faria, 1921; D'ARGONEL, 1921), mais filosóficas (VIVES, 1911; CERNI, 1921) e mais religiosas (MENEZES, 1921; LETERRE, 1934). Esse aparente atendimento plural dos aspectos doutrinários não deve escamotear a ênfase religiosa da matriz febianiana, mas reforça a hipótese explicativa dos indícios de um projeto editorial para consolidar o modelo de Espiritismo defendido na FEB.

A existência de títulos publicados e traduzidos em 1921 e durante a década de 1930 foi fruto do trabalho de um grupo que assumira a direção da instituição. Este fora liderado por Guillon Ribeiro, eleito presidente da Federação Espírita Brasileira para as gestões de 1921-1922 e 1930-1943. Contou com a colaboração ativa de Manuel Quintão, também presidente da FEB nos anos de 1915, 1918-1919 e 1929. Juntos, foram os grandes responsáveis pela política editorial implementada pela Federação, materializada resumidamente na peça catalogal em análise. No caso de Chico Xavier, Manuel Quintão representou a figura do mecenas, “bancando” a decisão de introduzir no catálogo da editora o livro *Parnaso de Além Túmulo*⁵², lançando o desconhecido Autor- medium de Minas Gerais na cena literária

⁴⁹ Livro de característica prescritiva. Busca disciplinar o comportamento individual e os procedimentos que envolvem o funcionamento diário de um centro espírita.

⁵⁰ Obras são relatos de experiências mediúnicas presenciadas pelo autor. A segunda traz a descrição do uso de um aparelho telefônico adaptado para comunicações com o além, denominado de psychophone (ver D'Argonnel, 2008, p. 44).

⁵¹ Como vimos no capítulo anterior, o texto é apresentado em formato do gênero carta. Assim, essa obra foi escrita em prosa, como uma carta direcionada ao irmão do autor, Manuel Soares Bezerra, considerado uma liderança católica em Fortaleza.

⁵² Nas edições mais recentes da obra *Parnaso de Além-Túmulo*, a editora da FEB apresenta a seguinte nota biográfica sobre Manuel Quintão, na atualidade quase um desconhecido mesmo entre os leitores espíritas: “MANUEL Justiniano de Freitas QUINTÃO, nascido em 28 de maio de 1874, na Estação de Quirino, Marquês de Valença, RJ, e desencarnado em 16 de dezembro de 1954, no Rio de Janeiro. Foi guarda-livros, depois de

espiritista. Foi também no período da gestão de Guillon Ribeiro⁵³ que se deu a invenção do núcleo duro da imagem autoral do Medium, intrinsecamente relacionada às criações dos seus autores espirituais, inventados, sob o ponto de vista literário, mediante a mobilização de toda uma aparelhagem de dispositivos textuais e editoriais.

3.2 Desencontros dos espíritos e a “Igreja de Pedro”: Projeto editorial febiano e o anticatolicismo

Voltemos às análises propriamente ditas do catálogo da FEB. Essa visão de conjunto revela uma pujança na cena literária muito maior do que a sombra da figura autoral de Chico Xavier faz crer ao olhar da atualidade. Encontramos outros dados que explicitam elementos do projeto editorial febiano, parte importante da política de ação da instituição. Identificamos no catálogo a publicação de livros assinados por autores nacionais e estrangeiros na linha editorial e doutrinária semelhante à defendida por Denis, ou seja, marcada por um tom anticatólico. Este é, por exemplo, o caso de *Jesus e sua Doutrina* (LETERRE, 1934) (ANEXO E).

A obra foi escrita por Aristides Leterre dentro de um regime de autoralidade convencional. O livro faz uma conexão entre o cristianismo e as religiões orientais, defendendo a tese da vida mística e oculta de Jesus. Na capa, temos a figura do crucifixo em plano superior irradiando sobre as representações de Sidarta Gautama (Buda) e Moisés, postas lado a lado. Abaixo, a imagem da esfinge egípcia é associada à Rama, que dentro da mitologia hindu é um dos avatares do deus Vishnu. A capa traz também o anúncio de sua farta ilustração, ênfase coerente para um autor que desenvolveu toda uma relação com as imagens

lutar com imensas dificuldades, como jovem sem recursos financeiros, nas posições mais modestas do comércio. Chefe de família numerosíssima, Estudioso incansável, conseguiu, como autodidata, invejável cultura humanística. Foi jornalista. Ingressou na FEB em 1903, integrando-lhe o quadro social por 44 anos. Mèdium curador e espírita militante durante mais de meio século, exerceu cargos na Diretoria da Federação Espírita Brasileira ao longo de vários decênios, inclusive a Presidência nos anos 1915, 1918, 1919 e 1929. Como membro do “Grupo Ismael” foi sempre dos mais assíduos e proficientes no estudo do Evangelho de Jesus. Traduziu diversos livros espíritas e publicou alguns de sua autoria, muito apreciados, dentre eles “*Cinzas do meu Cinzeiro*” (coletânea de trabalhos publicados no “*Reformador*”) *O Cristo de Deus*. Este último editado pela FEB. Em 1939, escreveu notas autobiográficas endereçadas ao *Reformador*, para serem publicadas após a sua desencarnação: estão estampadas na edição de janeiro de 1955. (Nota do Editor) (FEB, 2010, p. 27)”.

⁵³ Luís Olímpio Guillon Ribeiro nasceu em São Luiz do Maranhão no dia 17/01/1875. Aos sete anos migrou com a família para a cidade do Rio de Janeiro. Na fase adulta trabalhou como redator do Jornal do Commercio, antes de se formar em engenharia civil. Equacionou sua sobrevivência ingressando na carreira do funcionalismo público. Assumiu inicialmente o cargo de segundo oficial da secretaria do Senado. Posteriormente, foi nomeado Diretor Geral desta secretaria, função que ocupou até sua aposentadoria em 1921. Nesta condição, dedicou-se as atividades da Federação Espírita Brasileira. Quando falecera, em 26/10/1943, ocupava a presidência da instituição (WANTUIL, 2002, p.369-376).

por dever de ofícios, pois Leterre era um famoso fotógrafo em terras cariocas. Pelas suas características, diríamos que, no quadro referencial da atualidade, esta seria uma obra não espírita, mas espiritualista. Do ponto de vista literário, entretanto, estas fronteiras eram muito menos rígidas na década de 1930. Se observarmos o cabeçalho do catálogo, veremos, abaixo da *Livraria da Federação Espírita Brasileira*, a referência da biblioteca da instituição, denominada de *Biblioteca de Filosofia Espiritualista Moderna e Ciência Psíquica*. As categorias reunidas para nomeá-la – filosofia espiritualista e ciência psíquica – indicam uma abertura do acervo para outros seguimentos doutrinários e outras áreas de conhecimento. De forma autoproclamada, o espaço não se trata de uma biblioteca especificamente espírita. Dados colhidos da revista o *Reformador*, sobre a circulação de leitores que a frequentavam anualmente, confirmam a hipótese, como pode ser verificado no quadro a seguir:

QUADRO 3: Biblioteca da FEB 1931-1934

Ano	Dados
1931	3678 visitantes, 2568 consultaram obras e 1110 consultaram jornais, folhetos e revistas. Foram consultadas 980 obras, sendo 514 doutrinárias e 466 de assuntos diversos. Doações de 55 obras em 64 volumes. Estão entre os doadores Antônio Lima e Carlos Imbassahy.
1932	4556 visitantes, 3491 consultaram obras e 1064 consultaram jornais, folhetos e revistas. Foram consultadas 1282 obras, sendo 515 doutrinárias e 767 de assuntos diversos. Movimento aumentou em 877 visitantes. Doações de 64 obras, incluindo-se as publicadas pela livraria da FEB.
1933	Não foi divulgado
1934	Em Janeiro 290 visitantes, 134 consultaram obras e 156 consultaram jornais, folhetos e revistas. Foram consultadas 69 obras, sendo 37 doutrinárias e 32 de assuntos diversos. Fevereiro 251 visitantes, 99 consultaram obras e 152 consultaram jornais, folhetos e revistas. Foram consultadas 47 obras, sendo 37 doutrinárias e 11 de assuntos diversos. No segundo trimestre, visitantes: em abril 298, em maio 306, em junho 352. Total 956. Consultaram obras respectivamente 193, 162, 156- total 511. Consultaram jornais e revistas 105, 144, 196 – total 445. Numero de obras doutrinárias consultadas: 44, 34, 37. Total 115. Obras de gêneros diversos 32, 33, 22. Total 87. Total das obras manuseadas – 76, 67, 59. Total 202. Trimestre de Julho a setembro: 840 visitantes, 465 consultaram obras e 375 consultaram jornais, folhetos e revistas. Foram consultadas 183 obras, sendo 100 doutrinárias e 83 de assuntos diversos. Doações de 30 obras, incluindo-se as publicadas pela livraria da FEB.

Fonte: elaboração própria.

O volume de consultas a livros não doutrinários vinculados a uma cultura “geral” indica uma ausência de verticalização no que tange a um circuito de literatura especificamente espírita. Há indícios de que neste período o campo da literatura espírita no Brasil não havia se

consolidado como se dará em momento imediatamente posterior. Encontramos no *Reformador*, no período de 1929 a 1935, muitos comentários em artigos sobre livros não espíritas, inclusive sem nenhuma relação com temáticas espiritualistas ou religiosas. Estes artigos abordando livros não espíritas desaparecem da revista com a consolidação do circuito de produção, recepção e consumo de obras doutrinárias, em grande medida tendo na centralidade a escrita mediúnica de Chico Xavier. Já em 1934, identifica-se um aumento na procura de obras doutrinárias em comparação às obras de caráter diverso, o que pode indicar uma especialização da biblioteca e o início da tendência de consolidação de um campo de literatura espírita. Neste momento, no entanto, o que nos interessa é transbordar a caracterização desta configuração menos “específica” da biblioteca para a editora. Uma linha editorial para livros espiritualistas foi abandonada pela instituição após os sucessos editoriais capitaneados pelo grupo de Guillon Ribeiro e Manuel Quintão, tendo à frente, claro, Chico Xavier. Como veremos, o Medium mineiro apenas se tornará o carro-chefe do projeto editorial febianos anos depois de seu lançamento. Assim, no período, uma obra como a de Leterre integrava, sem se constituir um regime de exceção, o catálogo de obras publicadas com a chancela da FEB. Seu sumário, dado a público como propaganda nas páginas da revista *Reformador*, revela o aspecto acerca do qual intentamos chamar a atenção:

“I. A THESE

Provar que o “Catholicismo” não é o “Christianismo”; que Religião não é Culto; que o Catholicismo é o Romanismo; que o Romanismo é uma instituição puramente Política, tendo Christo como pretexto e como fim o Poder temporal; que a doutrina que Jesus pregou, era a Budhica amalgamada com a mosaica; que os nomes de Jesus e Chisto, já eram aplicados há milhares de anos, ao filho de Deus da religião de Zoroastro; que, em summa, O Christianismo moderno, subdividido como está em várias seitas, é um erro, e que o catholicismo é um crime.” (REFORMADOR, 1934).

Inserida no capítulo 01 como a tese da obra, há uma abordagem que estrutura todo o livro em cima da oposição entre Catolicismo e Cristianismo. Além das questões específicas da escrita de Leterre, hoje um clássico dos adeptos das teorias sobre a vida mística de Jesus, o que nos interessa é demonstrar que o anticatolicismo no período chegou a “criminalização doutrinária” dos considerados criminalizadores do Espiritismo. Após décadas de oposição organizada pela Igreja Católica, na qual foram mobilizados agentes do Estado, conseguindo-se inclusive a criminalização do Espiritismo no primeiro Código Penal republicano – vigente até os anos de 1940- os espíritas passaram a doutrinariamente criminalizar seus criminalizadores. Uma das estratégias da FEB para os enfrentamentos com seus interlocutores diretos foi elencar obras com elementos anticatólicos na lista de títulos disponibilizados na

sua livraria e que recebiam o selo de sua editora. Certa linha editorial foi adotada, tendo como principal referência as obras de Léon Denis. Nela, outros autores foram mobilizados. Em seu bojo, optou-se por dar a voz aos próprios padres. Este foi o caso de *Roma e o Evangelho* (1874). O texto tem a autoria atribuída a um grupo de estudos formado por padres católicos, autodenominado de *Círculo Cristiano Espiritista de Lérida*, mas tem a assinatura de sacerdote espanhol Dom José Amigò y Pellicer. Este seria apenas um compilador das ideias do círculo, o que não deixa de representar certa denegação da autoria. Seus integrantes não representariam um grupo dissidente do Catolicismo⁵⁴, mas teriam sido execrados pela adesão aos princípios espíritas⁵⁵. No Brasil, a obra obteve sua primeira edição em 1899, mas foi sucessivamente reeditada no período de vigência do modelo católico da neocristandade. Assim, a segunda edição de *Roma e o Evangelho* saiu em 1920, a terceira em 1931 e, finalmente, a quarta edição em 1940. Há claramente uma aposta no poder de convencimento

⁵⁴ Ao que se infere da leitura da introdução de *Roma e o Evangelho*, seu autor, bem como o grupo que ele representava, desejava permanecer nas fronteiras do Catolicismo. O Espiritismo para os integrantes de seu círculo não representava alternativa religiosa ou rótulo religioso independente. Vale salientar que esta não é uma posição alienígena entre os leitores espíritas nas décadas de 1860 a 1880. O caso brasileiro traz também esse dado eloquente. A História do Espiritismo no Brasil mostra que surge em fevereiro de 1866, na cidade de Salvador, o primeiro editor espírita do Brasil: Telles de Menezes, o que demonstra a intensa relação do Espiritismo com o impresso. Primeiro brasileiro que se tem notícias a abraçar fervorosamente a causa espírita, em meados da década de 1860, Luís Olympio Telles de Menezes foi um professor, literato e jornalista baiano. O primeiro editor espírita em terras brasileiras procurou se articular ao movimento no plano internacional. Como não havia, no período, interlocutores locais ou mesmo nacionais, Telles de Menezes voltou-se para o cenário externo. Buscou ter acesso aos periódicos em circulação na Europa. Trocou cartas com o próprio Kardec, dando notícias em artigos por ele publicados de seu contato com as lideranças espiritistas (FERNANDES, 2002, p. 02). Ele traduziu e publicou parte de *O Livro dos Espíritos*, convertida em opúsculo. Intitulando a obra de “*O Espiritismo: introdução ao estudo da doutrina espírita*”, inseriu nela um prefácio de sua autoria. O texto de apresentação foi estruturado em forma de diálogo, o que permite a inferência da busca por estabelecer uma aproximação com seus leitores (FERNANDES, 2002, p. 06). Ele traz um dado muito importante. Telles de Menezes, explicita, considera-se um instrumento a serviço da Providência Divina e sendo conduzido por guias espirituais. Este serviço incluía claramente um projeto editorial visando à divulgação das ideias espiritistas. “Destá forma, ao traduzir parte do livro de Allan Kardec, Telles de Menezes abriria a um público maior o acesso à nova forma de visão de mundo, levando o Espiritismo para além das rodas intelectuais” (ARRIBAS, 2010, p. 62). O início desta circulação de textos espíritas chamou também a atenção das autoridades eclesásticas. D. Manuel Joaquim da Silveira, então arcebispo da Bahia, lançou uma pastoral em 16 de julho de 1867. Nela ele procurou desqualificar *O Livro dos Espíritos*, afirmando que a obra continha superstições contrárias aos dogmas da Igreja Católica. Os principais pontos combatidos foram a reencarnação e a comunicabilidade dos espíritos. As investidas da esfera religiosa funcionaram como um convite de entrada no debate. Instalou-se uma disputa simbólica que iria contribuir para a definição da Doutrina Espírita como religião (ARRIBAS, 2010, p. 57-72). Telles de Menezes não tardou a responder a investida eclesástica, produzindo uma carta pública de mais de 80 páginas, sendo seguida por uma tréplica dos católicos. Esta representou de fato a primeira produção de cunho espírita assinada por um autor brasileiro. No seu texto, Telles deixa clara a posição do grupo que liderava. O Espiritismo para o movimento espírita nascente no Brasil não representava alternativa religiosa, possuindo como missão renovar o Catolicismo por dentro. O próprio Telles continuava afirmando-se católico, apostólico romano (ARRIBAS, 2010, p. 74-75).

⁵⁵ Na introdução do seu livro, Dom Amigò y Pellicer afirma que “Poucos meses depois de publicada esta obra, o Ministro da Instrução Pública na Espanha, Marquês de Orovio, suspendia dos seus empregos de Diretor e segundo Professor da Escola Normal de Lérida, por causa das suas opiniões filosófico-religiosas, a D. Domingo de Miguel, presidente do “Círculo Cristiano-Espiritista”, e ao autor do “Roma e o Evangelho””. (AMIGÒ Y PELLICER, 1920, p. 11).

do texto pela sua posição de crítica intestina. O mote da publicação está centrado justamente no questionamento da ligação inexorável entre o Cristianismo e o Catolicismo. É dentro desta perspectiva que o autor procura levar o leitor ao questionamento de sua adesão à religião católica. Seu propósito é fazer ruir esta associação, revertendo para o Espiritismo à relação com o cristianismo:

Por que somos católicos romanos? Tal foi à primeira pergunta que formulamos, como primeiro ato de nossa independência religiosa. (...) Somos católicos, ouvimos dizer, porque o foram nossos pais - porque o era o país em que nascemos - porque o foi a nossa educação - porque nos ensinaram a discorrer com o critério católico - porque só o Catolicismo, entre as religiões, tinha carta de cidade no nosso solo - porque, não ser, era incorrer no desprezo de muitos dos nossos concidadãos e nas iras de um clero prepotente - porque nos tínhamos convencido, à força de ouvi-lo, que fora dele não há salvação - porque temíamos a cólera do Senhor, as unhas afiadas de Lúbel e as fogueiras do inferno com que se ameaçava os que não reconheciam a autoridade do que se assenta na cadeira de Pedro, isto é: na cadeira em que Pedro nunca se sentou - porque, finalmente, não deixávamos de entrever uma grande luz, um grande ensino e um grande fundo de verdade na religião romana. Basta, porém, isto para justificar o nosso catolicismo? (PELLICER, 1920, p. 21-22).

Irmãos congregados! Chegastes ao segundo período das vossas excursões no campo da verdade religiosa, do Cristianismo em sua primitiva e celestial pureza.(...) Cumpre-vos, sobretudo, irmãos congregados, não esquecer, antes deveis tê-lo constantemente em vista, que o Espiritismo é o próprio Cristianismo, e que tudo o que é alheio e contrário às doutrinas evangélicas, à palavra e ao Espírito do Cristo, deve ser alheio e contrário à vossa palavra e ao pensamento que há de guiar-vos.(PELLICER, 1920, p. 227-228).

Muitos trabalhos acadêmicos ressaltam a “influência” do Catolicismo em Chico Xavier⁵⁶, mas o Espiritismo em que ele foi formado e aderiu com fervor possuía uma coloração decisivamente anticatólica. Veremos que esta tendência anticatólica dentro do Espiritismo brasileiro foi uma tradição não rompida completamente por Xavier. Ele romperá com a criminalização doutrinária apenas no segundo momento de sua produção. Fará uma série de concessões ao segmento religioso dominante, mas manterá elementos de oposição na literatura produzida por via de sua mediunidade psicográfica. Esses elementos permanecerão, mas diluídos, dispersos, escamoteados por técnicas literárias usadas em seus romances. Por isso mesmo, não poderíamos considerá-los como estratégias argumentativas mais eficazes do que o confronto direto ao estilo arrasa quartirão? Volveremos, porém, a estas questões em momento apropriado. O que por enquanto trazemos à baila para termos um pouco mais de inteligibilidade acerca do circuito literário materializado no catálogo febianos é a sua marca anticatólica. Como estamos procurando demonstrar, as relações do Espiritismo com o

⁵⁶ Dentre eles: Lewgoy (2000); Stoll (2003); Silva (2005; 2007).

Catolicismo foram marcadas pela ambiguidade desde suas produções iniciais. Na primeira metade da década de 1930, entretanto, a haste do pêndulo se afastava das convergências e conciliações, indicando uma aproximação com o polo do confronto sem trégua. O que poderia explicar essa aparente radicalização de posições por parte dos espíritas sitiados na Federação brasileira? Talvez nos auxiliem olharmos um pouco o outro lado da moeda. O que nos diriam estudos sobre o Catolicismo desses anos?

Durante a segunda metade do século XIX a Cúria Romana intensificou a busca por maior controle das igrejas nacionais. Este processo se convencionou denominar de romanização. A romanização obteve êxito no Brasil, tendo eficácia em muitos aspectos. Sua principal referência pode ser considerada o Papado de Pio IX (1846-1878). As lideranças da Igreja brasileira foram intrinsecamente ligadas à política romana. Em resumo, suas posturas podem ser definidas como centradas na obediência à hierarquia e intolerantes com relação a outros movimentos religiosos e a maçonaria (MAINWARING, 2004, p.42).

A ruptura oficial entre Igreja e Estado brasileiro foi materializada na Constituição Republicana de 1891. Nas primeiras décadas do regime republicano, a Igreja teria voltado sua maior energia para o movimento de adaptações internas, ajustes institucionais aos novos tempos seculares, buscando, inclusive, depois da separação legal, restaurar formas não oficiais de vínculos (MAINWARING, 2004, p.42).

Como marco da implementação de uma ação católica em bases diferentes, o autor aponta a publicação, em 1916, da carta pastoral assinada por Dom Sebastião Leme, então arcebispo de Olinda. Ele viria a se tornar a principal liderança da Igreja Católica no País de 1921 a 1942, exercendo seu arcebispado agora na cidade do Rio de Janeiro. Na carta pastoral, Leme aponta elementos que caracterizariam o modelo da neocrisandade. A atuação da Igreja Católica deveria transbordar sua circunferência, buscando cristianizar outros setores da sociedade. Para tanto, necessitaria formar quadros de intelectuais sob sua égide e ajustar a religiosidade popular aos princípios de uma fé ancorada na ortodoxia (MAINWARING, 2004, p. 41).

Esse modelo de Igreja⁵⁷ da neocrisandade, teria florescido de fato nos anos de 1920. Seu apogeu, com toda a pujança, teria ocorrido no período do governo Vargas, de 1930 a 1945. A principal especificidade, que constituía um elemento de diferenciação das pastorais da neocrisandade com relação às anteriores, seria sua atitude prática com vistas a revitalizar o

⁵⁷ Quando nos referimos a um modelo de Igreja é porque existem “propostas diversas de atuação, de estratégias e de inserção do catolicismo na sociedade” (ISAIAS, 2001, p. 69).

poder da Igreja nas instituições sociais diversas. Desta forma, a ação católica buscava assegurar a manutenção da supremacia ameaçada, bem como a retomada de espaços estratégicos. Para tanto, voltou-se à disseminação de uma moralidade vinculada ao Catolicismo, ampliando, por exemplo, a atuação em instituições como os sistemas de ensino. Para deter o avanço de segmentos religiosos que procuravam conquistar espaços no campo religioso brasileiro, adotou-se a postura de combate aberto. A via, o caminho, escolhido pela Igreja da neocristandade para atender o programa proposto em seu modelo doutrinal foi o estabelecimento de alianças com o Estado. Essas decisões estratégicas foram bem-sucedidas e renderam frutos preciosos. No período de 1930 a 1945, dentro, portanto, do recorte cronológico de nossa investigação, a Igreja Católica havia retomado os espaços e prestígios perdidos nos tempos do padroado imperial. Com Vargas, a Igreja encontrou guarida, sendo constituída uma proximidade excepcional, caracterizada por apoios mútuos em várias frentes (MAINWARING, 2004, p. 43-47).

No programa católico da neocristandade, os espíritas ocupavam o lugar do outro. Por exemplo, no posicionamento de Pio XII ao dirigir-se a Ação Católica Brasileira, foram enumerados quatro elementos deletérios que representariam riscos ao catolicismo na América Latina: o comunismo, o protestantismo, a maçonaria e o Espiritismo (ISAIAS⁵⁸, 2001, p. 68).

Já na carta pastoral de 1916, em que Dom Leme realizou um exercício de diagnose sobre a formação espiritual do povo brasileiro, há no texto uma constatação sobre a ignorância religiosa em nosso País, principalmente com relação aos segmentos populares. Tal configuração representaria para o eclesiástico não só um ambiente social favorável ao Espiritismo, mas constituiria também com ele uma via de mão dupla, sendo os elementos característicos da ignorância religiosa reforçados em um processo de retroalimentação. No documento, Dom Leme classifica as práticas espíritas como “abomináveis”, descrevendo algumas delas para caracterizá-las por via da exemplificação, reforçando assim sua argumentação. Na descrição, ele cita as “Sessões espíriticas, recados do além-túmulo, médiuns, passes, mesas rodantes, tenebrosas farmácias, duvidosas receitas (...)”. (ISAIAS, 2001, p. 69).

⁵⁸ Isaias analisa esta questão no seu artigo sobre o discurso produzido pelo Catolicismo brasileiro sobre as “religiões mediúnicas” durante a primeira metade do século XX. Em linhas gerais, sua pesquisa identificou uma mudança de eixo na construção argumentativa católica nestes 50 anos, passando-se da demonização à ênfase na “patologização”, com a argumentação centrada em apropriações as produções do campo médico-psiquiátrico. Para aprofundamentos, ver Isaias (2001).

É importante percebermos que, pelas referências expressas, Dom Leme tratava na descrição do Espiritismo em um sentido mais restrito, pois caracteriza um tipo de exercício mediúnico centrado na terapêutica e na comunicação com os mortos, na época, bem específico do kardecismo. Quando ele se refere aos recados do além e às tenebrosas farmácias, com suas receitas duvidosas, provavelmente, tinha em foco um adversário específico a ser combatido.

Vale salientar que existem precedentes de posicionamentos da Igreja contra os espíritas bem antes da Pastoral assinada por Dom Leme. Pio IX nutria um horror visceral ao Espiritismo, sendo por ele considerado “o mais terrível inimigo que jamais enfrentou a Igreja” (ISAIAS, 2001, p. 70). A Carta Pastoral de assinatura coletiva publicada em 1915 reproduz o texto do Concílio Plenário da América Latina, produzido em Roma no ano de 1899. Em ambos, afirma-se que o Espiritismo materializa o mal, destruindo o Cristianismo ao negar as penas eternas, o sacerdócio católico e os direitos da Igreja Católica (2001, p. 71). Percebe-se no documento a abordagem da Igreja buscando associar inexoravelmente o Catolicismo ao Cristianismo, curso diametralmente oposto das publicações espiritistas, que procuram centrar seu edifício argumentativo justamente na dissociação destas categorias, afirmando com veemência que o Catolicismo não representa o Cristianismo.

Isaias advoga a ideia de que no modelo da neocristandade, a demonização dos espiritistas teria se tornado uma prática constante. Intelectuais católicos formados neste período relacionavam diretamente os fenômenos espíritas às artes demoníacas. Por exemplo, Padre Vicente Zioni, autor de *O Problema Espírita no Brasil*, denunciava as manifestações mediúnicas como produto de um mal ancestral. No livro, a serpente, personagem da narrativa bíblica do pecado original, foi descrita como o primeiro médium da história humana, portadora das mensagens demoníacas e instrumento do demônio para os diálogos com Eva. (ISAIAS, 2001, p. 70). O Espiritismo é assim “(...) representado como integrante de construção do outro, o lugar da demonização é recorrente, aparecendo a invocação aos mortos como verdadeira forma de dar voz às hostes satânicas”. (2001, p. 70).

Na medida em que o modelo da neocristandade chegava ao apogeu e depois dava mostras de seu esgotamento, paulatinamente, o Catolicismo foi colocando o enfrentamento com o Espiritismo em bases argumentativas diferentes. A ênfase na demonização, com a atuação direta do demônio nas reuniões espíritas, foi sendo abandonada em substituição à “patologização” dos médiuns, com apropriações de produções discursivas advindas do campo médico-psiquiátrico. Exemplos de obras neste sentido podem ser encontrados nos livros Os

Segredos do Espiritismo Desvendados e Explicados (1938), de autoria do Padre Júlio Maria, bem como os títulos *Material para Instruções sobre a Heresia Espírita* (1953), *Resposta aos Espíritas* (1954), *Livro Negro da Evocação dos Espíritos* (1957), *O Espiritismo no Brasil* (1960), todos os títulos assinados pelo Frei Boaventura Kopplenburg, publicados pela editora Vozes⁵⁹ sob os auspícios do Secretariado Nacional de Defesa da Fé (2001, p. 75-76).

Porque, porém, tamanha energia despendida na batalha contra um inimigo desproporcional? Para Mainwaring,

O Espiritismo e seitas afro-brasileiras penetravam especialmente nas cidades, e muitos católicos declarados praticavam essas religiões. O declínio do monopólio religioso alarmava a hierarquia. Execrar protestantes e espíritas tornou-se lugar-comum. (...) A batalha contra o Espiritismo era especialmente acirrada porque muitos católicos uniam as duas religiões. (2004, p.53-54).

Dentro desta perspectiva, as lideranças nacionais da Igreja no Brasil recomendam que os espíritas deveriam ser tratados como hereges e não poderiam receber sacramentos sem antes abjurar o Espiritismo. No período, a pressão dessas prescrições não deve ser minimizada. Sua repercussão no imaginário católico tinha valor de norma social. Os considerados adversários da Igreja eram também inimigos públicos (ZULIAN, 2011, p.140).

Assim, os spiritistas contemporâneos do modelo Católico da neocristandade não só agiam, mas reagem, radicalizando posições e engrossando o tom. Buscou-se pagar na mesma moeda, procurando responder à altura as contraposições dos católicos. Uma leitura flutuante na revista *Reformador*, no período de chegada de Chico Xavier à cena literária spiritista, revelou ocorrências significativas.

Na edição de primeiro de janeiro de 1934, há um artigo assinado por Leopoldo Machado⁶⁰ com o título de *Um Papa Brasileiro*. Nele o autor comenta a notícia ventilada na mídia impressa da época:

⁵⁹ A obra *O Espiritismo no Brasil* foi encarregada de inaugurar a coleção “Vozes em Defesa da Fé”, um conjunto de publicações autodenominadas de série de estudos destinados a eliminar a “grande confusão religiosa” existente entre os que seriam “católicos autênticos, mas ao mesmo tempo persistem em frequentar sessões espíritas, fazem questão de consultar os babalaôs, juram fidelidade às lojas maçônicas ou prosseguem nas práticas esotéricas” (KOPPLENBURG, 1960).

⁶⁰ Leopoldo Machado Barbosa foi um dos principais articuladores do movimento espírita de 1930 a 1950. A lista de suas atuações é extensa. Foi professor, jornalista e escritor spiritista. Escreveu diversas obras doutrinárias em gêneros diferentes, tais como poesias e crônicas. Dentre elas, estão títulos dedicados a explicitar o posicionamento dos espíritas frente aos seus interlocutores, como, por exemplo, poderiam ser citados os livros *Pigmeus contra Gigantes* e *Guerra ao Farisaísmo*. Radicado em Nova Iguaçu (RJ), fundou diversas instituições, dentre elas um colégio, um albergue e um orfanato para meninas; entretanto, a atividade que inseriu seu nome no panteão memorialista do Espiritismo brasileiro foi a organização de eventos, inclusive uma série de encontros realizados nos estados do Norte e Nordeste, visando à consolidação da representatividade do Conselho Federativo Nacional, entidade ligada à FEB (GODOY E LUCENA, 1982, p. 155-158). Esta série de encontros

Que glória para o Brasil: um Papa! Pois já não andamos cheios de Padres de todos os matizes, que a Espanha, Portugal, Alemanha, Rússia e até a síria e o monte Líbano nos enviam! Que mal vai que tenhamos, também, um papa, tanto mais quanto é da filosofia popular que Deus é Brasileiro?

Os Jornais andaram anunciando, embandeirados em arco para a manifestação do jubilo auspicioso, que o SS. Pio XI está cogitando de modificar o sistema de eleição dos Papas, a fim de que não impere mais a política nessas eleições. (...) Pois é, SS. Pio XI vai alterar a eleição de seus sucessores: não serão mais eleitos pelo sagrado colégio dos cardeais, mas pelo episcopado de todo o mundo.(...) E o noticiário dos jornais adianta que é D. Leme o Cardeal mais cotado para ascender a Papa. É ou não é sorte do Brasil? Somos, decididamente um povo ungido e sacramentado para a felicidade!...Nada disso. O caso é outro. A infalível anda já desiludida com os Papas europeus, italianos, porque as nações e os povos da Europa já estão tendo olhos de ver. Os seus dias já estão contados na Europa; e ela prepara o salto oportuno para o novo mundo. E na América, onde ela tem melhor mercado e no Brasil. É do Brasil que lhe vai anualmente, maior óbolo para o Papa. Só de São Paulo, da Aparecida do Norte, mais de 500.000\$000 por ano, em ouro, enquanto muitos brasileiros curtem fome e miséria. Só de uma igreja, de um bispado. O Brasil, que tem mais de 60 bispados... é, do mesmo passo que abarrotamos de ouro as burras do Vaticano. (...) Ninguém, pois, mais do que D. Leme; povo nenhum mais do que o Brasil merece a glória de um Papa na Família. (REFORMADOR, 1934, p. 31)

Neste trecho, Machado inicia criticando a estratégia da romanização de importação de sacerdotes de várias nacionalidades para suprir as carências de padres dos quadros locais da Igreja brasileira. Há no texto um tom abertamente irônico. Nele o autor vocifera contra a possibilidade da principal liderança católica do País transforma-se em Papa. Associada à ironia, há a denúncia dos interesses escamoteados. Ele então explicita a intencionalidade que estaria por trás do véu: um papa brasileiro seria o resultado de o país ser a principal praça de exploração da Igreja. Assim, o papado em uma nação americana viria para manter um substrato que estaria em crise nos mercados europeus com a perda da credibilidade da instituição naquele continente.

Para finalizar, Machado adverte os padres: “Aproveitem. Aproveitem os dias que lhes restam de vida e de exploração, porque a luz já se vai fazendo, forte e bela, mercê do Espiritismo, que é o restaurador do cristianismo puro, conspurcado a partir do primeiro concílio padresco.” (MACHADO, 1934, p. 32).

Como procuramos demonstrar, a indissolubilidade entre o Cristianismo e Catolicismo era a base do edifício argumentativo dos católicos. Os espíritas procuram inverter esta lógica, estabelecendo sua argumentação, minando a fulcro inimigo. Separam inexoravelmente estas duas categorias, defendendo a ideia de que o Espiritismo seria um restaurador do

ficou conhecida como *Caravana da Fraternidade* e foi realizada em 1949 e 1950. Uma narrativa em prosa relatando a experiência foi publicada pelo próprio Machado através da editora da FEB (MACHADO, 2010).

Cristianismo, representaria o Cristianismo “redivivo”, renascido das cinzas como uma fênix, porque ferido de morte pelo Catolicismo.

Localizamos neste texto e em outros artigos do *Reformador*, bem como em alguns dos títulos do catálogo febiano, um o tom irônico como procedimento discursivo abundante nos embates com seus interlocutores, principalmente médicos e católicos. Este recurso foi praticamente abandonado pelos espíritas febianos na era posterior à consolidação da figura autoral de Chico Xavier como grande referência da literatura espírita brasileira. Os escritores espiritistas do período de sua chegada à cena literária, entretanto, não possuíam esta característica.

Outra ocorrência de um tom abertamente combativo pode ser encontrada no artigo de Antônio Lima, autor de vários romances espíritas. Intitulado *Satanaz, Anjo Defensor do...Catholicismo*, o texto com foi publicado no *Reformador* na edição de 16/02/1935.

E então do demo, esse espantalho, que serve apenas para amedrontar crianças levadas do diabo, ou para influir terrivelmente no animo das viúvas ricas, a fim de legarem à igreja os seus azinhavrados cobres, ou ainda para divertir beócios neste meio de século civilizador, em que nem mesmo os analfabetos lhe dão crédito – surge na cachimônia do Sr. Padre Rodrigues, para combater a hipocrisia, a cupidez, a felonía, o orgulho, o egoísmo, o sensualismo, a infâmia, etc, que é isso o que os espíritos comunicantes nas sessões bem assistidas vêm verberando há mais de 60 anos.

Ora, se o Reverendo Rodrigues ouvisse o demônio levantar o seu protesto contra os escândalos de uma religião que mercantilizou os altos e santos ensinos de Jesus Cristo, havia de concordar que Satanás estava regenerado.

Mas, essa regeneração do diabo é tão nefasta aos defensores de Roma, quão a que os espiritistas andam a pregar em todos os continente, onde a Nova Revelação veio esbarrondar os dogmas interesseiros de uma religião talhada a da emprego cômodo e fácil a uma legião de homens sem convicções legítimas sobre os predicados morais por onde deviam nortear o seu apostolado.(REFORMADOR, 1935, p. 85).

O artigo de fato se mostra com uma truculência exemplar, modelar para o período, diríamos. Há uma contraposição à associação entre fenômenos espirituais e comunicações demoníacas. Para legitimar as práticas das sessões mediúnicas, Lima elege o argumento de que as comunicações dos espíritos convergiriam com os ensinos de uma moral evangélica e com as virtudes consideradas cristãs. Na sequência, nada de novo sob o sol: a Igreja Católica teria deturpado o Cristianismo, visando ao poder temporal baseado nos ganhos monetários. Talvez apenas o final do trecho nos agregue um elemento nem tão recorrente. Há nele um diagnóstico das lacunas dos quadros católicos, marcados pela falta de convicção e de predicados morais necessários ao exercício do sacerdócio.

Como parte integrante das estratégias de sobrevivência nos tempos da neocrisandade, os espíritas procuraram também denunciar as rearticulações da Igreja Católica com o Estado brasileiro, materializadas, por exemplo, no Texto Constitucional de 1934. Denunciam os princípios católicos e uma série de elementos da agenda colocada pela Igreja Romana. No artigo de capa do *Reformador* de julho de 1934, intitulado *Como Ovelhas entre Lobos*, e assinado pela equipe editorial, composta, dentre outros, por Guillon Ribeiro, observa-se a denúncia da inserção de postulados católicos na Nova Constituição política do Brasil (*REFORMADOR*, 1934, p. 305-307). No mesmo sentido, também no mês de julho, foi inserido outro texto na publicação da revista. Intitulado *Constituição Theocratica*, o artigo desta vez foi assinado por João Passos. Nele permanece o tom de crítica ácida e frontal:

Eis porque uma Assembleia Constituinte, eleita pela maioria analfabeta do Brasil, acaba de votar, para nossa pátria, em pleno século de conquistas morais e científicas incessantes, uma constituição teocrática (com ensino católico nas escolas e casamentos católicos) inspirada por um soberano estrangeiro, o sr. Pio XI, chefe de uma seita que abominam todas as consciências iluminadas do mundo. (*REFORMADOR*, 1934, p. 307-308).

No trecho, vemos o Papa representado como um soberano estrangeiro, chefe de uma seita abominável, cujo poder conspiratório fere a soberania e interesses nacionais. É interessante percebermos o uso da mesma expressão utilizada por Dom Leme na cartar pastoral de 1916 para se referir ao Espiritismo. Ambos definem seu opositor, o lugar do outro, como “abominável”.

Com a apresentação dos artigos do *Reformador*, procuramos demonstrar que os espíritas adotaram estratégias discursivas semelhantes aos seus opositores católicos, buscando na medida do possível estabelecer um tratamento de isonomia nivelado por baixo. Assim, ao enfrentarem historicamente a desqualificação, a demonização, a criminalização e a “patologização”, os espiritistas se apropriaram de parte dos pilares do arsenal discursivo de que diversos sujeitos lançaram mão, quando por variadas razões, disputaram espaços com movimento espírita organizado. No que tange aos católicos, principal referência de oposição no ideário espírita, eles responderam buscando desqualificar o Catolicismo como religião e criminalizá-lo do ponto de vista teológico.

Estas ocorrências foram trazidas à baila para promover inteligibilidade e compreensão acerca da linha editorial adotada pela FEB e, mais especificamente, sua marca anticatólica. Mais uma vez, afirmamos que as relações do Espiritismo com o Catolicismo foram marcadas

pela ambiguidade já desde Kardec⁶¹. Durante o seu percurso de desenvolvimento e consolidação no Brasil, o pêndulo ora se aproximou do polo poroso, ora da posição de impenetrabilidade, com a radicalização das posições e confrontos explícitos. Com Xavier teremos estratégias argumentativas construídas em outras bases, mas de forma alguma teremos em sua obra a superação dessa ambiguidade tão característica. Podem inclusive ser identificados em sua produção literária elementos de apropriação e momentos de franco anticatolicismo.

Todo este cenário, que procuramos apresentar em rápidas colorações, interfere e interage nas escolhas das obras a serem inseridas no catálogo dos espíritas febianos. O aspecto anticatólico, porém, representa apenas uma das possibilidades que poderiam ser exploradas na sua caracterização. Muitas entradas poderiam ser adotadas para a sua análise. A opção pela verticalização nos desencontros entre os “espíritos” e a “Igreja de Pedro” se deu

⁶¹ Outra faceta das ambiguidades nos enfrentamentos dos espíritas com a Igreja Católica pode ser detectada por meio da nova publicação da obra *Estudos dos Evangelhos em Espírito e Verdade*, assinada por Antônio Luiz Sayão. Possivelmente o projeto editorial febiano, elaborado pelo binômio Ribeiro-Quintão, tenha remasterizado a estratégia de fortalecer o discurso da “religiosificação” do Espiritismo, mesmo com a diversificação de títulos no catálogo da editora da instituição. Apesar de não estar incluída na listagem resumida do catálogo de 1935, dois anos antes, em junho de 1933, encontra-se no *Reformador* a propaganda de lançamento da segunda edição da obra, agora com o título de *Elucidações Evangélicas*:

“Acaba de ser publicada em segunda edição, a obra “Elucidações Evangélicas à luz da Doutrina Espírita”, compilada e editada, primitivamente, por Antônio Luiz Sayão. Já esgotada há algum tempo e sendo muito procurado, fazia-se imprescindível a reimpressão desse trabalho, que é um amplo estudo evangélico, com referências aos livros de Moisés, dos Profetas; aos atos dos apóstolos, as epístolas e ao apocalipse. Cheio de incorreções tipográficas, em sua primeira edição, de omissões, de lacunas várias, era preciso remodelá-lo, escoimá-lo dos deslizes que empanavam o brilho da obra de tal quilate, e a sua revisão foi confiada a Guillon Ribeiro, cujos conhecimentos da sagrada escritura, junto à meticulosidade que põe em tudo aquilo que passa por suas mãos, faziam fosse ele naturalmente indicado para tão difícil tarefa. O nosso dileto companheiro dedicou-se ingentemente à missão que lhe coube e a concluiu apresentando aquele trabalho inteiramente refundido no que concerne à forma. A essência, porém, do precioso volume conservou-a o revisor, que nô-lo dá, agora, como um dos mais conscienciosos estudos que se tem feito até aqui sobre os Evangelhos do Cristo. (*REFORMADOR*, 1933, P. 155-156)”.

O artigo de divulgação do “novo” lançamento foi de autoria de Carlos Imbassahy. Ele explicita todo o esforço que teria sido demandado pelo revisor. Não por acaso, Guillon Ribeiro empresta seu prestígio na comunidade de leitores espíritas para esta publicação da obra. O livro em sua primeira edição fora vinculado ao pensamento de J. B. Roustaing, autor que procurou incorporar teses católicas dentro do Espiritismo francês. No Brasil, o texto originalmente foi lançado no bojo dos esforços para caracterizar o Espiritismo como religião, visando a abrigá-lo no princípio constitucional republicano da liberdade de culto, salvaguardando-o da criminalização. Não seria improvável que diante das investidas católicas em tempos da neocrisandade, das reaproximações entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro, os febianos tenha optado também por dar mais visibilidade a estudos sobre os Evangelhos para se contrapor ao discurso da demonização, utilizando-se inclusive de publicações ancoradas em pressupostos católicos. Desta forma, não seria inconsistente supor que neste processo os espíritas teriam se apropriado de concepções católicas para vertê-las contra o Catolicismo. Esta é uma questão que foge do escopo de nossa investigação. Não obstante, representa uma hipótese de trabalho a ser explorada em futuras pesquisas. Importa apenas ressaltar neste momento que este, em certo sentido, será um percurso trilhado por Chico Xavier por meio de sua produção psicográfica.

pela centralidade ainda ocupada pelo Catolicismo no leque de interlocuções estabelecidas pelos espíritas no período do recorte cronológico de nossa pesquisa. Na sequência do capítulo, o percurso a ser seguido será bem outro. Para fechar o leque que abrimos, se faz necessário volver uma vez mais nosso olhar investigativo sobre o catálogo resumido dos títulos publicados pela FEB no período de chegada de Chico Xavier. Resta-nos ainda analisar os romances espíritas da listagem. Como pode ser visto, deixamos o melhor para o final.

3.3 Primavera literária do romance no Espiritismo brasileiro (1932-1935)

O que nos revelam os romances? Ao nos debruçar sobre a produção dos espíritas para esse gênero literário, deparamos um dado eloquente: os romances escritos por espíritas, mais uma vez, compunham um arsenal discursivo voltado às disputas simbólicas com seus interlocutores diretos. No período estudado, suas lutas não eram mais tanto intestinas, apesar da permanência de tensões entre grupos internos. Com a hegemonia conquistada e o apagamento das dissensões, houve a criação de certo consenso em torno da matriz febianiana, apenas colocada em xeque por segmentos minoritários e considerados dissidentes⁶². Observando detidamente os romances do catálogo resumido, percebemos que há mais do que uma política editorial, existe mais uma vez um projeto editorial posto em funcionamento por lideranças que assumiram os destinos da FEB, instituição que se pretendia modelar, mas que ainda não estava consolidada em definitivo nesta posição dentro do Espiritismo brasileiro. É perceptível, nos romances produzidos pelos espíritas, uma interlocução com o campo literário mais amplo, implicando movimentos de apropriações e migrações para o subsetor do livro espiritista. As análises do segmento do gênero romance permitiram de alguma forma fechar o leque sobre a literatura espírita do período de chegada do “autor” Chico Xavier à cena literária. Elas revelaram o que talvez represente o dado mais significativo: permitiu a compressão dos vínculos da literatura psicográfica produzida por Chico Xavier, explicitando que ela não foi elaborada em um vácuo, pois possuía pares, diálogos e referências já consolidados no próprio campo da literatura espírita que circulava no Brasil. Em outras palavras, mergulharemos neste momento um pouco mais no universo cultural do jovem autor mediúnico, para conhecermos mais de perto o circuito literário espírita de sua formação.

⁶² Existem poucas investigações sobre os segmentos dissidentes dentro do movimento espírita organizado no Brasil, principalmente quanto ao período posterior à criação do modelo religioso como referência para o Espiritismo brasileiro – processo que situamos entre o final do século XIX e início do século XX. Para ter acesso a pesquisas neste sentido, podem ser consultados os estudos de Oliveira (2014); Oliveira (2010); Amorim (2011); Janotti e Lang (2005).

Estas, no entanto, são observações muito amplas, que nos permitimos apenas com o propósito de uma apresentação sobre o que virá. Tomemos então o percurso cartesiano, indo do geral ao particular. Começaremos assim socializando nossas análises de sobrevoo. Vejamos o que ela nos permitiu constatar.

QUADRO 4: Romances do Catálogo Febiano de 1935

Título	Autoria	Regime de Autoralidade	Nacionalidade da Publicação	Data da Primeira Publicação no Brasil
1. A Vingança do Judeu	Médium Wera Krijanowski; Autor espiritual J.W. Rochester	Autoralidade compartilhada	Rússia	1920 2 ed
2. Fragmento das Memórias do Padre Germano	Amalia Domingo Soler Tradução de Manuel Quintão	Autoralidade compartilhada (copiada e anotada)	Espanha	1907
3. Reencarnação ⁶³	-----	-----	-----	-----
4. O Claustro	Manoel Arão	Convencional	Brasil	1921 2 ed 1932 (reedição)
5. A Casa de Deus ⁶⁴	Júlio Cesar Leal ⁶⁵	Convencional	Brasil	1935 (reedição)
6. A Barqueira do Jucar	José Maria Fernandez Colavida Médium Aquino Tradução de Guillon Ribeiro	Autoralidade compartilhada	Espanha	1930
7. Memórias da Loucura	Antoinette Bourdin Tradução de Manuel Quintão	Convencional	França	1933 ⁶⁶
8. Na Sombra e na Luz	Zilda Gama; Victor Hugo	Autoralidade compartilhada	Brasil	1917
9. Do Calvário ao Infinito	Zilda Gama; Victor Hugo	Autoralidade compartilhada	Brasil	1922
10. Redenção	Zilda Gama;	Autoralidade	Brasil	1929

⁶³ Não foi localizada nenhuma informação referente a esta obra no acervo de obras raras da FEB, bem como entre os exemplares da revista *Reformador*; contudo, identificamos com o mesmo título a segunda parte do romance *Almas que Voltam*, assinado por Fernando do Ó. É possível que esta, em primeira edição, tenha sido publicada com suas partes em separado. A obra possui o *copyright* datado de 1947, o que não exclui a possibilidade; entretanto esta é apenas uma hipótese de trabalho.

⁶⁴ Livro teve reedição em 1935.

⁶⁵ Alessandra Al Far em *Páginas de Sensação: Literatura Popular e pornografia no Rio de Janeiro (1870-1924)*, realiza uma análise do romance *Casamento e Mortalha*, também assinado por Júlio Cesar Leal (AL FAR, 2004, p. 163-178).

⁶⁶ Antes de *Memórias da Loucura*, Manuel Quintão também traduziu do mesmo autor o romance *Entre Dois Mundos*(2006).

	Victor Hugo	compartilhada		
11. A Granja do Silêncio	Paul Bodier Tradução de Guillon Ribeiro	Convencional	França	1930
12. Mirêta ⁶⁷	Elias Sauvage	Convencional	França	1913
13. Marieta	Daniel Suárez Artazu Marieta e Estrela	Autoralidade compartilhada	Espanha	1935
14. O Espírito das Trevas	Celestina Arruda Lanza	Autoralidade compartilhada (inspirado por entidade muito elevada)	Brasil	1933 2 ed
15. A Caminho do Abismo (Cruzada Redentora)	Antônio Lima	Autoralidade compartilhada (por inspiração)	Brasil	1933
16. Senda de Espinhos (Cruzada Redentora)	Antônio Lima	Autoralidade compartilhada (por inspiração)	Brasil	1933
17. Estrada de Damasco (Cruzada Redentora)	Antônio Lima	Autoralidade compartilhada (por inspiração)	Brasil	1933
18. O Beijo da Morta	Celestina Arruda Lanza	Autoralidade compartilhada (inspirado por entidade muito elevada)	Brasil	1935 ed
19. Rosário do Coral	DR. A. Wylm Tradução de Manuel Quintão	Convencional	Informação não encontrada	1935

Fonte: elaboração própria.

A parte do catálogo destinada aos romances constitui uma lista de títulos com uma longevidade respeitável. Em 2014, estão disponíveis para a compra na seção de romances do catálogo virtual da livraria da FEB 15 dos 19 livros da listagem de 1935. Vendidos a preços módicos e sem a badalação dos anos 1930, apenas não podem ser adquiridos pelos leitores da atualidade *Reencarnado*, *A Casa de Deus*, *O Claustro* e *Memórias da Loucura*. Dentre eles, os dois primeiros de fato não alcançaram uma perenidade nestas décadas. *Memórias da Loucura* está esgotado na editora da Federação, contudo teve uma edição recente, em 2006. *O Claustro* foi publicado pela editora CEPE no ano de 2005, em um catálogo dedicado a romancistas pernambucanos.

⁶⁷ O artigo intitulado *Mireta – Romance espírita, pelo Sr. Élie Sauvage*, assinado por Morel Lavallée, sendo publicado no exemplar da *Revista Espírita* de fevereiro de 1867, periódico coordenado pelo próprio Kardec, aponta esta obra como a primeira do gênero romance especificamente espírita. Sua autoria convencional foi atribuída a Elias Sauvage. Comprovar ou não esta afirmação está fora das preocupações de nossa investigação.

Como pode ser observado no quadro 4, o segmento voltado aos romances comporta uma diversidade maior no tange ao regime de autoralidade, quando o comparamos com as outras seções do catálogo febiano. Há nos romances configurações diversas com relação à questão autoral. Apresenta-se desta forma um espectro que foi da autoralidade convencional a uma interautoria com a existência de heterônimos, mesmo que estes não tivessem a densidade e complexidade dos autores espirituais de Chico Xavier; inclusive que depois da era Chico Xavier a escrita de romances com um regime de autoralidade convencional não mais será explorada durante o século XX. Logo à frente analisaremos essa diversidade de tipos, aglutinando-os em blocos e por categorias, visando a dar conta de suas especificidades como fenômenos do campo literário espiritista.

Não obstante, nas análises dos títulos de romances, outros dados também surgem ao olhar. No catálogo constam muitos títulos nacionais, o que remete na continuidade da produtividade literária dos autores brasileiros do nosso Espiritismo. Como vimos no capítulo anterior, parte dos sujeitos, integrantes do segmento autodenominado de espíritas “religiosos”, muito cedo não se conformaram em exercer o papel de consumidores via leitura e logo se transformaram em produtores de uma literatura espírita escrita no Brasil. Os de lançamentos de autores brasileiros indicam que o fluxo de produção literária continuou sendo vertido em material de divulgação doutrinária e instrumento discursivo nas disputas que os espíritas travaram com vários interlocutores.

Há também no catálogo muitos autores estrangeiros de romances. Os dois principais países que tiveram títulos traduzidos foram a França e a Espanha. Esse dado sobre a nacionalidade dos romancistas não representa propriamente uma surpresa, pois, no período em estudo, tanto os franceses quanto os espanhóis constituíam-se ainda nas maiores referências do movimento espírita internacional.

Por fim, chama a atenção o volume de obras lançadas do final dos anos 1920 a meados dos anos 1930. Isto parece indicar, primeiramente, a existência de um projeto editorial, com a mobilização de autores de várias nacionalidades. Em segundo lugar, a inclusão do gênero romance mais uma vez como peça fundamental deste projeto, como aconteceu nas últimas décadas do século XIX. Em se tratando de segmento que via seu movimento como “religioso”, a articulação entre o gênero literário romance e a divulgação doutrinária representa um fato digno de nota. Ao remetermos a avaliação das religiões dominantes, principalmente o Catolicismo, veremos que a compreensão acerca do gênero foi bem outra. Para constituirmos um entendimento acerca das especificidades das relações entre o

Espiritismo e o romance, precisamos deitar algum tempo e energia na interlocução com autores que se debruçaram sobre a História de ambos. De nossa parte, faremos as articulações necessárias, unindo, pondo a dialogar, as produções dos dois campos temáticos.

Como nos informa Sales, na segunda metade do século XIX, o romance representava um gênero marginal, não estando entre os considerados nobres, como a poesia ou os textos clássicos (SALES, 2003, p. 17). Há uma representação dominante entre os religiosos dos séculos XVIII e XIX de que a leitura de textos cristãos, de obras confessionais, promoveria a moralização pelo exemplo que convence e arrebatava o leitor. Assim, o gênero preferido neste seguimento literário seria a hagiografia. A leitura seria um instrumento moralizante, mas apenas aquela que demonstraria o caminho da salvação pela apresentação da vivência da virtude. Para eles, esta seria uma via diametralmente oposta à lógica estruturadora do gênero romance. Assim, “Do Campo religioso partem os mais vivos ataques” (ABREU, 2012, p. 269). Os religiosos criticam o novo gênero literário pela concorrência que estabelecem com os livros confessionais, voltados à devoção. Os romances, mesmo seguindo uma perspectiva de moralização, trazendo casos exemplares de quedas morais com o compromisso de demonstrar as consequências das opções equivocadas, buscando oferecer ao leitor experiências modelares ou paradigmáticas de como não se deveria proceder, aproximavam o leitor do universo do pecado. Sujeitos ligados ao campo religioso buscavam, desta forma, desqualificar o romance, argumentando que sua leitura acarretaria um risco para a saúde espiritual dos leitores, pois eles poderiam desenvolver um movimento de empatia com cenas de imoralidade pela leitura de narrativas, ao se colocar nas situações vividas pelos personagens da trama (ABREU, 2012, p. 270-271).

Vemos assim que os segmentos dominantes do campo religioso se contrapuseram ao novo gênero literário em surgimento. E sua contraposição não se restringia apenas ao livro, mas também as suas formas de leitura. Desagradava aos sujeitos do campo religioso a ausência de mediação da figura do sacerdote na leitura dos romances, dada em sua maioria na esfera privada e sem supervisão. Em jogo, portanto, estava não apenas a disputa no âmbito do consumo das obras literárias, mas também do controle da leitura (ABREU, 2012, p. 274).

A concorrência dos romances com as leituras e atividades religiosas devia parecer ainda mais injusta, uma vez que a sua disseminação pegou carona nos esforços de alfabetização patrocinados pelo desejo de propagação do cristianismo e pela larga difusão de impressos religiosos. A disputa entre os dois gêneros de escritos arrastou-se pelos anos 700 e 800, mas, no final do século XIX, o romance sairia vitorioso, superando o volume de publicação de textos religiosos. (ABREU, 2012, p. 271).

Diversos problemas foram apontados pelos detratores do romance sob o ponto de vista moral. As narrativas tinham um caráter pedagógico às avessas ou até antipedagógicos, pois abordavam comportamentos condenáveis. Ao retratar em suas tramas cenas carregadas de condutas pecaminosas, criminosas ou toda uma série de atos reprováveis, possibilitariam a aprendizagem do *modus operandi* dessas situações. Outra questão apontada seria a possibilidade de distorção da visão de mundo e dos valores dos leitores, porque, ao explicitar a ótica do criminoso ou delinquente, poderiam proporcionar a aquisição de uma compreensão dessas ocorrências não legitimada pelos padrões sociais vigentes (ABREU, 2012, p. 278).

Desta forma, de meados do século XVIII ao final do século seguinte, o consumo de uma literatura devocional, formada principalmente por hagiografias, livros de oração, e a própria bíblia, foi suplantado pela leitura dos romances. Os livros religiosos representavam o segmento dominante no campo editorial europeu, mas perderam a supremacia com a concorrência de outros gêneros como as narrativas de viagens e obras sobre a história natural. Foi o gênero romance, entretanto, a grande presença, dominante e hegemônica, a ocupar a centralidade da cena literária desde então (STOLL, 2003, p. 29-30).

É interessante percebermos também que nas relações entre o Espiritismo e os romances houve uma via de mão dupla, pois tanto os romancistas do século XIX se apropriaram de temáticas espiritualistas em sua produção literária, quanto os espiritualistas procuraram se utilizar do romance para a sua divulgação doutrinária. De forma semelhante, a literatura convencional, sem vínculo doutrinário algum, foi responsável, na segunda metade do século XIX, pela divulgação e circulação de ideias de segmentos espiritualistas diversos, dentre eles, o Espiritismo. Variados romancistas europeus e estadunidenses abordaram em suas obras temáticas relacionadas direta ou indiretamente a estes segmentos, indicando que os movimentos espiritualistas e suas práticas chamaram a atenção dos literatos (STOLL, 2003, p. 27).

Stoll (2003) procura abordar uma “complexificação” nas relações entre os romances e os livros religiosos no período, advogando que

[...] a literatura religiosa, de cunho espiritualista, conquista o interesse de uma parcela do público leitor da época, o que lhe permite consolidar um certo espaço no mercado editorial. (...) Resumidamente, talvez se pudesse afirmar que entre meados e o final do século XIX se confrontam duas tendências: de um lado, perdura o declínio da literatura bíblica e outros textos cristãos face à concorrência dos novos gêneros literários; de outro, o processo de laicização da leitura passa a defrontar com o surgimento de novos movimentos, grupos e correntes religiosas, cujas ideias e práticas são difundidas por meio de livros. (STOLL, 2003, p. 31-32).

Com efeito, um dado significativo revelado pela nossa investigação foi o investimento do movimento espírita brasileiro na produção de romances de cunho doutrinário desde o final do século XIX, como procuramos demonstrar anteriormente, quando abordamos as análises da produção literária de Bezerra de Menezes durante a radicalização intestina no período dos conflitos entre os “científicos” e “religiosos”. Este foi um fluxo que não se interrompeu, mas foi intensificado no período de nosso recorte cronológico. No momento da chegada de Chico Xavier, houve uma aposta editorial no gênero romance como via de convencimento e divulgação doutrinária. Quem observa hoje o subsetor do mercado editorial voltado ao livro espírita no Brasil, com a consolidação do romance espírita como um dos carros-chefes deste segmento, não imagina que esta foi uma aposta de um determinado projeto editorial, uma aposta de um certo grupo dentro de um segmento religioso minoritário que buscou lançar mão de um gênero detratado pelos segmentos religiosos dominantes, principalmente a Igreja Católica, para voltá-lo à sua divulgação doutrinária, para vertê-lo em instrumento de ensino.

3.3.1 Os Romances espíritas escritos em regime de autoralidade convencional

Desde o século XIX autores espíritas de romances se apropriaram do arsenal argumentativo elaborado pelos romancistas europeus e brasileiros na defesa do novo gênero para justificar suas obras. Escolhemos, assim, para esmiuçar os meandros dos romances constantes do catálogo resumido de 1935, um cotejamento da listagem com artigos e propagandas sobre livros publicadas no *Reformador* de 1932 a 1935. Nosso propósito foi o de conhecermos estas obras por meio da apresentação elaborada para seus consumidores. O foco analítico voltou-se principalmente para a questão autoral. O que as propagandas e artigos de opinião falavam sobre o regime de autoralidade desses romances? Para fins “didáticos”, e por que uma apresentação individual seria excessivamente exaustiva e fora de propósito, vamos socializar as análises em blocos, organizados por categorias. A primeira delas será a dos romances espíritas escritos dentro de um regime de autoralidade convencional. Selecionamos inicialmente quatro ocorrências de obras do catálogo que foram comentadas em seções do *Reformador* ou divulgadas em propagandas⁶⁸ nas suas partes pre e pós-textuais. Na seção

⁶⁸ Segundo Malanga (1979, p. 10-12), a noção de propaganda remeteria ao ato de divulgar doutrinas, ideias, crenças e princípios. A propaganda seria assim uma atividade destinada a “influenciar o homem, com o objetivo religioso, político ou cívico”. Distinguir-se-ia da publicidade pelo fato de não ter uma finalidade comercial. No caso dos livros espíritas no período estudado, poderíamos incorrer em um exercício anacrônico ao estabelecermos uma distinção muito nítida destas duas categorias. Consideramos assim que esta discussão envolve meandros que estão além de nosso objeto de pesquisa, cabendo-nos apenas fazer o registro do debate

bibliografia, de 01/08/1933, dedicada à divulgação de novos títulos, encontramos uma nota sobre *A Granja do Silêncio*⁶⁹, do francês Paul Bodier⁷⁰.

A estante romântica da livreria da Federação Espírita se está tornando cada vez mais rica de novos livros. A Granja do Silêncio, que acaba de ser posta em bom vernáculo, pelo escrupuloso tradutor, que é Guillon Ribeiro, é um romance vertido do francês, idioma onde hoje é difícil encontra-se um exemplar da referida obra. Trata-se, pois, de um volume raro na sua língua original e é provável que, em breve, ninguém mais o conhecesse, se o nosso companheiro não tivesse a feliz ideia de exuma-lo do pó do esquecimento, para adorna-lo com magníficas roupagens em língua portuguesa e assim apresenta-lo aos nossos conterrâneos. O romance é empolgante, desde as primeiras linhas; é um enredo caprichoso, através do qual a doutrina espírita se apresenta traçada por mão de mestre. A Granja do Silêncio pode figurar entre os mais belos romances espíritas editados pela Federação. (REFORMADOR, 1933, p. 381).

O fragmento traz algumas informações importantes. A afirmação de que a estante romântica da FEB esta se tornando cada vez mais rica indica a “publicização” da renovação do catálogo, com a chegada de novos títulos. A engrenagem da produção literária, tanto em relação aos livros doutrinários quanto aos romances, foi posta em funcionamento pelo grupo liderado agora por Guillon Ribeiro, personagem pessoalmente empenhado no projeto editorial febianos. Ao que tudo indica, o âmbito editorial representava um instrumento de um projeto maior: o de lançar o Espiritismo brasileiro no cenário mundial, tornando a FEB uma instituição consolidada no Brasil e referência para o movimento espírita internacional. A via escolhida, o caminho a ser percorrido, seria semelhante aos enfrentados anteriormente. Aos diversos desafios desde o final do século XIX os sujeitos sitiados na Federação Espírita Brasileira responderam por meio da produção literária. Ribeiro e Quintão, lideranças do momento, não inovaram quanto ao procedimento. Intensificaram o uso de velha fórmula. Passaram a importar escritos estrangeiros. Incentivaram o surgimento de autores nacionais. Alimentaram a produção local. Como produto do trabalho deste grupo, à frente da FEB no período de chegada de Chico Xavier, tivemos uma avalanche de livros, incluindo romances,

instalado em torno dos dois conceitos. Na tese, optamos por utilizar a expressão “propaganda” constante das fontes da investigação.

⁶⁹ No original em francês a obra possui o título *La Ville du Silence*. Como a grafia de Ville está com dois “L” parece não restar dúvidas que uma tradução mais aproximada seria cidade e não granja. Ao que tudo indica, este foi um exercício de licença poética do tradutor, aproximando o livro do universo cultural brasileiro, à época (década de 1930) ainda muito mais rural do que urbano.

⁷⁰ A obra conta com a seguinte sinopse no catálogo virtual da livreria da FEB: “O autor apresenta um caso de reencarnação objetivando levar ao público fenômenos e teorias do Espiritismo. Expõe, em forma romanceada, a aparição de um Espírito e a previsão do próprio renascimento. Analisa, também, aspectos da lei de causa e efeito. Defende a tese de que cabe à Doutrina Espírita não só proclamar a vida além da morte, como também fazer ressurgir o verdadeiro Cristianismo”. Disponível em: <http://www.febeditora.com.br/departamentos/livros/romance/granja-do-silencio-a/#.U81d9uNdXQg>. Acesso em: 25/03/2014.

convertidos em instrumentos de luta para as disputas travadas principalmente no campo religioso brasileiro. Para os sujeitos envolvidos, em jogo estava a sobrevivência do movimento espírita no Brasil.

Desta forma, a pujança e vitalidade que a literatura espírita adquiriu em nosso País não é um produto criado simplesmente por mecanismos abstratos ou metafísicos. Foi sim um trabalho sistemático de um grupo. O projeto editorial febiano tem paternidade, nome e sobrenome. Foi elaborado e capitaneado pelo binômio Guillon Ribeiro-Manuel Quintão. Eles realizaram inúmeras traduções, lançando títulos estrangeiros no circuito do livro espírita no Brasil. Apoiaram e mesmo proporcionaram diversas publicações de autores nacionais do final da década de 1920 e durante toda a de 1930. Quintão contava inclusive com uma seção fixa no *Reformador* intitulada *Casos e Coisas*. Por diversas vezes, ele comentava os lançamentos, ganhando os artigos ares de propaganda, divulgação e crítica literária. Sua atuação no *Reformador*, porém, não se restringia a esta seção específica. Ele e Ribeiro escreviam sobre as obras publicadas, traduzidas ou escritas por autores autóctones. Muitos destes artigos sobre livros sem assinatura ou seção específica partiam do editorial, assinado sempre pelo presidente da FEB ou pelo diretor da revista.

Tamanha energia despendida não remete apenas uma preocupação em controlar a esfera da recepção, buscando constituir no movimento um modo de se realizar a leitura das obras. Há elementos contundentes que confirmam os indícios de um projeto editorial para fomentar a literatura espírita no Brasil, com a tradução de obras para a publicação em português e o lançamento de autores nacionais.

O caso de *A Granja do Silêncio* é exemplar. A obra teve a primeira edição na França em 1921. A metáfora da tradução como uma exumação permite a afirmação de que o romance não representou um sucesso editorial no país de origem, se, em um pouco mais de uma década, já se tratava de uma raridade. O mérito do tradutor é extremamente destacado – ele teria dessepultado o livro, condenado ao esquecimento pelos seus conterrâneos - permitindo perceber o trabalho de garimpagem realizado por Guillon Ribeiro na busca por novos títulos. A apresentação do livro como empolgante desde o início da narrativa, a referência ao enredo caprichoso associado à divulgação da doutrina espírita, por fim, a ênfase da afirmação do romance como uma peça escrita pelas mãos de mestre, caracteriza a busca de referendar o texto da literatura espírita através dos critérios de validade inerentes ao campo literário mais amplo.

Diante das críticas advindas dos detratores do romance, uma série de argumentos foi reunida pelos romancistas do século XIX ou por seus leitores, seduzidos pelas artimanhas do romance, visando à defesa das características peculiares do novo gênero. A base do edifício argumentativo dos entusiastas, dos defensores do romance, estava na convicção de seu efeito moralizador. Sofisticada teia discursiva foi tecida para dar sustentação à ideia da moralização via leitura. A ênfase na descrição singulariza as características literárias do romance. Esse fôlego no aspecto descritivo permitiria a produção detalhada dos personagens e do cenário em que estes circulam ou tomam forma⁷¹. Como consequência, dotaria a narrativa de um potencial de verossimilhança, aproximando-a do real e levando uma identificação do leitor com os atores postos em cena. Essa experiência contribuiria com a formação dos leitores de várias maneiras. Possibilitariam o contato com a experiência do outro, tendo, portanto, um caráter pedagogizante. Ao se identificar com os personagens, os leitores poderiam aprender com seus acertos e principalmente erros. Aqueles leitores que manifestariam tendências para o crime ou vício seriam levados a refletir e aprender lições de como não praticar tais atitudes, pois nos textos dos romances do século XIX o desfecho da trama pune o pecado e elogia a virtude. Já os leitores que cultivariam antes da leitura uma dimensão axiológica ou valorativa próxima à defendida pelo romancista se sentiriam justificados, tendo seus valores materializados em experiências exitosas, funcionando a leitura, por assim dizer, como um efeito de catarse ou dreno psíquico. Assim, em contraposição aos textos religiosos que se propunham a moralizar por máximas voltadas à reflexão, os romances trariam uma moral em ação (ABREU, 2012, p. 304-310).

Em síntese, os leitores do novo gênero não aprenderiam a fazer, como afirmavam os detratores do campo religioso, mas aprenderiam a não fazer, sendo o romance um instrumento de moralização muito mais poderoso e eficaz do que a produção voltada à moralização via religião. Os entusiastas do romance procuraram justificar esse amplo potencial de moralização por meio do princípio horaciano que fundia aprendizagem ao prazer da leitura, deleite a instrução. Argumentavam, desta forma, que o romance possuía um efeito moralizador mais eficaz do que a literatura confessional porque os primeiros “teriam a vantagem de ensinar sem que o leitor sequer se apercebesse”. (ABREU, 2012, p. 307). Esse

⁷¹ Este seria um dos aspectos específicos da técnica narrativa do romance: a caracterização e a apresentação do ambiente. Para Watt, “certamente o romance se diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização das personagens e à detalhada apresentação do seu ambiente”. (WATT, 2010, p. 18).

último aspecto é ressaltado no prefácio original de *A Granja do Silêncio*, escrito pelo prestigiado autor espírita Gabriel Delanne⁷². Nas palavras finais do texto prefacial, ele afirma:

Estou absolutamente persuadido de que “A Granja do Silêncio” deliciara interesse da narrativa, da gradação inteligentemente estabelecida dos episódios, há nela discussões bem arquitetadas, que realçam a importância filosófica de cada um dos sucessos, dando uma vista de conjunto da Doutrina Espírita e muita particularmente do ensino referente às vidas sucessivas, o qual se gravará na memória de todos os leitores. O estilo é atraente, poético, sempre arrebatador e não se percebe o trabalho do autor, trabalho que, no entanto, há de ter sido considerável, para conseguir dar à sua obra tão acentuado cunho de realidade. (DELANNE, 1930, p. 04).

Nitidamente, os critérios de validação da obra são referenciados no campo literário, pois os elementos destacados para sua apresentação foram: a qualidade da narrativa, com suas discussões bem arquitetadas, o estilo arrebatador, a capacidade de gravar na memória os ensinamentos doutrinários. Vemos que o livro navega em um regime de autorialidade convencional. É o trabalho do autor que elabora um produto convincente, fornecendo ao texto um “acentuado cunho de realidade”.

Watt, em trabalho hoje considerado um clássico, chama atenção para o conjunto de procedimentos narrativos que forneceriam singularidade ao gênero romance, denominados por ele de “realismo formal”. Este é concebido como ponto de diferenciação dos romancistas dos séculos XVIII e XIX com relação à prosa de ficção produzida anteriormente. O realismo formal seria assim um tipo característico de correspondência entre a vida e a prosa de ficção. Nele o escritor buscaria fornecer a obra uma impressão de fidelidade à experiência humana para dar verossimilhança à narrativa (WATT, 2010, p. 10-14).

As apropriações ao campo literário, contudo, não se restringem à importação de um método narrativo para a constituição da trama. Há também o uso de técnicas literárias na apresentação da obra ao leitor. Após o prefácio assinado por Gabriel Delanne, foi inserido na *A Granja do Silêncio*, um texto introdutório cujo título é *Palavras do Autor*. Nele Bodier afirma não ser o autor do romance. Narra então como a história lhe chegou às mãos por doação de um amigo moribundo. O sujeito apresentado como o verdadeiro autor da trama foi denominado de Dr. Gilles. Selecionamos o trecho em que o narrador concede a fala ao personagem-autor. Em seu leito de morte, o Dr. Gilles teria dito a Bodier:

O que neste momento lhe entrego é um manuscrito, todo ele de meu próprio punho; contém a narrativa da mais singular e extraordinária aventura que um ser humano

⁷² Logo após a morte de Delanne, Bodier escreveu sua biografia, o que demonstra a relação de proximidade entre eles. O texto foi escrito em parceria com Henri Regnault com o título de *Gabriel Delanne: Vida e Obras*.

possa conceber. Faça dessa narrativa o que melhor lhe parecer; confio-lhe o encargo de pôr em ordem as notas aditadas daqui, dali, e mesmo de retificar certas frases, caso algum dia resolva publicá-lo, e creio bem que se decidirá a fazer isso, não porque se trate de uma obra literária impecável, mas porque se tornará necessária essa publicação. Deixo-lhe, em testamento, um pequeno legado, para o indenizar do incômodo que presentemente lhe estou dando. Muito modestos são os haveres que possuo e que vão tocar aos meus herdeiros diretos; reservei-lhe, porém, a doação deste manuscrito, muito mais precioso do que todo o dinheiro que lhe pudesse oferecer, porquanto ninguém mais se encontra nas suas condições para o compreender e utilizar.

(...) Respeitando as últimas vontades do meu velho amigo, lanço hoje à publicidade aquele manuscrito, para que o público tome conhecimento da surpreendente história que lhe enche as páginas e dela julgue com toda a independência(...). (BODIER, 1930, p. 05-06).

Fica ao cargo da inferência do leitor a informação de que o enredo surgiu por meio de uma vivência de Gilles e não representaria uma trama ficcional, elaborada pelo escritor. Vale salientar que alegar não ser o autor do texto, mas simplesmente alguém com a função de tornar pública uma história verídica, era um procedimento literário muito utilizado pelos romancistas europeus do século XIX para aumentar o potencial de verossimilhança do romance (ABREU, 2012, 338).

Sales (2003) indica, em sua pesquisa sobre como nos textos prefaciais os romancistas brasileiros do mesmo período inventaram uma imagem autoral, que estes se apropriaram em larga medida da estratégia da denegação da autoria, visando ampliar no leitor a credibilidade da narrativa ficcional. Estudaremos com verticalidade as relações deste procedimento literário e questão autoral no Espiritismo brasileiro no próximo capítulo da tese, quando analisaremos a chegada de Chico Xavier à cena literária espiritista. No momento é preciso explicitar a recorrência desta estratégia, utilizada por Bodier e outros escritores espíritas, no campo literário europeu e brasileiro. Foi lugar comum os ficcionistas apresentarem-se em seus prefácios por meio da imagem de um compilador de um manuscrito (SALES, 2003, p. 110). Não obstante, esse tipo de denegação da autoria não rebate no regime de autoralidade nem no pacto de leitura da obra. O autor do romance permanece sendo Bodier, não há fissuras ou fraturas na questão autoral.

Vejamos outros romances do catálogo febianos que possuíam um regime de autoralidade convencional. Analisemos o caso de *Rosário de Coral*⁷³, livro assinado por A.

⁷³ A obra conta com a seguinte sinopse no catálogo virtual da livraria da FEB: “Romance baseado na fenomenologia psíquica, narrando surpreendente história do desprendimento da alma durante o sono. Descreve o misterioso encontro de um casal, em sonhos, pelo fenômeno do desdobramento, tendo como âncora a influência atrativa de um rosário de coral. É um belo livro que mostra a liberdade dos Espíritos durante o processo do afastamento do corpo físico durante o sono.” Disponível em: <http://www.febeditora.com.br/departamentos/rosario-de-coral-o/#.U81cseNdXQg> Acesso em: 21/03/2014.

Wylm. Um texto propagandístico publicado na edição do Reformador de 16/02/1935 afiançava sobre a obra:

O autor desse livro, Dr. A. Wylm, médico e neurologista, apresenta-nos, em fina tessitura romântico-literária, um caso sensacional de duas criaturas que se conhecem e se apaixonam em sonho, graças ao achado eventual de um colar abençoado pelo Papa. Homem de ciência, vê-se que o autor colima, principalmente, a tese científica, esfrolando todas as hipóteses materialistas; mas sem descuidar da parte sentimental, conduzida com muita habilidade e fulgurância imaginativas, de maneira a prender o leitor, da primeira a última página. De resto, há uma interessante questão intercorrente esboçada neste livro, qual a da política clerical da França, após a queda do 2º império. Esta só circunstância bastaria para encarecer a leitura da obra como de plena atualidade do Brasil, em face da anquilostomiase católica, que ora nos ameaça dos foros da mais sagrada das liberdades, a da consciência. As personagens são nítidas, vivas, bem estruturadas e movimentadas num ambiente de humaníssima realidade. (...) O Rosário de Coral é, em suma, um romance psíquico único no seu Gênero. (REFORMADOR, 1935).

Médico e neurologista, homem de ciência - a apresentação centra-se nas qualidades intelectuais do autor. É preciso reiterar o fato de que foi uma estratégia recorrente dos textos prefaciais dos romances brasileiros do século XIX: uma a apresentação do autor como “alguém erudito, instruído e sábio”, o que permitiria ao leitor conciliar na leitura o prazer de ler romances com a assimilação de cultura (SALES, 2003, p. 106). Os elementos em negrito caracterizam o romance dentro de um regime de autoralidade convencional. O pacto de leitura é o de uma obra literária. O leitor não lê a narrativa como um relato verídico de uma experiência. As passagens buscam convencer o leitor do valor literário do livro, escrito com habilidade e imaginação criativa. O texto é bom porque prende o leitor à trama do início ao fim. A parte final do fragmento representa outra ocorrência do tom de radicalização anticatólica dos espíritas da década de 1930. A referência à ameaça do momento à liberdade de consciência relaciona-se diretamente à ação do Catolicismo em tempos de neocristandade. O uso da noção de romance psíquico não parece remeter ao processo de produção psicográfico ou mediúnico, pois, como analisaremos a seguir, o conceito utilizado nos artigos e propagandas para tratar de obras deste gênero é o de inspiração. O uso do “psíquico” representa muito mais a temática abordada na narrativa, os fenômenos que ela trata como fundo de sua trama romântica.

O destaque às características pessoais, às qualidades intelectuais do autor como argumento de autoridade está ainda mais explícito em outras ocorrências de propagandas e artigos de opinião. Como exemplo, podemos citar a divulgação da obra *Os Menezes*, romance lançado pela FEB no ano de 1933, mas que não consta da publicação do catálogo de 1935. Um artigo de Leopoldo Machado comenta o livro assinado por Carlos Imbassahy:

Lemos sempre, com interesse crescente, tudo que sai da pena de Carlos Imbassahy. É mesmo, no mundo de letras espiritistas do Brasil, um dos escritores de nossa particular preferência. Seus escritos têm sempre, para nós, vivacidade, graça, lógica, quer comentem pontos evangélicos, quer refutem ataques de adversários do Espiritismo. Dizemos estas coisas, pondo de parte a longa amizade que cada vez mais nos aproxima do autor. Mal tivemos, por isso, seu último livro- os Menezes- fomos logo, com disposição, a suas páginas. E assim devia ser, tratando-se, ademais, de uma obra de ótima apresentação material, como todas as editadas pela Livraria da Federação, trazendo, ainda, a recomenda-lo, a advertência de ser um romance filosófico. Mergulhamos, pois, nele, durante a viagem a penates, de uma hora e vinte, alheios a tudo o que se passava no trem. Chegamos, ao termo da viagem, a pag. 67, sem havermos, porém, descoberto a razão de sua filosofia, tanto que, a nós mesmos, em pensamento, indagamos: onde haveria o Imbassahy metido a filosofia, no livro que nos estava interessando mais como um excelente romance de costumes? Tivemos até de lamentar tanta minúcia, brilho e talento, que nos pareceram desperdiçados nas quinze páginas com que o autor descreve a festa da Penha, ao cap. VII, páginas que se nos antolhariam melhormente aproveitadas num romance filosófico, estudando qualquer aspecto da vida(...) Mas, um romance com tal recomendação, dedicado pelo autor a Pinto de Carvalho, o cientista baiano, filósofo do sistema nervoso, e a Guillon Ribeiro, outro filósofo da filosofia espiritual, que é o Espiritismo, alias a verdadeira filosofia, havia de, por força, ser filosófico. (...) Aos nossos olhos, diante de nossa análise, sempre um excelente romance de costumes, a desdobra-se teimosamente, a té conhecimento, à altura da pag. 108, com o Dr. Menezes, o mais simpático personagem do livro. Ouvimos de sua boca ideias filosóficas a respeito de pontos de honra da vida social, que são também nossas. O autor sabe tramar episódios, desfechar tramas, surpreender o leitor a cada capítulo, tanto que se vai ao fim da obra sem cansaço, sem enfado. Apesar de tudo, chegamos a última página na convicção de que lêramos um romance de costumes, embora com tiradas filosófico-doutrinárias.(MACHADO, 1933. p. 621-622).

As análises de nossas fontes, principalmente da revista *Reformador*, revelaram Carlos Imbassahy como um dos autores de maior destaque no período de chegada de Chico Xavier. Naqueles anos, de 1932 a 1935, ele foi o intelectual de maior prestígio nos quadros febianos, encarregado de responder aos questionamentos dos considerados adversários do Espiritismo. Identificamos, dentro de nosso recorte cronológico, Imbassahy desempenhando este papel em diversas ocorrências. Por exemplo, foi ele o responsável por encabeçar os debates travados com os representantes do sindicato dos médicos, quando estes, em fevereiro de 1932, convocaram os representantes da FEB para uma audiência pública sobre as práticas espíritas. No convite-convocação, os médicos anunciavam o ensejo de prescrever os procedimentos vivenciados nos centros espíritas para definir os considerados saldáveis ou nocivos à saúde.

Já o comentário de Machado sobre os aspectos materiais do livro mostra que o artigo foi escrito por um ator familiarizado com o mundo editorial. De fato, este também se tratava de um autor-ator do circuito cultural espiritista. Como foi recorrente nos casos de romances produzidos dentro de um regime de auralidade convencional, os comentários e propagandas visando à divulgação da obra centraram-se com ênfase nas qualidades literárias da narrativa,

principalmente na possibilidade de fruição estética que ela proporciona. Este deleite, entretanto, veio sempre acompanhado por uma justificativa de finalidade útil, sendo o prazer associado à aprendizagem de princípios doutrinários. Como o pacto de leitura deste romance é fortemente convencional, um dado importante se refere ao sujeito central da trama. Este é apresentado como um personagem de ficção, sendo a obra recebida pelo leitor como peça de ficção, fruto da imaginação criativa do autor, de seus atributos intelectuais. Parece-nos que esta será uma das principais mudanças de eixo realizadas por meio da produção literária psicografada por Chico Xavier. Na maioria de seus romances, o personagem principal é o narrador. A fala da narração é atribuída ao seu autor espiritual, que narra a trama como sendo acontecimentos vivenciados e/ou observados por ele. Dentro desta lógica, constituiu-se um pacto de leitura no qual o texto é recebido pelo leitor como um relato de experiências verídicas. Veremos ainda, porém, que esta foi uma transformação que comportou muitas nuances. Quanto aos romances espíritas escritos seguindo o regime convencional de autoria, uma boa síntese do pensamento febiano sobre o gênero foi elaborada por Manuel Quintão ao comentar o romance *Martha*, assinado por Fernando do Ó. No início de 1932, em sua coluna no *Reformador*, Quintão saiu em defesa do gênero romance como instrumento de divulgação doutrinária:

Um bom livro espírita não é para desprezar sem comentários nestas colunas. Porque os bons livros espíritas, no gênero deste, são raros, raríssimos mesmo. E, no entanto, a literatura doutrinária leva inúmeras vantagens à profana, pois, se esta magistralmente trabalhada, deleita e instrui o intelecto, aquela não só instrui o intelecto, como educa e retémpera o sentimento. Haurida honesta e artisticamente no filão inexaurível da moral evangélica, cromatizada à luz de teorias que os fatos se encarregam de ilustrar; quando, ao demais, se ameniza na forma romântica, ela tem a vantagem de difundir ensinamentos e princípios que, de outra forma, requerem, por gravar-se, elucubrações maturadas, maleabilidade de raciocínio, hábitos de estudo e disciplina mental, pouco comuns na grande massa de leitores. E assim, mal comparando, como a terapêutica homeopática, que cura suave, sutil, imperceptível. Daí, a nossa simpatia por este gênero literário de propaganda, que reputamos do maior alcance prático. (...) obra encantadora, que, sob a forma de novela e o título *Martha*, nos chega de bem longe, das coxilhas do Sul. Seu autor, Fernando do Ó, a quem não temos a ventura de pessoalmente conhecer, é um confrade de orientação segura, a quem os prosaicos e –porque não dizer rebarbativos – misteres militares não mataram pendores literários para surtos emotivos e imaginativos, quão brilhantes. A prova temo-la nestas páginas sadias e profiláticas, espiritualmente falando, em que ele, a jogar com poucos personagens, sem grandes complicações psicológicas e simples traços fortes descritivos, nos conduz da primeira à última página, sem fadiga e num crescendo de curiosidade. Os quadros, as situações, monólogos e diálogos fluem, entrosam-se, completam-se naturalmente, sem artifícios e vê-se bem que o autor a tudo sobrepõe o escopo máximo – filtragem da filosofia espírita, em suas deduções lógicas. (QUINTÃO, 1932, p. 65-66).

No texto, Quintão faz alguns interessantes movimentos de apropriação. Para promover a produção literária confessional, denominada de “doutrinária”, estabelece uma comparação entre literatura espírita e a convencional. Para tanto, se apropria de argumentos elaborados pelos romancistas do século XIX em defesa do novo gênero, realizando uma distinção entre a literatura espírita e a considerada profana. São os compromissos com a moralização mantidos e associados à divulgação doutrinária. Em outras palavras, como na literatura escrita pelos romancistas do século anterior, Quintão e os escritores espíritas representados por ele lançam mão da justificativa da finalidade moralizadora e pedagógica do romance para fundamentar sua produção diante de seus pares e de público leitor. O princípio horaciano, que proclama uma fusão na leitura entre deleite e aprendizagem, fruição estética e instrução, foi mais uma vez evocado. Desta vez pela analogia com o tratamento homeopático. Na propaganda da obra, sua contribuição, sua importância são avaliadas por parâmetros que passam pelas qualidades literárias do texto. Ressalta-se, desta forma, a leitura descomplicada, ágil, fluente, mas promotora dos ensinamentos doutrinários.

Até aqui, neste momento do nosso percurso analítico, vimos romances espíritas escritos dentro de um regime de autoralidade convencional. Isso significa dizer que toda legitimidade do texto estava centrada na figura do autor clássico e nos seus atributos literários. A trama é produto da criatividade do escritor. Todo valor da obra é atribuído à sua personalidade. A narrativa é assim escrita sem intervenções ostensivas de espíritos na composição autoral. Boa síntese pode ser encontrada nas palavras de Quintão, quando este, no prefácio de outra obra francesa de sua tradução, intitulada *Memórias da Loucura*, assere que o romance mereceu créditos pelas “suas qualidades literárias, bem como do engenho imaginativo da autora (QUINTÃO, 1983, p. 06) ⁷⁴”. Neste caso, a autora referida era Antoinette Bourdin. Anota Ramos que “O Romance no século XIX, é preciso lembrar, assumiu a condição de narrativa responsável por inúmeros encargos, tanto no âmbito da produção do conhecimento, quanto na sua divulgação para um público mais amplo. (2012, p. 11)”. Dentro da perspectiva estudada, o gênero romance representava um instrumento de ensino, considerado um meio eficaz para divulgação doutrinária. Integrava uma literatura doutrinária e possuía fins pedagógicos. Navegava na esfera da divulgação, possuindo assim uma finalidade (de)limitada na economia dos conhecimentos espirituais.

⁷⁴ Este texto prefacial foi escrito por Quintão em março de 1933. Da mesma autora, ele também traduziu anos antes o romance *Entre Dois Mundos*. Ver Bourdin (2006).

3.3.2 Configurações híbridas no regime autoral: romances espíritas escritos por inspiração

Como estamos procurando demonstrar na tese, a peculiaridade da literatura doutrinária produzida pelos espíritas está na criação de um regime de autoralidade diferente do convencional, no qual há uma fratura na composição autoral, passando a obra a ter dois autores: um médium psicógrafo e um espírito considerado autor intelectual do texto. Tal regime da autoralidade engendrou a necessidade de um pacto de leitura em que o leitor realize o ato de ler com a convicção dessa dupla autoria, desta interautoria. A invenção deste regime de autoralidade compartilhada possibilitou uma mudança de eixo no processo epistemológico do Espiritismo. Em Kardec, a produção de suas verdades doutrinárias estava referenciada no campo científico, contando inclusive com uma suposta apropriação de seus métodos. Com as obras em interautoria, a referência transmutou-se para o campo literário. Essa transformação epistemológica ocorreu no cenário internacional do Espiritismo, mas consolidou-se como uma forte característica do Espiritismo brasileiro, configurando-se em um fenômeno literário de um circuito cultural particular. Parece-nos que esta poderia ser apontada como uma das marcas, uma das especificidades do Espiritismo no Brasil. O processo de consolidação da interautoria, entretanto, foi um fenômeno complexo e não se estabeleceu automaticamente. Evidentemente contou com movimentos de avanços e recuos. No período de chegada de Chico Xavier à cena literária espiritista, de 1932 a 1935, identificamos uma gradação no espectro entre um regime de autoralidade convencional e um regime compartilhado. Dentro dessa última categoria, encontram-se obras com as características semelhantes ou próximas da literatura psicografada pelo Medium mineiro.

Vejam algumas ocorrências que permitirão maior inteligibilidade acerca desta nossa afirmação. Começamos pelos textos ancorados por uma configuração que, ao olhar da atualidade, estariam posicionados no meio do caminho. Vamos ao caso de *A Barqueira do Júcar*, obra que recebeu o título alternativo de *O Inferno*. Teve como subtítulo *novela mediúnica* e contou com a badalada tradução de Guillon Ribeiro. A seção *Bibliographia* da edição de 16/07/1932 do *Reformador* anunciava sua primeira publicação pela editora da FEB:

A livraria da Federação Espírita Brasileira acaba de editar a novela que com o nome acima, foi recebida mediumnicamente, no Grupo “la Paz”, de Barcelona, no ano de 1870. O Grupo era dirigido por Fernandez Colavida, um dos grandes pioneiros do Espiritismo, e o médium que recebeu o interessante romance, chamava-se Aquino. A novela já foi publicada em diversos números do *Reformador* e a procura que esta revista teve na ocasião, especialmente pelos que acompanhavam a narrativa,

mostrou o interesse que ela havia despertado no público, mesmo entre os que ainda não aceitavam o Espiritismo. Diante da manifesta curiosidade que o aludido trabalho provocou e das constantes reclamações dos leitores, muitos dos quais não conseguiram ter completa a coleção do Reformador em cujos números saiu publicada a “Barqueira”, ficou resolvido que seria ela editada em livro, o que acaba de realizar-se para gaudío dos amantes do romance espírita. A Barqueira do Jucar vem, pois, aumentar a coleção romântica das obras mediúnicas, gênero da literatura bastante apreciado entre nós, o que é facilmente verificável, pelas sucessivas edições que se têm feito das referidas obras românticas, as quais, imediatamente, se esgotam. O trabalho que vem de ser impresso não é inferior em nada aos que o tem precedido, sendo seu enredo assaz empolgante e sobremaneira elevada a filosofia que encerra. Nota que merece destacada é a de que a obra foi traduzida do espanhol por Guillon Ribeiro, o que importa dizer que, além do fundo atraente, ela prima pela forma (...). (REFORMADOR, 1932, p. 392-393).

O trecho em análise traz algumas informações relevantes. O livro foi publicado na Espanha em 1870, o que fornece a indicação da possibilidade de existência da modalidade “romance mediúnico” no Espiritismo europeu. A obra, porém, só veio à luz no Brasil em 1930, com o trabalho de garimpagem realizado pelo binômio Guillon- Quintão para a edição de novos títulos do catálogo febiano⁷⁵. Ele fornece também pistas sobre as estratégias editoriais para o lançamento de obras e autores desconhecidos: a publicação em formato de folhetim pelo *Reformador*. Justifica-se a publicação em livro de *A Barqueira do Júcar* depois de seu pretense sucesso nas páginas da Revista. Outra informação relevante refere-se à predileção dos leitores espíritas sobre os romances, gênero cujas obras editadas se esgotariam rapidamente da livraria. No mais, pela propaganda, percebe-se uma questão autoral difusa no romance. Autodenominada de novela mediúnica, teria sido recebida em um grupo espírita espanhol. Quem assina o livro é o dirigente da instituição, José Maria Fernandez Colavida. Não há referências ao sobrenome do médium, conhecido vagamente pelo nome de Aquino. Tampouco foi explicitada a identidade do autor espiritual. Nesse texto propagandístico, ele não existe. Desta forma, o livro foi vinculado a uma via mediúnica, mas não poderíamos concebê-lo como possuindo um regime de autoralidade compartilhada em sentido estrito. Muito provavelmente, foi apenas o procedimento de negação da autoria, recorrente entre os romancistas do século XIX. Não obstante, seu diferencial não está no regime autoral, mas no pacto de leitura. Seu autor afirma de fato não o ser e o leitor lê acreditando que Colavida não participou na sua concepção. Ele escamoteou o procedimento literário, com vistas à denegação autoral.

⁷⁵ Vale salientar que em nosso recorte epistemológico não está a preocupação com a busca de origens. Esta é uma ocasião para reafirmarmos a sua quimera. Em uma busca pelas origens de textos mediúnicos correríamos o risco de chegar à A Epopeia de Gilgamesh (2011).

Detectamos romances com uma versão híbrida para o regime autoral, uma espécie de meio-termo entre uma autoralidade convencional e uma autoria compartilhada. Essa configuração híbrida apareceu sustentada pela noção de inspiração. Na inspiração, a atuação dos espíritos se localizaria em um campo específico. De acordo com o sistema doutrinário fundado por Kardec, os escritores, independentemente da natureza do texto, recebem influências espirituais por meio da intuição, sendo este intercâmbio uma condição obrigatória à atividade da escrita. Não obstante, Kardec categorizou a inspiração dentre as faculdades mediúnicas catalogadas no *Livro dos Médiuns*, afirmando sobre os médiuns intuitivos que

A transmissão do pensamento também se dá por meio do espírito do médium, ou melhor, de sua alma, já que designamos por esse nome o Espírito encarnado. O Espírito comunicante não atua sobre a mão para fazê-la escrever; não a toma, nem a guia. Atua sobre a alma, com a qual se identifica. (KARDEC, 2011, p. 281).

Neste caso, a inspiração seria um tipo particular de mediunidade na qual o escritor participa de alguma forma da elaboração do texto, mas tem no espírito a fonte das ideias que lhes são doadas. Encontramos o uso dessa noção, por exemplo, na nota de divulgação de *As Vítimas do Preconceito*, publicada na seção Bibliographia do *Reformador* de 16/01/1932. O romance não consta do catálogo, mas foi relançado justamente no ano.

Este o título de uma obra romântica de cunho espírita, produzida por inspiração mediúmica, cuja segunda edição está prestes a ser posta a venda. É seu autor o confrade Codro Palissy, que nessa nova edição a apresenta bastante melhorada e muito desenvolvida nalguns pontos. Dentre as páginas que lhe foram acrescentadas, destacou o autor uma, por meio da qual oferece aos nossos leitores pequena amostra da remodelação quase completa a que a submeteu, para torna-la mais interessante e mais condizente com os objetivos da sua publicação. (REFORMADOR, 1932, p. 39).

A obra é produzida por inspiração mediúmica, no entanto não ocorre a fratura na questão autoral, permanecendo um só autor. Assinada por Codro Palissy, a segunda edição teria sido alterada, com acréscimos de passagens e correções, uma remodelação quase completa. A justificativa para as mudanças no texto, visando a torná-lo mais interessante e condizente com os propósitos de divulgação, permite a inferência de que a primeira edição do romance foi considerada com problemas do ponto de vista literário e/ou doutrinário. Possivelmente na recepção inicial da obra, foram apontadas fragilidades, como passagens detectadas com incoerências ou sem respaldo nos pressupostos espíritas⁷⁶. Vale salientar que a

⁷⁶ Um estudo comparativo entre as duas versões poderia elucidar algumas destas hipóteses.

obra *As Vítimas do Preconceito* continua sendo publicada pela FEB, estando ainda em seu catálogo virtual. Sua sinopse atual afirma que

Romance fundado em história verídica de dois entes que muito se amaram na Terra. Vivendo na época do feudalismo, tiveram que enfrentar todos os prejuízos e preconceitos que a sociedade da época impunha. Separados pela imposição do grupo, sucumbem ao desalento desertando das lutas da vida pelo covarde ato do suicídio. Sofrem, então, o martírio a que o gesto os levou. Após o reconhecimento da grave falta cometida, vêm narrar os tristes episódios por que passaram através de comunicação em um Centro Espírita, fato que permitiu a realização desta obra, vinte anos após o acontecimento. O autor faz esta exposição com a finalidade de mostrar os efeitos que se abatem sobre aqueles que vão contra as leis divinas, perpetrando injustificável crime (FEB, 2014).⁷⁷

A trama aqui é tratada como narrativa verídica, originada de relatos em reuniões mediúnicas, uma via de produção completamente diferente da propaganda de 1932. Provavelmente, esta mudança no processo de concepção do romance represente uma estratégia para aproximar o texto ao pacto de leitura reinante na atualidade. No período estudado, essas configurações híbridas, contando com elementos hoje considerados de uma autorialidade compartilhada e de uma autoria convencional, permitiam a imaginação criativa do autor, sem ser esta um elemento de desqualificação do valor ou da credibilidade da narrativa.

O uso da noção de inspiração mediúnica foi praticamente abandonado na atualidade dentro da literatura espírita brasileira. Hoje ela não mais é usual, apesar de no período em análise ser bastante recorrente. Em *As Vítimas do Preconceito*, o polo autoral é fortemente centrado na figura de autor empírico, não existindo referência a nenhum autor espiritual. Um caso de hibridação com uma configuração diferente foi localizado na trilogia assinada por Antônio Lima, autor espírita de grande visibilidade na primeira metade da década de 1930:

Antônio Lima faz sua estreia desse gênero difícil que é o romance. Já passou por várias fases literárias e as letras espíritas e profanas estão cheias dos labores do seu talento. Livros de versos, obras espíritas, compêndios para creanças, tudo isso já tem sido escrito por esse infatigável amigo, que ainda ocupa as colunas dos periódicos doutrinários. E finalmente, lança a publicidade de uma obra romântica em três volumes. (...) Lima possui vários predicados que o colocam entre os bons escritores. Linguagem fácil e, sobretudo, correta. Estudioso da língua portuguesa, não tem os grandes descuidos de forma que tanto enfeia a linguagem e tornam depreciável qualquer trabalho. Não possui a teoria de que, em Espiritismo, só se devam usar expressões tristes e pesadas, de sorte que a sua “trilogia”, além do estilo fluente e leve, está cheia de passagens engraçadas. O romance é calcado num fato histórico. Principia com Carlos IX e Catharina de Médicis. Há, no primeiro volume, uma

⁷⁷Disponível em: <http://www.febeditora.com.br/departamentos/vitimas-do-preconceito/#.U9OrSONdXOg>. Acesso em: 21/03/2014.

página de grande colorido, que é a descrição da noite de S. Bartolomeu, onde os huguenotes foram sacrificados à ferocidade e ao fanatismo dos dominantes. Em suma, todo o trecho desperta interesse, conseguindo o autor, com habilidade, amenizar certos trechos com frases humorísticas e cenas cômicas. (*REFORMADOR*, 1933, p. 648-649) .

Este é um trecho da nota publicada na seção *Bibliografia* do *Reformador* sobre lançamento de *Cruzada Redentora*. A série foi composta pelos romances *A Caminho do Abismo*, *Senda de Espinhos e Estrada de Damasco*. Como nas propagandas de obras escritas dentro de um regime de autorialidade convencional, ressaltam-se as qualidades literárias do escritor e sua inserção no mundo das letras, inclusive com sua circulação no circuito literário “profano”. Seguindo a mesma perspectiva, chamou-se atenção também para as qualificações e características do texto escrito. A informação sobre o viés cômico de algumas passagens constituía novidade para época, contudo este não foi um filão que se consolidou na literatura espírita em momentos posteriores. A escolha da passagem história, com as descrições detalhadas dos morticínios ocorridos na Noite de São Bartolomeu, não parece ser gratuita e está bem ancorada no anticatolicismo reinante no período no Espiritismo brasileiro.

Até aqui, porém, a obra tem uma inserção característica dentro de um regime de autorialidade convencional. Não obstante, seu hibridismo é revelado na parte pós-textual do *Reformador*, reservada às propagandas (ANEXO F). Escolhemos divulgar a trilogia por meio de notas nas quais foi analisado cada volume individualmente. Vamos ao primeiro livro, intitulado de *A Caminho do Abismo*.

[...] romance histórico profundamente emocional, escrito sob a imediata inspiração de Camillo Castello Branco, príncipe dos romancistas portugueses, em que se acentua o seu pendor sentimentalista e onde transparecem a sua dialogação e a riqueza estilística. Contendo a descrição do canibalesco morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu a mando de Catharina de Medicis. Esta novela é o início de uma série em que os mesmos personagens reencarnados vêm resgatar as suas torpezas em outra época, que é a da Tomada da Bastilha, com as suas figuras principais: Camillo Desmoulins, Danton, Marat, Robespierre, Carlota Corday, etc (*REFORMADOR*, 1933).

Sob o ângulo do regime de autorialidade, este trecho é diametralmente oposto à nota da seção bibliografia. O polo autoral está próximo de uma autoria compartilhada, mas o espírito não é propriamente um autor espiritual como convencionado na interautoria. Camilo Castello Branco, referência da literatura portuguesa, não assina a obra em conjunto com Antônio Lima. O primeiro apenas inspira o segundo. A diferença é sutil, mas muito significativa. Há outro nome próprio associado à autoria, entretanto ele não divide a posição de autor. Sua função se assemelha a de um orientador no formato acadêmico da atualidade. Evidentemente, ao colar

sua imagem ao texto, agrega-se valor literário ao romance. É importante salientar que a peça produzida é considerada uma narrativa ficcional, sendo lida e recebida como tal pelos seus leitores. Em especial esta trilogia tem uma característica de diferenciação: a tentativa de diálogo com a História. Esta peculiaridade revela-se mais claramente no texto da divulgação de seu segundo volume, a *Sendas de Espinhos*.

As personagens de A CAMINHO DO ABISMO, romance de que este é a consequência, reaparecem neste livro sob outras roupagens para resgatar parte de suas responsabilidades do passado, no século XVI, em que algumas se associaram no morticínio da noite de São Bartolomeu. Nos episódios descritos neste livro, a fábula foi entreaachada em fatos verídicos (cujos ensinamentos e datas podem ser cotejadas na História) por maneira a lhes não tirar o interesse e a deleite, tanto quanto a lição moral, que o autor visou sublinhar e que alias constitui o escopo deste trabalho. A tomada da Bastilha em Paris, a queda de Luiz XVI e de Maria Antonieta e a sua decapitação, a revolução francesa e o despotismo de Danton e Robespirre, o assassinio de Marat por Calota Corday e a sua execução na guilhotina, se acham justapostos com tal cuidado de remendo para não se ver a ourela tramada, que o leitor não se apercebe quando fala a história ou quando romantiza a ficção, e essa será a mais atraente face no ardume desse tecido, broslado com intenções doutrinárias, subordinadas ao dogma das vidas sucessivas, mas a que não escapou um complicado com situações amorosas, empolgantes e profundamente sentimentais, próprias a deleitar o espírito afeito a narrativas emocionantes (REFORMADOR, 1933).

Sabemos que a busca por interlocuções do Romance com a História e com o passado não é nova. Essas serviram de matéria-prima para a produção do texto ficcional. Inclusive, dentre as pretensões estabelecidas pelos romancistas para a sua arte, já esteve a capacidade de narrar o passado tão bem, ou melhor, do que a História, com descrições capazes de fornecer ao leitor um retrato mais fiel, detalhado e plenamente fundamentado (RAMOS, 2012, p. 11). No caso da série *Cruzada Redentora*, a troca de serviços com a História possui uma função determinada, ou seja, tem por finalidade aumentar seu potencial de verossimilhança. A analogia têxtil não deve passar despercebida. A ourela é a parte do tecido que finaliza o pano. Seu trançado é de tal forma articulado que não recebe costura. Os elementos de sua trama estariam tão bem conectados na narrativa que não seria possível ao leitor distinguir o que seria História e o que seria ficção. Essa aparência de veracidade, constituída pelo diálogo entre *O Fato e a Fábula*, constituiria a face mais atraente do livro, seria o ponto forte do pano de um tecido bordado com “intenções doutrinárias”. Estas representariam a linha, o elemento essencial que subordina as características literárias e textuais do romance.

Para finalizar a série temos, a *Estrada de Damasco*:

Pode ser este livro como o tipo modelar do romance doutrinário, por que reúne a um tempo a urdidura copiada nos quadros da vida humana, as ansiedades do amor angustioso, o sentimentalismo que toca as almas emocionáveis, as surpresas tão agradáveis a quem estima as impressões inesperadas e a lição de justiça e do amor ao próximo, copiada do ensino dos espíritos. Assim é que nesta obra as personagens reencarnadas segunda vez se apresentam com tendências para a sua regeneração e filiam-se às correntes da terceira revelação, tornando-se discípulos de Jesus e acabando por espiar as derradeiras faltas, algumas tangidas pelo remorso outras louvando-se nos exemplos da virtude. A ação passa-se no Brasil, começando numa fazenda do interior, ao tempo da escravidão, dando ensejo a uma página histórica do que foi essa quadra canibalesca da nossa vida social. No complicado enredo, tanto como na dialogação, sobressaem a forma e a maneira peculiares de Camillo Castelo Branco, que, como ficou dito no *A CAMINHO DO ABISMO*, foi o inspirador do autor nesta série romântica. (*REFORMADOR*, 1933).

O texto da propaganda explicita bem a compreensão dos espíritas, e especificamente do grupo febiano liderado pelo binômio Guillon-Quintão, acerca de qual modelo de romance doutrinário deveria ser seguindo. Para eles, os aspectos formais e propriamente literários do gênero deveriam estar voltados ao ensino, à divulgação dos conteúdos doutrinários. O exemplo da série *Cruzada Redentora* é de fato modelar. O enredo articula três períodos históricos e seus distintos acontecimentos: a Noite de São Bartolomeu, a Revolução Francesa, a Escravidão no Brasil. O fio condutor da trama é o princípio da reencarnação. As situações vivenciadas pelos personagens são explicadas por meio da lei de ação e reação. Um olhar de sobrevoos na produção de romances espíritas indica que este foi o esquema narrativo dominante. Antônio Lima caminha neste filão, realizando apropriações ao saber histórico que transcenderam do conteúdo para também a forma. As articulações dos fatos encadeados dentro de uma lógica de causa e efeito representavam um bastião da matriz dita positivista da História, então reinante na historiografia ocidental (REIS, 1996, p. 21). Lima utiliza-se desta lógica para engendrar uma trama estruturada pelas reencarnações dos personagens. Vale salientar que este esquema narrativo foi abandonado ou não explorado por Chico Xavier, autor que terá uma escrita de romances dentro de padrões diferentes do segmento representado pela trilogia analisada. Isso não significa dizer que sua produção não teve bases sólidas ou produções literárias que representaram suas referências dentro do próprio movimento espírita. Conheceremos a seguir algumas destas obras que foram provavelmente modelos para o jovem escritor psicográfico Chico Xavier.

A propaganda termina desenvolvendo um movimento circular, voltando ao seu ponto de partida. Finaliza o texto da divulgação, trazendo Camilo Castelo Branco como “inspirador do autor nesta série romântica”. A frase de fechamento não deixa dúvidas quanto à hibridação, com uma fusão de elementos dos regimes de autoralidade que conviviam no movimento espírita na década de 1930. Espécie de meio-termo, de meio do caminho, entre

uma representação autoral convencional e compartilhada, esta imagem de um inspirador indicava a terceira posição entre os polos do autor empírico e do autor espiritual. Essa configuração, porém, não se consolidou dentro do segmento do livro espírita no Brasil, merecendo a obra de Antônio Lima, hoje quase um desconhecido, estudos históricos mais aprofundados.

Com relação às configurações autorais híbridas, as análises revelaram ainda outras ocorrências no catálogo febiano. Vamos então a este breve exercício de pinça. Na parte pós-textual da edição de 16/02/1935 do *Reformador* foi vinculada a propaganda de divulgação do livro *O Beijo da Morta*. Este romance, autoproclamado mediúnico, contava com a autoria de Celestina Arruda Lanza, mas afirma-se que o texto foi

Inspirado por uma entidade muito elevada, que, no Brasil pugnou no terreno das letras e principalmente no da poesia, por uma das casas mais notáveis e mais dignas que se tem levantado no seio da sociedade brasileira, a obra como que atrai em suas páginas a fonte de origem. Nelas se vê o espírito missionário, o qual, do outro plano da vida, continua na tarefa gloriosa que lhe foi confiada, de redimir o gênero humano. (*REFORMADOR*, 1935).

Como pode ser visto mais uma vez, a ideia de inspiração foi mobilizada. Desta vez, o literato que atuaria auxiliando na composição da narrativa ficcional não teve sua identidade revelada, existindo apenas a informação de que seria algum autor brasileiro que continuou depois da morte o exercício de sua literatura como missão. A referência à poesia não é gratuita. Mesmo naquele momento, início da década de 1930, a poesia gozava de um estatuto diferenciado no mundo literário. O mecanismo parece ser semelhante ao da trilogia assinada por Antônio Lima, agregando-se prestígio ao romance por meio da suposta atuação de um literato e poeta consagrado. Lanza assina ainda outra obra do catálogo que também fez sucesso no circuito espiritista, denominada de *O Espírito das Trevas*.

Com características semelhantes, encontram-se *O Mendigo do Presídio* e *Fragments das Memórias do Padre Germano*, modificando-se o norte ou campo para o qual se aponta a referência, de autores da literatura para representantes da religião dominante. Afirma no ano de 1932 a propaganda de lançamento da segunda edição de *O Mendigo do Presídio* que, apesar da autoria de Estrellita Junior, o livro fora “inspirado, guiado e elucidado pelo espírito de um sacerdote”. Já o caso do romance *Fragments das Memórias do Padre Germano* possui especificidades dignas de nota. Assinado por Amália Domingo Soler, foi traduzido por Manuel Quintão. Nele a escritora afirma não ser a autora do texto. Segundo esta, a história fora narrada em reuniões mediúnicas do Centro Espírita Boa Nova, instituição que funcionaria

na antiga vila espanhola da Grácia, hoje Distrito de Barcelona. As comunicações teriam sido proferidas por um médium sonâmbulo não identificado. Desta forma, o romance, segundo a versão de Soler, foi primeiramente oralizado para depois ser “copiado e anotado”, como informa o frontispício da edição de 1923. A ela coube a função de realizar as anotações e publicar os escritos em formato, primeiramente, em folhetim no jornal espírita *A Luz do Porvir*⁷⁸ e depois em livro. O romance é estruturado em formato de coletânea de mensagem. Nele o narrador é também o personagem principal. Este discorreria sobre suas experiências, assemelhando-se a narrativa a um relato autobiográfico do sacerdote. Como estamos procurando demonstrar, este procedimento de denegação da autoria se aproxima do utilizado no campo da literatura convencional. Não obstante, procura-se estabelecer um pacto de leitura para a obra no qual o texto é lido como um relato verídico ancorado nas experiências de um sujeito real, específico, com individualidade própria, e não como uma narrativa ficcional.

Em 1932, voltaria o espírito do Padre Germano a se comunicar com os vivos. Do mundo dos mortos ele teria enviado para um jovem médium brasileiro novos relatos de suas experiências, com outras reflexões. Publicadas no *Reformador* nas edições de 16 de fevereiro a 16 de março, antes, portanto, da publicação de *Parnaso de Além-Túmulo*, essas mensagens foram psicografadas pelo desconhecido mineiro Francisco Cândido Xavier. Longe de discutirmos a autenticidade, questão que está fora das preocupações desta pesquisa, o que nos interessa aqui é o dado acerca da proximidade do iniciante Chico Xavier com esta obra de Amália Soler. É possível a inferência de que o romance *Fragmentos das Memórias de Padre Germano* tenha exercido algum papel na sua formação inicial.

3.3.3 Romances espíritas produzidos em interautoria

Restam-nos ainda as análises de romances que cruzaram definitivamente a fronteira, radicalizando a negação da autoria ao ponto do estabelecimento de um regime de autoralidade compartilhada e de um pacto de leitura capaz de sustentar esta posição. Escolhemos para tal três ocorrências de romancistas cujas obras trazem uma configuração com dupla autoria. Dentre eles, é possível dizer que apenas uma pessoa atuou na cena literária espiritista no Brasil como um autor-ator, desempenhando um papel próximo dos que representarão os médiuns psicógrafos nas décadas posteriores, autores empíricos de textos cuja autoria

⁷⁸ No texto prefacial da obra, assinado por Soler, afirma-se que as mensagens de Padre Germano começaram a ser publicadas no dito jornal em 29 de abril de 1880 (SOLER, 1923, p. 06).

intelectual não lhes pertence. Estamos nos referindo a Zilda Gama, médium mineira e romancista espírita famosa.

Nascida em Juiz de Fora, Zilda Gama tornou-se professora e intelectual de certo destaque. Escreveu poesias e contos publicados em vários jornais, como o *Jornal do Brasil* e a *Gazeta de Notícias*. Chegou inclusive, a publicar diversas obras de *Didática*, intituladas *O livro Para Crianças*, *Os Garrotilhos*, *o Manual das Professoras* e *O pensamento*. Vemos assim que Gama tinha uma aproximação com o universo das letras, alcançando algum sucesso com produções voltadas ao seu campo profissional.

Segundo informações biográficas disponibilizadas no *site* da FEB editora, em 1912, sem nenhum contato com o movimento espírita organizado, ela teria recebido por meio de uma manifestação espontânea de psicografia uma mensagem do próprio Allan Kardec comunicando-lhe a respeito de sua missão⁷⁹. Integrando-se nas fronteiras do Espiritismo, já em 1916, ela teria sido comunicada de que iria escrever uma *Novela*. O espírito-autor da obra seria Victor Hugo. O texto, produzido em alguns meses, foi encaminhado à FEB e rapidamente publicado pela instituição em 1917. De fato, a obra se tratava de um romance. Como poderemos ver em Abreu (2008, p. 11) e Soares (2008, p. 71), dos séculos XVII a XIX, a nomenclatura “romance” trilhou um percurso de consolidação, dividindo a cena muitas vezes com outras denominações, dentre elas, a de novela. Ao que tudo indica, esse representaria um elemento de permanência, explicando por que *Na Sombra e na Luz* (1917) teria recebido originalmente essa categorização. Os “Anais” da literatura mediúnica espírita no Brasil registram esse livro como o primeiro romance psicografado no País a ser publicado. Essa é uma problemática que não nos colocamos, porém, podemos afirmar que *Na Sombra e na Luz* representou certo sucesso editorial, chamando a atenção no meio espiritista. Ao que tudo indica, a fórmula editorial utilizada por Zilda Gama foi acolhida e considerada bem-sucedida. Ela publicou de 1917 a 1946 outros quatro romances mediúnicos, assinados, segundo a crença de sua comunidade de leitores, por Victor Hugo. Foram eles, na sequência: *Do Calvário ao Infinito* (1922); *Redenção* (1929); *Dor Suprema* (1939) e *Almas Crucificadas* (1946). As análises das propagandas de livros publicadas no *Reformador* de 1932 a 1935 revelaram a divulgação, tanto do conjunto das obras psicografadas pela Medium, quanto certa ênfase da publicidade de seu livro mais recente à época, *Redenção*. Vejamos o que elas têm a nos dizer (ANEXO G).

⁷⁹ Essa e outras mensagens que a médium passou a psicografar foram publicadas em 1929 pela FEB sob o título de *Diário dos Invisíveis*.

Antes de qualquer coisa, percebe-se um dado relevante ao observar-se a página com a propaganda, publicada na parte posterior da revista, na edição de 16/09/1934. Possivelmente, a produção literária ainda não havia alcançado o patamar capaz de tornar-se quase que a fonte exclusiva de sustentação financeira do movimento, como ocorrerá durante a era Xavier. Os remédios ao lado dos livros indicam que havia a necessidade de se adquirir recursos por outros meios e instrumentos. A divulgação de estabelecimentos comerciais diversos, sem nenhum vínculo convencional ou compromissos doutrinários, aparece na Revista constantemente durante os anos de nosso recorte cronológico. Quanto à questão que toca diretamente nosso objeto de estudo, a propaganda em análise representa uma peça paradigmática e eloquente. Abaixo dos títulos e ao lado da capa de *Do Calvário ao Infinito*, foi inserido o seguinte texto de apresentação: “Constituem três novelas de sabido valor literário, temperadas no cadinho mediúnic pelo gênio imortal de VICTOR HUGO mercê das faculdades da senhorita ZILDA GAMA”. (REFORMADOR, 1934).

Há no trecho um destaque ao valor literário dos romances. As narrativas são descritas como produto do gênio, da imaginação criativa do espírito de Victor Hugo. Ele seria então o autor intelectual das novelas, materializadas por meio das faculdades mediúnicas de Gama. Apenas neste sentido restrito estaria situada sua contribuição. Sem deixar marcas no texto, seu papel é o de um instrumento de transmissão. Essa é a configuração de um regime de autorialidade compartilhada propriamente dito, com um autor espiritual, no qual é atribuído o trabalho intelectual, e um autor empírico, autor-ator com circulação no mundo das letras, tendo como palco a cena literária espírita.

Será esta a configuração da interautoria nos moldes em que se constituirá a produção literária de Chico Xavier. Dentre as várias perspectivas de autorialidade identificadas, esta foi à escolhida por Xavier. Apesar das convergências, entretanto, existe um distanciamento significativo entre as produções de Gama e de Xavier. Observemos a continuidade do texto propagandístico dos romances assinados por Victor Hugo:

São Páginas de grande emotividade e maior ensinamento, decalcadas na lei da reencarnação.

Há, em toda esta obra, um signo de eternidade, um balsamo e um perfume de esperança, que transcendem das misérias terrenas para os planos eterais, onde se conjugam e completam os fados humanos.

Fatalidade de nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, catástrofes políticas, tudo isso que faz o tormento e a ilusória felicidade do mundo, perpassa nesta obra, cujos personagens vivem, na trama da ficção, como padrões (...) inconfundíveis. (REFORMADOR, 1934).

Emoção e ensino, deleite e aprendizagem se fundiriam pelo princípio doutrinário da reencarnação, o que demonstra a vinculação da produção psicográfica de Gama ao esquema narrativo dominante entre os romances espíritas do período. Como é destacado, todo o enredo, seus personagens, suas tramas são da ordem da ficção. E esta se constituirá em uma diferença significativa quando comparamos com os romances psicografados por Chico Xavier. A produção do texto de Gama é realizada em um regime de autorialidade compartilhada, mas a narrativa não é considerada um relato verídico de experiência. Ela produz peças literárias no sentido convencional do termo apesar da interautoria. A especificidade do seu caso está no fato de sua escrita psicográfica ser considerada uma continuidade da obra de um autor consagrado da literatura universal. Para tanto, sua produção precisa estabelecer interlocuções com os romances assinados por Victor Hugo em vida. A credibilidade da obra de Zilda Gama está em grande medida ancorada na possibilidade de esta ser identificada em um contínuo com a literatura do Autor francês, seguindo os mesmos *padrões inconfundíveis*. Um breve olhar sobre os livros indica que sua legitimidade literária foi constituída pela convergências miméticas com as obras originais, inclusive no que tange à estrutura de edição. Assim, de forma semelhante a *Os Miseráveis* (HUGO, 2002), as obras psicográficas de Gama foram divididas em livros e estes segmentados em capítulos. Possivelmente, com este procedimento, se buscava aumentar o seu potencial de verossimilhança. Veremos adiante que este será um exercício que Chico Xavier sofisticará em alto grau, estabelecendo interlocuções de sua escrita mediúnica com a obra de escritores. Xavier, no entanto, lançará mão deste recurso apenas na escrita de gêneros como contos, crônicas e poesias, mas não romances. A seguir trataremos de ocorrências que se aproximam das escolhas literárias do Medium mineiro para mais uma vez demonstrar que sua produção tinha precedentes. Voltemos, porém, às análises sobre Zilda Gama para fecharmos o leque. Analisemos a propaganda de sua novela mais recente naquela época, publicada na parte pós-textual do *Reformador* em 16/07/1935 (ANEXO H).

Entre o nome próprio e o título da obra está a representação imagética personificando a figura do autor. Abaixo vem um resumo, com uma síntese dos acontecimentos que aguardam o leitor⁸⁰. Na imagem vemos a materialização da interautoria, com o sacrifício

⁸⁰ Encontramos no *Reformador* muitos resumos inseridos em propagandas ou artigos sobre os livros. Nossas análises revelaram que esta constitui prática de divulgação bastante recorrente no período em foco. Ao olhar da atualidade elas causam certo estranhamento, pois adiantam informações e trazem elementos do desfecho da trama. Segue o texto do resumo de *Redenção* na íntegra: Heloisa consorciando-se ao rico castelão Gastão Dusmevil, dele se separa devido a perseguição de um hindu de nome Ariel, servo de absoluta confiança de seu esposo. Ariel, não podendo conter seu amor por Heloísa e sendo pressentido na intenção de matar seu amo, fala-

ritual do nome da Medium. Não há esquecimento. A ausência de seu nome é um procedimento necessário para a conclusão da teatralidade da cena, para a configuração da autoria espiritual. Sob a óptica do funcionamento literário, há uma presença-ausente, ocorre um apagamento de sua personalidade, incluindo-se os seus atributos intelectuais. Há um apagamento da própria imagem da escritora. As habilidades literárias do psicógrafo, se existem comprovadamente, são desconsideradas. *Redenção* foi um sucesso literário sem precedentes para o período, como as outras duas psicografadas por Zilda Gama e assinada pelo “espírito” do Autor francês. Em 1949, na sua quarta edição, o número de exemplares publicados chegaria a 20 mil. O desempenho de Gama apenas será superado com a chegada de seu jovem conterrâneo. Chico Xavier, sem dúvida, teve nela, mais do que uma referência, uma meta a ser alcançada⁸¹.

Os outros dois romancistas que operavam dentro de um regime de interautoria possuem perfis convergentes e formas de inserção semelhantes dentro do Espiritismo brasileiro. Suas obras compunham o arsenal da avalanche literária proporcionada pelo trabalho editorial liderado por Manuel Quintão e Guillon Ribeiro. Eles eram autores estrangeiros e tiveram romances seus traduzidos pela dupla no período estudado. O primeiro selecionado para análise foi José Surinach, médium autor de obras diversas publicadas ao longo do século XX⁸². Encontramos publicada na parte pós-textual do *Reformador*, na edição

lhe de um dogma do oriente sobre as transmigrações das almas ou da metempsicose que ainda será conhecida por toda a humanidade terrena e que só ele explica lucidamente; pois que, o amor e o ódio se radicam nas almas, por muitos séculos, às vezes até que este seja por aquele suplantado. O hindu confessa que jamais se tendo extinguido as recordações da eternidade transcorrida, reconhece em Heloisa, sua esposa Flávia, quando em vida anterior fora monarca de Persepolis. Após a morte trágica de Ariel, Gastão procura reconciliar-se com sua esposa, esclarecendo-se então serem vítimas de acerba provação.

⁸¹ Em vários trechos das cartas particulares trocadas por mais de duas décadas entre Chico Xavier e Wantuil de Freitas, então presidente da Federação Espírita Brasileira, existem referências diretas de Xavier sobre Zilda Gama. Vejamos alguns fragmentos: “Aguardo teus informes sobre o novo livro de Zilda Gama. Que possamos ter a alegria de vê-la cooperando ativamente nos serviços da causa.” (SCHUBERT, 2010, p. 59); “Muito me reconforta a notícia referente ao novo livro psicografado por Zilda Gama. O título Almas Culpadas é muito sugestivo. Aguardarei a saída com muito interesse.” (SCHUBERT, 2010, p. 96). Como eram cartas particulares, possivelmente não existiam motivações políticas ou a necessidade de convencionalismos sociais para escamotear as suas opiniões. Neste trecho, pode ser identificado também um elemento importante quanto à dinâmica da produção editorial do livro espírita. Atualmente, nas representações reinantes no círculo cultural de consumidores dessas obras, a escrita psicográfica é concebida como desenraizada e sem a interferência dos aspectos humanos inerentes à criação de um livro convencional. O dado referente ao suposto título a que Chico Xavier teve acesso antes da publicação indica que houve uma modificação, mesmo em se tratando de uma psicografia. Como sabemos, o romance de Zilda com a assinatura de Victor Hugo veio à luz com a denominação de *Almas Crucificadas* e não Culpadas.

⁸² As editoras espíritas FEB e LAKE continuam publicando seus livros. Em 2014, títulos seus integram o catálogo virtual das referidas empresas editoriais confessionais.

de 01/07/1935, uma propaganda de seu livro *Lídia*⁸³. Este romance psicografado integrava o catálogo geral das obras publicadas pela editora da FEB, apesar de não compor a listagem do catálogo resumido. Observemos sua configuração (ANEXO I).

A representação imagética busca sintetizar o enredo, ambientando a personagem principal no Coliseu romano, seu local de martírio. Ao lado da fera, ela está prostrada, com o olhar fixo, no que se infere ser a divindade cristã. Quando se compara a cronologia das publicações de romances, percebe-se que *Lídia* foi uma das narrativas introduzidas no circuito da literatura espírita brasileira, seguindo a formatação temática de romances históricos com motivos cristãos. Não afirmamos que ela introduziu esse modelo temático, mas que integrou um conjunto de obras nesta perspectiva. Na continuidade, o texto propagandístico traz elementos significativos.

Extraordinária novela mediúnica, que atesta não apenas a maravilha do fenômeno espiritista, como as suas possibilidades latitudinárias de expressão e beleza. Lídia é o depoimento atualizado de um espírito que viveu nos tempos heroicos do cristianismo cristão, ou apostolar. A História dos seus amores, a caminhar intrepidamente para o circo romano, cheia de lances emocionais, é o que forma a tela artística, bem delineada na técnica e ao mesmo tempo pródiga de ensinamentos doutrinários. No fim do volume, o leitor encontra o sumário das sessões que prolongaram e ambientaram a captação da obra, de sorte que se habilitam a formar juízo seguro da sua origem, transcendentalmente edificante e consoladora. (REFORMADOR, 1935).

O primeiro trecho em destaque indica uma característica que não era dominante na literatura espírita, inclusive a de base mediúnica. O romance é apresentado como sendo uma narrativa verídica das experiências de Lídia. Há, em tese, uma convergência entre o autor espiritual, o narrador e a personagem principal da trama. Engendra-se no texto, para a comunidade de leitores consumidora deste segmento literário, uma marca autobiográfica. Vale salientar que este procedimento apenas se faz possível pelo funcionamento da obra em um regime de autorialidade compartilhada. O segundo trecho em destaque, no entanto, salienta um elemento de permanência. Como foi recorrente nos textos de divulgação, o princípio horaciano foi evocado em defesa do livro. Sua qualidade literária estaria ancorada na fusão de técnica com ensino doutrinário. Vemos assim que Lídia não seria para seus leitores apenas um romance histórico com temática cristã, e sim um romance autobiográfico. A marca

⁸³ Esta é a sinopse atual fornecida pela editora: “A antiga Roma do Imperador Nero é o cenário deste romance que conta a história de Lídia, uma jovem cristã que renuncia sua própria felicidade por aqueles a quem tanto ama. Alma iluminada, a protagonista desta obra exemplifica o verdadeiro amor que transpõe séculos no contexto da imortalidade do Espírito. Um romance emocionante, rico de ensinamentos doutrinários que destaca os sentimentos de amor e de renúncia incondicionais”. Disponível em: <http://www.febeditora.com.br/departamentos/lidia/#.U9mV9uNdXQg>. Acesso em 30/07/2014.

autobiográfica representou o uso de um dispositivo não usual no circuito da literatura espírita do período, representando provavelmente uma apropriação das técnicas literárias em busca de maior verossimilhança para a trama narrada.

Em 1939 Chico Xavier vai publicar seu primeiro romance. Este se tornou célebre no segmento do livro espírita. Representará a primeira de suas obras a fazer um grande sucesso de vendagem. Intitulado *Há Dois Mil Anos*, o romance trará um modelo narrativo e temático semelhante ao do romance de Surinach. Emmanuel, considerado o guia espiritual do Medium, assina o texto, sendo também seu narrador e personagem principal. Na trama, a sua esposa, uma romana convertida ao cristianismo, chama-se Lídia. Como Lídia, ela também enfrenta o martirologio, sendo devorada no coliseu pelos leões. Este é um dado importante, porque explicita que também a literatura psicográfica comporta apropriações e migrações. A produção de Xavier não caminha em um regime de exceção. Com todas as características literárias, miméticas ou não, *Há Dois Mil Anos* se posta como um romance autobiográfico. Quando o comparamos com Lídia, temos uma inversão na proposição. Em Surinach, o texto é uma narrativa autobiográfica, contudo permanece uma obra de ficção. Em Xavier, é um romance autobiográfico, todavia sua estrutura ficcional traz elementos lidos em seu circuito cultural específico como totalmente verídicos, sem a interferência da imaginação criativa do autor espiritual. Esta mudança sutil engendra uma posição diferenciada para a obra de Xavier dentro da epistemologia dos conhecimentos espíritas. Seu peso doutrinário será outro.

Neste momento, no entanto, trazemos à baila outro livro, publicado em 1935, cujas características literárias trazem evidências de ter representado mais uma fonte de apropriações e migrações na composição de *Há Dois Mil Anos*. Vejamos a propaganda voltada à divulgação de *Herculanum*, publicada na parte pós-textual do *Reformador* também em 03/10/1935 (ANEXO J).

O título da obra cobre como uma faixa a representação imagética do seu personagem principal, pairando acima, em plano superior, o nome do autor. Este, porém, é o nome do autor espiritual. A ausência de referências a um dos polos da autorialidade compartilhada não constitui novidade. Em *Lídia*, aparece apenas o nome de Surinach, seu autor empírico. No caso de *Redenção*, foi inserida a insígnia de Victor Hugo sem a explicitação do nome de Zilda Gama na imagem de divulgação. Até aqui, nada de novo sob o sol. Há, entretanto, especificidades no funcionamento da produção psicográfica assinada com o nome próprio de J. W. Rochester. Observemos o texto propagandístico associado ao cartaz da divulgação em análise.

Os Livros do Conde de Rochester, todos de fonte mediúmica, constituem um caso único na literatura espírita, assás copiosa. Vasados nos moldes clássicos da escola romântica do último quartel do século XIX, eles tiveram sucessivamente uma consagração de repetidas edições, que se espalharam, traduzidas em várias línguas. Entre nós, quem não conhece a “Vingança do Judeu”? E, contudo, este não é mais que um anel da luminosa cadeia que liga um grupo de almas, através de vários estágios na terra. De sorte que além do ensino doutrinário, tem o leitor o panorâmico histórico social de uma época. Em “Faraó de Mernephtah”, por exemplo, é o velho Egito que nos fala de suas múmias, dos seus mistérios, das suas pirâmides. Na “Vingança do Judeu”, surge-nos o quadro da sociedade europeia com a chaga da sua civilização de preconceitos de raça, de classe ou de fortuna. E assim em “Herculanum” vamos encontrar o cenário da Roma dos Césares na plenitude de sua hegemonia política, mas, também já minada pelo evangelismo cristão. Ocaso de JUPITER, aurora de CRSTO! Embate fragoroso de duas civilizações – túmulo e berço. Uma que se precipita do Capitólio, outra que sobe das catacumbas. Há páginas de colorido vivo e de emotividade extraordinária, quais sejam as que retraçam a vesuviana catástrofe que soterrou as duas lindas cidades para um sono de vinte séculos. Na catequese Cristã, o leitor de “Herculano” encontra um sabor especial – aproximando e comparando analogias de tempo, meio, processos e finalidades, concernentes a um idealismo substancial e único. E esse sabor se retina, quando encontra nessas páginas as mesmas passagens das outras obras, para lhes fazer a psicologia e ver quanto é difícil e lenta a ressurreição do espírito na trama das vidas sucessivas. (REFORMADOR, 1935).

O romance *Herculanum* é apresentado dentro da sequência de obras publicadas. Estas são *Os Livros do Conde Rochester*. O texto da propaganda possivelmente é de autoria de Manuel Quintão, pois ele foi o seu tradutor para o português. Mais uma vez, ocorreu um apagamento do autor empírico. Evidencia-se a tentativa de situar os livros em um quadro referencial mais amplo da literatura, como sendo escritos dentro dos “moldes da escola romântica do final do século XIX”. O argumento da tradução em várias línguas demonstraria o sucesso editorial e sua qualidade literária. A articulação entre ensino doutrinário e “panorama histórico” serve para identificá-los como romances históricos. Sem dúvidas, são concebidos como produtos artísticos pertencentes à ordem da ficção. A síntese do enredo de *Herculanum* fornece outra pista sobre a busca por controlar a esfera da recepção. Ao descrever a trama, o autor da propaganda procura caracterizar a obra como integrante do segmento que estava sendo introduzido no mercado do livro espírita: o romance histórico com motivos cristãos. O personagem Herculanum é um romano que se converte ao Cristianismo. No romance, ele morre na explosão Vesúvio. Também Emmanuel terá uma reencarnação como romano e este será o seu cenário de falecimento, possuindo como percurso uma aproximação com os princípios cristãos. Aliás, a imagem de Herculanum do cartaz é muito próxima da representação que adquirirá Emmanuel nas décadas posteriores. Há indícios, portanto, de elementos apropriados dos enredos de *Herculanum* e *Lídia* para a composição de *Há dois Mil Anos*.

Ainda há, no entanto, um detalhe que não nos pode passar despercebido. Quem é mesmo o autor empírico da série Rochester? Para responder a essa pergunta, precisamos ir ao texto prefacial de *A Vingança do Judeu*. Obra inaugural da coleção, foi traduzida para o português e publicada pela primeira vez no Brasil pela editora da Federação. Esta edição inicial não registra datação, contudo sua segunda edição saiu em 1920. Também não existem registros de quem realizou sua tradução, possivelmente alguém ligado ao grupo liderado por Manuel Quintão e Guillon Ribeiro. Este prefácio foi escrito pelo tradutor da edição brasileira⁸⁴. Um de seus compromissos é justamente informar ao leitor sobre a identidade dos integrantes da interautoria que compôs a obra. Já na contracapa, se explicita que a “Obra mediúnica é do Espírito do Conde J. W. Rochester” e foi “obtida pela Sr.a W. Krijanowsky – médium mecânico”. Esta é uma categoria cunhada por Kardec no *Livro dos Médiuns* (KARDEC, 2008):

Quando o Espírito atua diretamente sobre a mão do médium, ele lhe dá uma impulsão completamente independente da vontade deste último. Enquanto o Espírito tiver alguma coisa a dizer, a mão se move sem interrupção e à revelia do médium, parando somente quando o ditado termina. Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. Essa inconsciência absoluta é peculiar aos chamados *médiuns passivos* ou *mecânicos*. Trata-se de faculdade preciosa, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve. (KARDEC, 2008, p.184).

O uso do conceito de médium mecânico para qualificar a psicógrafa indica a intencionalidade de afirmar para os consumidores de sua obra que ela não teve participação intelectual na produção do livro. Essa é a pedra angular, o princípio doutrinário que fundamentou a configuração do regime de autoralidade baseado em uma interautoria. Se o médium mecânico é aquele que não tem consciência daquilo que escreve, a produção literária escrita através de sua faculdade mediúnica não pode ser atribuída a sua imaginação criativa. Portanto, qualificar Krijanowsky de “médium mecânico”, conceito amplamente conhecido dentro da comunidade dos leitores de obras espíritas, representa uma estratégia da equipe

⁸⁴ Esta prática não constituiu regime de exceção. Identificamos ao longo do percurso da pesquisa várias obras traduzidas pela FEB que ganharam prefácios escritos por seus tradutores. Um bom exemplo para verificação pode ser encontrado no romance *Memórias da Loucura*, assinado por Antoinette Bourdin. Traduzido por Manuel Quintão, nele foi inserido um texto prefacial de sua autoria como introdução. Este recebeu o sugestivo título de “*Não tem Prefácio?*”, fazendo alusão ao fato de a obra no original não trazer este gênero textual na sua abertura. A preocupação das lideranças da FEB em prefaciá-los os textos traduzidos e até mesmo outros de autores nacionais demonstra uma busca por conduzir a recepção. Estudaremos mais detidamente as questões relativas aos textos prefaciais no próximo capítulo da tese.

editorial para reforçar o pacto de leitura, no sentido dar maior credibilidade, de possibilitar maior consolidação da crença da autoria espiritual do livro.

O prefácio do tradutor caminha neste mesmo sentido. Primeiramente, o leitor recebe a informação sobre o autor espiritual, “John Wilmot, Conde de Rochester, célebre almirante sob o reinado de Carlos II, da Inglaterra, foi em vida autor de diversas poesias mui estimadas sob o ponto de vista literário, viveu e morreu jovem ainda, no século XVII (1647-1680)”. (1938, p. 08). Na continuidade, ergue-se um edifício argumentativo para a caracterização do autor empírico. Um nível inicial aponta para sua identidade e escolarização: “Esse médium, a snra. W. Krijanowsky, é uma jovem filha de família russa mui distinta. Não obstante ter recebido no Instituto Imperial de S. Petersburgo uma sólida instrução, ela não se aprofundou em nenhum ramo de conhecimentos”(IDEM, IBIDEM). Daqui inferimos que ela não possuía uma formação literária, o que agrega um elemento à denegação da autoria. Ela se completa com a descrição das características de suas faculdades psíquicas: “Sua mediunidade, segundo podemos saber pelas revistas europeias, consiste principalmente na escrita mecânica e no automatismo lhe é tão caracterizado que a sua mão traça as palavras com uma rapidez vertiginosa, com uma inconsciência completa de ideias (IDEM, IBIDEM)”.

A descrição do processo da escrita psicográfica é bastante semelhante à gestualidade que adquirirá a psicografia de Chico Xavier algumas décadas depois. A teatralidade da cena deposita mais um argumento na denegação. Como poderia ela ser a autora intelectual de um texto escrito de forma tão frenética? No mais, o dado sobre as revistas europeias, como única fonte de informações, registra um fato eloquente: Krijanowsky não desempenhou no Brasil o papel de autor-ator, de atriz de si mesma.

Para finalizar, o conhecimento histórico demonstrado entra como pedra de toque na composição da interautoria. Além disso, as narrações que lhe são assim ditadas denotam tal conhecimento da vida e dos costumes antigos, trazem, em suas minúcias, tal cunho de feição local e de verdade histórica, que será difícil ao leitor não lhes reconhecer a autenticidade. (IDEM, IBIDEM)”. Desta forma, os detalhamentos das informações sobre as sociedades antigas encontrariam respaldo no saber histórico produzido à época, o que funciona como argumento adicional na busca por convencer o leitor da autoria espiritual. Ante esse edifício argumentativo, como se poderia contestar a autenticidade? Assim, esse conjunto argumentativo foi reunido para não deixar dúvidas ao leitor sobre quem teria escrito o romance: o “espírito” do Conde J. W. Rochester. Krijanowsky, fora apenas seu instrumento.

Com relação à *Vingança do Judeu*, ainda nos caberia a última observação. Na sua sétima edição, publicada em 1938, o romance alcançaria a cifra de 35 mil exemplares. Na sua contracapa, abaixo dos nomes referentes à autoria, o leitor é informado de que a obra foi “Traduzida e revista sob os auspícios da Federação Espírita Brasileira”. Se nas primeiras décadas do século XX ainda ressoariam os ecos de uma compreensão mais “livre” do trabalho de tradução, a explicitação da versão brasileira ter sido revista pela FEB permite a inferência de que ocorreram claramente mudanças, ajustes, no texto para sua circulação no movimento espírita do Brasil. Esse é um dado que traz à tona a consolidação do caráter institucional da produção editorial espírita já no período anterior à chegada de Chico Xavier.

Foi justamente esta institucionalização da literatura espírita, capitaneando o fôlego necessário para o desenvolvimento de um projeto editorial por meio da FEB, que permitiu o surgimento do Medium mineiro como autor psicógrafo. Desta forma, sua produção literária não se deu em um vácuo, não foi escrita isoladamente, trazendo as marcas de um trabalho coletivo. Comportou o trabalho de muitas mentes e mãos, interlocutores seus nas esferas da edição, produção e circulação; comportou também movimentos de apropriações e até de migrações a outras obras literárias espíritas e não espíritas. Trazer à baila elementos da comunidade de leitores em que ele foi formado, mostrar um retrato da matriz cultural de sua formação inicial como espiritista, representou uma das intencionalidades de nossa pesquisa.

Compreender o lastro de sua literatura não significa negar as especificidades de sua produção literária, não remete à negação da erupção do novo em sua obra. Essencial para a compreensão desta, para identificarmos seus elementos de mudança e permanência, será o estudo da invenção de sua imagem autoral, associada à de seus autores espirituais.

Este capítulo procurou demonstrar que as matrizes literárias da produção psicográfica de Chico Xavier estão muito mais próximas do que se poderia pensar. Evidências indicam bases culturais especificamente espíritas para apropriações e migrações realizadas nas obras psicografadas por Xavier. Vemos assim que a literatura psicografada também possui raízes. Uma constatação que brotou das análises foi a de que já havia uma cultura literária, autores de referência e um público leitor de certa forma consolidados antes de Xavier. Em outras palavras, podemos afirmar que havia antes dele uma literatura espírita florescente. Esse florescimento está intrinsecamente relacionado com a atuação das lideranças febianas. Seus principais nomes foram Manuel Quintão e Guillon Ribeiro. Eles organizaram, mais que um projeto editorial, uma avalanche literária para fazer frente aos desafios das disputas com variados interlocutores, mas de forma privilegiada, com a ação católica baseada no modelo da

neocristandade. No fulcro do projeto literário dos intelectuais sitiados na FEB, estava a estratégia de fomentar a produção literária espírita, visando a angariar espaços no campo religioso brasileiro. Desta forma, foram realizadas inúmeras traduções de novos títulos, também lançamentos de novos títulos de autores consagrados, muitas vezes escritores de outros gêneros literários chamados a produzir romances. Ainda identificamos o lançamento de autores, bem como reedições de obras de sucesso ou consideradas estratégicas. Entre os novos autores lançados, estava o jovem Chico Xavier. Neste campo, constatamos uma diversidade de configurações do regime de autorialidade vigentes, com colorações variadas para a questão autoral. Ao que tudo indica, a consolidação da interautoria no Espiritismo brasileiro se deu por via dessas experiências de apropriações de procedimentos literários de denegação autoral existentes nos romances europeus e nacionais do século XIX.

As análises revelaram uma primavera literária nas primeiras décadas do século XX marcada pela diversidade de autores e gêneros, de médiuns psicógrafos e espíritos escritores. Deixou-se um legado que aos olhos da atualidade representa apenas uma pálida figura. Como veremos a seguir, o volume da obra mediúnica de Chico Xavier obscureceu o frondoso arbusto criado por seus antecessores, fazendo sombra sobre a rica variedade anteriormente vigente. Seu domínio como liderança e referência engendrou também apagamentos, personagem central de uma trama que consolidará de vez um novo recorte epistemológico para o Espiritismo. Com Chico Xavier, a literatura se consolidará ainda mais como um veículo de produção de verdades doutrinárias, indo muito além da divulgação de verdades já constituídas. Após sua escrita psicográfica, cada vez mais quando o assunto for o Espiritismo no Brasil, religião e literatura serão indissociáveis. Neste sentido, ao projetar concomitantemente luz e sombra, não seria impreciso qualificar Francisco Candido Xavier como um “sol negro” (CERTEAU, 2011, p. 131) da literatura espírita brasileira. A seguir, teremos então a criação de Chico Xavier e seus espíritos. Nos próximos capítulos, o nosso estudo será em parte o exercício de contemplação de um alvorecer.

4 CHICO XAVIER, POR ELE MESMO E POR SEUS LEITORES: CENAS INICIAIS DA INVENÇÃO DE SUA IMAGEM AUTORAL (1931-1934)

A escrita sobre Francisco Cândido Xavier representa um fenômeno editorial no Brasil desde a década de 1950. Mesmo na atualidade, ainda não há uma biografia histórica, como as existentes acerca de outros personagens laicos e religiosos⁸⁵, mas desde meados do século XX surgiram obras que o elegeram como objeto da narrativa. Integram gêneros literários muito variados, dentre eles existem biografias jornalísticas consideradas sérias, textos de memorialistas, e até narrativas que se aproximam muito do gênero hagiográfico. A primeira dessas obras foi publicada em 1954, período em que o Medium já havia se consolidado na centralidade do cenário espírita nacional. Intitulado de *Lindos Casos de Chico Xavier*, o livro foi produzido por Ramiro Gama, sendo composto de pequenas narrativas enfocando passagens da vida do Medium de Minas Gerais. Em 2010, ela estava na sua vigésima primeira edição pela LAKE (Livraria Allan Kardec Editora), com um montante de 149 milheiros. Há certo tom humorístico nas histórias que aproxima sua linguagem dos contos populares ou mesmo as narrativas de cordel. A publicação conta inclusive com imagens ilustrativas assumidamente ao estilo cordelista. Suas características são marcadamente hagiográficas, trazendo diversos elementos deste gênero (GAMA, 2010, 89-91). O tom geral da obra parece querer constituir um regime de exceção para a vida de Chico Xavier. Existem muitas obras com uma perspectiva semelhante à adotada por Gama sendo publicadas nos dias de hoje. Seguem um movimento pendular entre o memorialismo e a hagiografia. Em síntese, vemos que:

Pelo tratamento empregado nas edições, verifica-se que são acionados, numa narrativa em processo contínuo, por meio de textos (...) vários elementos em favor de um reconhecimento do médium Chico Xavier como um tipo de missionário, obedecendo a padrões de atualização. Além disso, a sua aparência física – em desenho e fotografia- mostrada com poucas alterações ao longo dos setenta anos de atuação aparece com frequência alicerçada a elementos como: luz, cruz e coração... e o papel e o lápis surgem, neste contexto, com uma explícita conotação sacralizada, na medida em que servem de instrumentos fundamentais de intercâmbio com o sagrado. (FERNANDES, 2008, p. 62).

Nosso recorte cronológico aborda o período de consolidação do Medium como autor empírico, indo do final de 1931 até o início de 1938. O recorte, portanto, é anterior à criação da figura mítica, reinante na atualidade. Acreditamos que a imagem atual foi inventada só

⁸⁵ Ver por exemplo Schwarcz (2008) e Frugoni (2011).

posteriormente, possuindo sua formulação inicial na década de 1950, mas com momentos decisivos de erguimento e invenção nas décadas de 1970 e 1980. Assim, durante o período de nossa investigação, o Chico Xavier da contemporaneidade ainda não existia. Como abordar então uma figura tão fluida e transitiva? Dentre as muitas possibilidades de entrada, escolhemos analisar textos públicos que o Medium escreveu sobre ele mesmo. Com a palavra, Francisco Cândido Xavier e sua escrita de si.

4.1 Jogos de sedução e convencimento: a escrita de si em *Palavras Minhas*

Chico Xavier por ele mesmo. Muitos escreveram sobre o Medium. Como procuramos demonstrar, tomá-lo como objeto da narrativa representa há pelo menos 50 anos um fenômeno editorial dentro do circuito de literatura espírita no Brasil. Após a década de 1970, esse fenômeno transbordou dos muros do rótulo religioso e foi explorado por editoras de massa não confessionais. O que ele escreveu sobre si? Apesar de todo corpo literário produzido por suas mãos, sua vasta obra publicada em vida traz raros textos públicos assinados dentro de um regime de autoralidade convencional. O primeiro deles foi intitulado *Palavras Minhas*. Foi inserido na abertura de *Parnaso de Além Túmulo* desde sua versão inicial em julho de 1932. Associado a um artigo de abertura escrito por Manuel Quintão, ganhou ares de uma carta de apresentação, desempenhando as funções destinadas a um prefácio. O segundo texto, também neste mesmo sentido, consta no início de *Cartas de uma Morta*, obra que veio a luz em 1935, sem a tutoria da FEB. Nossa opção foi nos debruçarmos detalhadamente sobre estes dois documentos para identificarmos os dispositivos neles contidos para revelar o trabalho de invenção do autor empírico por meio das complexas interlocuções estabelecidas com leitores de variados perfis.

Para as análises, sentimos a necessidade de compreender melhor os propósitos de um prefácio. Quais suas as finalidades? Quais as características deste gênero textual? Procuramos assim nos ancorar em algumas pesquisas que tomaram os prefácios como corpo documental e objeto de reflexão. Encontramos então os estudos de Sales (2003)⁸⁶ e Venâncio (2009)⁸⁷.

⁸⁶ Germana Maria de Araújo Sales realizou uma investigação visando ao seu doutoramento em prefácios de romances brasileiros do século XIX. Defendida em 2003 na Universidade de Campinas (UNICAMP) sob a orientação da Prof^a Márcia Azevedo de Abreu, recebeu o título de *Palavra e Sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas*. Para a Pesquisadora, na segunda metade do século XIX, o romance representava um gênero marginal, não estando entre os considerados nobres, como a poesia ou os textos clássicos. (SALES, 2003, p. 17). Nos prefácios, os escritores seguiam, para tanto, as estratégias de seduzir o leitor, captar a sua benevolência para com a obra, guiar a leitura (SALES, 2003, p. 23).

Ambas serão nossas companheiras de viagem para elucidarmos o emaranhado de questões da escrita autobiográfica de Chico Xavier. Esses diálogos nos possibilitaram a percepção de que os procedimentos adotados pelo Medium em seus prefácios não estavam distantes dos vivenciados no campo literário. Ao contrário, relações comparativas nos permitiram identificar convergências interessantes, mesmo havendo os distanciamentos oriundos das especificidades da literatura espiritista. No que tange a esta última, as convergências se ampliam quando comparamos os textos prefaciais de Chico Xavier com os de outros autores espíritas, que parece lhes serviram de matriz de referência.

Neste sentido, foi importante para as nossas análises perceber a que os prefácios se destinam. Segundo Venâncio, a etimologia da palavra indica que o prefácio “refere-se ao que se diz no princípio”. Para ela, estes são “textos normalmente breves que abrem um livro”. Em sua maioria teriam o duplo objetivo de anunciar o que virá para suscitar no leitor o desejo de ler a obra, bem como legitimar do texto por meio da sua valorização (VENÂNCIO, 2009, 175). Quando produzidos pelo próprio autor da obra, estes textos adquiririam algumas especificidades, pois teriam “a função de justificar suas escolhas diante do público leitor, bem como, de certa forma, interferir nos critérios com que a obra será julgada por seus leitores, apresentando seus “escrúpulos”, hesitações, dúvidas e inquietações.” (VENÂNCIO, 2009, 175). Nestes casos, outra finalidade é destacada pela Pesquisadora: a busca por controlar os efeitos da leitura. Assim, “O ato de prefaciar textos da própria autoria traduz uma clara intenção de orientar a leitura das próprias obras, conformando a sua recepção junto ao público leitor” (VENÂNCIO, 2009, p. 174).

Sales (2003) também nos chama a atenção para os propósitos de um texto prefacial. Para ela,

O prefácio, quando publicado, torna-se parte essencial do texto que o segue, pois tem por finalidade estabelecer um diálogo entre autor e leitor. É também no prefácio que ocorrem as trocas de cortêsias e que o autor orienta o leitor a fim de que este obtenha o maior aproveitamento possível do texto. Através desse introito o escritor expõe seu produto, o livro, procurando atrair seu desejado interlocutor e consumidor: o leitor. (P. 15).

⁸⁷ O texto de Giselle Martins Venâncio com quem dialogamos foi intitulado *A Utopia do Diálogo: prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada*. Trata-se de uma versão modificada de um dos capítulos de sua tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nele Venâncio foca na arte de uma construção pública de si desenvolvida por Oliveira Vianna por meio dos prefácios de suas obras. Uma escrita que buscaria constituir um autorretrato para o seu leitor. Não apenas intencionariam dirimir as possíveis críticas pela antecipação de argumentos, mas, ao comentar os próprios textos, Vianna estaria elaborando para seus leitores sua identidade como sujeito e autor. (VENÂNCIO, 2009, 175).

Um escritor não produziria um texto para si. Ele não está sozinho e pressupõe uma relação com o outro, o leitor. Nessa busca de encontro com o outro, ele precisa seduzir e se fazer crer (SALES, 2003, p. 16). Assim, no prefácio, o escritor desempenharia a função de “enredar o leitor”, buscaria “persuadir ou convencer o leitor, fazer-se compreender e, principalmente dotar seu texto de credibilidade (IDEM, p. 16)”. Por meio do prefácio, o autor buscaria estabelecer um vínculo com o leitor antes que este inicia a leitura da obra propriamente dita (IDEM, p. 67). Esses textos representariam uma estratégia para realçar a obra diante do leitor. Neles o autor lançaria mão de uma série de artimanhas, compondo um arsenal que iria da “esmerada modéstia á autoafirmação da sua figura como criador da obra escrita”. (IDEM, p. 70).

As análises de *Palavras Minhas* revelaram, para utilizar uma noção cunhada por Chartier (1990, p. 127), *dispositivos do texto*⁸⁸ voltados à busca de controle dos efeitos da leitura. Há uma clara preocupação com a recepção da obra. Para tanto, todo um esforço foi desenvolvido por Xavier, incluindo uma apresentação de sua “persona”, objetivando dotar os poemas de credibilidade. O jogo de sedução e convencimento do leitor é bem humano. Não obstante, ele inverte o fluxo quando se trata de uma autoafirmação como criador da obra. Aqui seu caminho foi outro.

Começemos, então, por *Palavras Minhas*. O texto traz uma série de elementos autobiográficos, pinçados para estruturar uma representação do Medium. Neles existe a defesa de uma tese.

Nasci em Pedro Leopoldo. Minas, em 1910. E até aqui, julgo que os meus atos perante a sociedade da minha terra são expressões do pensamento de uma alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade; e creio mesmo que todo os que me conhecem podem dar testemunho da minha vida repleta de árduas dificuldades, e mesmo de sofrimentos.

Filho de um lar muito pobre, órfão de mãe aos cinco anos, tenho experimentado toda a classe de aborrecimentos na vida e não venho ao campo da publicidade para fazer um nome, porque a dor há muito já me convenceu da inutilidade das bagatelas que são ainda tão estimadas neste mundo. E, se decidi escrever estas modestas palavras no limiar deste livro, é apenas com o intuito de elucidar o leitor, quanto à sua formação.

Começarei por dizer-lhe que sempre tive o mais pronunciado pendor para a literatura; constantemente, a melhor boa vontade animou-me para o estudo.

Mas, estudar como? Matriculando-me, quando contava oito anos, num grupo escolar, pude chegar até ao fim do curso primário, estudando apenas uma pequena parte do dia e trabalhando numa fábrica de tecidos, das quinze horas às duas da

⁸⁸ Existem para este historiador francês dois tipos de dispositivos: “os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do “autor”; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor”. (CHARTIER, 1990, P. 127).

manhã; cheguei quase a adoecer com um regime tão rigoroso; porém, essa situação modificou-se em 1923, quando então consegui um emprego no comércio, com um salário diminuto, onde o serviço dura das sete às vinte horas, mas onde o trabalho é menos rude, prolongando-se esta minha situação até os dias da atualidade. Nunca pude aprender senão alguns rudimentos de aritmética, história e vernáculo, como o são as lições das escolas primárias. É verdade que, em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pai era completamente avesso à minha vocação para as letras, e muitas vezes tive o desprazer de ver os meus livros e revistas queimados. Jamais tive autores prediletos; aprazem-me todas as leituras e mesmo nunca pude estudar estilos dos outros, por diferenciar muito pouco essas questões. Também o meio em que tenho vivido foi sempre árido, para mim, neste ponto. Os meus familiares não estimulavam, como verdadeiramente não podem, os meus desejos de estudar, sempre a braços, como eu com uma vida de múltiplos trabalhos e obrigações e nunca se me ofereceu ocasião de conviver com os intelectuais da minha terra. O meu ambiente, pois, foi sempre alheio à literatura; ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde se não pode pensar em letras. (XAVIER, 2010, p. 31-32).

Como pode ser observado, há diversas passagens que buscam situar o leitor nas dificuldades materiais às quais Chico Xavier estava submetido no período. Existe a intencionalidade de caracterizar a pobreza e as rudes condições para a aquisição do pão diário. A orfandade, o enfrentamento do trabalho infantil em fábrica têxtil, o subemprego na mercearia, a baixa escolaridade foram elementos evocados para ilustrar as condições de produção da obra. É interessante observar que ele não nega seu “pronunciado pendor para a literatura”, o que sofisticou a estrutura argumentativa do texto, fornecendo mais poder de convencimento. A confissão da paixão pelas letras vem associada a um quadro pintado em cores muito escuras: como enfim materializar o desejo de crescimento intelectual em condições materiais tão difíceis? O leitor então é levado a se convencer da impossibilidade da autoria, já que as dificuldades materiais inviabilizam sua formação literária e mesmo escolar.

Existem ainda nestes trechos passagens que representaram antecipações de acusações que pesaram toda a vida sob Chico Xavier e em particular à obra *Parnaso de Além-túmulo*. Também Oliveira Vianna, nos lançamentos de livros, utilizava a estratégia de antecipar-se aos possíveis julgamentos negativos (VENÂNCIO, 2009, 179). Quando o Medium mineiro afirma “É verdade que, em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pai era completamente avesso à minha vocação para as letras, e muitas vezes tive o desprazer de ver meus livros e revistas queimados”, ele possivelmente se defendia da acusação de autodidatismo, utilizando-se inclusive da estratégia de não negar ser um. Assim, assume a voracidade na leitura e a posse de material impresso, mas continua afirmando não poder sua condição de medium ser reduzida à de mero leitor sistemático. Noutra passagem, advoga jamais ter tido “autores prediletos; aprazem-me todas as leituras e mesmo nunca pude estudar estilos dos outros, por

diferençar muito pouco essas questões”, o que parece representar uma resposta antecipada da acusação de pastiche, da qual trataremos adiante.

Um dado que ilustra bem este cenário das leituras realizadas pelo Medium em seu autodidatismo, foi colhido por Fernandes (2008)⁸⁹. Ela encontrou, em Pedro Leopoldo, cadernos com fragmentos de textos diversos. Sua autoria foi atribuída a Chico Xavier como sendo uma produção de seu período pré-psicográfico. Materializa a constituição de uma colcha de retalhos tecida com fragmento de textos de autores muito diferentes. Os fragmentos eram recortados dos seus livros de origem, sendo colados em um mecanismo de reengenharia. O suporte do trabalho? Livros-caixa da mercearia em que o futuro Medium trabalhava como atendente, todos com as anotações de compras dos clientes. Chico Xavier se apropriava então desse material usado, e que provavelmente seria descartado, para neles organizar pensamentos díspares, postos a dialogar em um complexo processo de bricolagem. Escritores consagrados foram colocados em interlocução com pensamentos de autores desconhecidos. Nos cadernos, publicados nos anexos do livro de Fernandes, encontram-se trechos de Shakespeare, Jung, Edgar A. Poe, Cervantes, Cecília Meireles, Balzac, Rousseau, Michelet, Victor Hugo, Alvares de Azevedo, Cattulho da Paixão Cearense, João de Deus e Eça de Queiros. (FERNANDES, 2008, p. 154).

Voltemos, porém, ao nosso percurso analítico. Até este momento, constamos que os argumentos da narrativa se estruturam para convencer os diferentes leitores da total impossibilidade de Francisco Candido Xavier ser o autor das poesias contidas na obra. Vejamos algumas passagens em que identificamos momentos explícitos de denegação da autoria:

Serão das personalidades que as assinam? — é o que não posso afiançar. O que posso afirmar, categoricamente, é que, em consciência, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intelectual ao grafá-las no papel. (...) Passavam-se às vezes mais de dez dias, sem que se produzisse escrito algum, e dia houve em que se receberam mais de três produções literárias de uma só vez. Grande parte delas foram escritas fora das reuniões e tenho tido ocasião de observar que, quanto menor o número de assistentes, melhor o resultado obtido. Muitas vezes, ao recebermos uma destas páginas, era necessário recorrermos a dicionários, para sabermos os respectivos sinônimos das palavras nela empregadas, porque tanto eu como os meus companheiros as desconhecíamos em nossa Ignorância (...). (XAVIER, p. 34-35).

⁸⁹ Magali Oliveira Fernandes realizou esta pesquisa para o seu doutoramento na PUC de São Paulo sob a orientação da Profª Jerusa Pires Ferreira. Foi publicada em livro com o título *Chico Xavier: um herói brasileiro no universo das edições populares* (2008).

Afirmção categórica de recusa da autoria, de sua denegação, traz uma definição nele implícita, sendo esta concebida por Xavier como esforço intelectual para constituir a obra, assemelhando a sua escrita a um trabalho individual cujo mérito pertence àquele que se esforçou para produzi-la; concepção, aliás, expressa também nas discussões iniciais sobre a propriedade autoral no mundo ocidental (CHARTIER, 1994, p. 40). Desta forma, para ele, a autoria não seria de quem escreve, mas de quem imprimiu na produção sua imaginação criativa, diferenciando-se o autor do escritor.

O segundo trecho descreve a total submissão do escritor ao outro: o autor. O controle da produção estaria fora de suas mãos e de seu alcance. Esta ausência de domínios alcançaria não só o nível mecânico, físico, da materialização dos textos, mas envolveria também o intelecto. Sua posição estaria tão fortemente ancorada no lugar da *não autoria* que ele sequer conheceria o sentido das palavras grafadas no papel. Tratar dessa noção empírica, de um lugar da não autoria, nos remete a pensar no que poderia ser uma interpretação certauneana do prefácio de Parnaso.

Para Certeau, a possuída criaria uma perturbação no funcionamento da linguagem por desarticular o sujeito locutor de um nome próprio definido. Por essa transgressão da linguagem, a possuída se colocaria em um fora-do-texto, em um não lugar (CERTEAU, 2011, p. 274-275). Como dissemos, em *Palavras Minhas*, Chico Xavier cria para si um lugar. Este não seria um não lugar, porque se trata sim de um espaço a seu modo institucionalizado e “disciplinarizado”, o campo da literatura espírita. Representa, pois, um lugar, mas este é um lugar do sacrifício de si mesmo, de sua identidade, por isso, um lugar da não autoria.

Este sacrifício de si, para Lewgoy (2000, p. 118), seria um elemento inerente ao ritual psicográfico no qual a individualidade do medium representaria o objeto sacrificado. Seria, portanto, uma marca antropofágica da escrita psicográfica. Esta compreensão nos leva a perceber que a denegação da autoria, longe de ser algo excepcional, dentro da perspectiva da literatura espírita de base mediúnica, era uma condição fulcral para a escrita de um médium psicógrafo. Neste sentido, Chico Xavier caminhava dentro da tradição, do já convencional, preenchendo as exigências necessárias para sua inscrição no mundo das letras spiritistas. É interessante percebermos ainda que a negação da autoria, apesar de adquirir especificidades dentro deste setor literário peculiar, também foi um recurso bastante utilizado no campo literário mais amplo.

Sales (2003) chegou a identificar diversas formas de denegação, quando analisou os prefácios dos romances brasileiros do século XIX. Primeiramente, ela constituiu categorias

empíricas que apontam para uma tipologia das autoimagens criadas pelos escritores para seus leitores. Estas representações trariam estratégias equivalentes. Desta forma, teríamos nos prefácios a busca por se mostrar como um autor laborioso, um autor marcado pela modéstia e inclusive a busca por se apresentar como não sendo o autor.

O ato de negar a autoria da obra é justificado através de alguns artifícios utilizados pelo autor no decorrer do prefácio, tais como o uso do pseudônimo, a atribuição de autoria a terceiros, a apresentação da função do autor apenas como editor tradutor ou compilador da matéria aproveitada para o enredo da obra de ficção e a figura do autor como mediador entre a oralidade e a escrita. (IDEM, p. 79).

O primeiro tipo de denegação identificado seria o caso daqueles que negam a autoria, assumindo a posição de um tradutor ou compilador de manuscrito. Como compilador, restaria para o autor a função de “colher os fatos que compõem o enredo” (IDEM, p. 110). “O escritor exerceria então a tarefa de um escriba, aquele que apenas transcreve os fatos para o público. A representação do autor como compilador ou aquele que traduziria de maneira prosaica os fatos reais ou históricos deveria agradar ao grupo de leitores que apreciassem obras históricas”. (IDEM, p. 112). Tanto na representação de tradutor quanto de compilador estaria presente “o significado daquele que reúne documentos ou qualquer material escrito convertendo-os em textos com alto grau de verossimilhança.” (IDEM, p. 112).

A segunda tipologia de denegação da autoria seria a do escritor que se representa como “responsável exclusivamente pela edição do livro” (IDEM, p. 113). Assim, segundo Sales, “(...) a auto-representação dos escritores como editores acirra a problemática em torno da autoria da obra literária, além de pôr em cena um questionamento: mas a final a quem pertencia a obra? Talvez fosse sedutor para os leitores encontrarem-se diante de tal enigma.” (IDEM, p. 114).

O terceiro exemplar estaria em parte significativa dos prefácios de romancistas do século XIX. Seria o caso daqueles que afirmam ser de terceiros a autoria da obra, diferenciando-se a autoria do nome próprio que assina o livro na capa ou no seu frontispício (IDEM, p. 155). Desta forma, a “responsabilidade da autoria do romance é transferida a um outro alguém, e, embora o nome específico não seja mencionado, é este sujeito incógnito que responde pela autoria da história apenas “transcrita” pelos escritores que emprestam seu nome à obra de “outro”(...)” (IDEM, p. 115). Este por exemplo, é o caso do prefácio de *Senhora* (1875), de José de Alencar, no qual a identidade do dito autor intelectual da narrativa é

sonogada⁹⁰. Existe aqui uma diferença fundamental com relação à literatura psicográfica, pois nela há uma inversão no sentido de que o médium escritor empresta seu corpo tomando a posse do nome próprio de outrem. Ele possui e também é possuído.

Sales identificou ainda as ocorrências de escritores que se definiam como mediadores entre a cultura oral e o texto escrito. Nestes casos, o trabalho da escrita se resumiria a “recolha de narrações orais ou lendas do imaginário popular para construir os episódios da narrativa”. (IDEM, p. 116). Este recurso às referências populares baseadas na oralidade representaria uma estratégia para ancorar o texto literário na autenticidade, procurando estabelecer “um pacto de cumplicidade com o leitor”. (IDEM, p. 116).

Por motivos muito variados, a autoria apareceria disfarçada, escamoteada. A última possibilidade identificada por Sales foi a que esta considerou a estratégia mais recorrente: o uso do pseudônimo pelo autor para assumir a posição de um personagem autoral. Parece-nos que aqui a Pesquisadora não remete a utilização do pseudônimo em si, mas aos casos nos quais sua presença está associada à invenção de uma persona ficcional que desempenharia as funções autorais, inventada pelo escritor para ocupar o lugar do autor. Este

(...) uso recorrente de pseudônimos mantém a possível distancia entre o texto e o autor. Essa representação ajuda a manter a incógnita da real autoria, ao mesmo tempo em que estimula a imaginação do leitor seduzido pelos caminhos enigmáticos que encadeiam a composição artística. (IDEM, p. 118).

Dentre a diversidade de possibilidades quanto à denegação da autoria localizada por Sales em suas fontes, está última se aproxima bem mais dos procedimentos do ponto de vista retórico ou literário adotados por Chico Xavier na invenção de seus autores espirituais. Evidentemente, todas estas ocorrências guardam especificidades, representando a questão da literatura produzida pelo Medium, por meio da escrita psicográfica, outro tipo denegação da autoria, com seus dispositivos desde o mundo do texto e da edição até as esferas da recepção e apropriações pela leitura. O que é importante salientar, porém, neste momento, é que, guardadas as devidas especificidades, a estratégia da denegação da autoria, visando a ampliar o potencial de verossimilhança do texto, já existia dentre o leque de possibilidades à

⁹⁰ José de Alencar inicia o texto prefacial intitulado de *Ao Leitor* com a seguinte afirmação: “Este livro, como os dois que o precederam, não são da própria lavra do escritor, a quem geralmente os atribuem. A história é verdadeira; e a narração vem de pessoa que recebeu diretamente, e em circunstâncias que ignoro, a confiança dos principais atores deste drama curioso. O suposto autor não passa rigorosamente de editor. É certo que tomando a si o encargo de corrigir a forma e dar-lhe um lavor literário, de algum modo apropria-se não a obra mas o livro (ALENCAR, 2008, p. 05)”.

disposição dos autores do campo literário, sendo amplamente utilizado pelos romancistas brasileiros durante todo o século XIX.

Estas obras literárias, pela proximidade temporal que as separava do período da escrita de *Palavras Minhas*, possivelmente, forneceram alguns elementos para as apropriações realizadas por Xavier em seu texto prefacial. Analisemos algumas ocorrências que nos fornecem certos indícios para consolidarmos a hipótese levantada:

Em agosto, porém, do corrente ano, apesar de muito a contragosto de minha parte, porque jamais nutri a pretensão de entrar em contato com essas entidades elevadas, por conhecer as minhas imperfeições, comecei a receber a série de poesias que aqui vão publicadas, assinadas por nomes respeitáveis. (XAVIER, 2010, p. 34).

A todos eles, todavia, os meus saúdes, com os meus agradecimentos intraduzíveis aos boníssimos mentores do Além, que Inspiraram esta obra, que generosamente se dignaram não reparar as minhas incontáveis imperfeições, transmitindo, por intermédio de Instrumento tão mesquinho, os seus salutares ensinamentos. (XAVIER, 2010, p. 36).

Ao leitor contemporâneo, cuja visão está marcada pela invenção mitificada da figura de Francisco Candido Xavier, estes trechos representariam uma demonstração pública de humildade. Não obstante, é importante se perceber que o cultivo deste tom, desta postura, indica a utilização de outro dispositivo textual comum ao campo literário do período. Como observa Sales (2003, p. 76), o autor, objetivando agradar ao público, lançava mão de várias manifestações que envolviam imaginação, realidade e fantasia, compondo um discurso disfarçado muitas vezes por meio de modéstias eloquentes. Estas “modéstias eloquentes” representariam um procedimento retórico recorrente nos romances do século XIX. As falas proferidas ao público traziam uma forma persuasiva e convincente, buscando influenciar e encaminhar os leitores. Assim, ela observa que a suposta ausência de vaidade e a aparente simplicidade são comuns em grande parte dos prefácios (IDEM, p. 94). Conclui-se que uma demonstração de modéstia seria até certo ponto um dos procedimentos recomendáveis aos autores do campo literário e mesmo esperados, principalmente quando se tratava de um iniciante no mundo das letras.

As análises realizadas no texto prefacial de *Parnaso de Além-Túmulo* permitiram também identificar outras estratégias de sedução e convencimento, caracterizando um amplo espectro de dispositivos textuais. É possível estabelecermos inferências de “leitores implícitos” (IDEM, p. 52) a que Chico Xavier se refere para responder a questões específicas destes grupos de interlocutores. A diversidade e a variação em si mesmas demonstra uma intencionalidade de criar um cardápio que atenda a diferentes paladares, pois as “diversas

formas de tratamento estabelecidas pelo autor para com o leitor são uma forma estratégica de alcançar um público variado, com gostos e preferências diversas”. (IDEM, p. 54). A percepção desta diversidade é claramente explicitada em trechos nos quais Xavier se refere diretamente aos seus leitores:

E, se decidi escrever estas modestas palavras no limiar deste livro, é apenas com o intuito de elucidar o leitor, quanto à sua formação. (XAVIER, 2010, p. 32).

Terei feito compreender, a quem me lê, a verdade como de fato ela é? Creio que não. Em alguns despertarei sentimentos de piedade e, noutros, risinhos ridiculizadores. Há de haver, porém, alguém que encontre consolação nestas páginas humildes. Um desses que haja, entre mil dos primeiros, e dou-me por compensado do meu trabalho. (XAVIER, 2010, p. 36).

Dentre a diversidade prevista pelo autor de *Palavras Minhas*, há duas categorias de leitores privilegiados nos momentos de interlocução: os espíritas e os católicos. Com relação a estes últimos, há um trecho que traz uma referência direta. Sua abordagem sobre o Catolicismo traz um dado importante:

Prosseguindo nas minhas explicações, devo esclarecer que minha família era católica e eu não podia escapar aos sentimentos dos meus. Fui, pois criado com as teorias da igreja, frequentando-a mesmo com amor, desde os tempos de criança; quando ia às aulas de catecismo era para mim um prazer. Até 1927, todos nós não admitíamos outras verdades além das proclamadas pelo Catolicismo (...) (XAVIER, 2010, p. 32).

Uma declaração de vínculo anterior com o Catolicismo de forma alguma constituiu novidade dentro do movimento espírita. Muitas lideranças já haviam tomado esta postura no rito de passagem que marcava sua conversão. O próprio Adolfo Bezerra de Menezes o fez em sua carta confissão, escrita ao seu irmão. Portanto, uma confissão no âmbito privado, já que este texto produzido no final do século XIX, após a sua conversão ao Espiritismo, só veio à luz em 1921, publicado no *Reformador* em formato de folhetim sob o título de *Valioso Autógrafo*⁹¹. É muito importante ressaltar, entretanto, a mudança sutil, mas profundamente significativa, no tom utilizado por Francisco Cândido Xavier. A intelectualidade do movimento espírita capitaneada e sitiada na Federação Espírita Brasileira havia endurecido o

⁹¹ No mesmo ano, o texto de Bezerra de Menezes foi publicado pela FEB com a denominação *de Doutrina Espirita como Filosofia Teogônica*. Em 1946, ele adquiriu outro título, sendo agora publicado também pela FEB como *Uma Carta de Bezerra de Menezes*. Esta produção do Médico cearense, considerado o Kardec brasileiro, ainda não foi estudada devidamente por pesquisas acadêmicas. As investigações de Almeida (2007) e Arribas (2010) levam em consideração apenas o período de sua escrita, mas não avaliam o momento de sua recepção, com a publicação em mais de duas décadas após a morte do seu autor. O caso da mudança de título por três vezes em 25 anos representa uma peculiaridade que pode sugerir um indício interessante a ser mais bem analisado em pesquisas posteriores.

tom com relação ao Catolicismo, respondendo com veemência ao que eles consideravam uma campanha antiespírita realizada pela Igreja Católica. Xavier, antes de descrever seu processo de conversão ao Espiritismo, desarma possíveis críticas, fazendo uma concessão à maioria dominante. Confessa a sua aceitação anterior aos princípios vigentes na teologia romana, seu amor e o prazer que sentia nas aulas de catecismo. Longe de representar uma ambiguidade de sua posição, explicitava esta declaração de vínculo vivenciada de forma tão integral, pois envolvia os âmbitos da inteligência, do sentimento e da sensação, um giro na estratégia de interlocução e enfrentamento. Essa passagem representa um indício do viés que será explorado e desenvolvido por Xavier nos anos posteriores. Há nela um posicionamento diferenciado em relação às posturas dos espíritas do período. Nessa fala mais conciliatória, existe uma proposição de interlocução em outras bases e uma estratégia de enfrentamento que se revelará mais eficaz.

Apenas após a referência respeitosa ao Catolicismo, na qual se desarma uma parte significativa de possíveis leitores não espíritas, ele descreve sua adesão ao novo rótulo religioso. Diferente de Bezerra de Menezes, que relata sua conversão ao Espiritismo através da cura do corpo, Chico Xavier situará o leitor, estabelecendo como marco divisório uma cura da alma. Não a dele especificamente, mas a de um ente querido. Vejamos:

(...) mas, eis que uma das minhas irmãs, em maio do ano referido, foi acometida de terrível obsessão; a medicina foi impotente para conceder-lhe uma pequenina melhora, sequer. Vários dias consecutivos foram, para nossa casa, horas de amargos padecimentos morais. Foi quando decidimos solicitar o auxílio de um distinto amigo, espírita convicto, o Sr. José Hermínio Perácio, que caridosamente se prontificou a ajudar-nos com a sua boa vontade e o seu esforço. Verdadeiro discípulo do Evangelho, ofereceu-nos até a sua residência, bem distante da nossa, tanto à sua família, onde então, num ambiente totalmente modificado, poderia ela estudar as bases da doutrina espírita, orientando-se quanto aos seus deveres, desenvolvendo, simultaneamente, as suas faculdades mediúnicas. Aí, sob os seus caridosos cuidados e da sua Excelentíssima esposa Dona Carmen Pena Perácio, médium dotada de raras faculdades, minha irmã Háuria, para nosso benefício, os ensinamentos sublimes da formosa doutrina dos mensageiros divinos; foi nesse ambiente onde imperavam os sentimentos cristãos de dois corações profundamente generosos, como o são os daqueles confrades a que me referi, que a minha mãe, que regressara ao Além em 1915, deixando-nos mergulhados em imorredoura saudade, começou a ditar-nos os seus conselhos salutares, por intermédio da esposa do nosso amigo, entrando em pormenores da nossa vida íntima, que essa senhora desconhecia. Até a grafia era absolutamente igual à que a nossa genitora usava, quando na Terra. Sobre esses fatos e essas provas irrefutáveis solidificamos a nossa fé, que se tornou inabalável. Em breve minha irmã regressava ao nosso lar cheia de saúde e feliz, integrada no conhecimento da luz que deveria daí por diante nortear os nossos passos na vida. Resolvemos, então, com ingentes sacrifícios, reunir um núcleo de crentes para estudo e difusão da doutrina(...) (XAVIER, 2010, p. 32-33)

Neste trecho, Chico Xavier faz referência a uma mudança na terapêutica vivenciada no movimento espírita. Durante o século XIX e nas primeiras décadas do século XX, ainda predominava nos centros espíritas uma articulação com a homeopatia por meio dos médiuns receitistas. Não obstante, também desde o final do século XIX vinham se consolidando as atividades de desobsessão. Com a repressão policial e a criminalização do Espiritismo no primeiro Código Penal republicano, ao que tudo indica, as práticas de cura migraram para o polo emergente (GIUMBELLI, 1997, p. 281). O caso que Chico Xavier descreve é justamente relativo a tais procedimentos de tratamento espiritual, com a cura sendo promovida com a sensibilização do espírito que perseguia sua irmã, denominado de obsessão. Sua obra literária será um instrumento utilizado para disciplinar estas práticas, legitimando, regulando e prescrevendo, por via dos romances da Coleção André Luiz⁹², posturas a serem seguidas. Neste sentido, papel fundamental terá os quadros descritivos, exemplos cotidianos relatados sob a óptica do plano espiritual.

Neste momento, porém, o que nos toca de perto o interesse é a inferência do leitor implícito na passagem de sua conversão. A declaração das provas irrefutáveis engendrando uma fé inabalável no Espiritismo, o desfecho feliz da narrativa comprovando a eficácia da terapêutica, dão indícios de que o Medium escrevia para uma comunidade de leitores já convicta. Aqui ele escrevia para os seus, ele atestava sua crença para ser aceito entre os iguais. Neste processo de entrada em cena, Xavier lançou mão de outras estratégias para seduzir o leitor especializado, o espírita convicto, possibilitando seu acolhimento no campo das letras espiritistas. As análises revelaram trechos de falas diretas a um público leitor “iniciado”:

[...] e foi nessas reuniões que me desenvolvi como médium escrevente, semi-mecânico, sentindo-me muito feliz por se me apresentar essa oportunidade de progredir, datando daí o ingresso do meu humilde nome nos jornais espíritas, para onde comecei a escrever sob a Inspiração dos bondosos mentores espirituais que nos assistiam. (XAVIER, 2010, p. 33).

Julgo do meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fosse; essas produções chegaram-me sempre espontaneamente, sem que eu ou meus companheiros de trabalhos as provocássemos e jamais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos comunicantes, em nossas preces. (XAVIER, 2010, p. 35).

Essas falas envolvem elementos procedimentais da prática mediúnica. Há uma utilização de conceitos apropriados da produção de Allan Kardec. É importante salientar que *médium escrevente* é a denominação atribuída pelo denominado de codificador do Espiritismo. Essa categoria encontra-se no título do capítulo XV da obra *O Livro dos*

⁹² Esta coleção de romances foi editada de 1944 a 1968. Contabiliza 11 obras, todas editadas pela FEB.

Médiuns, remetendo às pessoas que escreveriam sob a influência de espíritos (KARDEC, 2013, p. 183-189). A qualificação de semimecânico representaria um tipo em particular de médium psicógrafo. Com a palavra, Kardec:

No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semi-mecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que sua mão é impulsionada contra sua vontade, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro, o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, antes da escrita; no terceiro, ao mesmo tempo que a escrita. Estes últimos médiuns são os mais numerosos. (KARDEC, 2013, p. 185).

Assim ele está literalmente se enquadrando em uma tipologia de classificação, propondo uma posição sem muito relevância, pois assume o tipo mais comum, mais numeroso de médiuns escreventes. Indo além nesta caracterização de uma entrada em cena até certo ponto “discreta”, ele chegou a afirmar que julgava ser sua obrigação frisar “também, que, apesar de todo o meu bom desejo, jamais obtive outra coisa, na fenomenologia espírita, a não ser esses escritos.” Veremos adiante o porquê do cuidado. Nesse momento precisamos apenas chamar a atenção para o fato de as referências voltadas para os espíritos revelarem a tentativa de Chico Xavier em navegar no território intramuros. Este não se assemelhava a uma terra virgem, sem dono. No período de sua chegada, o campo literário espírita seria mais bem representado pela analogia com uma propriedade privada.

Quanto à declaração de que nunca teria evocado os espíritos comunicantes, precisamos pontuar algumas questões. Aqui não se tratava apenas de uma afirmação para demonstrar que não procurava a fama, ou mais uma ocorrência de modéstia eloquente. O trecho possui desdobramentos de modo que as nossas análises precisam provocar inteligibilidade. Ao afirmar que não teriam evocado os espíritos, portadores de nomes ilustres da literatura portuguesa e nacional, Xavier argumentava seguir um procedimento “técnico” prescrito por Kardec para a prática mediúcnica:

Como, em definitivo, é pela influência de um Espírito que se escreve, este Espírito não virá se não for chamado. É, pois, necessário invocá-lo pelo pensamento e pedir-lhe, em nome de Deus, queira se comunicar. Não é necessário o emprego de nenhuma fórmula sacramental. Quem pretenda lançar mão de tais medidas, corre o risco de ser tomado por charlatão: o pensamento é tudo, a forma nada! Não deixa de ser necessário chamar por um espírito que seja simpático, e isto por duas razões: uma é que ele virá de boa vontade, se nos é afeiçoado; outras porque, em razão dessa afeição, ele estará mais disposto a secundar nosso esforço para se comunicar conosco. Será, pois, de preferência, ou um amigo (...). (KARDEC, 1978, p. 129).

Ao fazer referência a sua mãe como o espírito comunicante na narrativa de conversão e negar qualquer tipo de evocação, Chico Xavier demonstrava seguir os passos necessários ao estabelecimento de comunicações sérias com o além, na óptica doutrinária espiritista. Ele estava assegurando ter tomado os cuidados prescritos para não ser acusado de charlatanismo ou de ter sido vítima de mensagens apócrifas oriundas de espíritos mistificadores. Como não poderiam ser verídicas e autênticas as mensagens, se foram comunicações espontâneas? Vemos assim que há transbordamento quanto aos os cuidados, uma transgressão “positiva”, pois ele não rompe com a orientação que afirmava ser necessária a evocação sob o risco de não se ter comunicações espirituais. Nem sequer ter evocado as entidades espirituais representava uma garantia de qualidade das mensagens. Podemos, desta forma, concluir que ele aqui lançava mais um dispositivo para dar credibilidade à autoria espiritual dos poemas, reforçando a ideia de que de fato quem assinou os poemas foram os respectivos donos dos nomes próprios. Como Chico Xavier representa um tipo peculiar de autor, um autor empírico, este é mais um elemento de busca da consolidação do regime autoral, mesmo que seja seguindo-se uma inversão no fluxo da “preocupação que o escritor demonstra em fazer observações sobre a autoria, ou seja, definir os sinais que identificariam o criador da obra literária.” (SALES, 2003, p. 78).

O Medium mineiro, no texto prefacial, inseriu ainda um capítulo importante de sua escrita de si. A teatralidade na cena é uma estratégia importante na constituição de verossimilhança, necessária para o estabelecimento de um regime de autoralidade que se sustenta em pacto de leitura baseado na convicção do leitor, na sua crença na autoria espiritual do texto. Não foi, portanto, desprezada. Ele descreveu em detalhes suas sensações no momento da psicográfica:

A sensação que sempre senti, ao escrevê-las, era a de que vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; e, doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço, ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis.

Certas vezes, esse estado atingia o auge, e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas, e o que experimento, fisicamente, quanto ao fenômeno que se produz frequentemente comigo. (XAVIER, 2010, p.34-35) .

Para fechar o leque, Chico Xavier não poderia se despedir realizando seus agradecimentos. Dois nomes foram citados:

Devo salientar o precioso concurso da bondosa médium Sra. Cármen P. Perácio, que através da sua maravilhosa clariaudiência me auxiliou muitíssimo, transmitindo-me as advertências e opiniões dos nossos caros mentores espirituais, e ainda o carinhoso interesse do distinto confrade Sr. M. Quintão, que tem sido de uma boa vontade admirável para comigo, não poupando esforços para que este despretenso volume viesse à luz da publicidade. (XAVIER, 2010, p.35-36).

Há uma deferência com relação, ao que tudo indica, representar uma liderança local do movimento spiritista. A citação explícita do nome de Cármen Perácio remete ao reconhecimento à mão pela qual ele fora iniciado no mundo da mediunidade. Para nós, mais significativa foi a referência a Manuel Quintão. Lembramo-nos das dedicatórias dos romances brasileiros ainda no século XIX, destinadas “a uma pessoa digna de importância que, de alguma forma, tenha mediado a edição do livro.” (SALES, 2003, p. 20). De fato, esta fora um agradecimento público nada gratuito. Quintão, uma das lideranças febianas, movimentou poderosas engrenagem e utilizou grande parte do seu prestígio para sustentar a publicação de *Parnaso de Além Túmulo*. Como veremos, ele estava em uma posição estratégica, desempenhando uma função bastante específica perante os autores e intelectuais spiritistas. Em uma medida significativa, Quintão foi mais do que um mecenas ou patrono de Chico Xavier. Ele foi um dos principais inventores de sua imagem pública de autor empírico, de médium psicógrafo.

Não obstante, a escrita prefacial de Xavier caminhava neste mesmo sentido, procurando apresentar ao leitor um autorretrato, fornecendo ele mesmo os elementos iniciais de um personagem autoral. Aqui um paralelo com as análises de Venâncio (2009) permite consolidar nossa reflexão. Para ela,

[...] os prefácios de Oliveira Vianna criavam para o leitor uma ideia de originalidade e de autoria. Eles faziam nascer uma personagem: o autor Oliveira Vianna. E, ao criar essa personagem, os prefácios tinham que compor esse nome próprio com características pessoais que conformassem a sua identidade e construíssem uma imagem de si para o leitor. (VENÂNCIO, P. 180).

De forma semelhante, Francisco Candido Xavier, em sua primeira escrita prefacial, apresentou ao leitor uma representação, não de si mesmo, mas de uma persona. Em *Palavras Minhas*, mesmo negando a autoria para estabelecer um regime de autoralidade compartilhada, ele se lançava como autor-ator. No segundo exercício de escrita de um texto público com uma autoria convencional, Xavier procurou desenvolver seu personagem, associando-o a um esboço do que viria representar um autor espiritual. Vamos, então, ao prefácio de *Cartas de uma Morta*.

4.2 Fórmula que não deu certo?: A escrita de si no texto prefacial de *Cartas de uma Morta*

Como não considerar esta obra um sucesso editorial? Em 2011, *Cartas de uma Morta* estava na sua 15ª edição e contava com uma publicação na casa do centésimo sexto milheiro. Quando, entretanto, tratamos de uma literatura de massa como a espiritista, esses são números relativos. Se compararmos os sucessos editoriais de fato grandiosos de Chico Xavier, veremos que este representa um desempenho apenas mediano. Não obstante, ao observarmos hoje o volume de tiragem deste livro não pode ser negada sua perpetuidade. Uma publicação que passa de 100 mil exemplares em quase 80 anos não é um fenômeno desprezível. Pela peculiaridade do caso e complexidade de seu sucesso relativo, optamos por iniciar a análise do segundo texto prefacial assinado por Chico Xavier por uma reflexão focada na obra que ele prefacia. No seu ano de lançamento, ela não teve grande repercussão no cenário literário espírita nacional⁹³. Também não foi publicada com o selo da FEB. Sua publicação está dentro do nosso recorte cronológico, mas apenas tangencia a delimitação do objeto dessa investigação. O ponto de contato lança, porém, uma fagulha que possibilita o estabelecimento de inteligibilidade e compreensão. Essa chave de leitura repousa na demonstração de que o exercício lítero-mediúnico de Chico Xavier comportou experiências nem sempre tão bem-sucedidas, mas que foram importantes na invenção das fórmulas editoriais materializadas na sua vasta obra, na definição dos diferentes gêneros que ela integraria.

Não localizamos, no *Reformador*, propagandas ou artigos comentando a publicação. O silêncio na revista denuncia o pouco acolhimento do livro pela FEB. O que poderia, porém, explicar um desempenho tão discreto na contemporaneidade de seu lançamento? Poderíamos dentro do escopo deste trabalho criar apenas algumas hipóteses explicativas.

Talvez a falta da chancela da FEB seja um componente significativo, pois toda a engrenagem febianiana não foi colocada à disposição, como aconteceu em outros momentos ou relativamente a outras obras. Talvez as características da obra não tenham agradado a primeira geração de leitores que compunham a época o público leitor espiritista. Poderíamos

⁹³ Não obstante, encontra-se no *Diário Carioca* uma nota sobre o seu lançamento, publicada na edição do jornal de 10/11/1935. O texto, em linhas gerais, é bastante favorável à obra, aproximando-se de uma peça propagandística, apesar do cuidadoso “distanciamento” do articulista. Esse artigo traz ainda a informação de que o livro *Cartas de uma Morta* foi publicado pela *Editora Espírita Limitada* (DIÁRIO CARIOCA, 1935, p. 22). Segundo Oliveira (2014, p. 236), esta instituição representou uma experiência editorial “alternativa”. Apesar de ter entre seus fundadores alguns membros da FEB, teria surgido como contraponto à hegemonia febianiana. Para sua criação, contou com doações do que parece ter sido uma campanha entre os leitores espíritas; contudo, a Editora Espírita Limitada não conseguiu se sustentar no mercado editorial brasileiro, abrindo falência alguns anos mais tarde.

também julgar que estes elementos formaram um conjunto de variáveis convergentes. O fato é que o modelo da obra não foi repetido por Chico Xavier. Isso possivelmente indique que esta experiência tenha sido considerada imperfeita, necessitando de ajustes e reelaborações.

Antes de aprofundarmos as características da obra, porém, vamos ao que nos toca diretamente. No texto, autor espiritual é também o narrador e personagem principal. Essa é, segundo Philippe Lejeune, uma premissa a ser preenchida para uma narrativa ser considerada autobiográfica⁹⁴. Até o momento de sua publicação, em 1935, Chico Xavier só havia psicografado poemas, mensagens doutrinárias e crônicas. O caso de *Cartas*, entretanto, é significativamente diferente, pois o texto seria um relato de experiência no *post-mortem*. Sendo apenas ficcional ou não, do ponto de vista dos procedimentos literários, em uma narrativa autobiográfica, o autor espiritual precisava funcionar como um heterônimo⁹⁵. O livro seria, então, uma coletânea de cartas trazendo relatos de experiências vivenciadas pela autora espiritual em outras dimensões e mundos, viagens essas realizadas depois de seu falecimento. Esta fórmula editorial, que encontra hoje tamanha aceitação no segmento de livros espíritas, não era dominante e talvez tenha enfrentado resistências por parte da sua primeira leva de leitores na década de 1930.

Apesar de esse modelo se transformar na década seguinte em um grande sucesso de vendas, o autor espiritual de *Cartas de uma Morta* não encontrou guarida no panteão de espíritos de Xavier, mas, quem foi este personagem que não funcionou bem como o polo da autoria espiritual no regime de interautoria? Que especificidades do texto podem ser apontadas como componentes que não foram mais explorados na produção psicográfica do Medium? Vamos agora ao seu prefácio. Intitulado *Explicação Necessária ao Leitor*. Este introito, muito mais enxuto do que *Palavras Minhas*, desenvolve dois movimentos revelados pelas análises. O primeiro deles é a invenção da imagem autoral do polo espiritual.

As páginas que vão ler são de autoria daquela que foi, na Terra, a minha mãe muito querida.

Minha progenitora chamava-se Maria João de Deus e desencarnou nesta cidade, em 29 de Setembro de 1915. Filha de uma lavadeira humilde, de Santa Luiza do Rio das Velhas, ela não pode receber uma educação esmerada; mas, todos os que a conheceram, afirmam que os sentimentos do seu coração substituíram a cultura que lhe faltava.

Quando o seu bondoso espírito se comunicou por meu intermédio, pela primeira vez, eu lhe pedi que me contasse as impressões iniciais da sua vida no outro mundo, recebendo a promessa de que havia de fazer oportunamente; e, há pouco tempo, ela começou a escrever, por intermédio da minha mediunidade, estas cartas que vão ler.

⁹⁴ Lejeune afirma como um critério textual para o estabelecimento do pacto autobiográfico a identidade do nome nas figuras do autor, narrador e personagem (2008, p. 26).

⁹⁵ Adiante trataremos especificamente acerca desta noção.

Eu contava cinco anos de idade, quando minha mãe desencarnou; mas, mesmo assim, nunca pude esquecê-la e, ultimamente, graças ao Espiritismo, ouço a sua voz, comunico-me com ela e ao seu espírito generoso devo os melhores instantes de consolo espiritual da minha vida. (XAVIER, 2011, p.11).

Neste trecho existem diversos procedimentos literários que caracterizam um esforço de criação semelhante ao desenvolvido na constituição de um autor heterônimo. Evidentemente, se comparamos a energia criadora implementada na invenção das imagens autorais de Emmanuel e André Luiz, temos no prefácio de *Cartas* apenas um singelo esboço do que viria de 1935 em diante. Não obstante, consideramos útil para o desenvolvimento de nossa tese uma análise pormenorizada desse texto. Destrinchemos, então, os elementos que detonam gatilhos de persuasão e convencimento para seduzir o leitor. Diferentemente de *Palavras Minhas*, Chico Xavier não fala diretamente de si, mas da sua genitora, alçada à condição de autora espiritual de uma obra. Ao falar dela, porém, há muitos elementos de invenção do autor empírico – as análises revelaram que existiram sempre trocas de serviços na criação dos autores espirituais de referência em conjunto com a criação da sua imagem de medium-autor. Aqui seu primeiro passo, sem dúvida, foi o de apresentação ou caracterização da autoria espiritual. Sua identidade é revelada ao leitor, associando-se ao nome próprio Maria João de Deus; contudo, a constituição da interautoria transborda do mero uso do nome de um “outro” quando foram colocados a disposição dados biográficos da morta. Os elementos de pobreza e ausência de instrução formal foram associados à pureza de sentimento, podendo ser detectados nas referências aos “sentimentos do seu coração”, que substituiriam a falta de “cultura”, bem como as expressões de “seu bondoso espírito” ou de “seu espírito generoso”. É interessante perceber, como veremos, que essa é exatamente a imagem cunhada para o próprio Chico Xavier como autor empírico, como pessoa e médium psicógrafo. Ao longo de mais de 70 anos de vida pública, ele conviverá com essa representação, muitas vezes assumindo o depósito de “Homem Coração”⁹⁶. Também Emmanuel surgirá sob essa rotulação.

Antes de tudo, esses elementos permitem caracterizar um esboço de invenção da imagem de autor espiritual com um funcionamento semelhante ao de um heterônimo. A utilização da expressão “semelhante” é importante para não assumirmos uma posição de apagamento das especificidades da literatura espírita, principalmente com relação à produção mediúnica de Chico Xavier. Os procedimentos literários são idênticos, mas o fenômeno do

⁹⁶ *Chico Xavier: o Homem Coração* (2008) é inclusive o título de um livro editado pela Martin Claret. A obra é uma seleção de mensagens psicografadas.

ponto de vista da cultura é bem outro. Portanto, os dispositivos textuais são convergentes, mas seu funcionamento comporta especificidades e distanciamentos, ou seja, são diferentes, se comparamos a escrita literária com a escrita mediúnica no que tange à produção, ao regime de autorialidade e ao pacto de leitura que permeiam estes livros.

Após esta ressalva, voltemos ao nosso movimento analítico. Localizamos, ainda neste trecho, dispositivos de caracterização não da questão autoral, mas do gênero textual e literário que a obra se propõe integrar. Para continuarmos desenvolvendo o leque que abrimos, precisamos neste momento pontuar algumas noções importantes de nossa teia conceitual. Precisamos definir o que consideramos nesse trabalho como sendo literatura, gênero literário e gênero textual.

Vamos começar pelo mais difícil. Ainda não existe um consenso sobre uma definição de literatura. Qualquer esforço neste sentido não representa um ponto pacífico. Em casos desta natureza, não há outra escolha. Temos que fazer uma opção e tomar uma posição ante os acalorados debates ainda existentes em pleno século XXI. Desde a Antiguidade clássica, existem estudos sobre a poesia, a retórica e o teatro. Até muito recentemente, mesmo com o advento da Modernidade, o conceito de literatura estava associada ao mundo das belas-letas em geral, relacionado à erudição, englobando textos filosóficos, históricos e puramente artísticos. Representava, portanto, uma categoria bastante abrangente. Apenas no final do século XVIII, sua acepção se aproxima do uso contemporâneo, e muitas análises associam seu surgimento ao advento do Estado nacional no mundo ocidental. Desta forma, teríamos passado de uma concepção “generosa”, *lato sensu*, para uma categorização mais do que limitadora: delimitadora (ABREU, 2003, P. 11-64). Para Abreu (2003), e assumimos sua proposição como referência neste trabalho, a definição de literatura da atualidade estaria relacionada à entrada

[...] em cena de novos leitores, novos gêneros, novos escritores e novas formas de ler. Escritores e leitores eruditos interessaram-se fortemente em diferenciar-se de escritores e leitores comuns a fim de assegurar seu prestígio intelectual, abalado pela disseminação da leitura. Isso os levou a eleger alguns autores, alguns gêneros e algumas maneiras de ler como os melhores. Convencionaram chamar isso de literatura. (P. 28).

Nesta delimitação, foram definidos também os gêneros que comporiam ou integrariam o campo literário, padecendo o romance, durante o século XIX, os males de ser considerado um gênero recente, sem raízes nas primeiras formulações clássicas. Afinal, o que seriam então os gêneros literários? Para apresentarmos uma conceituação minimamente aceitável,

necessitamos da definição de gêneros textuais. Esta categoria foi trabalhada com maior fôlego por Bakhtin em sua obra *Estética da Criação Verbal*, trazendo a denominação originalmente de gênero do discurso (BAKHTIN, 2003). Segundo ele,

Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (P. 262).

Seguindo-se esta abordagem teórica, os gêneros textuais possuiriam uma estrutura mutável, flexível, mas com estabilidade. E o que parece ser importante ressaltar: sua estrutura seria definida por sua função e esfera de circulação (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 26). Assim, cartas, bilhetes, artigos de opinião, editoriais, memorandos, contos, crônicas, romances seriam gêneros textuais ou do discurso. Isto nos leva à conclusão de que todo gênero literário é um gênero textual. Não obstante, a recíproca não é verdadeira. A conceituação de gênero textual é muito mais abrangente, indo muito além da própria definição *lato sensu* de literatura antes da Modernidade. Por isso o número de gêneros textuais é proporcional às possibilidades de criação na comunicação via linguagem. Assumimos, então, para o exercício desta investigação, o entendimento de que os gêneros literários são os gêneros textuais que integram o campo da literatura, ou seja, que navegam na esfera de circulação literária. Neste sentido, os romances, contos, crônicas e poemas são exemplos de gêneros literários, mas não as cartas. Como pensar, então, a especificidade da obra publicada por Xavier, como autor empírico, e assinado por sua mãe? Vejamos um breve trecho:

1. *No Limiar da Vida de Além-Túmulo*

Para mim, meu caro filho, as últimas impressões da existência terrena e os primeiros dias transcorridos depois da morte foram muito amargos e dolorosos.

Quero crer que a angústia, que naquele momento avassalou a minha alma, originou-se da profunda mágoa que me ocasionava a separação do lar e dos afetos familiares, pois, apesar de crer na imortalidade, sempre enchia-me de pavor os aparatos da morte; e dentro do catolicismo, que eu professava fervorosamente, atemorizava-me a perspectiva de uma eterna ausência.

Lutei, enquanto me permitiam as forças físicas, contra a influência aniquiladora do meu corpo; mas foi uma luta singular a que sustentei, como sói acontecer aos corações maternos, quando periga a tranquilidade dos seus filhos. Unicamente esse amor obrigava-me ao apego à vida, porque os sofrimentos, que já havia experimentado, desprendiam-me de todo o prazer que ainda pudesse me advir das coisas terrestres.

2. *Últimos Instantes do Tormento Corporal*

Combati com tenacidade a moléstia que enfraquecia o meu organismo, porém chegou o dia que assinalava o termino das minhas possibilidades de resistência (...). (XAVIER, 2001, p. 13-14).

Como pode ser observado nos fragmentos, a obra traz as seguintes características literárias: é um texto em prosa considerado como relato de experiência, portanto, como narrativa autobiográfica da vida após a morte. O formato adotado foi o do gênero textual “carta”; mas poderíamos falar de fato em uma coletânea de cartas para caracterizar esta obra? Se assumirmos o ponto de vista dos procedimentos literários, a resposta seria uma, tão somente: não. Simular a estrutura textual de um gênero do discurso de circulação social para potencializar a verossimilhança da narrativa é um recurso literário amplamente ventilado. É com facilidade que poderíamos pinçar ocorrências na chamada literatura universal. O caso de Stoker (2011) representa um exemplo bastante conhecido. A narrativa de seu famoso romance *Drácula* não está toda estruturada tendo os capítulos, tópicos e itens formulados como diários, cartas e materiais de correspondências assinados por diversos personagens que compõem a trama? Em Stoker, teríamos o exemplo de um autor que brinca com elementos autorais e lança mão da estrutura de gêneros textuais para constituir sua obra literária.

É, portanto, um procedimento do campo literário compor uma obra utilizando-se de uma mimese da estrutura de gêneros textuais de ampla circulação. Independentemente de se considerar a autoria espiritual como realidade transcendental ou de concebê-la como meramente um exercício de criação de heterônimos, *Cartas de uma Morta* se utiliza de procedimentos do campo da literatura, contendo uma estruturação organizada pelo que poderíamos denominar de gênero textual mimético. Os gêneros textuais miméticos seriam, de acordo com Cavalcante e Marchuschi (2005, p.244), aqueles que “imitam gêneros de circulação social, sem todavia conseguirem preservar a função sócio-comunicativa do espaço de circulação original, que é substituída pela função pedagógica”. Em nosso caso, o uso imitativo da estrutura do gênero textual “carta” se deu para compor uma narrativa, para que esta fosse lida como relato de experiência, para que o livro fosse recebido como texto autobiográfico do *post-mortem*. Esta formula editorial, testada com o lançamento de *Cartas de uma Morta* (1935), será reelaborada em *Nosso Lar* (1944). Nesta última, tendo sido trocado o gênero literário, a narrativa autobiográfica virá em formato de romance.

Compreendidas, porém, as características literárias da obra em foco no momento, voltemos às análises da escrita prefacial de *Cartas*. Antes, entretanto, é preciso fazer breve observação quanto ao fragmento em análise. Há nele uma crítica ao Catolicismo em bases diferentes das praticadas pelos espíritas no período. Trataremos desta questão no próximo

capítulo, mas não poderíamos deixar passar em branco a ocorrência. A referência ao professor fervoroso associado como responsável por um medo da eterna ausência constitui-se em uma forma de contraposição mais eficiente, justamente porque escamoteada de conciliação e reconhecimento. Haverá nas décadas posteriores aos anos de 1930 uma mudança de eixo das práticas discursivas da intelectualidade sitiada na FEB, depois da chegada ou do advento da era Xavier. Por agora, qual o desfecho da *Explicação Necessária ao Leitor*?

Aí estão, minha mãe, as tuas páginas. Elas vão ser vendidas em benefício das órfãzinhas. Deus permita que os pequeninos, que sofrem, recebam um conforto em teu nome, e que a Misericórdia Divina te auxilie, multiplicando as tuas luzes na vida espiritual. (XAVIER, 2011, p.12).

Todo nosso percurso analítico de *Cartas de uma Morta* foi desenvolvido para chegarmos a este ponto. Aqui foi situada a pedra angular que sustentou o edifício da representação ou da imagem autoral de Chico Xavier. Há no final do introito uma explicitação da doação dos direitos autorais para finalidades de ação social, o que representou a radicalização da denegação da autoria, pois, abrindo mão dos direitos autorais, ele se privaria dos retornos financeiros de seu trabalho psicográfico. De fato, esta será uma prática firmada pelo Medium como compromisso ético para atestar a coerência de seu exercício mediúnico.

Vale dizer que, desde a primeira obra lançada, Chico Xavier abriu mão integralmente de seus direitos autorais, transferindo-os a editoras ou a instituições de caridade, alegando, assim, que não poderia nunca usufruir do que não lhe pertencia, pois todos os livros que escrevera, segundo ele, eram obras dos “espíritos” e, portanto, seu papel limitava-se ao de mediador das mensagens. (FERNANDES, 2008, p. 20).

Essa renúncia dos direitos autorais, esta recusa pública de fruição ou uso em benefício próprio, foi um dispositivo essencial para legitimar o lugar da não autoria ocupado por Xavier, contribuindo para a consolidação do regime de autoralidade compartilhada dentro do circuito da literatura espiritista. Para instaurar o regime e estabelecer o pacto de leitura, ele rejeitou os ganhos materiais da sua produção literária, optando por permanecer vivendo na pobreza durante as décadas seguintes. Registrar publicamente a destinação dos recursos que passava a adquirir com a publicação e vendagem dos seus livros foi o dispositivo textual que encerrou sua escrita prefacial, Bem, pelo menos a escrita prefacial assinada, seguindo um regime de autoralidade convencional. Depois de *Explicação Necessária ao Leitor*, Chico

Xavier não mais assinará os prefácios, pois estes terão em sua maioria a alcunha do espírito Emmanuel.

Quanto a sua mãe, Maria João de Deus, ao que tudo indica, o (in)sucesso relativo da obra selou o seu destino como autora espiritual dentro do panteão de espíritos que assinavam livros dentro da vasta obra do Medium. Não obstante, ela ressurgirá como personagem central na escrita memorialística sobre a vida de Chico Xavier. Ao estilo hagiográfico, as narrativas cunhadas da década de 1950 em diante irão representá-la como grande esteio afetivo do Medium, interferindo em diversas situações de sua existência desde a infância (LEWGOY, 2004, p. 31).

No mais, as análises sobre a escrita de si nos textos prefaciais de Chico Xavier vêm contribuir para melhor inteligibilidade acerca da produção literária de via mediúnica. Não obstante, dissecar os prefácios assinados por Xavier permitiu também um movimento epistemológico inverso: dessepultar alguns meandros de sua individualidade. Pela perspicácia dos dispositivos textuais, pelas estratégias de sedução e convencimento do leitor, independentemente de qualquer raciocínio transcendental ou materialista, os prefácios revelam uma constatação inegável: seu autor era uma pessoa inteligente, que dominava procedimentos literários utilizados na denegação autoral⁹⁷. Não se trata, contudo, de uma questão relevante em nossa investigação desvelar os meandros do homem Xavier. Nossas preocupações voltaram-se para a análise da invenção de sua imagem como autor empírico. Desta forma, compreendemos que sua representação de medium psicógrafo, além do que ele escreveu sobre si mesmo, foi ancorada nas apropriações pela leitura de sua produção literária, sendo a fabricação de sua imagem autoral engendrada por muitas mentes. Assim, nos próximos tópicos daremos a palavra aos seus leitores.

4.3 A Invenção de Chico Xavier: o médium na recepção por seus leitores

Doravante abordaremos o Chico Xavier por seus leitores. Leitores privilegiados, sem dúvida, corresponsáveis pela criação de sua imagem autoral nos primeiros anos de sua vida

⁹⁷ Essa perspectiva soma-se ao resultado de outras investigações que tomaram a obra do Medium como objeto de estudos. Em especial, citamos dois trabalhos que realizaram análises convergentes tendo como base a mesma fonte: as investigações de Lewgoy (2004) e Rocha (2008). Ambos comentam a correspondência pessoal de Xavier com o então presidente da FEB, Antônio Wantuil de Freitas. Estas cartas foram escritas de dezembro de 1943 a agosto de 1964. Parte do material foi publicada por Schubert, na obra *Testemunhos de Chico Xavier* (2010). Para Rocha, as cartas “*eliminam a imagem de um Chico Xavier ingênuo e semiletrado, (...) descobrimos que ele foi um grande missivista* (ROCHA, 2008, p. 107)”. Uma conclusão semelhante nos foi apresentada por Lewgoy, chegando este a firmar que “*A leitura das cartas passa a impressão de um gênio que se mantém discreto, contrastando com uma imagem pública de homem simples e quase analfabeto*”. (2004, p. 18).

literária. O quadro referencial traçado nos capítulos anteriores nos permitiu compreender o surgimento do Medium mineiro dentro de um espectro, de um conjunto composto por outros autores, integrando um projeto coletivo elaborado e capitaneado por lideranças da Federação Espírita Brasileira. Veremos que, para sustentar sua figura e produção literária, foram exigidos muito tempo e energia. Demandou-se um esforço coletivo. Muito trabalho foi realizado. Não por acaso, sua segunda obra editada pela FEB apenas saiu em 1937⁹⁸. Nestes anos, foram se gestando as condições necessárias para um salto tanto qualitativo quanto quantitativo em sua escrita psicográfica, destravando-se um gatilho semelhante ao arrebentar de uma represa. Após este período, uma enxurrada de livros psicografados jorrou em um volume de fato sem precedentes na História do movimento espírita, mesmo o internacional. Caminharemos justamente no hiato, dos anos de seu lançamento em 1931 até 1934. Neste período, o jovem Chico Xavier despontou, mas sem a visibilidade que alcançará alguns anos mais tarde. No início, ele esteve longe de representar uma unanimidade, inclusive quando nos referimos às relações intramuros do movimento espírita brasileiro. Assim, após conhecermos um Chico Xavier por ele mesmo, navegaremos nas águas dos discursos sobre o médium.

4.3.1 Chico Xavier antes de *Parnaso de Além-Túmulo*

O desconhecido Chico Xavier foi apresentado ao mundo por meio de um artigo publicado em primeiro de novembro de 1931, exatos sete meses antes da primeira edição de *Parnaso de Além-Túmulo*. Quem chamou a responsabilidade para si, bancando o lançamento do autor foi Manuel Quintão. Um olhar anacrônico, marcado pelas impressões da atualidade, apontaria esta decisão como fácil ou óbvia. Afinal de contas, ele estava apresentando ninguém menos do que Chico Xavier. Não obstante, se volvermos ao período estudado e analisamos a situação com os elementos que os sujeitos detinham naquele momento específico, chegaremos à conclusão de que o grupo sitiado na Federação não pretendia no primeiro instante produzir um vulto. Não estava claro, nem poderia, que eles estavam lidando com o fenômeno editorial da dimensão que representou a obra psicográfica de Chico Xavier para o Espiritismo no Brasil. Não deixou de ser um ato semelhante a um voo no escuro, uma liderança constituída, consolidada como Quintão, depositar suas fichas em um jovem mineiro fora do circuito da

⁹⁸ Duas outras obras psicografadas por Xavier foram publicadas em 1935, antes, portanto, de 1937. Foram elas: *Cartas de uma Morta* (1935) pela Editora Espírita Limitada, e *Palavras do Infinito* (1935). Esta última é uma coletânea de textos mediúnicos já publicados, em anos anteriores, muitos deles na própria revista *Reformador*. Hoje a detentora dos direitos autorais do livro parece ser a Livraria Allan Kardec Editora (LAKE). Vale salientar que as duas obras citadas jamais foram publicadas pela editora da FEB.

literatura mediúnica e sem expressão no movimento espírita. Este era, contudo, um dos resultados do trabalho de garimpagem de novos talentos. Consideramos, assim, que, no momento inicial, o lançamento de Chico Xavier representou uma das apostas do projeto editorial febiano, apenas uma das peças que compunha o arsenal para os enfrentamentos dos espíritas na luta pela sua sobrevivência no campo religioso brasileiro.

Foi sob esta perspectiva que a sua seção no *Reformador*, intitulada *Casos e Coisas*, apresentava um jovem e desconhecido médium de Minas Gerais (*REFORMADOR*, 1931, p.579-580). O lançamento do autor sete meses antes da efetiva publicação de *Parnaso* (novembro 1931 a junho 1932) explicita sem dúvida uma estratégia editorial da FEB. Há clara intencionalidade em mobilizar o interesse, em despertar a atenção em torno do iniciante. O artigo, que não recebeu uma denominação específica, é uma peça publicitária destinada a apresentar Chico Xavier para o mundo, o mundo dos seus futuros leitores e encarregada também de fornecer os elementos básicos para possibilitar uma recepção da nova produção com palatabilidade. Aqui veremos o editor buscando controlar os efeitos da leitura. Não obstante, comentar novos títulos, publicar trechos de obras ainda no prelo, representavam procedimentos editoriais recorrentes no período estudado, localizados em incontáveis ocorrências nas páginas da revista encarregada de ser o órgão de divulgação oficial da FEB. Chico Xavier não recebeu um tratamento diferenciado e o seu lançamento não constituiu um regime de exceção. A transformação do jovem mineiro em autor, no entanto, é um investimento pessoal de Manuel Quintão. Nesta empresa ele usará todo seu capital político-doutrinário. Veremos que definitivamente não foi uma tarefa simples. O texto se inicia desqualificando o olhar letrado sob o fenômeno que a psicografia de Xavier representava, assinalando que, enquanto os “doutos esmeraldados cá de baixo” se esforçariam na “lide de achincalhar a doutrina dos espíritos. Despejariam os espíritos cá de cima as provas da sobrevivência e da identidade post mortem (...) (*REFORMADOR*, 1931, p.579)”. É esta, antes de tudo, a abordagem que o grupo de Ribeiro e Quintão defenderá sobre a literatura mediúnica de Xavier: uma prova incontestável dos princípios espíritas, principalmente da sobrevivência e manutenção da identidade após a morte.

Para fundamentar este princípio basilar, o documento escrito por Quintão desenvolve no primeiro bloco um movimento de constituição de uma filiação para a obra poética psicografada pelo jovem.

Todos os sabedores que sabem da fenomenologia espírita(...); todos os versados na literatura peculiar, conhecem a obra do médium Fernando de Lacerda, inspetor de polícia de Lisboa, homem de medianíssima cultura philosophica, que nos deu

páginas posthumas admiráveis e typicas de Eça, Camilo, Herculano, Latino Coelho, etc. Mas, não é só, porque há mais e melhor: Hudson Tuttle, camponez vulgar, escreveu *Arcanos da natureza*, obra do qual, dizem, muito se valeu Buchner e que Renucci classificou em plano superior ao de todas as mentalidades filosóficas da historia. Louis Michel, outro campônio ignorante, escreveu mediunicamente “Clé de la vie” e “Vie Universelle”, repositórios de vastos conhecimentos cosmológicos; James, simples ferreiro mecânico, concluiu o romance *Edwin Droed*, de Charles Dickens, sem que argos da crítica lhe encontrassem os pontos de sutura. (*REFORMADOR*, 1931, p. 579).

Como dissemos, o artigo foi uma espécie de carta de apresentação do desconhecido jovem de Minas Gerais ao mundo espiritista. Nele cria-se uma filiação para Chico Xavier, estabelecendo parâmetros de comparação para exaltar o iniciante, buscando demonstrar que o Medium mineiro não representava um caso alienígena, não estava situado em um vácuo, mas haveria precedentes na História do espiritualismo que sustentavam sua posição, davam credibilidade aos fenômenos literário-mediúnicos ocorridos em Pedro Leopoldo. Duas das ocorrências citadas chegaram aos nossos dias ou possuem ressonâncias na atualidade. Primeiramente, vamos ao caso de menor repercussão na formação de Xavier. Trata-se da referência ao Medium estadunidense Thomas P. James. Este também ainda jovem teria, como afirma o trecho, psicografado a parte inconclusa de *O Mistério de Edwin Droed*, primeira obra do gênero romance policial na qual Dickens estava escrevendo quando faleceu após um inexplicado desaparecimento. Do final de 1872 a julho de 1873, dois anos depois da conturbada morte do famoso autor inglês, James teria recebido, por via de sua mediunidade, o final da história produzido pelo então escritor morto. Uma das estratégias de denegação da autoria para constituição do regime de autoralidade compartilhada desta obra representa uma ocorrência peculiar. Ela nos fornecerá elementos de inteligibilidade à frente, no momento em que analisarmos a constituição dos autores espirituais em Xavier. Na abertura da versão “acabada” de *Edwin Droed*, constam dois prefácios. O primeiro é assinado por Thomas James (2001, p. 09-11) e o segundo pelo espírito de Dickens (2001, p. 13-14). Há entre eles uma diferença em termos de rebuscamento da linguagem e sofisticação argumentativa. O segundo prefácio é considerado melhor do que o primeiro, implica a tentativa de caracterizar a autoria espiritual do texto, já que o escrito pelo Medium demonstraria certa pobreza literária e vocabular. Representaria, desta forma, uma comprovação da fonte transcendente da segunda parte do livro. Os dispositivos de denegação, porém, não se restringiram obviamente a esta questão⁹⁹. Na primeira versão da obra em português, lançada 130 anos após sua publicação

⁹⁹ Por exemplo, no texto prefacial assinado dentro de um regime de autoralidade convencional, James afirma: “Quanto aos méritos deste livro, não seria eu a pessoa indicada para falar. Posso dizer, contudo, que está sendo publicado palavra por palavra, tal como chegou a mim. Como sou uma pessoa inculta, não estou qualificado para

original nos EUA, o editor inseriu uma nota de desafio, convidando o leitor a identificar de qual ponto se iniciaria a parte psicografada (DIKENS e JAMES, 2001, p. 08). Propositamente, o livro traz um corpo do texto homogêneo, com as mesmas configurações gráficas, para dar um sentido de continuidade e não discriminar o começo do material psicografado. Esta estratégia editorial da *Lachâtre* nos confere um dado importante. O texto escrito mediunicamente, sendo verídica ou não a assinatura do espírito, para dar mostras da identidade do morto, mobiliza não apenas dispositivos intratextuais, mas também da esfera da edição. O principal procedimento para a caracterização da autoria espiritual é a produção literária psicografada guardar correspondências com as características textuais da escrita do autor quando vivo. Assim os leitores seriam capazes de “reconhecê-lo”. Portanto, as duas partes, por dever de ofício, precisam necessariamente estabelecer interlocuções e convergências. Neste caso peculiar, em uma mesma obra deixada inacabada.

Outro médium citado na constituição de uma filiação para o iniciante Chico Xavier foi Fernando de Lacerda. Este não representou apenas uma referência para o próprio Xavier, como abordamos, mas também para os leitores do período estudado. Lacerda era o parâmetro de maior visibilidade na comunidade de leitores espíritas à época. Ele era uma citação consensual quando se tratava de se referir a um medium cujas faculdades comprovariam a autenticidade dos fenômenos espirituais. Aparece mais uma vez como principal elemento de denegação autoral a comparação entre a produção literária e a “medianíssima cultura philosophica” do autor empírico. Até aqui, entretanto, temos a constituição de referências para preparar os leitores ante a chegada de um novo autor mediúnico. O movimento seguinte desenvolvido no artigo de Quintão foi formular uma caracterização do próprio Xavier. Vejamos o que ele nos diz:

Vamos, porém, ao caso: “Pedro Leopoldo”, é um pequeno povoado do rincão mineiro. Nem athenas, nem atheneus, ali. Mas, ali vive o irmão Francisco Xavier, um adolescente, quasi creança. Vinte annos em flor. Floração pobre, de economia e trabalho. Muita inteligência, muita modéstia, poucos livros, escasso tempo, precário estudo. Sahido da escola primária aos 13 annos, o médium-poeta trabalha no commércio local, de sol a sol. E nas horas fugaces de fugaz repouso, estuda a doutrina e faz versos. Versos seus e versos de outros. Elle os distingue perfeitamente e nós também, porque são inconfundíveis. A nós, não precisaria dizer do seu espanto e das suas incertitudes, se deve ou não vulgarizar o facto.

negar ou admitir a existência de erros gramaticais na sua composição (JAMES, 2001, P. 10)”. Apresentar-se como inculto representa aqui outra estratégia na composição do regime de autoralidade compartilhada da obra. Para a interautoria ser uma proposta viável e acolhida por seus leitores, se fez necessária essa peculiar denegação da condição de autor intelectual do texto.

Nem é preciso ponderar a capacidade intrínseca do seu estro, para encontrar o ascendente mediumnico, que a só variedade da produção em fidelidade de estylos e amplitude de conhecimentos, authentica. (*REFORMADOR*, 1931, p. 579).

No trecho transcrito, pode-se observar que a caracterização da figura de Chico Xavier foi intrinsecamente relacionada ao uso dos dispositivos textuais para a negação da sua autoria. Em seu conjunto, Quintão reúne argumentos, buscando sustentar as posições espíritas quanto à autenticidade e autoralidade. Estes representam respostas à seguinte pergunta: por que Xavier não poderia ser autor dos poemas? Ponto a ponto, elementos são elencados, visando a demonstrar a impossibilidade de Xavier ser o autor das poesias. Em primeiro lugar, ele teria nascido e vivido até então em uma região a esmo, uma localidade isolada, em um povoado, sem, portanto, acesso a bens culturais relevantes¹⁰⁰. Seria ainda muito jovem, um adolescente, quase uma criança. Mas aos vinte anos? Não resta dúvida de que na busca por mobilizar todo o arsenal para convencer o leitor, foi cometido certo exagero, acarretando uma infantilização do Medium, na época, já um homem adulto. A ideia implícita na afirmação remete a inferência de que alguém tão jovem não teria tempo hábil para adquirir capital cultural suficiente para dar conta da obra de tantos poetas diferentes. Somando-se a esses dois componentes, a caracterização da imagem de Xavier como um não autor, se completa por meio da explicitação de sua condição de vida, trabalho e escolarização. Como uma pessoa portadora de tamanhas limitações escolares e socioeconômicas poderia se dedicar a um trabalho intelectual de fôlego? Transpondo a caracterização do sujeito Xavier, dos traços de personalidade e estar no mundo, foram agregados argumentos quanto às características textuais e literárias dos versos. Sua autoria mediúnica seria comprovada pela fidelidade aos estilos dos mais diferentes poetas e da amplitude de conhecimentos revelada nas poesias. Neste texto de Quintão, os elementos apontados não foram muito diferentes dos propostos em *Palavras Minhas* pelo próprio Chico Xavier. E existe ainda um aspecto de convergência

¹⁰⁰ Evidentemente, está é uma representação hierarquizante que desqualifica os aspectos culturais, os saberes destas comunidades. Cabem neste momento duas observações. Na atualidade, a cidade de Pedro Leopoldo é localizada na região metropolitana de Belo Horizonte; entretanto, na década de 1930, de fato, os 30 quilômetros que a separam da Capital mineira era uma distância razoável. Não obstante, apresentá-la como um distante rincão já seria certo exagero mesmo no início do século XX. Esse transbordamento se justifica quando levamos em consideração que estamos realizando a análise de uma peça de propaganda. Outra questão a ser levantada refere-se ao cenário cultural do interior de Minas Gerais. Segundo Silva “(...) *saraus e práticas de leitura foram hábitos muito desenvolvidos, sobretudo, na região próxima a área mineradora* (...) (SILVA, 2011, p. 55)”. Em uma narrativa oral, publicada na obra organizada por Carvalho e Melo (2010, p. 23) com o título de *Depoimentos sobre Chico Xavier*, a irmã do Medium, Cidália Xavier de Carvalho, afirma que ela e seus irmãos participavam de um teatro amador, fundado por integrantes da família. Eles organizavam apresentações no cinema da cidade e não cobravam ingressos. O grupo teria recebido a denominação de “*A Trupe lá de Casa*”, sendo liderado por José Xavier, outro de seus irmãos. Este dado converge com a informação arrolada por Silva, contribuindo para colocar em xeque a representação da pobreza cultural pelo isolamento.

muito importante. Há, mesmo com todo o esforço da caracterização da autoria espiritual das poesias, o reconhecimento público do pendor literário, do gosto pelas letras que Xavier possuía. Quintão aponta-o como sendo também autor de versos “seus e de outros”¹⁰¹. Em *Palavras Minhas*, o Medium assume amor e propensão à literatura. Nas décadas que se seguirão, o argumento de que Chico Xavier ocultava suas habilidades literárias e era detentor de uma voracidade pelo conhecimento foi mobilizado pela propaganda antiespírita produzida pelos mais variados atores sociais. A questão desta investigação é bem outra. Ultrapassa os debates em torno da veracidade ou não dos fenômenos espirituais em torno de Francisco Cândido Xavier. O que nos interessa é chamar a atenção para o fato de que nos textos anteriores à publicação de *Parnaso de Além-Túmulo*, destinados a constituir uma imagem autoral para Xavier a autoralidade compartilhada não exigia o apagamento da capacidade intelectual do Medium. Foram as repercussões da recepção, desde os primeiros tempos, que engendraram uma mudança de eixo no discurso sobre o jovem e desconhecido mineiro. Veremos as razões quando estudarmos a dinâmica que criou este quadro da radicalização da negação de qualquer elemento que implicasse uma participação da cognição de Xavier em sua escrita psicográfica.

Voltemos, porém, às análises do artigo fundador da imagem autoral do Medium. Quintão fecha seu repertório de argumentos, apresentando uma peça do trabalho psicográfico

¹⁰¹ Em 2010 foi publicada uma obra organizada por Geraldo Lemos Neto e Sérgio Luiz Ferreira Gonçalves, recebendo o título de *O Primeiro Livro*. Este último, sobrinho-neto de Chico Xavier. Ela traz em fac-símile escritos poéticos assinados pelo próprio Chico, bem como originais de poemas psicografados. Foram 37 poesias produzidas por Chico Xavier em um regime de autoralidade convencional. Três delas estão datadas com anotações em lápis localizadas no plano superior do texto, com as datas antecedidas pela expressão “diário”. Os poemas são respectivamente “*Avante!*” de 5/8/28; “*Amar!*” De 13/10/ 28 e “*Bendita a Dor*” de 4/11/28. As poesias assinadas por ele mesmo possuem temas religiosos e doutrinários. São, portanto, semelhantes às psicografadas, não sob o ponto de vista da técnica (métrica, rima, estilo), mas quanto ao conteúdo abordado, tratando-se sempre de temáticas relativas à moral cristã e/ou ao Espiritismo. Veja-se, por exemplo, uma pequena estrofe do poema “Evolução”:

“Tudo na vida marcha aos altos cimos.
Mundos, astros e soes, almas e flores,
Todos nós no Universo, evoluímos
Da perfeição buscando os resplendores. (XAVIER, 2010, p. 79)”.

Percebe-se aqui claramente a vinculação doutrinária ao princípio do progresso tão próprio do Espiritismo kardequiano. No *Primeiro Livro*, foram publicados também os originais de 53 poesias mediúnicas psicografadas de 29/8/1933 a 22/3/1934. Elas passaram a integrar *Parnaso de Além-Túmulo* em edições posteriores. Ao todo, a obra é composta por 90 poemas produzidos pelas mãos do Medium mineiro. Cabe ressaltar ainda o investimento realizado pelos organizadores e editores na qualidade gráfica do material. *O Primeiro Livro* ganhou uma edição luxuosa, publicado em papel couché com capa dura e uma dimensão ampliada. O investimento na qualidade gráfica foi justificado por tratar-se de uma edição comemorativa dos 100 anos de nascimento de Chico Xavier.

do iniciante. Ele inseriu uma poesia ainda no prelo, assinada do espírito de Augusto dos Anjos¹⁰². No anúncio explicita sua intencionalidade de deixar os fatos falarem por si.

Veja o leitor a poesia abaixo transcrita, e diga-nos se ella não caracteriza de modo inconfundível o bizarro e malgrado poeta do “Eu”. Pois, deste e de outros grandes cultores do verso, quaes Junqueiro, João de Deus, etc., manda-nos Xavier (este é candido Xavier), um manipulo de poesias, qual mais bela e typica, que merecem editadas como prova de que, enquanto os follicularios, os energúmenos, os misonéistas cá de baixo coaxam no lameiro, lá de cima, *ad majorem veritatis gloriam*, cantam os poetas a nulidade do lameiro. (REFORMADOR, 1931, p. 580).

Ao olhar da atualidade, chama a atenção a prática da adjetivação aos críticos do Espiritismo. “*follicularios*”, “*energúmenos*”, “*misonéistas*” que “*coaxam no lameiro*” foram expressões utilizadas para classificar os opositores. Existe, nas fontes relativas aos anos de 1930, um desfilar em escaladas do tom indo da agressividade latente à violência explicita. Quanto à poesia inserida, ela recebeu o título de *Análise*.

Oh! que desdita estranha a de nascermos
Nas sombras melancólicas dos ermos,
Nos recantos dos mundos inferiores,
Onde a luz é penumbra tênue e vaga,
Que, sem vigor, fraquíssima, se apaga
Ao furacão indômito das dores.

Voracidade onde a alma se mergulha,
Apoucado Narciso que se orgulha
Na profundeza ignota dos abismos
Da carne, que, estrambótica, apodrece;
Que atrofiada, hipertrófica, parece
Cataclismo entre os grandes cataclismos.

Aguilhoarmo-nos
ao fogo dos instintos,
Serpentes entre escrófulas e helmintos,
Na hediondez dos mórbidos sensualismos,
Tendo a alma — centelha, luz e chama —
Amalgamada em pântanos de lama,
Em sexualidades e histerismos.

Misturarmos clarões de sentimentos
Entre vísceras, nervos, tegumentos,
Na agregação da carne e dos humores,
Atrocidade das atrocidades;
Enegrecermos luminosidades

¹⁰² *Parnaso de Além-Túmulo*, desde as suas primeiras edições, traz notas biográficas sobre poetas mortos, inseridas antes da seção referente a cada escritor. Estas foram elaboradas por Manuel Quintão. Augusto dos Anjos, por exemplo, foi assim apresentado: “*PARAIBANO. Nasceu em 1884 e desencarnou em 1914, na cidade de Leopoldina. Minas. Era professor no Colégio Pedro II, inconfundível pela bizzarria da técnica bem como dos assuntos de sua predileção, deixou um só livro — Eu — que foi, alias, suficiente para lhe dar personalidade original*”. (XAVIER, 2010, p. 172).

Na macabra esterqueira dos tumores.

E nisto achar fantásticos prazeres,
Ilusão hiperbólica dos seres
Bestializados, materializados;
Espíritos em ânsias retroativas,
No transcorrer das vidas sucessivas,
Nas ferezas do instinto, atassalhados.

Mas a análise crua do que eu via,
Hedionda lição de anatomia,
É mais que uma atrevida aberração:
Que se quebre o escalpelo de meus versos:
Entreguemos a Deus seus universos
Que elaboram a eterna evolução. (XAVIER, 1931, p.580).

Quando comparamos à versão localizada no *Reformador* com a publicada na última edição de Parnaso, identificamos trechos diferentes, com modificações e ajustes nos versos. Por exemplo, a frase “Na hediondez dos mórbidos sensualismos” foi substituída por “Multiplicando as lágrimas e os trismos”. Rocha (2001, p. 17-18) nos informa que “correções” como esta foram recorrentes nas edições subsequentes do livro. A obra *Parnaso* representa um caso interessante sobre a dinâmica editorial de obras mediúnicas. Diferentemente da imagem coagulada, vigente no círculo de leitores espíritas, os livros psicografados passam por processos de revisão e editoração nos quais vários sujeitos, incluindo-se mortos e vivos, fazem ajustes, modificações e correções. *Parnaso de Além-túmulo*, entretanto, indica uma ocorrência em que estas revisões ganharam colorações mais superlativas¹⁰³. O artigo finaliza com outro instrumento de provocação aos considerados detratores da Doutrina Espírita. Desta vez, Quintão lança mão da ironia: “Parabéns ao médium. Parabéns ao poeta do “Eu”. E benção a todos os caroáveis exemplares da fauna jesuítica. Amém!”.

Um mês após informar à comunidade de leitores espíritas a existência de Francisco Xavier, o *Reformador* soltou uma nota na edição de 01/12/ 1931, intitulada *Poesias Mediumnicas* (REFORMADOR, 1931, p. 635-636). Nela mais um poema psicografado pelo desconhecido Medium mineiro foi dado a público. O texto propagandístico não recebeu uma assinatura explícita, sendo de responsabilidade da equipe editorial da revista. Vale a pena

¹⁰³ As ditas mudanças teriam levado, segundo Lewgoy (2001, p. 44), o escritor espírita J. Herculano Pires, na década de 1980, a questionar este “excesso de liberdade nas reedições”. Instalou-se, desta forma, uma polêmica intramuros com a FEB. Clóvis Ramos veio em defesa do trabalho febian, argumentando em sua obra *50 Anos de Parnaso* (1981), que as mudanças foram executadas seguindo-se estritamente as orientações dos próprios autores espirituais.

lembrar que no corpo editorial possuíam cadeira cativa Guillon Ribeiro e Manuel Quintão. Afirma-se na nota que,

Dentre as muitas que, do plano invisível, tem recebido, como médium, o nosso irmão Francisco Xavier, de cujas faculdades e trabalhos médiumnicos tratou especialmente o nosso companheiro M. Quintão, no número de 1 de novembro desta dita revista, pela seção Casos e Coisas, destacamos hoje, para apresenta-la aos leitores do Reformador, a que se segue a estas linhas, na qual, parece-nos, nenhuma das características falta que mais acentuadas se notam nas produções poéticas deixadas pelo eminente vate português Guerra Junqueiro¹⁰⁴. (*REFORMADOR*, 1931, p. 635).

Esta ocorrência compõe uma série de dispositivos textuais ligados à esfera editorial, visando ao lançamento do autor e sua obra. A divulgação de outro poema inédito possibilitava fomentar o desejo pela leitura do livro de poesias mediúnicas. Ao publicizar o material em doses homeopáticas, ministrando pequenas porções, os editores preparavam o público leitor para uma recepção mais favorável. Ao fundo, estava um projeto editorial e literário, planejado pela FEB para enfrentar os desafios das interlocuções com os mais diferentes setores sociais.

O critério para o estabelecimento ou identificação da autenticidade e legitimidade da poesia mediúnica foi ancorado na correspondência de estilo com a produção literária do poeta quando vivo. Uma leitura comparativa foi proposta ao leitor como instrumento de convencimento, para que ele próprio constatasse a inegável autoria espiritual do texto. Neste caso específico, um consagrado poeta português.

El Far (2004) nos ajuda a compreender o papel cultural que a poesia portuguesa desempenhava no cenário literário brasileiro no período, ajudando a explicar por que muitos dos nomes de poetas ilustres que aparecem nas assinaturas de *Parnaso* são portugueses. O qual seria, porém, esta ascendência ou relevância das poesias portuguesas em especial, e de forma geral, da literatura produzida em Portugal?

Nos dias de hoje, a presença do livro português em nosso país é quase nula. Salvo exceções, as obras vindas da antiga metrópole passam quase despercebidas diante de

¹⁰⁴ Segundo a nota biográfica inserida em *Parnaso de Além-Túmulo*, “ABILIO Guerra Junqueiro, poeta português, nascido em 1850 e desencarnado em 1923, é assaz conhecido no Brasil como épico dos maiores da língua portuguesa e admirado por quantos não estimam na Poesia apenas o malabarismo das palavras, mas o fulgor das ideias. Notável, sobretudo, pela sua veia combativa e satírica, vemos, por sua produção de agora, que os anos do além-túmulo não lhe alteraram a sadia e lúcida mentalidade, nas mesmas diretrizes. E esta circunstância é tanto mais notável quando o Romanismo se ufana de uma irreal conversão *in extremis*”. (XAVIER, 2010, p. 405).

nós. Nas últimas décadas do século XIX, essa situação era completamente diferente. Grande parte das publicações feitas em Portugal ancorava nos portos do Rio de Janeiro. Tratados de medicina, de direito, obras de referência, dicionários, peças de teatro, romances, traduções, manuais explicativos, mesmo sendo produtos estrangeiros, foram consumidos por nossos leitores com uma certa sensação de intimidade.(EL FAR, 2004, p. 50).

Ainda segundo El Far, a análise das fontes utilizadas em sua pesquisa de doutoramento – jornais cariocas publicados de 1870 a 1924 – revelou a intensiva existência de livros editados em Portugal. Para ela, além da similitude da língua e das permanências de relações coloniais, contava a favor do País ibérico os avanços lá realizados em seu parque gráfico, com a introdução de procedimentos de produção e divulgação do impresso, o que teria dinamizado o setor, levando-o a um transbordamento além do Atlântico. Os livros editados em terras portuguesas obtiveram assim grande penetração no Brasil, em particular, edições populares, focados no público mais amplo (EL FAR, 2004, p. 50).

Os poetas portugueses de *Parnaso* são justamente os que viviam e publicavam nos finais do século XIX e início do XX. Seus poemas circulavam, ainda sendo lidos no Brasil no período de nossa investigação. Não seria improvável afirmar que suas obras tiveram impressões populares de menor custo. Estas, provavelmente, circularam em nossas bibliotecas por mais algumas décadas. Inclusive, para serem psicografados, os nomes dos poetas precisavam fazer algum efeito e sentido para os leitores do período da primeira recepção do livro mediúnico de Xavier. Sem um parâmetro de comparação entre a produção literária do morto e a de quando ele ainda estava vivo não se poderia estabelecer a autenticidade da autoridade compartilhada.

4.3.1.1 Anticatolicismo nos primeiros escritos psicográficos de Xavier (1932)

Especificamente ao poema do espírito de Junqueiro, é preciso dizer que ele materializa uma peça marcadamente anticatólica. Pela nota biográfica produzida pela Federação sobre esse autor, infere-se que a conversão do poeta no leito de morte compunha uma propaganda pró-catolicismo no período. Sua inserção prévia na revista *Reformador*, como o segundo poema psicografado por Xavier a ser divulgado, representa uma decisão dos editores para desqualificar o discurso doutrinário dos católicos, seus opositores mais proeminentes, dominantes na cena do campo religioso. Inserimos o texto na íntegra para não perdermos a noção de conjunto. Ele recebeu o título de *O Padre João*:

O PADRE JOÃO

Tombava o dia:
A luz crepuscular
Mansamente descia
Inundando de sombra o céu, a terra, o mar...
O meigo padre João,
Um puro coração,
Qual lírio a vicejar em meio a um pantanal,
Sonhava ao pé da igreja
— um templo envelhecido Ao lado de um vergel, esplêndido e florido
— Sentindo dentro d'alma um frio sepulcral.
O firmamento
Tingiase
de luz brilhante e harmoniosa,
A noite era de sonho e névoa luminosa.
Padre João meditava, orando ao Deus de amor:
Revia em pensamento
Uma luz singular nas dobras do passado;
Era um vulto sublime, excelso, imaculado,
Que fazia descer o amor às multidões,
Inflamado de fé, desatando os grilhões
Que prendiam a alma à carne putrescível,
Uma réstea de sol sobre a noite do Horrível,
Iluminando o mundo, Iluminando a vida,
Pensando docemente a pútrida ferida
Da imperfeição que rói a torva Humanidade,
Oferecendo amor em flores de bondade,
Aos pecadores dando amigas esperanças,
E aumentando nos bons as bem-aventuranças.
Era o meigo Pastor Irradiando a luz,
Era o Anjo do Bem, o imáculo Jesus.
O sacerdote, então,
Comparou, meditando, a fúlgida visão
Com aquele Cristo nu, de pau, inerte e frio,
Imóvel dominando o âmbito vazio;
Notando a diferença enorme, extraordinária,
Daquela igreja fria, a ermida solitária,
Da igreja de Jesus,
Feita de amor e luz,
De paz e de perdão,
O farol da verdade ao humano coração.
E viu da sua igreja o erro tão profundo,
Dourando os véus da carne e amortalhando o mundo
Em trevas persistentes,
Por anos inclementes
Em séculos sem fim.
Conhecendo no padre o gêmeo de Caim,
Afastado da luz, fugindo aos irmãos seus,
Fugindo desse modo ao próprio amor de Deus,
Padre João meditou nas lutas incessantes
Sustentadas na Terra em prol da evolução,
E viu no mundo inteiro as ânsias delirantes
De trabalho, de amor, de eterna perfeição.
Sentiu seu coração em dores lacerado,
E no sonho da luz fulgente do passado,
Penetrou soluçando a ermida então deserta.
Teve medo e receio, o espírito gelado,
Sentiu-se
no seu templo um pobre emparedado...
E fugindo a correr da porta semiaberta,

Com o coração sangrando em úlceras de dor,
 Encaminhou-se
 ao campo, à natureza em flor.
 Fitou extasiado a natureza em festa,
 As árvores, a flor, os mares, a floresta,
 E como se o animasse uma chama divina,
 Despiu-se
 do negrume espesso da batina,
 E fitando, a chorar, o céu estrelado,
 Encheu a solidão com as vozes do seu brado:
 “Ó Igreja! não tens a ideia que eu sonhava,
 A luz radiosa e bela, a luz eterna e rara
 Que nos vem de Jesus;
 Tua mão não conduz
 As plagas da verdade
 Mantendo inutilmente a pobre Humanidade
 No mal da ignorância, túrbida e falaz,
 Crestando a fé, roubando a luz, matando a paz.
 Torturas a verdade, endeusas a matéria,
 E transformas o padre em trapo de miséria,
 Num farrapo de sombra, exótica e execrável,
 Num fantasma ambulante em treva interminável!
 É um blasfemo quem crê que em teus nichos e altares
 Guarda-se
 a essência pura e imácua de Deus;
 Eu vejo-o,
 desde a flor às luzes estelares,
 Na piedade, no amor, na imensidão dos céus!
 Ó Igreja! o dogma frio é um calabouço escuro,
 E eu quero abandonar a noite da prisão;
 Prefiro a liberdade e a vida no futuro,
 Guiando-me
 o farol da fúlgida Razão.
 Desprezo-te,
 ó torreão de séculos trevosos,
 Ruínas de maldade estútil a cair,
 Eu quero palmilhar caminhos luminosos
 Que minhalma entrevê na aurora do porvir!”
 E o padre emudeceu. Submergido em pranto,
 Achou mais belo o céu e o seu viver mais santo.
 Pairava na amplidão estranho resplendor.
 A Natureza inteira em lúcida poesia
 Repousava, feliz, nas preces da harmonia!...
 Era o festim do amor,
 No firmamento em luz,
 Que celebrava
 A grandeza de uma alma que voltava
 Ao redil de Jesus. (XAVIER, 2010, p. 407-410)

Como pode ser observado, os versos narram uma tomada de consciência do Padre João sobre erros profundos da Igreja Católica desde o seu encontro com o próprio Jesus Cristo. O problema não está no sacerdote, mas na instituição. O Padre João é meigo e puro de coração. Ao fitar a Igreja do Cristo, ele cai em si e percebe as “trevas persistentes, por anos inclementes, em séculos sem fim”. O seu retorno ao redil de Jesus se inicia quando João “despiu-se do negrume espesso da batina”. Este poema demonstra que não há apenas na

produção literária psicografada por Chico Xavier permanências das mesmas ambiguidades com relação ao Catolicismo, fenômeno comum em diversas gerações de spiritistas. Também aponta para uma marca anticatólica bem característica da literatura espírita nas décadas de 1930 e 1940, período dos enfrentamentos com os católicos. Estes últimos, sob a vigência do modelo da neocrístandade, haviam iniciado no Brasil uma cruzada espiritual de manutenção e reconquista dos espaços considerados vitais. Não obstante, há na poesia alguns aspectos que representam certa mudança de eixo. Por exemplo, ele inseriu o reconhecimento de qualidades ou características positivas no sacerdote, bem como sua possibilidade de redenção, mesmo que esta seja por via do abandono da religião professada. Isto indicava uma mudança no tom, um colocar-se no debate de forma sutilmente diferenciada. Se recordarmos a radicalização das posições do período, a escalada de hostilidades mútuas, sem dúvida, perceberemos que Chico Xavier já trazia aqui um anticatolicismo, mas ancorado em outras bases. Esse viés da crítica contundente, porém adocicada por meio de eufemismos ou por concessões ao ideário do outro, será desenvolvido e bastante explorado pelo Medium nas décadas subsequentes. Analisemos, porém, outra ocorrência neste sentido, para constatar que o poema *Padre João* não representou um caso isolado ou caminhou em um regime de exceção dentro da produção literária inicial de Xavier.

Na edição do *Reformador* de 16 de fevereiro de 1932, a equipe editorial inseriu uma nota acerca de uma sequência de mensagens psicografadas por Chico Xavier. Esses textos foram assinados pelo Padre Germano, autor espiritual da obra escrita por Amália Domingo Soler e traduzida por Manuel Quintão. A narrativa em prosa, publicada em formato de folhetim antes do lançamento de *Parnaso*, foi abordada no capítulo destinado a tratar dos romances em circulação na comunidade de leitores espíritas durante os anos de chegada do Medium mineiro. Neste momento, teremos a oportunidade de aprofundar um pouco mais as reflexões em torno dela. As mensagens foram intituladas de *Recordações*, recebendo na nota referida a seguinte apreciação:

Esta página de recordações da terra, prenhe de emoções vivíssimas e de profundos ensinamentos, páginas de cujo sabido valor dirão os leitores a quem a oferecemos, certos de que eles saberão apreciá-la devidamente, dictou-a o Espírito que foi entre os homens o Padre Germano. Serviu-lhe de instrumento mediumnico o nosso jovem irmão Francisco Candido Xavier, de Pedro Leopoldo, Minas, a cuja mediumnidade devemos a belíssima poesia do Espírito de Guerra Junqueiro –O Padre João – publicada no *Reformador* de 1 de dezembro do anno passado, e muitas outras, dos maiores poetas, brasileiros e lusitanos, as quaes, reunidas em volume, serão breve entregues à publicidade, pela Livraria da Federação (*REFORMADOR*, 1932, p. 89).

Para a composição dessa história há a reutilização de um autor espiritual de uma obra já conhecida. Isso implica o uso de procedimentos literários diferentes dos utilizados para compor um autor espiritual “original”. De forma semelhante à psicografia das poesias de *Parnaso*, a narrativa em prosa psicografada por Xavier necessariamente precisaria conter as mesmas características literárias e pertencer ao mesmo gênero textual mimético da matriz. Em síntese, o texto em prosa teria que se apresentar ao leitor como um relato autobiográfico do dito Padre Germano, discorrendo sobre suas experiências vivenciadas na última existência carnal. Só assim o texto poderia representar “páginas de recordações da terra”. Esta narrativa em prosa publicada no *Reformador*, permaneceu sem uma edição em livro até o ano de 1976, quando *Os Fragmentos das Memórias de Padre Germano* recebeu um apêndice, ganhando o acréscimo da historietta composta por Xavier por via de sua pena psicográfica. Esta edição tardia do livro de Soler, com o acréscimo do texto de Xavier, apenas se justifica como estratégia editorial que buscava dar mais fôlego ou proporcionar uma sobrevida ao consumo da obra original. Objetivava-se surfar no prestígio que o Medium havia adquirido nos anos 1970, quando se tornou figura pública bastante conhecida no cenário nacional¹⁰⁵.

O trecho final da nota do *Reformador* indica ainda a sua finalidade de divulgação do livro que virá, caracterizando os procedimentos propagandísticos do mundo editorial nos moldes ou de forma semelhante às propagandas dos textos de Xavier anteriormente publicados pela revista. As referências às edições anteriores do *Reformador* onde foram publicizados textos psicografados pelo jovem médium, servem como balizamento para rememorar no leitor a figura autoral tratada, bem como conferem um sentido de continuidade. Aqui temos mais uma dose ministrada para tornar mais palatável a chegada de *Parnaso*, para tornar mais reconhecível o sabor que a obra destila.

Quanto ao conteúdo da narrativa em si, cabe-nos breve observação. A história versa não sobre vivências pessoais do Padre, mas acerca de experiência relacionada ao exercício do sacerdócio. Mediante uma Extrema-Unção, ele descobre que a condessa de sua paróquia havia envenenado o marido com a ajuda do médico da localidade, seu amante. O fio da trama se desenrola ao acompanharmos a reencarnação da condessa. O narrador passa a situar o leitor

¹⁰⁵ A FEB editora procurou assim justificar a inserção do apêndice: “Esta página, aqui colocada em apêndice aos “Fragmentos das Memórias do Padre Germano” – 12ª edição, 1976, FEB, tradução de Manuel Quintão -, foi ditada ao médium Francisco Cândido Xavier, há quase meio século, e estampada em “Reformador”, edições de 16 de fevereiro, 1ª e 16 de março de 1932. Acolhendo sugestão de entregá-la aos leitores de, a notável pioneira do Espiritismo de Espanha, fazemo-lo convictos de que, como bem frisou o redator da revista “Reformador”, esta página de recordações da Terra, prenhe de emoções vivíssimas e de profundos ensinamentos, será devidamente apreciada por quantos se familiarizaram com os escritos do formoso Espírito que foi entre os homens o Padre Germano”.

na sequência de sofrimentos enfrentados por ela como decorrência do homicídio. Deformações físicas, privações materiais, desprezo sistemático, chalaça, ridículo, foram algumas das situações descritas. Em um gesto de perdão, o marido assassinado teria reencarnado como seu filho, única pessoa capaz de lhe dar afeto e consideração. Como desfecho, a criança morre em um acidente, fazendo a mãe experienciar um derradeiro suplício. Assim, a reencarnação expiatória da condessa, agora apelidada de “Fera”, tem um final trágico. Terminaria um ciclo de purgação para iniciar a entrada em uma realidade pacificada *post mortem*. Existem na narrativa trechos com embriões de relato de experiências vividas pelos personagens no plano espiritual, perspectiva consolidada apenas com o romance *Nosso Lar* (1944). O final aponta para a existência de aldeia imaginária concebida como um paraíso, uma realidade esteticamente plena¹⁰⁶.

Como pode ser observado, a primeira narrativa em prosa composta por Chico Xavier traz o esquema narrativo dominante entre os romances espíritas do período de sua chegada como autor empírico. Quando da sua consolidação, esse viés não será mais explorado nestes termos. Permanecerá nos livros da coleção André Luiz, porém será diluído ao longo da história central, responsável por estruturar a trama principal.

Cabe-nos ainda, nas análises acerca desse retorno do Padre Germano por via da psicografia de Xavier, uma última questão. Em qualquer texto produzido dentro da configuração reinante no Espiritismo brasileiro nas décadas de 1920 e 1930, seriam esperados elementos anticatólicos. Não obstante, grande parte das investigações acadêmicas – dentre outros Lewgoy (2000) e Stoll (2003) - vêm apontando a conciliação com os princípios católicos como marca da literatura mediúnica de Xavier, responsabilizando o que para estes autores seria uma influência do catolicismo na sua produção. Nesta tese, escolhemos outra entrada na problemática, outra forma de alcançarmos inteligibilidade e compreensão. Como já discutimos desde a introdução, o próprio uso da noção de influência não nos parece adequado, sendo mais interessante o conceito de apropriação, como proposto por Chartier (1990; 1994). Desde sua criação, uma marca epistemológica do corpo doutrinário formulado por Allan Kardec são justamente os elementos conceituais advindos dos campos mais diversos, tais como o liberalismo, o socialismo, o catolicismo, o protestantismo, a Física, a Química, a Biologia. Enfim, ele buscou conciliar princípios dos campos científico e religioso.

¹⁰⁶ O texto foi concluído com a seguinte descrição: “*Rompeu-se, afinal, o último grilhão que a retinha na Terra, è a alma da ex-Condessa, redimida pela dor, partiu, amparada por uns braços de névoa esplendorosa, em demanda da aldeia formosíssima, onde existem pássaros brilhantes, árvores encantadas, anjos que sorriem, mães que amam e anciãos que abençoam!* (REFORMADOR, 1932, p. 139).”

Desde o ângulo que se observa, pode-se falar em influências de cada um destes elementos. Consideramos, assim, que essa configuração híbrida da teia conceitual da Doutrina Espírita representa sua especificidade, engendrando uma relação ambígua com os mais variados saberes oriundos, tanto das religiões como das ciências. Em meados da década de 1930 a literatura doutrinária dos espíritas havia adquirido coloração mais viva quanto aos aspectos anticlericais, mas de forma alguma superado sua ambiguidade com o Catolicismo. Quando Xavier realiza apropriações aos princípios católicos, ele caminha na matriz consolidada no Espiritismo desde sua fundação. É como espírita que ele navega socialmente para realizar incursões aos mais diversos territórios, inclusive os do inimigo, para trazer elementos e conciliar o inconciliável. Apenas um olhar muito distante enxergaria na produção literária de Chico Xavier uma mera influência do Catolicismo ou até mesmo uma postura pró-católica. Analisemos, por exemplo, o que nos narra Padre Germano:

Formosas recordações das noites de minha aldeia longínqua!... Ainda hoje, revolvo a cinza dos séculos, para buscar as tuas lembranças, que me enchem a alma de encantamento e poesia! Noites de primavera, de luar alvíssimo, em que eu rociava com o meu pranto as flores do jardim modesto do presbitério, quando confiava a Deus as minhas orações de sacerdote católico, alma exilada dentro da vida, ramo fenecido nos vergéis ditosos dos homens da Terra. Dolorosas meditações, em que meu coração, ávido de carinho e de afeto, interrogava a abóbada celeste sobre os porquês do seu magoado destino. Por que o sacerdote não poderia amar como as outras criaturas? Por que todos possuiriam a ventura de um lar ridente, onde brilhassem os sorrisos da esposa e o amor dos filhos, e o homem que se consagrasse ao labores da igreja haveria de viver isolado, quando o seu coração desejava viver? Chorava então, copiosamente, ouvindo, no silêncio das flores e das estrelas, vozes apagadas que apenas ecoavam no íntimo do meu ser: - “Ingrato! ao sacerdote foi confiada a mais sublime missão de amor. Não tens esposa? Ama à pobreza desvalida, ao teu irmão sofredor da Humanidade. Não tens filhos? Consagra-te aos infelizes! Sê-lhes o pai amoroso e compassivo, lendo-lhes os padecimentos, confortando-os na desgraça. Tens sede de amor e existe uma infinidade de seres que se sentem abrasados nessa sede devoradora: orfãos abandonados, mendigos sem pão e sem lar, olhos sem luz, multidões de desprezados que imploram, com a alma toda nos lábios, uma esmola de amor! Procura-os e reparte com eles o teu coração. Amar é plantar a felicidade na Terra! Ama e seguirás fielmente os luminosos passos de Jesus. (REFORMADOR, 1932, p.89).

No texto, o narrador discorre em tom autobiográfico dilemas internos do sacerdote relacionados à sua condição de celibatário. Novamente na representação sobre religiosos católicos não há uma demonização, nem criminalização. O postulado da religião, no entanto, é posto em xeque sem um confronto direto. É uma estratégia argumentativa eficaz porque mobiliza elemento da dimensão axiológica e afetiva. O drama íntimo do padre serve de elemento de sensibilização do leitor, apesar do celibato encontrar uma justificação na atuação do sacerdote para com os sofredores. Essa passagem revela ainda que, apesar de Xavier não

defender do ponto de vista doutrinário o celibato como uma necessidade para o crescimento espiritual, já muito cedo anunciará sua opção pessoal pelo voto celibatário, “vocação” que seguirá por toda a vida. Em outro trecho há uma crítica mais ostensiva, desta vez ao Sacramento da Confissão:

Se houve na minha vida de padre católico algo que me repugnasse, era por certo o trabalho penosíssima de ocupar o tribunal da confissão, devassando as consciências alheias, o que sempre considerava um crime. Apavoravam-me os segredos que todos guardavam avaramente e que não se vexavam de trazer-me, quando somente a Deus deveriam confiá-los. (*REFORMADOR*, 1932, p. 89).

No fragmento, o discurso se aproxima da criminalização doutrinária, comum aos espíritas no período. Vemos assim que a estrutura argumentativa elaborada por Xavier segue um ciclo sistemático de aparente ambiguidade; sem dúvida, uma estratégia qualitativamente diferente das que vinham sendo utilizadas pelos principais intelectuais febianos. Estes estavam entrincheirados em um confronto aberto, com suas táticas de arrasa-quarteirão.

É justamente na perspectiva apontada, que logo após a “branda criminalização” ao sacramento católico, no texto psicografado por Xavier, há uma descrição do cotidiano respeitável do sacerdote:

Uma boa porção de tempo ainda vivi na minha aldeia querida, em meio das crianças que eu adorava, a quem amava como pai adornando de flores uma campa no cemitério, enfeitando os altares modestos do meu templo carcomido e quase em ruínas, com os primores da Natureza, cercado pelo respeito dos meus paroquianos afetuosos, amado mais particularmente por alguns seres que me eram profundamente queridos ao coração, desde as épocas remotas de outras existências, já transcorridas, elevando hosanas ao Senhor, que se dignava bondosamente conceder tantas alegrias ao seu servo imperfeito. (*REFORMADOR*, 1932, p. 91).

Esse trecho conclui no texto a caracterização do personagem narrador, uma descrição bucólica, trazendo o Padre no centro da comunidade, próximo da natureza, da simplicidade, e mantendo uma relação bastante afetiva com seus paroquianos. Passagens como esta, pinçadas sem uma visão de conjunto, sem a inteligibilidade do cenário em que foram produzidas, podem levar a uma compreensão de que a produção literária de Xavier era alimentada por uma influência do Catolicismo ou mesmo possuía uma posição simpática, conciliatória, com relação aos princípios da religião dominante. Uma análise histórica partindo das fontes para estabelecer um diálogo entre teoria e empiria nos faz caminhar em sentido oposto. Ao contrário do que se pensa, Chico Xavier não recebe passivamente influências, mas realiza uma série de operações de apropriações ao Catolicismo. E, talvez, o mais importante seja perceber que o sentido das apropriações não é o de buscar um consenso ou estabelecer uma

conciliação, mas sim de defender a sua fé. Evidentemente, neste processo ele insere elementos de suas convicções pessoais, mas apenas partes destas advinham do ideário católico. Se compararmos a configuração do Espiritismo brasileiro no final do século XIX, nos tempos da vitória do círculo de Menezes sobre os científicos, com a produção literária de Francisco Candido Xavier, veremos que, sem alarde, ela promoveu um afastamento dos princípios católicos, inserindo elementos de especificidade e distinção na matriz febiana.

4.3.1.2 Na Morte do Homem, o Gérmen do Mito: o início de uma sutil e profunda metamorfose

Em decorrência desta compreensão, podemos agora seguir viagem, pois ainda estamos no período anterior ao lançamento de *Parnaso*. As análises das fontes indicaram um dado importante. A estratégia de publicar artigos com exemplos de poesias e outros textos psicografados por Xavier, como foi o caso da narrativa em prosa do Padre Germano, possibilitou aos editores da FEB o estabelecimento de diálogos com os leitores por meio das repercussões da leitura, das movimentações ocorridas diante da recepção. Foi se gestando uma mudança de eixo na imagem do Medium como autor empírico, mudança sutil e decisiva na configuração de sua representação diante do público leitor espiritista.

O próprio Manuel Quintão se encarrega de anunciar para breve a saída do prelo de *Parnaso* em sua seção *Casos e Coisas* da edição de 16/04/ 1932 (*REFORMADOR*, 1932, 236-237). Nela escreveu uma peça de propaganda destinada a engendrar mais expectativa sobre a publicação da obra. Como não poderia deixar de ser, escreveu também um pouco mais sobre o jovem médium psicógrafo. Ele escolheu iniciar o artigo reafirmando ao leitor suas posições:

Já entrou para o prelo o “Parnaso de Além-Túmulo”, preciosa colletanea de poesias mediumnicas, cuja excellencia e vigorosa autenticidade já proclamamos nestas colunas. O confrade leitor nos relevará o reincidirmos no assumpto, pelo muito que estimamos, nesta obra, as suas qualidades e aspectos originaes, como elementos de convicção. (*REFORMADOR*, 1932, 236).

Quintão chega a desculpar-se pela insistência com que tem trazido o tema do lançamento desta em sua seção “particular” do *Reformador*. Ele reitera a excelência, a qualidade literária, a riqueza dos aspectos originais, como elementos de constituição da sua sólida convicção na autenticidade da produção. A abertura do artigo caracteriza-se por ser a explicitação de um apoio incondicional à coletânea de poesias psicografada por Xavier. Manuel Quintão empenhará aqui todo seu prestígio político e doutrinário para garantir a

viabilidade do lançamento, sustentar a imagem do livro diante das críticas. De que era, porém, acusado o jovem e desconhecido médium? Pela defesa, deduziremos os ataques. O trecho que se seguirá permite a realização de inferências sobre a recepção das poesias publicadas antes do lançamento do livro. Esta estratégia editorial de propaganda, para a divulgação da obra e de seu autor empírico, objetivava possivelmente fomentar expectativas nos leitores. Desde esse momento inicial, no entanto, engendrou não só curiosidades, mas também reações de críticos. Daí o endurecimento no tom da defesa sobre *Parnaso*, com uma radicalização de posições em torno do Medium. Passemos então à análise dos argumentos mobilizados. Segundo Quintão,

De facto, nada menos susceptível de imitação, que o estylo do homem, o que fez corrente a frase – o estylo é o homem. Admitimos que, com tempo, paciência e aptidões especiais, possa alguém apossar-se da technica de um grande escritor, ao ponto de iludir os menos argutos, conhecedores do mister. De um, mas não de muitos escriptores, entenda-se, e isto na prosa, porque, no verso, a empresa se torna quase, se não de todo insuperável. Depois há de convir, na mais optimista das hypotheses, que, a quem dispusesse de taes virtudes e habilidades, melhor e mais práctico lhe fora construir obra sua, do que attribui-la a outrem. Assim, para inquinarmos de fraudunas as poesias que ora nos oferece o médium polygrapho Xavier, haveríamos de o supor antes de tudo – um tolo, deslocado do seu tempo e do seu meio – e depois de tudo – um velho faiscador de não menos velhos patrimônios literários. Mineiração passadista, ao demais inútil, porque nem admite proventos pecuniários, de vez que ele tudo cedeu e concedeu a beneficio da Federação, com vistas à propaganda. (*REFORMADOR*, 1932, 236).

Pelo edifício argumentativo erguido para blindar Xavier e suas poesias, a acusação dos críticos não poderia ser outra: a coletânea de poemas era uma imitação de estilos, era um pastiche. Um exercício de pinça para localizar os pilares, sustentáculos da edificação, revela em síntese alguns argumentos-chave. Ele advoga a ideia de que há, pelas características da produção poética de Xavier, uma impossibilidade de esta ter sido escrita mediante técnicas imitativas. Em primeiro lugar, pela diversidade de autores, pois ninguém seria capaz de copiar estilos tão diferentes. A segunda questão foi levantada apontando para a dificuldade de se pastichar o gênero poesia. Uma composição em verso seria muito mais difícil de imitar do que em prosa. No caso de Xavier ser portador de uma habilidade tão rara, por que ele negaria a autoria ou não se dedicaria a compor a própria literatura poética? Não seria mais interessante assumir-se como autor? Estas seriam respondidas positivamente, em particular se levássemos em conta o fato de que no desempenho dessa atividade, o Medium não recebia nenhuma compensação financeira, havendo doado os direitos autorais à Federação Espírita Brasileira.

Rocha realiza, em seu trabalho de doutoramento (2008), análises discutindo o apontamento da questão do pastiche sobre Chico Xavier em dois momentos de erupção com

maior veemência das acusações. Um no ano de 1935, diante das polêmicas geradas após uma série de reportagens jornalísticas publicadas sobre o Medium no jornal *O Globo*. O outro quando Chico Xavier respondeu a um processo judicial em 1944. Ambas contribuíram para a nacionalização da imagem pública de Xavier, fazendo transbordar sua notoriedade além dos muros da comunidade de seus leitores. Nas duas ocasiões, parte dos críticos e detratores adotou como viés explicativo do fenômeno literário que representava a literatura mediúmica produzida pelo Mineiro como sendo a aplicação da técnica de imitar marcas textuais características dos estilos de escritores consagrados (ROCHA, 2008, p. 81-85).

Nossas fontes revelam que, desde o início da circulação de seu trabalho, mesmo antes da publicação de *Parnaso*, já com as poesias mediúnicas de Xavier dadas a conhecimento público nas páginas da revista *Reformador*, pesou sobre o Medium a acusação da prática de pastiche. O argumento levantado por Quintão em sua defesa indica a aprendizagem de uma lição histórica. Ao explicitar que o jovem não recebia remuneração pela atividade psicográfica, ele estava desmontando qualquer acusação de farsa, golpe ou charlatanismo por parte do Medium, pois sem ganho pecuniário não haveria dolo. Sem dolo não haveria crime algum. Guardadas as devidas proporções, este argumento fora aprendido a duras penas pelos espíritas brasileiros desde o final do século XIX. A gratuidade de suas atividades foi o que lhes possibilitou ficar ao abrigo da Constituição republicana, Carta Magna na qual se consagrou o princípio da garantia de liberdade de culto. Assim, as práticas espiritistas não foram caracterizadas pelo Judiciário no Brasil como um exercício ilegal da Medicina porque os espíritas não exerciam suas atividades como uma profissão, pois esta precisaria ser exercida como um meio de vida para o profissional (GIUMBELLI, 1997, p. 142-143). De forma semelhante, Chico Xavier não poderia ser um literato no sentido profissionalizado do termo, justamente porque, não representando para ele uma profissão, não lhe poderia ser imputada a acusação de má-fé; um preço bastante alto para exercer sua psicografia em liberdade, já que estamos tratando da vendagem de milhões de exemplares. Os direitos autorais teriam lhe rendido uma fortuna considerável, mas colocaria em xeque a coerência dos seus princípios e representaria um risco à credibilidade de suas obras. Romper com a gratuidade de seu exercício literário peculiar, com seu voto de pobreza, faria ruir o pacto de leitura estabelecido com seu público leitor.

Em adição aos argumentos para defender a autenticidade espiritual das poesias psicografadas por Xavier, Manuel Quintão insere na negação da autoria uma representação do Medium mineiro, associando ao edifício argumentativo esta descrição de sua figura:

E Xavier é jovem, é mesmo muito jovem e pobre de bens materiais. Humilde, simples, desprendido de glórias efêmeras, sem estudos especializados, sem conhecimentos universalizados, talvez por isso mesmo, e só por isso, fosse o escolhido para esta demonstração tácita e formidável da sobrevivência do ser consciente, integral. (*REFORMADOR*, 1932, 236).

Vemos assim que os pontos elencados no erguimento de sua imagem autoral foram: ele é pobre, jovem, simples, desprezioso, humilde, sem instrução e sem conhecimentos adquiridos por vias não escolares. Com tais características, como não considerá-lo uma prova viva da imortalidade, da sobrevivência no *post mortem* das individualidades dos poetas? Há aqui uma mudança de eixo sutil. Esta caracterização, sem dúvida, já fazia parte dos escritos iniciais sobre Xavier, como, por exemplo, os primeiros textos de apresentação da obra publicados por Quintão, ou mesmo o prefácio escrito por Xavier para a abertura de *Parnaso*, datado de dezembro de 1931. Neles não se exigia, contudo, o sacrifício completo da personalidade do autor empírico, nem a total negação de qualquer habilidade intelectual ou literária por parte de Xavier. Como faces de uma mesma moeda, existe referência aos valores morais do Medium, as virtudes cristãs que ele vivenciaria. Sua humildade é destacada no texto com a expressão “Humilde” sendo inserida em primeiro lugar após um ponto final. Desta forma, se de um lado se negam atributos intelectuais, de outro, se inicia um processo de exaltação de sua personalidade moralizada sob a óptica de uma ética advinda do Cristianismo. Vale salientar que, se assumir capacidades intelectuais e literárias, não significa necessariamente negar a condição de medium, nem representa no período um caso alienígena. Diversos autores espíritas, inclusive médiuns, possuíam perfis neste sentido. Ainda na atualidade, há casos de médiuns psicógrafos com formação acadêmica ou titulação de reconhecido saber¹⁰⁷. Não obstante, diante das críticas, a equipe editorial febiana, liderada por Ribeiro e Quintão, escolheu o caminho da radicalização do apagamento para garantir a recepção da obra e acolher o novo autor, para consolidar o argumento da autenticidade espiritual das poesias. O próprio Xavier será transmutado em prova viva dos fenômenos espíritas, em encarnação das manifestações espiritistas. Anos mais tarde, essa opção resultará na mitificação de Chico Xavier. É interessante percebermos que a radicalização do apagamento das habilidades intelectuais e literárias de Xavier inicia um processo que se consolida paulatinamente rumo à criação de sua representação mitificada. Um passo adiante

¹⁰⁷ Um bom exemplo é o do médium baiano Divaldo Pereira Franco. Conferencista e autor empírico de uma produção literária quase tão vasta quanto à de Chico Xavier – hoje se contabilizam cerca de 250 obras. Segundo informações de sua página pessoal na internet, ele recebeu em 2002 o título de *Doutor Honoris Causa em Humanidades* pela Universidade Federal da Bahia (ACESSO EM: 29/12/2014).

foi dado quando Quintão, para defender o Medium mineiro, estabelecer relações de comparação. Em seu primeiro texto sobre Xavier, ele parte da constituição de uma filiação para o jovem e desconhecido autor, procurando situá-lo dentro de uma linhagem, vinculando-o a outros casos exemplares ou paradigmáticos. No trecho a seguir, veremos que o movimento é bem outro:

Fernando de Lacerda também nos deu algo de João de Deus e de Anthero do Quental. Ultimamente, sabem-no todos, América Delgado, jovem paraense, tem recebido uma série de magnificas poesias de Guerra Junqueiro. Mas, América incorpora, declama e reproduz após audição, o que declamou. Lacerda nos deu, no gênero poético, poucas produções de dois poetas lusos, em manifestações esporádicas, por assim dizer. Xavier, porém, impõe-se-nos pela fecundidade, variedade e beleza dos tons, apresentando-nos estylos variados, rythmos e escolas inconfundíveis, antigos e modernos. (*REFORMADOR*, 1932, 237).

Como anteriormente, ocorreu uma comparação inevitável ou até mesmo desejável, no entanto, neste momento há uma inversão na hierarquização. Agora Chico Xavier faz mais e melhor. Sua produção poética por meio da psicografia estaria em um patamar superior tanto em qualidade (pela variedade de estilos, ritmos e escolas, pela beleza e fecundidade), quanto em quantidade (Lacerda, por exemplo, teria apenas psicografado dois poemas). Vemos assim que a representação inicial apontava Chico Xavier como o Fernando de Lacerda brasileiro. Quando o médium mineiro consolidar o núcleo duro de sua produção literária, com a invenção de seus principais autores espirituais, Fernando de Lacerda passará a ser o Chico Xavier de Portugal. Neste momento, mais um degrau foi galgado. Uma imagem criada para Chico Xavier como autor empírico foi sendo gestada por meio de diversos olhares. Aqui Manuel Quintão deu sua contribuição, estabelecendo parâmetros de comparação, alçando o jovem e desconhecido Chico Xavier a um plano de destaque dentro do panteão dos grandes médiuns, nacionais e estrangeiros. O movimento desenvolvido no artigo, iniciado com uma defesa incontestável de *Parnaso* foi concluído com palavras do próprio Xavier. Em um trecho raro, publicado apenas nestas páginas do *Reformador*, Quintão inseriu um fragmento do que parece ser uma carta do Medium descrevendo suas sensações durante a escrita dos textos mediúnicos:

Alguns autores há muito tempo que não voltam, como, por exemplo, A. Dos Anjos e Auta de Souza. Desta ultima, conservo muitas saudades. Quando ella escrevia, fazia-me sentir sensações indefiníveis. De algumas vezes eu sentia que ela se achava em companhia de uma outra alma, bastante elevada, que nos disseram ser uma das que compõem a grande phalange que colabora com Celina em sua elevada missão de amor.

Esta companheira da alma que se dava como Auta fazia-me ouvir, isto é, sentir, como em relâmpagos, os mais formosos hynos sacros, que eu nunca pude apanhar, porque eram sempre mais vibrações intraduzíveis, melodias que eu podia somente sentir. Cada Espírito que por mim escreveu fez-me sentir uma sensação diferente, profundamente desiguaes entre si. (XAVIER apud *REFORMADOR*, 1932, p. 237).

No raro trecho com palavras assinadas pelo próprio Xavier em um regime de autorialidade convencional, temos o ato inaugural do que nos parece ser um dos diferenciais da literatura psicográfica do Medium, representando um dos fatores que explicam o seu êxito como autor mediúnico. Ao informar o leitor sobre sua convivência e sensações diante do contato com as entidades (os espíritos dos poetas), das características, peculiaridades de cada uma delas, das relações entre elas, ele fornece cenas em formato de espetáculo, descrevendo suas percepções dos fenômenos mediúnicos. Desta forma, o espírito de Celina, considerada pelos espíritas como uma serva de Maria de Nazaré, desempenhando a função de uma espécie de secretária da mãe de Jesus, acompanha a poetisa Auta de Souza em suas seções de psicografia¹⁰⁸. E ele, ao psicografar suas poesias, escuta hinos sacros com melodias intraduzíveis, apresentando ao leitor uma narrativa de eventos transcendentais, verdadeiramente “para-humanos”. Vale salientar que, se Chico Xavier escreve e assina o texto, foi Quintão que selecionou o trecho e escolheu publicá-lo, sendo, portanto, uma decisão do editor.

Com *Parnaso de Além-Túmulo* ainda no prelo, Manuel Quintão e a equipe editorial do Reformador, publicaram a primeira propaganda da obra na parte pós-textual da revista (ANEXO K). O livro seria então lançado em junho próximo, pela Livraria da Federação. Na representação autoral inventada para Xavier, também foi acentuado o apagamento de sua personalidade, visando a justificar a denegação autoral. O texto propagandístico traz uma resposta direta à seguinte pergunta: por que ele não é o autor das poesias?

Poesia extrahida do PARNASO DE ALÉM- TÚMULO, magnifica e opulenta colletanea de produções mediumnicas de consagrados vates, quaes Souza Caldas, Casimiro de Abreu, Castro Alves, João de Deus, Augusto dos Anjos e tantos outros, cujos escritos se afirmam inconfundíveis pela mediumnidade de Francisco Candido Xavier, um jovem de relativíssima cultura intelectual isolado de influências literárias num rincão mineiro. (*REFORMADOR*, 1932).

Como pode ser observado, ocorre o uso de nomes ilustres para agregar prestígios ao livro e dar credibilidade à publicação, uma coletânea de poesias psicografadas em diferentes

¹⁰⁸ Vale salientar que uma “mariolaria” já estava na configuração do Espiritismo brasileiro de matriz febianiana desde sua fundação no final do século XIX. Para confirmar esta afirmação, basta lermos os textos escritos por Adolfo Bezerra de Menezes (MENEZES, 2008). Assim, não consideramos o culto a Maria um elemento inserido por Chico Xavier no Espiritismo nacional, mas foi sim mantido por ele em sua produção literária psicográfica.

estilos poéticos, mas todas voltadas para temáticas a luz do Espiritismo. Há aqui um mecanismo semelhante ao mobilizado nos prefácios dos romances escritos por personalidades consagradas do campo literário para apresentar uma nova obra (SALES, 2003). Outro elemento agregado para fornecer uma credibilidade incontornável à autenticidade da autoria espiritual dos poemas é a já constituída imagem de “inconfundível mediunidade” do jovem Xavier. O trecho final responde, enfim, a pergunta que anunciamos. Por que não simplesmente Chico Xavier? Porque seria ele “um jovem de relativíssima cultura intelectual” e estaria “isolado de influências literárias num rincão mineiro”. Logo, não poderia ser o autor intelectual dos textos poéticos. Vemos na propaganda uma apropriação de um princípio do axioma muito utilizado pelos espíritas desde Kardec para justificar, por exemplo, a ideia de DEUS: todo efeito precisa ter uma causa correspondente que o explique e justifique¹⁰⁹. Poesias com qualidade literária apenas poderiam ser produzidas por alguém com uma inteligência capaz de fazê-las. Quem mais poderia tê-las escrito se não os próprios poetas, agora convertidos a divulgadores dos postulados espíritas, convencido inclusive pela imposição da sua própria condição de espíritos, portanto, de mortos?

Na propaganda foi ainda inserida mais uma poesia inédita. Seu título, *A Terra (Aos Pessimistas)*, sendo assinada por Cassimiro de Abreu¹¹⁰.

Se há noite escura na Terra,

¹⁰⁹ Como pode ser verificado a seguir, esta é uma questão clara desde as perguntas iniciais de *O Livro dos Espíritos*:

“1. *Que é Deus?*

“Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas.”

4. *Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?*

“Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão vos responderá.”

Para crer em Deus basta lançar os olhos sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

5. *Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?*

“Que Deus existe; pois, de onde lhes viria esse sentimento, se não se apoiasse em alguma coisa? É ainda uma consequência do princípio de que não há efeito sem causa.” (KARDEC, 2006, p. 53-54)”

¹¹⁰ A FEB editora inseriu a seguinte nota para fornecer ao leitor do *Parnaso* algumas informações sobre o autor espiritual: “POETA fluminense, desencarnou aos 18 de outubro de 1860, na Fazenda de Indaiáçu, no então município de Barra de São João, hoje denominado Casimiro de Abreu, com 21 anos de idade, acometido de tuberculose pulmonar. Figura literária das mais típicas do seu tempo, o autor malogrado de Primaveras ainda aqui se afirma no seu profundo quão suave nativismo lírico. Suas composições possuem “um saboroso estilo colorido, sensível e personalíssimo” — disse Ronald de Carvalho” (Xavier, 2010, p. 313).

Onde rugem tempestades,
Se há tristezas, se há saudades,
Amargura e dissabor,
Também há dias dourados
De sol e de melodias,
Esperanças e alegrias,
Canções de eterno fulgor!
(...) Se há noite escura na Terra,
Abarrotada de dores,
De lágrimas e amargores,
De triste e rude carpir,
Também há dias dourados
De juventude e esplendores,
De aromas, risos e flores,
De áureos sonhos no porvir!...(REFORMADOR, 1932).

Em uma mensagem que se quer otimista, a poesia psicografada por Xavier convida o leitor a observar o “lado bom da vida”, apesar dos enfrentamentos cotidianos. De fato, um texto doutrinário e leve. Última peça do prelo do *Parnaso de Além-Túmulo* a ser divulgada para o público de sua comunidade de leitores, possivelmente tenha sido escolhida para tirar o foco de questões mais combativas relacionadas ao anticatolicismo antes do lançamento propriamente dito da coletânea de poemas psicografados. Veremos a seguir os discursos sobre Xavier e sua obra após a primeira publicação do livro, em meados de 1932. Analisaremos então o embrião de um olhar mitificador. No desenrolar da História, produzirá uma representação colada a Xavier que o acompanhará pelo resto da vida. Impregnará seu estar no mundo, a sua atuação de autor empírico, sua ação de autor-ator. Esta imagem se constituirá nas bases iniciais da hagiografia, formulada sobre ele nas décadas seguintes. Será o fulcro no qual se erguerá o mito. Estudaremos assim o nascimento dos pilares que sustentarão o busto.

4.3.2 Entra em cena *Parnaso de Além-Túmulo*

Finalmente em julho de 1932 veio à luz *Parnaso de Além-túmulo*. Na primeira edição, o livro continha 60 poemas assinados por 14 autores espirituais. Os nomes eram de poetas ilustres do Brasil¹¹¹ e de Portugal¹¹². As sucessivas edições com o passar dos anos foram sendo incrementadas com acréscimos de composições em verso. A configuração final foi alcançada em 1955. A obra, na sexta edição, passou então a conter 259 composições atribuídas a 56 espíritos de escritores mortos (ROCHA, 2001, p. 15). Os acréscimos foram

¹¹¹ Os poetas brasileiros foram Augusto dos Anjos, Auta de Souza, Bittencourt Sampaio, Casimiro de Abreu, Casimiro Cunha, Castro Alves, Cruz e Sousa, Pedro de Alcântara e Sousa Caldas. No montante totalizavam nove personalidades do mundo literário nacional.

¹¹² Das terras lusitanas foram quatro os personagens apropriados para a autoria espiritual: Antero de Quental, Guerra Junqueiro, João de Deus e Júlio Diniz.

sendo realizados paulatinamente. Já na segunda edição, lançada, como veremos, em 1936, ocorreu ampliação considerável, quase que triplicando o quantitativo de textos poéticos e de autores espirituais. O *Parnaso* passou assim a contar com 173 poesias assinadas por 32 “espíritos”¹¹³. A terceira edição sairia em 1939. Mais seis personagens das letras ganhariam uma existência *post-mortem*¹¹⁴. Agora o livro conformava 199 poemas de 38 escritores. A quarta edição apenas seria publicada em 1944, ano do estrondoso sucesso editorial de *Nosso Lar*. O número de poetas autores espirituais pularia para 47, chegando as poesias à casa dos 248 textos psicografados¹¹⁵. Na versão definitiva da obra, mais nove nomes ilustres juntaram-se ao conjunto¹¹⁶, também se somando mais 15 poemas, chegando ao montante anunciado de 259, porque houve o descarte de outras cinco poesias publicadas nas versões anteriores (ROCHA, 2001, p. 17-21).

Essas sucessivas reedições não trouxeram apenas ampliações quantitativas. Elas foram marcadas por transformações qualitativas nos textos. Rocha (2001) se impôs a tarefa de cotejar as edições. Neste exercício analítico, identificou “*várias mudanças significativas nos poemas* (ROCHA, 2001, p. 18)”. Estas revisões, cuja FEB argumenta terem sido realizadas pelos próprios autores espirituais, promoveram ajustes quanto à métrica, ao sentido e aos aspectos formais (a eliminação de cacófonos, por exemplo) (ROCHA, 2001, p. 21). A estabilização da configuração da obra na sexta edição de 1955 indica talvez a diminuição do investimento de Xavier na produção do gênero poético. A esta altura, sua imagem autoral amplamente consagrada no meio espírita, estava ancorada na literatura romanesca. Os poemas, apesar de continuarem fazendo parte de suas psicografias nas décadas posteriores, não alcançariam mais a visibilidade e não ocupariam as melhores energias criativas do Medium. Passaram a integrar sua obra literária como uma presença submissa depois da escrita dos romances, presença esta obnubilada pela ascensão dos romances históricos assinados por Emmanuel e pelos livros da chamada coleção André Luiz.

Não obstante, em 1932, a primeira edição de *Parnaso de Além-Túmulo* alcançou certa visibilidade, mas não foi unanimidade, nem de público nem de crítica. Quando nos referimos

¹¹³Estes seriam: A. G., Amadeu, António Nobre, Artur Azevedo, B. Lopes, Batista Cepelos, Cármen Cinira, Emílio de Menezes, Fagundes Varela, Hermes Fontes, José Duro, Juvenal Galeno, Luiz Guimarães Júnior, Marta, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Raul de Leoni e Valado Rosas.

¹¹⁴ Os novos nomes foram: Alphonsus de Guimaraens, Antônio Torres, Augusto de Lima, Belmiro Braga, José Silvério Horta (Monsenhor Horta) e Rodrigues de Abreu.

¹¹⁵Segundo Rocha (2001, p. 19): “O grupo dos novos autores era constituído por Abel Gomes, Albérico Lobo, Alberto de Oliveira, Alma Eros, Amaral Ornellas, Cornélio Bastos, Gustavo Teixeira, Lucindo Filho e Luiz Murat”.

¹¹⁶ Os últimos autores espirituais a compor a obra foram: Alfredo Nora, Alvarenga Peixoto, Álvaro Teixeira de Macedo, Edmundo Xavier de Barros, Jésus Gonçalves, José do Patrocínio, Leôncio Correia, Luiz Pistarini e Múcio Teixeira.

ao público, entendemos aqui o público leitor espiritista ou consumidores dessa literatura de massa além dos rótulos religiosos. Tomamos por crítica a recepção em torno da obra nos meios literários e leigos, situados fora da comunidade de leitores a que o livro estava destinado prioritariamente. A repercussão do seu lançamento alcançou os veículos de comunicação de grande circulação, materializando nos impressos do período as polêmicas engendradas. As análises das páginas da revista *Reformador* revelaram uma série de dispositivos textuais, compondo um conjunto de estratégias argumentativas mobilizadas pela intelectualidade febiana para a defesa da obra e do autor recém-chegado aos quadros da instituição. Por meio destes artigos, mediante os argumentos que estes continham, é possível inferir as acusações, as críticas sofridas, as polêmicas travadas. Assim, em realidade, parte significativa da argumentação era uma contra-argumentação.

Logo em seguida ao lançamento de *Parnaso*, dois artigos foram publicados, respectivamente, nas edições do *Reformador* de 01/09/ 1932 e 03/10/ 1932, por aquele que viria mais tarde a ser o primeiro biógrafo de Chico Xavier. Ele produziu o que poderíamos denominar genericamente de certo discurso fundador em torno do Medium. Os textos trazem já parte dos elementos constitutivos do mito que se erguerá nas décadas posteriores. Neles pode ser localizado um tipo de radicalização da denegação autoral no sentido de se iniciar uma espécie de culto à personalidade do jovem psicógrafo e, em contrapartida, a negação completa de suas habilidades intelectuais e literárias. A biografia com ares hagiográficos, escrita 20 anos mais tarde, foi publicada na década de 1950. Focada na narrativa de historietas, se encarrega de contar casos sobre acontecimentos cotidianos em torno da vida do já consagrado Medium mineiro.

Os artigos de 1932 assinados por Ramiro Gama possuíam características textuais muito diferentes. Eles se propunham a constituir uma resposta erudita, em nítida tentativa para dialogar com o campo literário. Sob o título de *Parnaso de Além-Túmulo: Notas á margem das poesias mediumnicas psychographadas por Francisco Candido Xavier*, representavam um texto único, que pela dimensão alongada fora publicado em duas partes de edições da revista nos meses subsequentes ao lançamento do livro. Seu primeiro passo foi elaborar uma imagem para caracterização do Jovem Medium em sintonia afinada com os discursos produzidos pelo núcleo editorial febiano:

Esta criatura simples e boa, que se chama Francisco Cândido Xavier, graças á misericórdia de Deus, acaba de dar um significativo e lindo presente ao Espiritismo hodierno – oferecendo-lhe um livro com poesias de poetas de além-túmulo, que a sua mediunidade limpa e segura psychographou.

É tanto mais valioso o seu livro á Doutrina de Jesus, quanto se sabe que, emparedado no seu próprio sonho de ser humilde e bom, dono de uma instrução mediana e, mesmo assim, obtida a golpes de esforço próprio, Francisco Cândido Xavier obteve (e obterá, se Deus quiser) poesias do Além, synthetizando culturas variadas e, confessadamente por ele, acima da que possui, e cuja autenticidade assombra pela forma estylar, pelo lavro idealístico e pelo sentido característico dos que as assignam. O Espiritismo precisava deste livro (...). Lendo-o mesmo sem se conhecer o médium e sua cultura, tem-se um consolo e uma certeza imensos: Francisco Cândido Xavier é um instrumento limpo, uma harpa afinada e de ouro dos irmãos do espaço. E o Espiritismo, mais uma vez, se afirma neste princípio soberano e tão discutido e pouco ainda acreditado ou compreendido: os *mortos* vivem, melhor e mais do que nós, e podem falar e escrever por nosso intermédio, tanto ou melhor, como se *vivos* fossem na terra. (GAMA, 1932, p.479-480).

Há uma mudança na intensidade do tom, nas colorações das tintas utilizadas para compor uma representação acerca de Xavier. Ao lado da materialização da pureza em torno de sua personalidade de “criatura simples e boa” por definição, vem a afirmação das suas potencialidades mediúnicas. Há um destaque para sua mediunidade “limpa e segura”, colocada como uma pedra angular no sentido da sustentação da autenticidade espiritual dos poemas. Assim, para se contrapor ao argumento da possibilidade de mistificação, se iniciou o processo de transformá-lo em um medium acima da média. Somando-se a esta apresentação de suas faculdades mediúnicas ostensivas está o argumento já requeitado da sua pobreza intelectual e falta de instrução. Gama traz ainda nesse trecho outro critério que deveria ser utilizado para se identificar ou caracterizar a origem espiritual das poesias: a similitude de estilos entre o escrito e o psicografado. Em síntese, os elementos mobilizados a favor da autenticidade da autoria envolveram aspectos relacionados ao texto e ao seu autor empírico. Para sustentar sua posição, ele recorreu, em última instância, a um argumento de autoridade:

Eu que milito, graças a Deus, no campo espiritista e que até bem pouco militava na corrente literária da nova geração, perfilando figuras do Brasil mental, entre as quais a de Augusto dos Anjos – posso, em verdade, dizer da alegria boa e sincera, grande e confortadora, que me invadiu a alma, ao certificar-me de que todos os versos do Parnaso de Além-túmulo são, de facto dos poetas que os assignam. Dos versos de Augusto dos Anjos, psychographados por Francisco Xavier, então, fora um sacrilégio dizer o contrário. São bem dele, mas de um Augusto dos Anjos já bem mais espiritualizado, piedoso, cristão, senhor da verdade Única do Evangelho de Jesus e ventilador de temas mais dignos da sua imensa cultura philosophica. Eu, que lhe conheço todos os versos, tinha a linha que lhe decorrei rythimos, que me extasiei com seu verbalismo individual e único, tão decantado por Euclides da Cunha, integrando-me naquele amazonas de belezas – confesso: ao ler, em *Parnaso de Além-Túmulo, Vozes de uma Sombra*¹¹⁷, fiquei profundamente *encantado*. Sim, encantado; sou todo! Esta a minha impressão.

¹¹⁷ Este poema ocupa hoje mais de quatro páginas do livro nas edições recentes. Para efeito demonstrativo foram insertas suas duas primeiras estrofes:

VOZES DE UMA SOMBRA
Donde venho? Das eras remotísimas,

O Poeta científico do Eu, o torturado, o armazenador de dores, o jereador pessimista, que o foi –consaguineo mental dos Carlyle, dos Dante, dos Pascal, dos Põe e dos Spencer, hoje, é mais humanista, mas geral e nos aparece o mesmo na possança mental, no verbalismo bizarro, na qualidade e quantidade esplendorosas dos conceitos, mas tão diferente do seu SENTIR de encarnado! Vejamos como progrediu, moral e intelectualmente. (...) Constató, como constatei, em A. dos Anjos, o mesmo abusador de: Morte, Dor, Vermes, Matéria, etc. e, em todo poeta de sua estirpe, o mesmo repetidor de frases marmóreas, como em Vozes de uma sombra – filigranas de cinzel, synthese da sciencia de Darwin e de Descartes – provando-nos que seu vocabulário não foi esquecido, mas aumentado e enriquecido. (...) E, assim, continua o nosso A. dos Anjos, melhorado, colocando sua enorme inteligência a serviço da causa da Verdade. E, humanizado e piedoso, menos herético, mais sábio e esclarecido no donde viemos e para onde vamos, mostrando-nos um escafandrista dos mares da Verdade e um pesquisador mais seguro das coisas do infinito (...). (GAMA, 1932, p. 480-481).

Gama traz assim uma fala de proximidade, apresentado a imagem de espírita, mas também participante do círculo literário nacional. Implícita está a ideia de que ele argumenta com o devido conhecimento de causa. Pode debater com os literatos porque é um deles. Sua posição é uma opinião fundamentada por se tratar de um especialista. Na sequência, Gama então aplica seu método de validação, elaborando uma análise comparativa de trechos dos poemas de A. dos Anjos e dos psicografados por Xavier.

Em realidade, o texto de Gama representa uma resposta a um artigo em particular. Como veremos a seguir, ele inicia uma interlocução propriamente dita com os críticos, em especial com o artigo publicado no *Diário Carioca* por um acadêmico da Academia Brasileira de Letras que questionava a permanência das mesmas características das produções dos escritores, como se a experiência da morte não engendrasses nenhuma repercussão em seus escritos.

No mês seguinte, Gama volta a trazer um exercício de comparação para atestar a fonte espiritual das poesias de Xavier. Não há um autor específico escolhido. Ele agora se propõe realizar uma síntese dos diferentes escritores psicografados. Mais uma vez retoma a explicitação dos critérios de validade, de comprovação da autoralidade compartilhada. Segundo ele, os poemas teriam sua autenticidade atestada “através do rythmo, do modo

Das substâncias elementaríssimas,
Emergindo das cósmicas matérias.
Venho dos invisíveis protozoários,
Da confusão dos seres embrionários,
Das células primevas, das bactérias.
Venho da fonte eterna das origens,
No turbilhão de todas as vertigens,
Em mil transmutações, fundas e enormes;
Do silêncio da mônada invisível,
Do tetro e fundo abismo, negro e horrível,
Vitalizando corpos multiformes (ANJOS-XAVIER, 2010, p.176)

característico de versejar e do individualismo da forma e do fundo dos seus trabalhos psychographicos. (GAMA, 1932, p. 500).” Na continuidade, Gama analisa produções de outros autores além dos escritos de A. dos Anjos. Assim, coteja versos assinados por Casimiro e por Castro Alves, visando a demonstrar o que lhe parecia a contundência da inquestionável autoria espiritual dos poemas. Com relação aos de Casimiro em comparação com os de Casimiro – Xavier, acentua que “quer um, quer outro se parecem no rythmo e na beleza. O primeiro escripto na terra; o segundo no espaço”. (GAMA, 1932, p. 501). Sobre os de Castro Alves, argumenta procurando demonstrar sua propriedade e domínio acerca da produção deste poeta em particular.

Agora, Castro Alves – a grande orchestra de seu tempo – o nosso papae Hugo, de quem foi discípulo mental, nos aparece no livro de F. Xavier com aquelle mesmo seu messianismo humanitário, sempre épico, dentro daquela escola condoreira, que ele, com Tobias Barreto, introduzira no Brasil e com a qual morreram. *Marchemos*¹¹⁸, único verso obtido, vele por um livro – emparelha com *Vozes da África*, com a aquelle tom oratório e profético, aquella mesma beleza phaseológica, única, castroalveana. (GAMA, 1932, p. 501)”.

Não nos esqueçamos de que suas reflexões foram ancoradas na posição de um literato versando sobre seus pares, sempre visando a realizar uma defesa de um jovem autor. Nesta perspectiva, Gama (1932) segue promovendo um desfilar de seus conhecimentos literários, de sua intimidade com o mundo das letras:

Longe iria se procurasse falar de João de Deus, o cinzelador de Velhas Imagens: de Junqueiro – dono de imagens bravias e chamejantes – que, quando predica a

¹¹⁸ Também como peça demonstrativa, optamos por inserir as primeiras estrofes do poema:

MARCHEMOS!
Há mistérios peregrinos
No mistério dos destinos
Que nos mandam renascer:
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver.
Buscamos na Humanidade
As verdades da Verdade,
Sedentos de paz e amor;
E em meio dos mortos-vivos
Somos míseros cativos
Da iniquidade e da dor.
É a luta eterna e bendita,
Em que o Espírito se agita
Na trama da evolução;
Oficina onde a alma presa
Forja a luz, forja a grandeza
Da sublime perfeição. (XAVIER, 2010, p. 333).

verdade, é como o raio que amedronta e convida à concentração, ao estudo e a prática das coisas de Deus; de Anthero, o Santo Anthero, como o chamava o grande Eça de Queiroz – com sua maneira simples e talentosa de ver a vida; de Cruz e Souza, introducto no Brasil da poesia symbolista – o negro poeta, humanista e sofredor, bom amigo e mansa criatura; de Pedro de Alcantara, o nosso imperador philosopho, que nunca esquecia os seus pobrezinhos, que sabia, como ainda sabe, mais viver pelos outros do que por si mesmo; e de Souza Caldas, um desconhecido, Julio Diniz, Cassimiro Cunha, Auta de Sousa e Bittencourt Sampaio. Todos se atestam. Quem duvidar que compare a poesia de cada qual, como incarnado, e, agora, como desencarnado.(...) “Parnaso de Além-Túmulo veio dar (permita-se-me a imagem) uma vassourada enérgica nos cérebros endurecidos dos que, nem vendo, acreditam. Tem a propriedade de desossificar os espíritos terrenos, chamando-os ao raciocínio da verdade. Nelle não encontrei versos frouxos, nem rimas com assonâncias, impropriedades de linguagem, insignificância vocabular, ou deslizes de vernaculidade, por parte daqueles que aqui não os tinham. (P. 502).

No desfecho, Gama faz uma avaliação do que representaria a chegada de Xavier à cena literária espiritista. Além das questões estéticas e da qualidade literária dos poemas, sua produção seria um incontestável instrumento de comprovação dos princípios doutrinários, principalmente os da imortalidade da alma humana e a comunicabilidade dos espíritos. Há nos artigos de Gama uma imagem acerca de Xavier com ênfases sobre suas potencialidades mediúnicas e seu comportamento virtuoso, inéditas nas páginas do *Reformador* até aquele momento. Com a chegada do Medium, o Espiritismo teria recebido um presente. Aqui foram dados mais alguns passos no sentido da representação de Francisco Candido Xavier como supermédium.

Mais não é preciso, creio, para demonstra a utilidade e beleza do, como diz, significativo e lindo presente que F. Xavier acaba de fazer ao Espiritismo. Todos os poetas que lhe deram poesias o fizeram de maneira limpa e única, porque bem autenticadas”. (...) O livro *Parnaso de Além-túmulo* editado pela Federação e prefaciado belamente, pelo ilustre confrade M. Quintão, é, pois, com as muitas qualidades e os quase nenhum defeitos, um magnifico espetáculo da inteligência, melhorada, de poetas desencarnados e da qualidade boa do instrumento mediumnico Francisco Candido Xavier (que ele me perdoe contraria a sua modéstia e a sua grande alma) é um attestado vivo da Verdade espírita. (GAMA, 1932, p. 502).

A obra teria sido produzida de “maneira limpa e única”, sem precedentes na literatura espírita. Onde estaria, pois, a filiação inicial que buscava respaldar o texto em publicações anteriores, tentando se referenciar, por exemplo, nas psicografias do português Fernando de Lacerda? Não que o processo do estabelecimento de referências tenha se extinguido, mas o novo está em apresentar a relevância de *Parnaso* como uma obra sem comparação. Nossas fontes revelaram, que nestes anos iniciais da chegada de Xavier, foram sendo erguidos os pilares da invenção do mito de santificação em torno de sua figura. Nos artigos de Ramiro

Gama, chama a atenção o destaque dado as suas faculdades mediúnicas (qualidade boa do instrumento mediúnico) sendo estas atreladas as suas qualidades morais de santidade (modéstia e grande alma). Para a finalização, ele escolheu explicitar seu “juízo final” sobre o livro psicografado pelo Jovem mineiro. *Parnaso de Além-Túmulo* marcaria “um dos momentos mais expressivos do nosso progresso mediumnico e avulta como um dos cimos espirituais da doutrina santa e verdadeira de Jesus, codificada por Allan Kardec”. (GAMA, 1932, p. 502).

Vemos assim que os artigos de Ramiro Gama desenvolvem as bases da exaltação da mediunidade de Chico Xavier, associando a esta um culto a sua personalidade. Não obstante, este culto é fundado ou focado nos aspectos morais e não nos atributos intelectuais do Mineiro. Compõe, desta forma, a tríade que sustentará a representação de santidade de Xavier: poderes mediúnicos excepcionais, comportamento moralizado, nulidade ou pobreza cognitiva. A referência neste trecho final ao “belo prefácio” do “ilustre” Quintão denuncia sua filiação ao grupo febiano e explicita não ser o seu caso uma ocorrência isolada, mas capitaneada e elaborada coletivamente. Ele integrava um grupo de intelectuais ligados à produção editorial da FEB, grupo este orquestrado pelo binômio Ribeiro-Quintão.

Comprova essa orquestração o fato de sua voz não ter ficado isolada, mas foi acompanhada por ecos eloquentes. Por exemplo, na defesa de *Parnaso*, se lançou mais uma vez, investindo todo seu capital político e prestígio literário, Manuel Quintão. O peso do seu nome foi utilizado de forma recorrente como argumento de autoridade para sustentar a validade dos escritos psicográficos do jovem e desconhecido Medium. Na atualidade, ao se referir a Quintão, um texto destinado ao público consumidor de obras espíritas, para ser bem compreendido, precisaria inserir uma nota biográfica explicando de quem se está falando. Este foi exatamente o procedimento adotado pela editora da FEB para a última edição publicada de *Parnaso de Além-Túmulo*. Na década de 1930, Quintão representava a principal referência do movimento spiritista nacional, quando se tratava de definir a qualidade doutrinária de uma obra. As análises de nossas fontes indicam que, com o passar dos meses, foi se intensificando a crítica sobre o livro. Os ataques partiam de leigos, literatos de forma geral, mas também da própria frente. Houve sim fogo amigo contra *Parnaso*. Nos anos iniciais, principalmente 1932 e 1933, o livro foi recebido sem unanimidade e em alguns segmentos do movimento com descredito, e mesmo frieza.

Em 01 de novembro de 1932, a seção Bibliographia, do *Reformador*, trouxe novamente um enfoque sobre *Parnaso de Além-túmulo*. Quem assinou o texto foi a equipe

editorial da Revista. Pelo caráter institucional e coletivo, o artigo representa bem a posição oficial da FEB. Por se tratar de um texto muito alongado, selecionamos os trechos mais importantes para compor nosso quadro analítico. Após uma apresentação da listagem de poetas mortos apontados como autores espirituais, bem como uma comparação da produção de Xavier com a de Fernando de Lacerda, visando a estabelecer a filiação de que tratamos anteriormente, o artigo ancora a validade do livro no prestígio do famoso “editor” febiano:

Sobre a personalidade de Francisco Xavier e a maneira por que recebeu as aludidas poesias, diz no prefácio o nosso companheiro Manuel Quintão que, em crítica ligeira e agradável, salienta o valor da obra e prova a realidade das comunicações. (...) *A Guisa de Prefácio* são as páginas de Manuel Quintão. É um prefácio elucidativo, mais do que uma simples apresentação da obra, pelas considerações que ele borda em torno do assumpto, com a experiência dos muitos anos que tem empregado nas lutas de uma cruzada santa. Francisco Xavier também nos diz alguma coisa sua nas páginas felizes que tem o título de *Palavras Minhas*. Nem só aos espíritas, como também aos que estimam as boas letras a obra muito se recomenda. (*REFORMADOR*, 1932, p. 544-545).

Vemos assim funcionando um argumento de autoridade de tipo clássico. Quem atesta o valor da obra, a realidade do fenômeno psicográfico, quem garante a idoneidade da personalidade do Medium, é, portanto, o “nosso companheiro” Manuel Quintão. Esta comprovação estaria acessivelmente materializada no escrito. O documento comprobatório capaz de dissipar dúvidas era o prefácio produzido para a publicação de *Parnaso*. Aliás, o texto prefacial será uma instância privilegiada por Manuel Quintão para a defesa de Xavier e sua obra. Até a quarta edição, publicada nos anos que se seguiram, ele escreveu novos prefácios respondendo as críticas. Como estas foram sepultadas com o passar das décadas e Xavier constituiu presença onipotente no circuito de leitores espíritas, esses textos prefaciais foram retirados das edições mais recentes do livro. Talvez por serem considerados muito situados em seu tempo, tratando de questões já consideradas superadas, mas a análise destes que realizaremos a seguir possivelmente forneça pistas para responder a essas nossas hipóteses.

Continuando na trilha do texto publicado na seção Bibliografia, encontramos também respostas às perguntas do tipo por que, realizadas por críticos do livro. Uma delas caiu como uma bomba. Não tanto pela complexidade da indagação, mas pela boca que a pronunciou. Preferida pelo mais popular literato do período, questionava por que afinal os poetas não teriam aprendido nada com a morte, mantendo os mesmos estilos e escrevendo sobre as mesmas temáticas tratadas por estes quando em vida. Vejamos a resposta febiana.

[...] A crítica profana, inicialmente desconhecedora do assumpto, estranhou que os poetas não hajam evolvido, que continuem no além, com as mesmas idéias, os mesmos estylos e, até, as mesmas rimas que preferiram quando no planeta. Em suma, o que para eles se torna reparável no sentido negativo, são, justamente, as características inconfundíveis do estylo, a reprodução fidelíssima, na forma e no fundo, do modo porque, na terra, os vates falecidos faziam as suas poesias. Tal semelhança, porém, não significa que os poetas do além tenham ficado estacionários, acorrentados ao passado, como muitos dos pensadores escriptores, e jornalistas vivos. Se eles, nas suas producções posthumas, mantiveram aquellas características, é porque quizeram identificar-se de modo a não deixar dúvidas. Mas, para os scepticos, ainda as melhores provas redundam em prejuízo da causa. O leitor, entretanto, de espírito isento de preconceitos, não deixará de observar as belezas dessas produções mediúmnicas e verificará a intensão de cada um dos poetas de reproduzir inteiramente ali, a feição literária que tiveram na terra. (REFORMADOR, 1932, p. 544-545).

O trecho se inicia procurando contrapor-se à crítica profana com o argumento do desconhecimento de causa. O olhar leigo seria então o do “não-especialista”. Por mais qualificado que fosse o interlocutor sob o ponto de vista intelectual, sua qualificação era literária, acadêmica, mas não espírita. Como então proferir ou pronunciar atestados com validade sobre fenômenos espirituais? Para a apresentação de uma contra-argumentação convincente, recorre-se à “publicização” do argumento inicial que questionava a permanência póstuma de estilo dos poetas. Veremos que se tratava de uma ironia contundente elaborada pelo mais famoso escritor e jornalista do período em dois de seus artigos publicados no *Diário Carioca*. Implícita estava a acusação de pastiche, que buscava desqualificar justamente o modo como foi caracterizada a autoria espiritual dos poemas. Os febianos retrucam, lançando mão da inferência estabelecida. Inverteram a proposição, afirmando que os poetas mantiveram seus estilos originais para atestar a autenticidade de suas identidades. Afinal, como de outro modo seriam reconhecidos? O recurso aos mesmos estilos e temas seria uma estratégia para comprovar ou para caracterizar a identidade dos autores, agora mortos.

Esses embates com representantes do campo literário, em especial os artigos do *Diário Carioca*, engendraram uma reação incisiva por parte do grupo febiano. Diversos atores foram mobilizados, representantes do núcleo próximo da diretoria e da equipe editorial da FEB, como procuramos demonstrar nas análises até aqui. Não obstante, faltava ainda o último recurso. O próprio Chico Xavier quebra o silêncio. Os espíritos são também mobilizados, então, na defesa de sua obra. Sua pena psicográfica produz assim dois longos artigos em contraposição aos escritos por Humberto de Campos, o escritor e jornalista a que nos referíamos. Para enfrentar o famosíssimo escritor, mais popular literato brasileiro da década de 1930, foi recrutado, nada mais nada menos, do que Eça de Queiroz.

Os artigos assinados com o nome do Autor português trazem um tom de aconselhamento, com características textuais de uma produção mimética do gênero “carta”. Estas foram escritas de Eça de Queiroz, na figura do narrador, para Chico Xavier, seu pretenso interlocutor direto. Nelas há uma série de orientações diretamente ao Medium, bem como comentários com passagens voltadas nitidamente ao público amplo.

Meu Amigo: Há mais de um decênio que não me preocupo com as parvoíces da terra. Nem presumia a possibilidade de enviar novamente para ahi a minha futilíssima correspondência, entregando-me à atictividade sem fadigas do trabalho que me foi designado, como abelha dócil e paciente, quando alguém me insinuou a ideia de vir ditar-te as minhas sandices.

Que! Escrever para ahi! Toda tentativa que eu fizesse redundaria em rematada loucura. Reafirmar todo o meu asco por essa vida materiolona em doses fortes de ironia? Provocar a risibilidade dos estafermos humanos, que copiam fielmente a vida dos patos irracionalísimos, a refocilarem-se grasnando nos charcos lamacentos? Empresa inútil; todavia apesar dos anos que tenho vivido nesta região de aquém, onde se surpreendem inimagináveis imprevistos, ainda não perdi o gosto de rir gostosamente do meu próximo que se acha metido na veste sebosa da carne nojenta (...). (XAVIER, 1933, p.20).

Os artigos foram publicados na revista *Reformador* no começo de 1933, mais especificamente nas edições de 21/01/1933 e 01/04/1933, sob o título de *Aos Críticos de Parnaso de Além-Túmulo*. De início, o espírito de Eça responderia à crítica levantada por Humberto de Campos sobre a nulidade das experiências no *post-mortem*, versando acerca da possibilidade de voltar a escrever para os vivos, bem como se referindo mesmo que vagamente, sobre a existência no mundo dos mortos. Em seguida procura-se estabelecer uma interlocução com o campo literário.

Que é a literatura hodierna? Um acervo de bagatelas da mentalidade dos palermas. E como se julgam engrandecidos os nossos extraordinários gigantes liliputianos que, atolados até o pescoço na sua ciência, condemnam tudo o que é perfeito! O movimento literário da língua portuguesa, modernamente, não é mais do que uma caleça em cacos empoeirados, onde se aboletam os pobres passadistas, enfermos da cabeça.

Os livros nossos, genuinamente nossos; hoje não são mais que repositórios de bolor, de môfo, de sujidades; são letras ordinárias, falhas de beleza, sem a mínima dose de sentimentalidade e poesia e mesmo de patriotismo. Pecam como arcaicas por se prenderem coisas de Portugal e do Brasil. Quem eram Herculano, Camilo, Fialho, Machado de Assis? Nomes que passaram, escrivinhadores de proza barata para brochuras pífiás e reles. Castilho, João de Deus, Anthero de Quintal? Poetastros e versadores choramingas, que servem apenas para salientar a beleza immaculada das excelsas produções dos novos príncipes da poesia, imortalizados com os seus altíssimos poemas de cinco palavras. Tudo passou.

Classicismo, estylisticas, vernaculidade? Só com os senhores puristas da época, iluminados de...idiotia. Esses, sim, com rótulos de doutores por fora, com a carteira recheiada de pergaminhos amarelentos, cebrandos a bafo, estigmatizados por dentro com o sinal de patetas, são os grandes literatos futuristas. Transudando superioridade até nas extremidades das unhas, acham-se por ahi aos centos,

thuribalados, incensados, provocando a admiração dos seus contemporâneos, que bem se assemelham aquele pobre quadrupede resignado e pachorrento, que não sabe senão ornear ruidosamente. (XAVIER, 1933, p.21).

Como pode ser observado, a estratégia discursiva procura responder na mesma moeda, desqualificando o estatuto intelectual ou literário daqueles que desqualificavam *Parnaso de Além-Túmulo*. Intenciona-se assim deslegitimar a posição de especialistas dos literatos. O narrador foi então posicionado no *locus* de uma autoridade, na posição de um autor consagrado, para emitir o juízo crítico que posiciona em xeque a validade das correstes literárias daquela contemporaneidade. Um texto assinado com o nome próprio Eça de Queiroz estava à altura dessa tarefa. O estilo adotado em vida pelo Literato português permitia também o uso de um tom mais agressivo, possibilitando-se lançar respostas contra a ironia dos artigos de detratores leigos, principalmente os de Humberto de Campos. Nesta perspectiva, foi possível classificar a literatura daqueles tempos como “Um acervo de bagatelas da mentalidade dos palermas.” Seus literatos como “senhores puristas, iluminados de...idiotia”. Com relação aos escritores, há também momentos de ironia como quando estes são chamados de “*novos príncipes da poesia*”, pois teriam sido “imortalizados com os seus altíssimos poemas de cinco palavras”. Para desqualificar a popularidade que estes gozavam, possivelmente realizando-se aqui uma crítica direta a Campos, “Eça de Queiros” denigre a imagem do público leitor, justificando a admiração dos contemporâneos por serem eles semelhantes a um “pobre quadrupede resignado e pachorrento, que não sabe senão ornear ruidosamente”. É importante percebermos que as características textuais das produções psicográficas dos anos iniciais de Chico Xavier eram diferentes em estilo e estratégias argumentativas, optando o Medium nas décadas posteriores pelo caminho da sedução pela brandura, materializada, por exemplo, em dispositivos como o uso de eufemismos. Nos dois artigos assinados por Eça de Queiroz, assumiu-se uma postura de aberto enfrentamento. Pela ênfase e dureza no revide, constituíram-se em um regime de exceção, mesmo para os escritos psicográficos do jovem Xavier.

4.3.2.1 Um momento para os críticos ou Humberto de Campos: esse (des)conhecido

Afinal, por que as críticas dos literatos, em especial, as de Humberto de Campos, teriam incomodado tanto? Para compreendermos a questão, necessário se faz abrirmos um parêntese e conhecermos pouco deste autor e sua obra literária. Breve contato com esta promoverá inteligibilidade, fornecendo uma chave de leitura, dando sentido às inquietações

que tomaram conta dos febianos e, dentre eles, do Neófito mineiro que começava a se aventurar nos mares da literatura espírita nacional. Nosso ponto de partida será então procurar desvendar quem era Humberto de Campos, esse ilustre desconhecido do campo literário na atualidade. Escolhemos, desta forma, iniciar por pequena nota biográfica.

Humberto de Campos Veras nasceu no Maranhão. Ele adquiriu como literato uma das maiores popularidades da sua geração. Sua trajetória de ascensão social foi marcada pelo perambular em várias ocupações. Ele foi aprendiz de alfaiate, balconista em São Luiz, aprendiz de tipógrafo na Parnaíba, administrador de seringais em Mapuá, cidade localizada na divisa entre os Estados do Pará e o Amazonas. Neste percurso, descobriu a sua paixão literária. Em 1903, foi contratado como redator pela *Folha do Norte*, jornal que funcionava em Belém. Estando nesta função, escreveu uma série de artigos denunciando as condições de vida e trabalho dos seringueiros, o que lhe rendeu certa visibilidade local, contribuindo para sua contratação em 1907, então como redator-chefe no jornal *Província do Pará*. Campos entrou definitivamente na cena literária com a publicação de *Poeira*, seu primeiro livro de poesias, lançado no ano de 1910. Transferiu-se em 1913 para o Rio de Janeiro. Trabalhou inicialmente na *Gazeta de Notícias* e no jornal *O Imparcial*. Neste período iniciou a produção de contos humorísticos, escritos sob o pseudônimo de Conselheiro XX. A recepção desses textos alavancaram sua popularidade na Capital da República, tornando sua imagem autoral bastante conhecida do público leitor deste tipo de impresso. Em 1918 lançou seus primeiros livros em gêneros diferentes da poesia. Primeiramente foi publicada a obra de crônicas intitulada da *Seara de Booz (1918)*. Meses depois, publicou *Vale de Josaphat (1918)*, uma coletânea dos textos assinados como o Conselheiro XX. Aos 33 anos, em de 1920, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Ainda hoje é o escritor mais novo a ocupar um assento na ABL. Sua popularidade e prestígio estavam no auge quando surgiu *Parnaso de Além-Túmulo*, nos primeiros anos da década de 1930. Ele escreveu neste período uma série de crônicas, assinadas com seu nome, nas quais era também o personagem principal. Assim, fizera-se autor-ator e personagem de seus escritos. Já em 1933 escreveu um relato autobiográfico que denominou de *Memórias*, sendo este livro o ápice de sua produção literária em termos de aceitação de público e crítica (ROCHA, 2008, p. 21- 23).

A chegada à Capital da República foi marcada por um período de estabelecimento de articulações com atores do meio literário. A invenção do Conselheiro XX, personagem autoral transformado por Campos em uma das personalidades mais comentadas na cena carioca, representou sua carta de apresentação. Foi na roupagem dessa figura autoral de natureza

ficcional que Campos se tornou o escritor de uma popularidade sem precedentes (ROCHA, 2008, P. 28-30).

O Conselheiro XX foi seu pseudônimo mais conhecido, porém não foi o único. Apesar da centralidade, existiram outros, tais como: Luís Phoca, João Kaetano, Micrômegas, Hélios. A parte humorística de seus escritos foi publicada principalmente nos periódicos, *Gazeta de Notícias*, *O Imparcial* e *A Maçã*¹¹⁹. Dentre as obras dadas à luz no suporte livro, poderíamos citar, além da já referida *Vale de Josaphat*, *Tonel de Diógenes* (1920), *O Brasil Anedótico* (1927), *Alcova e Salão* (1927) (SALIBA, 2008, p.78).

Cabe registrar a dupla figura autoral criada por Campos, que conseguiu descolar-se, mesmo sem perder por completo a conexão, da criatura literária criada a partir do uso de um pseudônimo. Esse distanciamento é ainda maior entre os textos assinados com seu nome e o seu pseudônimo se avaliarmos que parte das crônicas publicadas sob a alcunha de Humberto de Campos tratava de temas ligados ao ideário cristão, trazendo referências a passagens evangélicas. Desta forma, Campos foi um escritor que no espectro de sua produção literária foi “do sensualismo ao espiritualismo” (ROCHA, 2008, P. 40). Conseguiu esse feito fracionando sua imagem autoral para escrever em impressos de grande circulação, voltados a públicos amplos, mas com leituras de vocações e finalidades determinadas. Seus textos eram matizados com estilos e propostas distintas para atender públicos amplos, mas segmentos específicos.

Apesar de poeta e cronista, Campos dedicou-se também à crítica literária. Ele escreveu artigos neste gênero em um período específico de sua carreira, produzindo análises sobre obras da sua contemporaneidade de 1928 a 1930. Os textos foram escritos para jornais da grande imprensa, posteriormente sendo publicados em coletânea no formato de livro. Aliás, como a maioria dos seus escritos, constituindo-se em experiência comum a escritores de sua geração (SALIBA, 2008, p.76). Essa parte de sua produção literária revela o leitor especializado, cuja voracidade era declarada no quantitativo de obras lidas semanalmente.

Além dos gêneros literários citados, Humberto de Campos dedicou-se a textos de caráter autobiográfico. Sua obra *Memórias* materializa sua escrita de si. Publicada em 1933, engendrou para Campos seu apogeu como escritor. Sucesso de crítica e de público, sua recepção teve uma repercussão muito positiva. Desta forma, de 1933 a 1934, Humberto de Campos estava no auge da fama. Críticos contemporâneos seus, como João Dantas,

¹¹⁹Humberto de Campos, utilizando-se do pseudônimo do Conselheiro XX, foi, de 1922 a 1929, também editor da revista *A Maçã*, além de ser um de seus articulistas (HALLEWELL, 2005, p.438).

apontavam como fator de êxito do seu memorialismo o pacto de leitura estabelecido, no qual a literatura se apresentaria como realidade e não como invenção criativa (ROCHA, 2008, p. 35-37).

Os últimos cinco anos de Humberto de Campos marcaram o auge de sua popularidade. (...) Também neste período, muitas vezes Humberto de Campos expôs em suas crônicas as agruras pelas quais estava passando. Focou-se de tal modo que o discurso sobre si o transformou no personagem principal de seus escritos, traço que ganhou maior densidade com suas páginas memorialísticas. Essa literatura relacionada com o padecimento pessoal do escritor tinha grande apelo popular. (ROCHA, 2008, p. 40-41).

Campos em sua escrita de si difundiu sobre ele mesmo uma imagem multifacetada (ROCHA, 2008, p. 47). Assim, Humberto de Campos irradiou sua imagem autoral, passando da condição de ator-ator à personagem de sua obra literária. Se o movimento de Xavier foi o de transbordamento, levando determinados autores espirituais para fora do texto, permitindo a eles uma existência além da esfera literária, Campos realiza o inverso. Transformando-se em personagem vivo, ele desenvolve uma intratextualidade. Para vencer a morte, ele adentra o mundo criado pela sua narrativa. Vemos, desta forma, que ao seu modo o Cronista maranhense também inventa um regime de autoralidade compartilhada, menos pelo uso do pseudônimo Conselheiro XX e mais por conseguir ser um homem duplo, sendo ele (autor) e ele mesmo (personagem da trama).

Em 1933, um editor iniciante resolveu apostar na popularidade da literatura de massa escrita por Campos. Por aproximadamente dez anos, as publicações de suas obras representaram o maior sucesso editorial da empresa, contribuindo para alavancar a imagem da livraria no mercado editorial brasileiro. O nome do editor? José Olympio. Humberto de Campos foi assim o autor da quarta obra publicada pela recém-criada editora paulista, mas a ordem cronológica dos lançamentos não correspondeu à repercussão dos textos diante de seus leitores¹²⁰. *Os Párias*, livro assinado pelo Escritor maranhense, foi de fato o primeiro sucesso editorial de vulto da editora Livraria José Olympio. Desta forma, Campos teria representado para Olympio “aquele autor best-seller de que qualquer novo editor precisa desesperadamente para sobreviver nos primeiros anos”. (HALLEWELL, 2005, p.438).

Ainda em 1933, o editor teria contratado a segunda edição da obra *Memórias*, imprimindo uma tiragem cinco vezes maior do que praticada comumente no mercado editorial

¹²⁰Anteriormente, a editora José Olympio havia publicado os seguintes títulos: *Conhece-te pela Psicanálise*, de Joseph Ralph; *Itararé*, *Itararé: Notas de Champanha*, relato escrito por Honório de Sylos; *A Ronda dos Séculos*, assinado por Gustavo Barroso (HALLEWELL, 2005, 436- 438).

no período – 5.000, quando o esperado seria de 1000 exemplares. No início de 1934, José Olympio apresentaria um ousado projeto editorial a Campos. Fora prevista a impressão de mais de 63.000 cópias de livros do Cronista, dentre novos títulos ou reimpressões (HALLEWELL, 2005, p.438).

Não obstante, Humberto de Campos, no final de 1934, durante uma intervenção cirúrgica, morreu na sala de operações. Essa fatalidade ceifou-lhe a vida no momento de maior notoriedade. Sua morte precoce e anunciada – Campos estava gravemente enfermo e relatava por meio das crônicas seus sofrimentos – engendrou uma comoção nacional justamente porque ele naquele momento era “*um dos autores mais lidos do Brasil.*” (ROCHA, 2008, p. 23).

Vale salientar que, após a morte do Cronista maranhense, a editora José Olympio seguiu com seu projeto editorial voltado a publicações de seus livros. Desta forma, em 1934, ano da morte de Campos, foram publicados seis títulos e reimpressos mais 15. Na sequência, foram dados à luz sete títulos em 1937, três em 1938, 13 em 1939 e quatro em 1940. A editora paulista, no conjunto, publicou nestes anos aproximadamente meio milhão de exemplares de obras de Humberto de Campos (HALLEWELL, 2005, p.439).

Diante do cenário apresentado, dos elementos biográficos com dados sobre Humberto de Campos, o autor e sua obra, precisamos recompor algumas informações para articular nossas análises. Chico Xavier, no texto prefacial de *Parnaso de Além-Túmulo*, com o título de *Palavras Minhas*, afirma-se poeta e amante das letras, portanto um “leitor”, apesar de sua escolarização formal restringir-se ao nível primário. Partindo deste dado concreto emitido pelo próprio Xavier, poderíamos realizar algumas conjecturas. Humberto de Campos era no período, nas décadas de 1920 e 1930, o escritor mais famoso de sua geração. Parte significativa da obra literária escrita pelo popular cronista representava em realidade coletâneas dos artigos publicados em jornais de grande circulação nacional, replicados na imprensa local por todo o País. Sua produção estava, desta forma, acessível a um público bastante amplo.

É possível estabelecer entre Campos e Xavier algumas aproximações. Existem características literárias das produções de Campos que podem ter sido apropriadas nos escritos psicográficos do Medium. A própria questão da imagem autoral multifacetada representa um elemento comungado por ambos, pois cada qual, ao seu modo, possuía múltiplas representações autorais. O propósito de fazer-se personagem pode ser identificado como mais uma convergência, apesar de existirem aqui especificidades que os distanciam.

Campos fará da tarefa de narrar-se uma das questões centrais de seus escritos, nos gêneros crônica e memórias. Xavier, como apontam Lewgoy (2000) e Stoll (2003), alimentará histórias sobre si mesmo por meio de narrativas orais repetidas incansavelmente aos seus amigos e seguidores, mas de forma alguma será uma marca da literatura mediúnica produzida mediante a psicografia. Nela sua individualidade, sua personalidade, serão cada vez mais obnubiladas, passando nas décadas seguintes a atravessar um túnel marcado pela opacidade, pela escuridão, na qual o resultado o conduzirá rumo a sua mitificação pessoal.

Não obstante, os artigos assinados por Eça de Queiroz representam um caso de exceção. Há neles a invenção de uma imagem pública do Medium que corrobora o processo de denegação autoral mediante a vinculação de um argumento agora emocional, nos moldes das narrativas memorialísticas focadas nas misérias vividas pelo personagem-autor ou autor-personagem Humberto de Campos. Vejamos este trecho. Nele Eça de Queiroz descreve o momento em que teria deparado pela primeira vez a figura do jovem Medium, narrando suas impressões:

Focalizei no meu pensamento a ideia de vir ter contigo e bastou isso para que as minhas raras faculdades de fantasma me conduzisse a este maravilhoso recanto sertanejo em que vives, esplendor de canto agreste, quase selvagem, trazendo-me reminiscências de uma paisagem minhota, cortada de regatos, aromatizada de frescas verduras, suave e perfumosa, encantadora e alegre, onde apenas faltasse o cheiro caricioso do vinho verde reconfortador. Busquei aproximar-me de tua individualidade.

Vi-te, finalmente. Lá vinhas ao fim de uma rua bem cuidada, onde se alinhavam casas brancas e arejadas, brasileiríssimas, abarrotadas de ar, de saúde, de sol; vinhas com o passo cansado, pelle suarenta a derreter-se dentro de roupas quase enebadas, com os pés metidos em legítimos sócos do Porto, obrigando-me a evocar o cais de Lisboa, onde pululam esses typos vulgaríssimos de moços de recado e carregadores, envergando tamancos portuguesesíssimos.

Sem que pudesses observar-me submeti-te a demorado exame. Procurei a tua bagagem de pensamentos, encontrando na tua mocidade tudo quanto a tristeza criou de mais sombrio em tua alma amargurada, vi apenas porções de sofrimento, pedaços de angustia esterilizadora, recordações tristonhas, lágrimas crystalizadas, reconhecendo que ambos éramos falhos para o labor a empreender.

Que não te cause estranheza o meu modo particular de apreciação sobre a tua personalidade. Crê. Nisso não vai a mínima parcela de desconsideração. É que eu próprio me surpreendo com os typos originaes que o espiritualismo moderno apresenta ao mundo. Mãos que se entregam aos rudes trabalhos braçaes fazendo a literatura do além-túmulo, isto é, deste paiz estranho onde moro folgadoamente, como pintassilgo às soltas na natureza; homens interessantes, que Tartufo, actualmente, mimoseia com os epithetos de bruxos e endemoniados e que Esculápio com toda a sua respeitável autoridade científica, qualifica de basbaques ou mystificadores, ou, ainda, classifica de casos pathologicos a estudar. Vi-te e ri-me. Não de ti. Ri-me da estultícia do cérebro desequilibrado do asno humano, com o seu volumoso e pesado archivo de baboseiras. (XAVIER, 1933, p.22).

Todos os dados são argumentos no sentido da comprovação da impossibilidade da autoria intelectual dos poemas ser atribuída ao próprio Medium. O primeiro ponto

apresentado foi o da imagem do isolamento de seu meio social, caracterizando seu “rincão” mediante as qualificações de “agreste” e “selvagem”. Há no trecho referências para dar credibilidade à identidade espiritual. São, por exemplo, fragmentos de informações sobre a terra natal do Poeta português, como a citação ao vinho verde, produto típico da região do Minho ou mesmo a breve passagem sobre o cais de Lisboa e os tamancos utilizados pelos populares. A descrição quanto ao próprio Xavier fecha o leque, articulando sua pobreza material as situações de sofrimento moral. O texto intenciona ainda constituir uma filiação para Xavier, associado a outros casos do “espiritualismo moderno”. A posição de espírito e autoridade literária adotada pelo narrador permite uma vez mais a desqualificação dos seus críticos, agora vinculados ao campo científico, que depositavam sobre os fenômenos mediúnicos o rótulo de mistificação ou patologia. Vemos, assim, o quanto representou de significativo a invenção coletiva de uma imagem de autor empírico para o iniciante Xavier, colada a ele como pedra angular do processo de denegação da autoria de seus textos psicográficos. Foi desta forma, um movimento crucial para o estabelecimento do pacto de leitura entre suas obras e o seu público leitor.

Na continuidade do texto, encontra-se uma série de orientações ministradas por Eça de Queiroz ao jovem Xavier. Dentre elas, há a recomendação de: “Ri-se o mundo de nós? Rimo-nos dele. Achincalhemos os seus arremedos aos gorilas, ridicularizemos as suas intuições, onde predomina a bandalheira, os seus pulos de cabra-cega (Xavier, 1933, p.22)”. Isto explica uma consagração ao princípio da reciprocidade que parece ter norteado a escrita dos dois artigos com a assinatura do Poeta português. No final da primeira mensagem, em tom de aconselhamento, encerra-se o texto como se principiou: desqualificando-se os campos de saber que investiam contra *Parnaso de Além-Túmulo*.

Adeus. E não olvides dos risos, são as investidas dos patifes que se refestelam no brejo lodacento das misérias deste mundo de esclarecidíssima sciencia atheia, de grandes sábios pigmeus e de portentosas nulidades. (XAVIER, 1933, p.23).

O segundo artigo, publicado no *Reformador* na edição de 01/04/1933, traz um dado muito importante. Nele pode ser identificada uma interlocução direta com os artigos de Humberto de Campos que vieram à luz nas páginas do *Diário Carioca*. Parece então não restar dúvida de que Humberto de Campos seria um interlocutor privilegiado dessas duas mensagens lançadas no início de 1933. Não obstante, para confirmar nossa hipótese explicativa, cotejaremos trechos de ambos, desenvolvendo uma análise dentro de uma perspectiva comparativa entre as suas características textuais e argumentativas.

Os artigos de Humberto de Campos sobre *Parnaso* foram publicados no *Diário Carioca* nos dias 10/07/1932 e 12/07/1932, respectivamente (ANEXO L; ANEXO M). Essas datas podem representar também dados. A equipe editorial da FEB levou quatro meses para respondê-los na seção do *Reformador* dedicada a comentários sobre novos livros – seção denominada de *Bibliografia*. Os textos psicografados por Xavier com a assinatura de Eça de Queiroz apenas vieram à luz nas páginas da revista – órgão oficial da Federação Espírita Brasileira – aproximadamente seis meses depois, já em 1933. Este hiato temporal pode indicar que o grupo febiano sentiu a necessidade de tornar públicas réplicas voltadas às críticas de Campos justamente porque houve provável repercussão negativa de seus comentários sobre a obra do autor iniciante. Que comentários foram estes? O que disse então o consagrado cronista Humberto de Campos sobre o livro de poesias do jovem Chico Xavier? Nosso exercício será o de retomar os argumentos já explicitados de Campos para desenvolver um movimento em espiral, trazendo agora suas falas.

Vamos então ao que disse Humberto de Campos, por ele mesmo. Em seu primeiro artigo, publicado com o título de *Poetas do Outro Mundo*, o Cronista escolheu, desde o parágrafo inicial, desqualificar, pelo recurso à ironia, Xavier e a obra, objeto específico de suas reflexões naquele momento. As passagens irônicas são muitas. Aqui ele traz alguns dados biográficos de Xavier, possivelmente retirados de *Palavras Minhas*, informando o leitor da baixa escolaridade, do trabalho operário desde a infância, para afirmar que,

[...] como este mundo não lhe parecesse dos mais amáveis, começou a pensar no outro, aderindo ao espiritismo, com as altas funções e responsabilidades de “médium”. Lidando nesta vida com os espíritos medíocres que frequentam a casa de comércio em que trabalha, resolveu Francisco Cândido Xavier tornar-se mais exigente no reino das sombras, buscando nele, para conversar, inteligências superiores, homens de letras e especialmente poetas que já haviam passado por este mundo. Nessas palestras em que a boca se mantinha em silêncio, transmitiam-lhe os seus novos amigos algumas poesias elaboradas depois de desencarnados, e que o jovem caixeiro de Pedro Leopoldo ia escrevendo mecanicamente, sem esforço do braço ou da imaginação. (CAMPOS, 1932).

O tom é irônico, até sarcástico em alguma medida, dá lugar no desenvolvimento do texto à comédia. O artigo publicado no dia 10/07 é em muitos aspectos uma peça cômica. Nele Campos brinca o jovem Xavier com o risível. Foi assinada com seu nome próprio, mas poderia receber perfeitamente a alcunha do Conselheiro XX. Ele ridiculiza o desconhecido médium e seu livro psicografado em várias passagens. No fragmento a seguir, ele escolheu justamente a abordagem cômica para anunciar seu principal argumento de contraposição a *Parnaso de Além-Túmulo*:

O primeiro pensamento que assalta o leitor, antes de examinar o merecimento literário da obra, é a ideia de que, nem no outro mundo, estará livre dos poetas. A poesia é uma predestinação de tal modo fatal, irremediável, que a vítima não se livra dessa maldição nem, mesmo, depois da morte. Quem fez sonetos ou redondilhas neste planeta, está condenado a fazê-las em todos os pontos do espaço e da eternidade a que o leve o dedo divino. E sem mudar de estylo. E sem variar de temas. E sem modificação de rythmos, de rimas ou de inspiração. Admitindo essa verdade, a vida literária no outro mundo deve ser mais variada, embora mais fatigante, do que neste (...). A vantagem apresentada por essa reunião de escolas ficará, todavia, comprometida pela eternidade da produção. A superioridade que esta vida apresenta sobre as outras, está, precisamente, no seu caráter transitório. Quando um indivíduo, entre nós, dizendo-se benquisto dos deuses, empunha a lira, ficamos certos, desde logo, que ele um dia emudecerá. E é esse consolo que não têm os habitantes do Astral, os quais se acham condenados a escutar os maus poetas até à consumação dos séculos”. (...) Não obstante a mudança de clima, cada um conserva, por lá, as suas virtudes e defeitos literários. (CAMPOS, 1932).

Nada mais demolidor do que o riso. Que crítica poderia ser mais mordaz do que aquela que não convida o outro ao debate? O argumento inserido pelo cronista questiona por que os poetas manteriam uma extrema similitude com as suas produções quando vivos. A experiência da morte ou da vida após a vida não traria a menor repercussão em seus escritos? O questionamento é propositalmente colocado, bem ao modo de Humberto de Campos realizar sua crítica. Na continuidade afirma ele:

Eu faltaria, entretanto, ao que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do Sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificaram neste planeta. Os temas abordados são os que os preocupavam em vida. O gosto é o mesmo. E o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueira, fúnebre e grave em Antera, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos. Sente-se ao ler cada um dos autores que veio do outro mundo para contar, neste instante, a inclinação do Sr. Francisco Cândido Xavier para escrever “A la manière de...”, ou para traduzir o que aqueles altos espíritos sopraram ao seu. (CAMPOS, 1932).

Em determinado aspecto, o estilo de Campos para elaborar sua crítica é muito próximo do que adotará Xavier nas décadas posteriores. Não há agressões truculentas ou abertamente oposicionistas. Localiza-se sempre alguma concessão ao ideário alheio. E aí reside a força e sedução do discurso. No final do trecho, ele não fecha a questão, mais fornece a deixa de que Xavier poderia ter uma inclinação para escrever “A la manière de...”, ou seja, somando-se o argumento a esta hipótese levantada, a inferência, ou até a conclusão lógica não poderia ser outra: os estilos, os temas, os ritmos, a métrica seriam elementos imitados por Chico Xavier. Sua produção psicográfica seria então o resultado de um pastiche.

Realizar críticas contundentes, mas sutilmente derramadas sobre o adversário era uma marca na produção literária de Campos. Era recorrente em seus artigos e crônicas o procedimento de lançar mão de estratégias argumentativas abrigadas na ambiguidade. Evitando o confronto aberto, fazendo concessões ao argumento alheio, ele desenvolvia uma crítica voraz, bastante combativa. Tornou-se assim um jornalista considerado implacável, um demolidor de seus adversários. Em suas *Memórias*, chegou a afirmar que louvava ou atacava de forma que seu alvo não sabia se agradecia ou lhe dava um tiro. Nelas ele narra também uma ocorrência na qual se posicionava em um determinado debate e as parte litigantes o procuraram em momento posterior a publicação de seu artigo para agradecer-lhe o apoio dado (ROCHA, 2008, p. 62-68).

Como não poderia deixar de ser, Campos retoma o cômico, o risível, para fechar com “leveza” o texto de *Poetas do Outro Mundo*. Conclui então com uma advertência aos escritores:

Por enquanto eu quero, apenas, pôr de sobreaviso os poetas vivos contra os perigos que a todos nos ameaça com a ideia que tiveram os mortos de voltar a escrever neste mundo em boa hora abandonado por eles. Se eles voltam a nos fazer concorrência com os seus versos perante o público e, sobretudo, perante os editores, dispensando-lhes o pagamento de direitos autorais que destino terão os vivos que lutam hoje, com tantas e tão poderosas dificuldades? Quebre pois cada espírito a sua lira na taboa do caixão em que deixou o corpo. Ou, então, encarne-se outra vez, e venha fazer concorrência aqui em cima da terra, com o feijão e o arroz pela hora da vida. Do contrário, não vale. (CAMPOS, 1932).

Dois dias depois viria à luz outro artigo no mesmo jornal, então intitulado *Como Cantam os Mortos*. Neste, Campos afirma que faria um exame “mais grave e demorado” do *Parnaso de Além-Túmulo*. O foco seria uma análise de fato literária das poesias psicografadas por Francisco Cândido Xavier, exercício semelhante realizado na versão espírita por Gama. Ele passa desta forma por alguns autores, tecendo comentários sobre alguns poemas escolhidos, para chegar às mesmas conclusões do artigo anterior. Em realidade, o exercício do segundo artigo foi o desenvolvimento e fundamentação dos argumentos apresentados dois dias antes. Ele escolheu comentar assim alguns fragmentos de autoria dos “espíritos” de Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu, Anthero do Quental, Pedro de Alcantara, Castro Alves, Guerra Junqueiro. No texto, Campos intercalou estrofes dos poemas psicografados com breves observações. Assim seguiu afirmando que “Anthero do Quental continua triste e trágico no outro mundo, e disposto, parece, a suicidar-se de novo, para reaparecer neste.”. Também que “As poesias de Junqueiro continuam sendo, na outra vida, extensas em

demasia.”; Sobre Castro Alves observou que este teria se mantido “condoreiro; e utilizando as mesmas imagens em que era mestre, na Terra”. Para o desfecho do artigo, sua abordagem cômica reaparece.

D. Pedro II continua, mesmo depois de morto, a fazer maus versos. Há uma antiga tradição literária, segundo a qual os melhores sonetos do ex-Imperador eram feitos pelo Barão de Loreto. Admitida essa versão, a conclusão a tirar dos decassílabos que se vai ler é que os dois andam, agora, por lá, separados. Escutemos o velho monarca: (...). (...) O “Parnaso de Além-Túmulo” merece como se vê, a atenção dos estudiosos, que poderão dizer o que há nelle, de sobrenatural ou de mystificação. No primeiro caso, o outro mundo deve ser insuportável, com os poetas que lá se acham. E pior será, ainda, se houver, também, por lá, declamadoras... (CAMPOS, 1932).

Após este percurso, está claro que os textos analisados anteriormente de Gama, da equipe editorial febiana, e os de Eça Queiros - Xavier remetiam diretamente a uma interlocução com estes dois artigos de Campos. Nos dois artigos, apesar dos estilos um pouco diferentes - sendo o primeiro de um tom satírico mais escancarado e mais próximo do Conselheiro XX - existe a defesa da mesma tese: os estilos e temas das poesias são idênticos aos utilizados pelos poetas em vida, logo a experiência da morte não teria engendrado nenhuma mudança significativa nos escritores. Trata-se de uma acusação sutil de pastiche, bem ao modo Humberto de Campos. Campos, aliás, que não abandona a ironia no artigo publicado no dia 12/07/1932, voltando na sua finalização a explorar um viés cômico ou do risível.

4.3.2.2 Na resposta aos críticos, uma mudança na imagem autoral de Xavier: escalada rumo à mitificação

Até aqui procuramos demonstrar que, com o endurecimento da crítica, o recrudescimento dos argumentos voltados a desqualificação do *Parnaso de Além-túmulo*, o núcleo editorial febiano liderado por Quintão e Ribeiro engendrou uma mudança na imagem autoral de Xavier, potencializando suas qualidades mediúnicas e intensificando a denegação autoral, eliminando vestígios de suas qualificações intelectuais e negando qualquer possibilidade de interferências de suas aptidões literárias. Esse foi um processo que seguiu em escalada crescente até sua mitificação nas décadas seguintes.

O que nos interessa neste momento, porém, - ainda estamos em 1933 - é a reação dos espíritas febianos aos artigos de Campos, suas repercussões na invenção da imagem autoral do jovem Chico Xavier. Sobre esta questão, falta-nos ainda trazer à baila a segunda parte de

Aos Críticos do “Parnaso de Além-Túmulo” (XAVIER, 1933, p. 177-179). Se já não restavam dúvidas das mobilizações efetuadas pelo círculo de Quintão, em virtude das críticas sofridas por *Parnaso*, principalmente daquelas elaboradas pelo mais famoso cronista da década de 1930, o cotejamento entre os artigos de Campos e de Xavier, assinados como o espírito de Eça de Queiroz, consolidará a hipótese ventilada. A continuação do texto foi publicada nas páginas da revista *Reformador* em 01 de abril de 1933, quase três meses após o primeiro artigo, que saiu na edição comemorativa dos 50 anos da revista em 21/01/1933. Sua abertura permite uma imediata relação de intertextualidade, pois traz uma referência direta ao conteúdo dos artigos do *Diário Carioca*, apenas não foi citado explicitamente o nome de Humberto de Campos. Vejamos:

Demasiado interessante é a crítica de alguém ao “Parnaso de Além-Túmulo” que as inteligências de cá, condenadas á maldição da poesia, entenderam de atirar por teu intermédio ao mundo, sem mais nem menos, eximindo-se de formalidades como as dos contractos e pagamentos aos editores.

Lamentam os vivos, “pro domo sua” , o inconcebível atrevimento dos mortos que lhes fazem concorrência às gamelas quebradas onde resfolga a literatura dahi, maldizendo a predestinação que, como nodoa indelével, acompanha os Espíritos para os mysteriosos recantos do além-túmulo e mormente os pobres Espíritos, dos poetas. Inqualificável ousadia a nossa, regressando ao pântano deste mundo onde, atendendo-se á nudez da verdade, sem o manto diáfano da fantasia, sentimos sobre o aroma das flores o mau cheiro do pús que destila. E infelizes daqueles que nasceram para conviver com as musas, que são pessoas que não conheço, nem cujos favores solicitei na vida transitória dahi. (*REFORMADOR*, 1933, p. 177).

As referências aos poetas como inteligências condenadas à maldição da poesia, a reclamação sobre os espíritos dos escritores fazendo concorrência aos vivos, produzindo sem contrato com os editores, remete aos trechos cômicos de Campos, as suas passagens voltadas ao risível. Neste período, os textos psicográficos do jovem e desconhecido Xavier trazem procedimentos literários semelhantes aos de seus críticos. As duas mensagens psicografadas com a assinatura de Eça de Queiroz foram marcadas também pela ironia, apesar de o tom da resposta ser mais denso, pesado, carregado de certa truculência. No trecho de finalização, Eça aconselha mais uma vez Xavier:

[...] Penaliza-me, todavia, é o nosso trabalho que cortou o teu futuro de literato e estragou a tua reputação. Acreditar em almas é de quem viveu na época medieval, quando os lobishomens corriam nas ruas sob os exorcismos do povo. És um parvo e os teimosos dos crentes que te compreenderem serão parvinhos como tu, exceptuando-se aqueles conhecedores da ação do subconsciente nos fenômenos psicologicos. Julgo melhor, portanto, apoiares sem tergiversações a hypothese do subliminal; e agradece a propaganda dos doutos que criticam, contestando ou sem contestar.(...)”

“Durante as discussões dos crentes e dos descrentes, considera-te na alta investidura de repórter do além-túmulo. Prossegue nas tuas entrevistas e furos com as personalidades que já se foram ou que já vieram, pois o pôtro da difamação e do ridículo foi sempre prerrogativa dos obreiros da verdade. Vai continuando, até que te receitem a enxovia ou o manicômio. No cárcere ou no sanatório, alcançarás um período de repouso. Não te apavores. (XAVIER, 1933, p. 179).

Os artigos psicográficos de Eça de Queiroz procuram rebater as críticas sobre *Parnaso*, em alguns momentos buscando inclusive desqualificar os atores do campo literário no período. Recurso à ironia representa uma estratégia bastante incomum se comparássemos a produção literária do já amadurecido Chico Xavier. Esses textos psicografados pelo jovem e iniciante Medium, entretanto, respondiam seus adversários, como dissemos, seguindo a lei da reciprocidade: desqualificando seus detratores. Há nos artigos momentos de uma linguagem rebuscada, uma demonstração de riqueza vocabular e de conhecimentos literários. Possivelmente estes elementos representam dispositivos textuais visando à denegação da autoria para a caracterização da autoria espiritual. Os conselhos e orientações de Eça de Queiroz permitem a inferência de que Chico Xavier sentiu a repercussão negativa do lançamento de seu livro. A acolhida inicial de *Parnaso de Além-túmulo* parece não ter representado um consenso nem mesmo entre os leitores integrantes da comunidade que denominava a si própria de “movimento espírita”.

De fato, foi exigido muito de seu trabalho pessoal, bem como do círculo febiano ligado ao grupo Ribeiro- Quintão para se inventar sua imagem autoral, intrinsecamente relacionada a uma representação em torno não de suas faculdades intelectuais, mas mediúnicas. Nessa invenção coletiva de sua imagem de autor empírico, de psicógrafo, muita energia e tempo foram requisitados. Neste primeiro ciclo da recepção de sua produção literária, uma peça fundamental foi sem dúvida Manuel Quintão. Nos dois primeiros anos, ele capitaneou uma intensa mobilização em torno da obra, articulando a equipe editorial febiana, pondo seus intelectuais a serviço da defesa de um desconhecido médium e sua produção psicográfica.

Já na mesma edição de 01/04/1933 do *Reformador*, na qual foi publicada a continuação da mensagem de Eça de Queiroz psicografada por Xavier, anunciava-se a segunda edição de *Parnaso*, com o livro aumentado em número de poetas e de poesias.

Assim, em breve, teremos do “Parnaso” uma edição aumentada e melhorada, a valer como padrão de graças providenciais, nestes calamitosos e amargurados tempos de ideologias ocas. Até parece que os nossos intellectuaes do Além organizaram por lá o seu sindicato de publicidade... Entre eles, contamos já Raymundo Correa, Hermes

Fontes, Arthur de Azevedo, B. Lopes; e, na prosa castiça, inconfundível, estylar, Eça, Bittencourt Sampaio, Leon Denis... (*REFORMADOR*, 1933, p. 182).

Esse anúncio foi realizado em artigo assinado pela equipe editorial da Revista, sendo publicado na seção *Echos e Fatos*, três páginas após a mensagem de Queiroz-Xavier. Seu título trazia simplesmente uma referência ao nome da obra: *Parnaso de Além-Túmulo*. O corpo texto comenta as repercussões de seu lançamento, citando literalmente o Cronista maranhense.

Grande e justíssima repercussão teve e continua a ter, não apenas nos círculos intellectuaes doutrinários, mas também nos profanos, esta obra mediumnica. Recebida pelo nosso irmão médium Francisco Candido Xavier. Até hoje, a critica leiga não lhe antepoz argumentos e conclusões dignas de maior apreço. Humberto de Campos, no Diário Carioca e Paulo Filho, no Correio da Manhã, limitaram-se a lastimar, aliás com graça, a deslealdade da concorrência póstuma dos poetas no outro mundo(...). Eça, o fino e dicaz joalheiro da Reliquia, já se dignou de esbrugar essa crítica na página de fina ironia, que publicamos noutra lugar deste número do Reformador, ainda como prova da docilidade mediúnica do jovem psychographo mineiro. (*REFORMADOR*, 1933, p. 182).

Como pode ser observado, a equipe editorial do *Reformador* procura amortecer o impacto da “crítica profana”, dirimindo as suas repercussões negativas. Minimiza-se a dureza dos comentários fazendo referência ao tom cômico. Faz-se uma relação de intertextualidade, citando também a mensagem psicografada por Chico Xavier. Em apoio à autenticidade espiritual do texto, mais uma vez se atenta sua validade. É importante registrar o quanto a mobilização em defesa do trabalho psicográfico do jovem autor engendrou, colada a sua imagem autoral, uma potencialização de suas faculdades mediúnicas. Esse fenômeno discursivo, que foi com o passar do tempo superdimensionando os “poderes mediúnicos” de Chico Xavier, iniciou-se aqui nos primeiros anos, neste primeiro ciclo de recepção de sua produção literária. Por meio de uma concatenação argumentativa, seguiu-se uma lógica de encadeamento casual. Assim, as similitudes do estilo característico de Eça de Queiros entre seus textos como vivo e os escritos depois de morto serviriam para comprovar sua autoria espiritual. Constatada esta autenticidade espiritual, ela comporia um espectro de elementos que comprovariam a “docilidade mediúnica” do desconhecido iniciante de Minas Gerais.

O percurso que seguimos até o momento nos ajuda a materializar melhor inteligibilidade acerca do quanto esta representação de autor empírico, de psicografo consagrado, exigiu de trabalho coletivo, integrando-se neste ofício uma pluralidade de mãos e de mentes. Para encerrar as análises deste primeiro ciclo da recepção à obra mediúnica de Chico Xavier, escolhemos uma peça que nos ajudará a fechar o leque sobre a invenção de sua

imagem autoral. Na edição da revista *Reformador* de 03 de outubro de 1933, o próprio Manuel Quintão publicou uma nota na sua seção particular, a coluna *Casos e Coisas*, abordando mais uma vez *Parnaso de Além-túmulo*. Havia já seis meses do último pronunciamento oficial da FEB sobre a obra. Ao que tudo indica, este período serviu para dar-lhe mais clareza e visibilidade do que fora a repercussão do lançamento do livro. Sua avaliação é sistematizada neste artigo, mais longo do que o habitual, ocupando duas páginas da revista. Nele encontramos, além de um balanço, um desabafo. O texto foi escrito em três blocos. No primeiro, ele comenta a posição dos críticos oriundos do campo literário:

A crítica profana não recebeu de boa catadura esse maravilhoso livro que é *Parnaso de Além-Túmulo*. Por isso já esperávamos nós. Ao todo, uns quatro ou cinco intelectuaes de nome, e não mais que o saibamos, vieram á ribalta. Vieram, sim, para dizer pouco menos que nada. Tudo natural e lógico, também, Pois não acham? Afinal, em que lhes podem interessar a altos, já consagrados desta vida em foraes de imortalidade, que um pobre rapazola anonymo, quase analfabeto, onde lá dos cafundós de Minas a escrever uma poesia do outro mundo? Mas...haverá mesmo um outro mundo? Que o haja...Será lá possível conhece-lo, ao demais em verso? Nada. De minimis nom curai prator. E Dahi, o achar um, candidamente, que se “tratava de uma concorrência desleal”, opinando outro que os temas e verbalística mal caracterizavam a mentalidade humana dos presumidos autores. (*REFORMADOR*, 1933, p.546).

Vemos assim que Manuel Quintão optou por abrir o texto seguindo-se a estratégia anterior de procurar minimizar e desqualificar o tratamento dado pelos críticos literários ao *Parnaso*. De novo, há quase um ano e meio da publicação dos artigos de Humberto de Campos no *Diário Carioca*, faz-se referência a sua posição, citando-se a irônica passagem em que o Cronista reclama da concorrência dos poetas mortos. Não obstante, nos pareceu que o movimento de retomada frente aos críticos leigos representou muito mais um gancho para comentar a situação intramuros, para se contrapor aos setores do movimento espírita organizado em torno da Federação, ou mesmo fora dela, que receberam com desconfiança o trabalho do desconhecido Medium de Minas Gerais. Observemos que a referência aos literatos desempenha a função de mote para chegar-se ao ponto-alvo, na questão que realmente se quer tratar ou explorar:

Faça-se, então, o boicote do silêncio. O silencio é ouro; aplaudamos o silêncio dos...interessados (...). É lógico, é humano, é natural, repetimos; - o que não é lógico, nem humano, nem natural é que o silêncio se arvore em principio a dentro mesmo das nossas fileiras.

Quem não conheceu ainda essa, para nós, mais estupenda prova de mediumnidade até agora obtida, no seu gênero, precisa conhecê-la. (*REFORMADOR*, 1933, p.546).

Podemos constatar, desta forma, que a citação anterior à crítica profana entrou no texto para dimensionar a oposição sofrida por *Parnaso de Além-Túmulo* dentro do movimento espírita. A relação comparativa serviu de argumento para desqualificar também a crítica interna, sob o ponto de vista técnico e também moral (esta não seria uma posição nem lógica, nem ética). Ficou Estabelecida uma hierarquização, criando uma posição abaixo dos leigos para os espíritas que não teriam abraçado a chegada da obra com o fervor esperado. Na sua queixa, Quintão explicita que considerou o “silêncio” como um “boicote”, possivelmente relacionando-o a grupos em busca de maior visibilidade na cena espiritista ou mesmo disputavam espaços com a FEB como entidade federativa. Como resposta, o “crítico literário” de livros espíritas e ao seu modo editor febian, dimensiona o valor da obra, apresentando-a como a “mais estupenda prova de mediumnidade até agora obtida, no seu gênero”.

Inicia-se aqui o terceiro bloco, no qual ele discorre uma série de argumentos para valorizar o livro de poesias mediúnicas produzidas psicograficamente por seu pupilo.

Aliás, importa dizê-lo, os bardos do além continuam a tanger seus ataúdes, com magnificencia de acordes verdadeiramente assombrosos. O Jovem médium Xavier continua a receber toda uma produção maravilhosa e typica, dos mesmos e de outros vates, como sejam Olavo Bilac, Raul de Leoni, Baptista Capellos, Juvenal Galeno, Arthur Azevedo, etc. De sorte que, a breve trecho, teremos de “Parnaso” uma segunda edição enriquecida.¹²¹ Ninguém dirá, de boa fé, que isto seja banal; que ahi

¹²¹ Os poemas “publicizados” como prévias da segunda edição de *Parnaso de Além-túmulo* foram *Alter Ego* e *Homem-Cellula*. Ambos seguem abaixo para efeito de demonstração:

HOMEM-CÉLULA

Homem! célula ainda escravizada
Nos turbilhões das lutas cognitivas,
Egressa do arsenal de forças vivas
Que chamamos — estática do Nada.
Sob transformações consecutivas,
Vem dessa Origem indeterminada,
Onde se oculta a luz indecifrada
Dos princípios das luzes coletivas.
Vem através do Todo de elementos,
Em sucessivos aperfeiçoamentos,
Objetivando a Personalidade,
Até achar a Perfeição profunda
E indivisível, pura, e se confunda,
No transcendentalismo da Unidade (XAVIER, 2010, p. 189).

ALTER EGO

Da morte estranha que devora as vidas,
Eis-me longe dos rudes estertores,
Sem guardar os micróbios homicidas
De eternos atavismos destruidores.
Tenho outro ser talhado pelas dores
De minhas pobres células falidas,
Que se putrefizeram consumidas

não esteja dynamizados, nesses vinte oito versos, teoremas da mais alta philophofia; e se a isso juntarmos a incultura intelectual do médium, que desconhece, igualmente, o único livro do autor, de feição a poder assimilar-lhe a técnica, o vocabulário, etc, não há como deixar de capitular, mesmo com o silêncio...(…) Quanto a nós, desafiamos simplimente a prova...

Que qualquer poesia dos mais hábeis venha reproduzi-la em paridade de circunstâncias, e terá de logo uma declaração de fallência. A falência dos nossos princípios, dando de lambujem a deficiência cultural do médium... (REFORMADOR, 1933, p.546-547).

O líder febiano então anuncia que os poetas mortos continuariam a tanger seus caixões, dando seguimento a suas produções por via do jovem Xavier. A qualidade literária se revelaria pela alta filosofia inerente às composições. Um corte transversal no texto revela nos três blocos citados elementos relativos à denegação da autoria, a invenção de uma imagem de autor empírico, de uma representação em torno da figura de Xavier. Aqui teremos a consolidação do núcleo duro da sua imagem autoral; este será o Chico Xavier que conheceremos nas décadas de sua maturidade. A informação do próprio Quintão, em texto escrito em 1931, de que o desconhecido Medium também seria escritor de poesias próprias, dá lugar à representação de Xavier como um “pobre rapazola anonymo, quase analfabeto”, vindo “lá dos cafundós de Minas”. Este será definitivamente alguém marcado pela “incultura intelectual”, pela “deficiência cultural”. Vale salientar que Chico Xavier nunca afirmou ser “quase analfabeto”. Ao contrário, se apresentou como alguém amante das letras¹²². Este é um bom exemplo do que representou a escalada da denegação autoral. A informação anterior de 1931 apontava para sua baixa escolaridade formal. Daí a chegarmos à informação de seu quase analfabetismo foi um processo de invenção produzido mediante a recepção de sua escrita psicográfica. Diante das críticas dos literatos, das leituras dissidentes dentro do movimento espiritista que não acolheram de pronto o estatuto espiritual proposto pelos febianos para a obra, o tom foi sendo intensificado na defesa da veracidade da autoria espiritual dos poemas de *Parnaso*. Neste último artigo ocorre por parte de Quintão uma

Com os seus instintos atordoadores.
Não sou o homúnculo da hominal espécie,
Da terrigena raça que padece
Das mais pungentes heteromorfias.
Mas contérmino à carne, que me aterra,
Envolve-me nos fluidos maus da Terra,
E sou o espectro das anomalias (XAVIER, 2010, p. 191).

¹²² Cabe aqui a distinção entre um leitor e um colecionador de livros. O leitor realiza suas “operações de caça” por meio da leitura (CERTEAU, 2004, p.259). Um colecionador consome as obras tendo a sua posse como um fim em si mesmo. Ele monta uma biblioteca sem a preocupação ou compromisso em ler os textos (RYBACK, 2009, p. 125-126). Há indícios de que Chico Xavier foi um leitor voraz, independentemente da existência ou não de suas faculdades mediúnicas, mas não um colecionador sistemático.

completa negação das capacidades intelectuais, cognitivas e literárias de Xavier. Esse espectro de informações Xavier nunca forneceu sobre si mesmo, entretanto, também nunca as desmentiu.

Todo este percurso analítico nos revelou que o movimento de defesa da obra *Parnaso de Além-Túmulo* e de seu autor, o jovem desconhecido Xavier, engendrou uma escalada da denegação autoral, transformando o eixo inicial proposto para sua imagem de psicógrafo. Comparando as referências sobre ele, produzidas em 1931 e 1932, com estas escritas no apagar das luzes do ano de 1933, encontramos mudanças muito significativas. Procuramos, até aqui, demonstrar passo a passo como se foi inventando uma representação autoral para Chico Xavier nestes anos iniciais da recepção de sua obra literária. Neles foram lançadas as bases de sua imagem de autor empírico, estritamente conectada à de Medium psicógrafo acima da média. Na atualidade, quando se observa o consenso criado em torno da figura autoral de Chico Xavier, não se imagina que este foi constituído dentro do movimento espírita brasileiro a duras penas. Muito trabalho teve de ser realizado para o convencimento dos pares e o silenciamento das vozes com leituras dissidentes.

Como procuramos demonstrar, para consolidar a denegação de sua autoria, foram erguidos alguns pilares de sustentação, tendo como fulcro as imagens de pobreza material e cognitiva, de incapacidade intelectual e cultural, da qualidade de suas faculdades mediúnicas, de sua vivência cristã exemplar, materializada em um comportamento santificado. Esse conjunto sustentou uma representação em torno de sua figura autoral, permitindo a Chico Xavier introduzir elementos diferentes na matriz literária vigente no Espiritismo febianiano de seu tempo. Não obstante, até o momento estudado, outubro de 1933, a produção psicográfica do Medium, nesta sua fase inicial, estava muito próxima ao paradigma reinante, aos modelos estabelecidos, aos procedimentos consagrados no campo da literatura espírita de então. A manutenção dessas estratégias resultou em uma empresa que se restringiria a um destacado lugar comum. Até 1933 Chico Xavier transitava exclusivamente dentro do paradigma ou matriz literária de sua formação inicial, preso às referências estabelecidas, aos temas e abordagens recorrentes, aos gêneros textuais convencionados, ao pacto de leitura e ao modo de funcionamento do regime de autoralidade compartilhada reinantes no período. Como constatamos, o uso desses dispositivos textuais, dessas estratégias editoriais, exploradas naquele momento no subsetor da literatura espírita, criaram uma visibilidade em torno dele, mas não produziram um sucesso fora do comum. O início do salto qualitativo que o levará a soterrar a literatura pujante que o formou será objeto de nossa reflexão no próximo capítulo.

Nele veremos que a erupção do novo em Xavier começou a materializar-se mediante duas frentes, relacionadas ao funcionamento da autoralidade engendrada pelo grupo febianos para a sua produção psicográfica: a invenção do autor espiritual como um heterônimo com vida paratextual e principalmente paraliterária, bem como a apropriação de um já consagrado personagem literário para transformá-lo em autor espiritual. Estas apostas se revelarão muito bem-sucedidas nos anos seguintes, permitindo sua maior atuação como autor-ator na cena literária espiritista, e também no cenário da grande imprensa nacional. Vamos então ao raiar do sol negro, ao despertar das novidades surgidas de 1934 a 1938, a criação dos fundamentos que possibilitarão a Francisco Cândido Xavier se transformar em um fenômeno editorial de massa sem precedentes no Espiritismo brasileiro.

5 CHICO XAVIER E A INVENÇÃO DE SEUS AUTORES ESPIRITUAIS (1934-1938)

03 de outubro de 1933 foi a data da última edição da revista *Reformador* a comportar uma referência neste ano ao Medium de Minas Gerais. Desde então, se estabeleceu um silenciamento acerca do Jovem autor psicógrafo. Na leitura dos exemplares que se seguiram, ocorreu um desfilar de textos produzidos por escritores espíritas consagrados. Grande parte da intelectualidade febiana compareceu. Intelectuais respeitados dentro do circuito específico do movimento espiritista assinam os artigos. Pedro de Camargo (Vinícius), Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy e Antônio Lima representaram nomes recorrentes, ganhando um destacado espaço na publicação; além, é claro, do próprio Manuel Quintão e dos membros de sua equipe editorial. Nenhuma palavra foi pronunciada, nenhuma menção foi concedida ao desconhecido Chico Xavier. O que representou este hiato? Um período de ostracismo pelos desgastes das reações em proporções inesperadas a sua obra poética? Uma retirada estratégica para utilizar o silêncio a seu favor, poupando-lhe energias para uma nova investida na cena literária espiritista? Uma mobilização dos outros atores, que lhe cercearam espaços para não fornecer gratuitamente uma visibilidade a alguém em início de carreira e sem uma credibilidade consolidada na sua comunidade de leitores? Estas são interrogações que pairam no ar. Durante mais de oito meses não localizamos vestígios sobre Xavier. Apenas na edição do *Reformador*, publicada no dia 16/06/1934, surgiu um artigo produzido por sua pena psicográfica. O nome que assinava o texto em prosa, ao estilo das mensagens doutrinárias, ganharia uma centralidade além de sua produção mediúnica, marcando a História do Espiritismo brasileiro no século XX. Veremos a seguir o relativamente discreto despertar de Emmanuel. Analisaremos os primeiros anos da invenção de sua imagem como um autor espiritual, personagem atuante na cena literária espírita nacional.

5.1 Autor espiritual com funções múltiplas: a invenção de Emmanuel

Após o jejum de oito meses das páginas do *Reformador* – durante este período, não há referências a Xavier ou mesmo publicações de textos psicografados por ele - foi lançada a primeira mensagem assinada por Emmanuel, publicada na Revista em sua edição de 16/06/1934. O artigo recebeu o título de *Roma e a Humanidade* (XAVIER, 1934, p. 286-288), trazendo como subtítulo a afirmação de que este representava um “*Dictado recebido pelo médium F. Candido Xavier, no Grupo E. Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo, Minas, em 16 de*

maio último”. (XAVIER, 1934, p. 286). Apenas ao final do texto o leitor é minimamente informado, por meio de uma nota da equipe editorial que “Antes deste, vários outros ditados havia recebido o médium Francisco Candido Xavier, o mesmo porque foram transmitidas as poesias do Parnaso de Além-Túmulo, assignados com este nome, dizendo o Espírito que dele usa ter sido sacerdote catholico na sua última existência terrena”. (XAVIER, 1934, p. 288).

Nesta apresentação, alguns dados chamam a atenção. O tempo relativamente curto entre a data declarada da escrita do texto e de sua publicação - exatos 30 dias – revela a intensa articulação de Xavier com as lideranças febianas. Quanto à identidade do autor espiritual, o único traço explicitado foi a sua condição de sacerdote católico. Em tempos de um Catolicismo da neocristandade, este elemento representava um forte argumento de autoridade. Foi justamente investido desta autoridade que o narrador pôde, na primeira mensagem de Emmanuel publicada na revista *Reformador*, tomar a Igreja Católica como objeto de reflexão, realizando apropriações ao campo da História. Pelas características do texto, não restam dúvidas de que se trata de uma peça anticatólica, com elementos semelhantes a outras produções do período estudado.

O artigo foi produzido em uma estrutura tópica, com parágrafos segmentados por subtítulos que anunciavam as temáticas abordadas. Revela-se, com efeito, uma preocupação em tornar mais acessível às informações para um público mais amplo e não familiarizado com a leitura de textos históricos. Em síntese, poderíamos afirmar que nele existe já desde sua estrutura textual uma intencionalidade de ensinar, de se fazer compreendido, de ser, portanto, didático. O primeiro passo dado foi o anúncio do seu tema e de seus objetivos. Estes seriam os de “(...) Levar-vos a minha pequena parcela de instrução sobre o catholicismo, que, deturpando em seus objetivos as lições puras do evangelho, se tornou uma organização política em que preponderam as características matérias, essencialmente mundanas”. (XAVIER, 1934, p. 286).

Desta forma, a tese a ser defendida é primordialmente a do anticatolicismo clássico: o Catolicismo seria essencialmente diferente do Cristianismo. A perspectiva do texto, portanto, se filia a defendida por outros autores espíritas, tendo como principal destaque o escritor francês Léon Denis. O artigo caminha assim dentro da abordagem preponderante no circuito da literatura espiritista de seu tempo, convergindo com as leituras que possivelmente marcaram a formação inicial de Xavier, ou pelo menos eram consideradas as referências nos anos de sua chegada como autor empírico. Também, a tese deste primeiro texto assinado por Emmanuel vai ao encontro das suas outras psicografias desde a fase “Pré-Parnaso”, já

analisadas em nossa pesquisa. Vale salientar que a dissociação do Catolicismo em relação ao Cristianismo para desqualificar o primeiro não representa uma estratégia absolutamente nova, nem foi exclusiva ou específica dos espíritas, seja no cenário brasileiro, seja no internacional. Por exemplo, encontra-se na clássica obra de Maurice Joly, intitulada de *Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*¹²³, a seguinte passagem, atribuída ao personagem Montesquieu, que reproduziria os argumentos da imprensa liberal e anticlerical:

[...] Minha imprensa, meus propagandistas, meus políticos teriam de adotar a linguagem seguinte: O cristianismo é independente do catolicismo; aquilo que o catolicismo proíbe, o cristianismo permite. A independência do clero, sua submissão à corte de Roma, são dogmas meramente católicos: uma tal ordem de coisas é uma ameaça perpétua contra a segurança do Estado. (JOLY, 2009, p. 228-229).

Na continuidade do artigo, que recebera a assinatura de Emmanuel, o narrador procura demonstrar sua propriedade nos conhecimentos históricos, utilizados como vigas de sustentação de sua posição. O autor intelectual do texto revela-se aqui um leitor da História. Este movimento se inicia com um subtópico sobre “Roma em seus Primórdios”:

Fundada em tempos remotíssimos por agrupamentos de homens que experimentavam a necessidade de recíproca defesa e proteção mútua, edificou-se Roma sobre as lendas de Remo e Romulo, do rapto das Sabinas e outras. Habitada por indivíduos fortes acostumadas à rudeza, tornou-se populosa, com os reforços de habitantes que constantemente lhes vinham dos núcleos circunvizinhos, tornando-se em breve a cidade que se transformaria na célebre republica e depois império e que tão fortemente predominou sobre os destinos humanos. Como, porém, não é objeto da nossa palestra o estudo da História universal, synthetisemos, para alcançar o nosso desideratum” (XAVIER, 1934, p. 286).

O tom histórico da mensagem caminha no sentido da tese pretendida. Em primeiro lugar, apresentam-se as raízes históricas do Cristianismo, para depois distingui-lo do Catolicismo por meio da demonstração do processo histórico de constituição do segundo em detrimento dos princípios do primeiro: “(...)A História da Igreja Christã nos primitivos séculos está cheia de heroísmos santificantes e redemptoras abnegações. Nas dez principais perseguições aos cristãos, de Nero a Deocleciano, vemos, pelo testemunho incorruptível da História, gestos de beleza dignos de monumentos imperecíveis.” Assim, o leitor depara “*O Cristianismo em suas origens*”, para logo sem seguida ser informado sobre os “*Os Bispos de Roma*” e as “*Inovações e Dogmas Romanos*”:

¹²³ Um dado interessante acerca desta obra é que ela teve um trecho inteiro plagiado, sendo reproduzido no livro *Protocolos dos Sábios de Sião*. Este último constituiu uma das bíblias antisemitas e foi utilizado na constituição do regime nazista na Alemanha. Assim, um dos discursos proferidos pelo Maquiavel de Joly foi reproduzido como uma fala dos Judeus, que estariam se preparando para dominar o mundo. (SOUZA, 2009, p. 12-14).

Nos primitivos movimentos de propaganda da nova fé, não possuíam nenhuma supremacia os bispos romanos, entre os seus companheiros de episcopado, e a igreja era pura e simples como nos tempos que se seguiram ao regresso do seu divino fundador às regiões da luz. As primeiras reformas surgiram no terceiro século da vossa era, quando Basílio de Cesárea e Gregório Nazianzeno instituíram o culto dos santos. Os Bispos romanos sempre desejaram exercer injustificável primazia entre os seus co-irmãos; todavia, semelhantes pretensões foram sempre profigadas, destacando-se entre os vultos que as combateram a venerável figura de Santo Agostinho, que se tornara adepto fervoroso da doutrina do christo, à força de ouvir os predicados do bispo de Milão, Santo Ambrósio, a cujos pés se prosternou o imperador Theodósio Magno, penitenciando-se das crueldades perpetradas, ao reprimir a revolta dos thessalonicenses. (...) Somente no princípio do sétimo século, a presunção dos prelados romanos encontrou guarida no famigerado imperador Phocas, que outorgou a Bonifácio a primazia injustificável de Bispo Universal. Consummada essa medida, que facilitava ao orgulho e ao egoísmo toda a sua nociva expansibilidade, têm-se levado a efeito, até hoje, os maiores atentados à pureza da religião christã, atentados que culminaram em 1870 na declaração da infalibilidade papal. (...) Após a instituição do culto dos santos, surgiram imediatamente os primeiros ensaios de altares e paramentos para as cerimônias eclesiásticas, medidas aventadas pelos pagãos convertidos, que constantemente foram adaptando a igreja a todos os sistemas religiosos do passado. (...) O catholicismo não pode aproveitar-se deste argumento para se impor como única doutrina infalível e soberana. Ella era apenas uma escola religiosa, como qualquer outra que busque nortear os homens para o bem e para Deus, mas que perdeu esse objetivo, pecando constantemente por orgulho dos seus dirigentes, os quais raramente sabem exemplificar a piedade chistã. A história do papado é a do desvirtuamento dos princípios do christianismo, porque, pouco a pouco, o evangelho qual desapareceu sob as suas despóticas inovações. Crearam os pontífices o latim nos rituais, o culto das imagens, a canonização, a confissão auricular, a adoração à hóstia, o celibato sacerdotal e, actualmente, noventa por cento das instituições catholicas são de origem humaníssima, fora de quaisquer características divinas. (XAVIER, 1934, p. 287).

A longa citação se justifica na intencionalidade de possibilitar uma visão de conjunto da síntese histórica elaborada. O ciclo da narrativa foi desenvolvido desde a origem – o Cristianismo primitivo. Há referências históricas vagas, com a utilização de nomes ilustres do Império Romano e do Cristianismo. Destacam-se dois dos considerados “Pais da Igreja” – Santo Ambrósio e Santo Agostinho. Nosso recorte epistemológico não está preocupado com a propriedade dessas utilizações, mas demonstrar que o autor intelectual do artigo era um leitor da História. Lançou mão de informações para constituir uma fundamentação histórica como argumento de autoridade na defesa da tese previamente anunciada. Desta forma, o ciclo se completa com a concretização dos intentos romanos que teriam culminado no século XIX com a decretação da infalibilidade papal. A impropriedade doutrinária da romanização da Igreja é um elemento central no texto. Há um adversário a ser combatido. A radicalidade do tom contra a romanização se explica se lembrarmos de que o artigo foi produzido no período da neocristandade, nas décadas nas quais Roma procurava retomar as rédeas da Igreja

Católica no Brasil. O desfecho não poderia ser outro: uma denúncia das “Pretensões Romanas”:

Perdido o scetro de sua hegemonia na antiguidade, o espírito de supremacia perdurou, entretanto, na grande cidade, outrora teatro de todos os aviltamentos e corrupções da humanidade. Foi dessa ânsia de operar uma revivência na História que nasceu, provavelmente, o desejo do Bispo romano de arvora-se em chefe máximo do christianismo; o que Roma perdera, com a expansão, o progresso e a civilização dos povos, reaveria no domínio das coisas espirituais. E assim aconteceu. O Vaticano, porém, não soube se não produzir obras de caráter exclusivamente material, tornando-se potência política e destinada a cair como obra humana. O papa, sedento de poder e autoridade temporal, afogou-se na vaidade, obtendo o que anhelava, porquanto tem o seu império na terra, que ainda não é o reino de Jesus. O seu fastígio, as suas pomposas basílicas, as suas suntuosas solenidades recordam o politeísmo e as dissipações da sociedade romana de outrora e, quando o summo pontiffici se mostra, em vossos dias, na sedia gestatória, é o retrato dos cônsules do antigo senado, quando saíam em público, precedidos de lictores. O símile é perfeito. (XAVIER, 1934, p. 288).

Qual então o movimento argumentativo deste trecho? Como passo primeiro, inseriu-se a representação de Roma como cidade imperial ligada ao vício e à devassidão. Em seguida, articula-se ascensão do Bispo romano, como principal liderança do movimento cristão, com um desejo de retorno ao passado imperial. A Igreja Católica seria assim fruto das permanências do Império. Daí resultaria o caráter eminentemente humano da instituição, que se distanciou dos princípios cristãos. A existência do papado entrou como pedra de toque, representando uma espécie de síntese que materializaria o desvio do pensamento evangélico. A imagem do Papa foi, desta forma, relacionada inexoravelmente ao poder e à vaidade. Seria, enfim, um retorno às figuras dos senadores romanos. Como grande final, ele reservou a seguinte conclusão:

O meu objetivo foi apenas mostrar-vos a inexistência do selo divino nas instituições catholicas. Toda força da igreja, na actualidade, vem da sua organização política, que busca contemporizar com a ignorância e o milagre que se operou nalguns espíritos de eleição, como o divino inspirado da Umbria, mais que se gerou da beleza do Evangelho e dos tempos apostólicos unicamente, porque entre Jesus e o papa, entre os apóstolos e os clérigos, há uma distância imensurável. O Vaticano conservará o seu poderio, enquanto puder adaptar-se a todos os costumes políticos das nacionalidades; mas, quando o evangelho for integralmente reestabelecido, quando a onda de uma reforma visceral purificar o ambiente das democracias, com a luminosa mensagem de fraternidade humana, desaparecerá, não podendo ser absolvido na balança da história, porque, ao lado dos poucos bens que espalhou, está o peso esmagador das suas muitas iniquidades. (XAVIER, 1934, p. 288).

Ele procura assim dessacralizar a instituição católica, afirmando que esta não possuiria um selo divino. Nos tempos das ações da Igreja brasileira baseadas no modelo da neocristandade, na investida do avanço da romanização, na rearticulação com o Estado no

Brasil, o texto coloca em xeque o poder demonstrado pelo Catolicismo, associando sua força a organização política de natureza essencialmente humana, desvinculada do evangelho. Esse diagnóstico aponta para uma direção ou sentido. Há um final previsto para a Igreja Católica: como instituição humana, marcada e maculada pelo perecível, sua destinação seria ruir, condenada pela balança da História¹²⁴.

Esse artigo doutrinário, pelas suas características textuais, se aproxima bem mais da abordagem anticatólica dos outros autores espíritas das décadas de 1920 e 1930 do que aqueles psicografados por Xavier publicados em sua fase “Pré-Parnaso”. Assinado por um desconhecido sacerdote, o texto confronta diretamente o Catolicismo da Neocristandade, utilizando-se das estratégias argumentativas consagradas pelos escritores spiritistas nas defesas de suas crenças. Não obstante, o novo nessa produção mediúnica do jovem Xavier se explicita justamente pelo fato de o nome sacerdote não remeter diretamente a uma pessoa ilustre, reconhecido em seu campo de atuação. Diferentemente do nome próprio dos poetas mortos, que correspondiam a pessoas com existência empírica, aqui ocorreu uma mudança significativa nos dispositivos textuais utilizados para a caracterização da identidade do autor espiritual. Por exemplo, em *Parnaso de Além-Túmulo*, a identificação da identidade autoral se dá por meio da convergência entre as configurações estética e temática das poesias do escritor vivo com os poemas psicografados. Como vimos, esse procedimento foi inclusive explorado por Humberto de Campos para desqualificar a obra literária do Jovem médium mineiro.

Literalmente, nada sabe o leitor a respeito de Emmanuel. Ele surge assim como uma folha em branco, representa um personagem em aberto. Na fase inicial, as informações adicionais fornecidas pela equipe editorial serão essenciais no processo de invenção de sua imagem autoral. Posteriormente, Xavier também contribuirá para a elaboração coletiva desta, narrando de próprio punho seu encontro com esse “espírito”, descrevendo suas características para responder ao leitor a seguinte pergunta: quem seria, afinal, Emmanuel? Esta será a tarefa

¹²⁴ Esse diálogo com o saber histórico, com nítidas apropriações ao campo da História para sustentar e defender suas posições, marcará a produção literária psicografada pelo Medium mineiro durante toda a década de 1930. Duas obras publicadas, respectivamente, em 1938 e 1939, trazem uma versão espírita tanto da História do Brasil quanto da dita História Universal. A primeira foi denominada de *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938). A segunda recebeu o título de *A Caminho da Luz* (1939). Ambas foram importantes para situar o Espiritismo no cenário histórico, bem como posicionar a nova religião ante as contendas políticas de seu tempo. Um exercício interessante de investigação seria o de desenvolver uma análise comparativa, cotejando esses textos, os documentos curriculares e livros didáticos de História do período. Essa é uma questão que foge do nosso escopo teórico e do recorte cronológico, entretanto, poderá ser explorada em pesquisas futuras. Uma breve leitura flutuante dos índices apontou uma convergência entre elas, possivelmente indicando que não apenas o conhecimento histórico, mas o saber histórico escolar, serviu de material para a composição das obras psicográficas.

que nos propomos neste momento do percurso da pesquisa. Como primeiro movimento, vamos percorrer o que dele disseram e fizeram seus leitores, realizando para tal uma análise nas descrições de sua figura produzidas pela equipe editorial febiana. Depois analisaremos a representação autoral elaborada por Xavier para Emmanuel nos primeiros anos de sua existência como autor espiritual.

Na segunda mensagem assinada pelo autor espiritual que ocuparia grande parte da centralidade da cena literária spiritista, mais do que propriamente da obra mediúnica de Xavier, os febianos inseriram o seguinte introito para sua apresentação:

Foi também lá, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, e ainda pelo médium Francisco C. Xavier, o mesmo que recebeu as primorosas poesias de Parnaso de Além-Túmulo, que Emmanuel, o elevado espírito de quem já divulgamos uma ou duas outras comunicações, deu a que se vai ler e que é, verdadeiramente, como com absoluto acerto a intitulamos – Uma Glorificação do Evangelho. Presente, em 21 de novembro próximo passado, á sessão de estudo do Evangelho, no Centro Luiz Gonzaga, com sede naquela localidade mineira, assistiu ao seu recebimento psicográfico e dela tirou cópia que nos destinou o nosso estimado companheiro e prestimoso amigo Francisco Gorgot, que fora igualmente o destinatário da comunicação do Espírito de Luiz Antônio Escobar de Araújo, inserta na seção Valores e Testemunhos do Reformador de 1ª de janeiro findo. (*REFORMADOR*, 1935, p.62).

Apenas para contextualizar o leitor, traremos um breve comentário ao texto referido, publicado no mês anterior da Revista, na seção, como foi dito, *Valores e Testemunhos*. Francisco Gorgot, a quem o editor, possivelmente Guillon Ribeiro ou Manuel Quintão, denominou de prestimoso amigo e estimado companheiro, realizou uma visita ao centro espírita ao qual Chico Xavier estava vinculado. Ele havia presenciado a psicografia de duas mensagens. Esta que analisaremos agora e outra de caráter pessoal destinada ao seu consolo e orientação espiritual. Pelas características intrínsecas da mensagem e pelas suas condições de produção, o texto se aproxima das que Stoll denominou de *Literatura de Consolação* (2003, p. 121). Segundo a autora, esta categoria englobaria,

[...] as publicações coletivas de “mensagens familiares”. Produzidas em sessões públicas, por meios mediúnicos, algumas delas circulam sob a forma de panfletos, outras coligadas em livros. Fazendo da morte o ponto de partida da narrativa, estas reinventam não apenas a temporalidade, como a noção de vida com reverberações também na representação de família. (STOLL, 2009, 156).

A partir dos anos 70 do século XX, nas suas últimas décadas de atuação, este tipo de produção psicográfica tornar-se-á a principal atividade de Xavier, já na condição de médium mais famoso do País. Centenas de pessoas passariam cotidianamente a procurá-lo para obter

notícias de entes queridos falecidos. Este público, na sua maioria, seria formado por não espíritas (STOLL, 2009, 156-157). Apesar do móvel mais evidente ser o de receber notícias tranquilizadoras sobre o bem-estar do morto, estas comunicações trazem também orientações na contextura das consolações. O artigo publicado no *Reformador* traz características literárias semelhantes, guardando aproximações quanto ao uso do gênero textual e o propósito da “orientação”.

Gorgot teria assim presenciado a cena da escrita psicográfica do Medium em ritmo frenético, durante a reunião pública. Ao final da sessão, Xavier teria procurado o representante febianos para lhe falar sobre o autor espiritual da mensagem particular a ele direcionada. Segundo consta, o Jovem medium afirmará que o espírito lhe teria fornecido alguns dados sobre sua identidade. Seu nome seria Luiz Antônio de Araújo. Fora vigário na cidade carioca de São Cristóvão e havia falecido em 1902. Ao retornar da viagem, Francisco Gorgot teria verificado por via das pistas fornecidas que o autor espiritual do texto era o Cônego Luiz Antônio Escobar de Araújo.

Além das questões voltadas à veracidade ou não dos fatos narrados, elementos estes restritos à dimensão da fé religiosa, interessa-nos aqui perceber a atuação de Chico Xavier como autor-ator. A posição constituída em torno de sua figura autoral, intrinsecamente relacionada à sua potencialidade mediúnica, passando a ocupar um *locus* de meio de comunicação com entidades espiritualmente elevadas, lhe possibilitou uma circulação no movimento espírita nacional e uma articulação com figuras detentoras de grande influência no cenário espírita brasileiro. Assim, por meio dessas estratégias e desses instrumentos conquistados, o Jovem e desconhecido mineiro conseguiu ir galgando espaços, conectando-se à cena literária espírita no Brasil e estabelecendo parcerias com as lideranças que passaram a ocupar a direção da Federação Espírita. Esta bem-sucedida troca de serviços perduraria por décadas, engendrando concomitantemente uma perpetuação nos altos postos da FEB do grupo originado do círculo capitaneado pelo binômio Ribeiro-Quintão, bem como a criação da imagem mitificada acerca de Chico Xavier, representação esta tão bem conhecida na atualidade.

Uma literatura voltada à orientação e consolação compôs, desta forma, o espectro de possibilidades na produção literária de Xavier, desempenhando uma função muito importante no que tange aos elementos integrantes da sua imagem de médium, sendo utilizada como argumento de autoridade para reforçar a sua áurea de ser transcendente capaz de comunicar-se

com o além. Consolidando-se uma representação desta natureza, houve maior sustentação à autenticidade espiritual dos textos por ele psicografados.

Neste sentido, na edição do *Reformador* de 01/02/1935, evoca-se a mensagem publicada no mês anterior para sustentar a autenticidade deste novo artigo assinado por Emmanuel, um ilustre desconhecido que os leitores sabiam apenas tratar-se de um sacerdote católico. De início, ele recebeu a categorização de “elevado espírito”. O título - *Uma Glorificação do Evangelho* – pode dar a entender que o tema versaria sobre questões religiosas. De fato, estas são tratadas, mas a ênfase, o mote, o elemento-chave foi bem outro. A questão central seria a identidade ou a personalidade que quem assina o texto. Vejamos, então, a primeira tentativa de responder a esta pergunta mediante a posição do narrador. Teremos a seguir as palavras do próprio Emmanuel:

Louvo a intenção com que procurais elementos que comprovem a nossa identidade de comunicantes do além. A mim, porém, dispensai-me dessa tarefa. Não é que eu desconheça os benefícios que dessa medida advêm para quantos aí se colocam na posição de observadores e analistas, à cata de razões que os esclareçam no caminho da verdade. Todavia, desejo ser como o humílimo operário, obscuro e anônimo, de todas as grandes obras do vosso planeta. Há motivos imperiosos para que eu proceda assim, visando a conservação da relativa paz de que desfruto na minha vida espiritual. (XAVIER, 1935, p. 63).

Na sua resposta, ele não responde, mas realiza um movimento para atender aos anseios dos leitores, deixando ainda em suspenso a questão da identidade autoral. Afirma-se a importância da procura de elementos que comprovassem a autenticidade da autoria espiritual por via dos esclarecimentos sobre a personalidade do morto. O texto reconheceu os benefícios para a causa daqueles que na posição de observadores e analistas realizavam tal intento, encontrando assim um mecanismo de comprovação das verdades espíritas. Foi exatamente isso que aconteceu com a mensagem particular dedicada a Francisco Gorgot, na qual as informações dadas por Xavier permitiram a identificação do autor espiritual. Atende-se então ao desejo da comprovação, demonstrando a possibilidade de o Medium em realizar a tarefa, porém, não com Emmanuel.

As análises das fontes revelaram com relação à imagem de Emmanuel, nestes primeiras de mensagens assinadas com seu nome, um exercício paulatino, concomitante e ambíguo de mostrar-se e esconder-se. Nada mais sedutor. O uso dessa estratégia parece ter produzido mais expectativa entre os integrantes da comunidade de leitores espiritistas. Apenas em 1938 o núcleo duro de sua identidade se estabiliza, permitindo a esse personagem

desempenhar múltiplas funções e ter uma atuação metatextual e metaliterária¹²⁵. Neste momento, sua personalidade representava uma porta aberta ao infinito. Na continuidade do artigo de 1935, Emmanuel desenvolve sua justificativa para manter-se “anônimo”, lançando mão do procedimento da “modéstia eloquente” para convencer e seduzir seus interlocutores diretos.

Deixai, pois, que eu seja o proletário anônimo de Jesus. A minha grande aspiração seria mostra a todos os que acaso me oiçam que das lições excelsas do evangelho nascem todas as concepções elevadas da evolução e do progresso humano. Hei de fazê-lo, dentro das minhas possibilidades fraquíssimas, demonstrando aos meus semelhantes que, fora das características evangélicas, todas as ideias estão fora da lei. (XAVIER, 1935, p. 63).

Ao ser apresentado por meio da metáfora do “proletário anônimo de Jesus”, a representação acerca do personagem Emmanuel começa a ser delineada, confirmando-se sua vinculação ao campo religioso. No desfecho do artigo, inaugura-se ainda um movimento na produção literária de Chico Xavier. Este será desenvolvido e muito explorado nas décadas seguintes. Articula-se uma missão para o Brasil dentro da aventura humana na História, concedendo uma centralidade à Federação Espírita Brasileira.

Terra de Santa Cruz! (...) Ouve o brado de alerta que reboa em todos os teus recantos: - “Com o Evangelho e pelo Evangelho!”. Fora daí, tudo é vaidade que arruína e avilta. A luminosa figura de Ismael te abraça toda inteira, empunhando, desfraldado e tremulante, o estandarte bendito – Deus, Cristo e Caridade! (XAVIER, 1935, P. 63).

Existem no trecho final inferências possíveis apenas ao leitor especializado, adestrado ou com alguma proximidade diante da literatura espírita escrita em nosso País. Desde a recepção das obras de Allan Kardec no Brasil, engendrou-se a crença entre os espíritistas de que o guia espiritual de Nação brasileira seria denominado de Ismael. A última frase traz sua figura simbolicamente abraçada a Pátria, carregando um estandarte com o lema da FEB – Deus, Cristo e Caridade – palavras de ordem da instituição na sua fundação, quando passou a aglutinar diversos grupos fundidos para a sua formação¹²⁶. O fragmento então traz em germe

¹²⁵ Adiante estas noções empíricas serão devidamente explicitadas.

¹²⁶ A fundação da Sociedade de Estudos Deus, Cristo e Caridade em 1876 foi o resultado de uma dissidência no Grupo Confúcio. Nela teve uma busca por uma centralidade discursiva no aspecto religioso, criando-se uma reação de outros segmentos dentro da própria instituição ainda em consolidação, mas ligados aos aspectos ditos “científicos”. Novo racha foi então promovido. Os religiosos retiraram-se da instituição, fundando o Grupo Espírita Fraternidade (1880), em seguir transformado em Grupo Ismael. Os científicos modificaram a denominação original para Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. (ARRIBAS, 2010, p. 101-103). Pessoas ligadas a estas instituições participaram da configuração original da Federação Espírita Brasileira.

a abordagem desenvolvida para compor a obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, publicada em 1938. Miguel (2009) nos informa que, em meados da década de 1930, os espíritas passaram a enfrentar acusações sobre o caráter antipatriótico da sua doutrina. Seu universalismo parecia inconciliável com o ideário nacionalista vigente. No contexto da instauração da ditadura varguista, este fosso tornara-se um abismo. Afinal de contas, como poderiam conciliar, em um momento de exacerbação do nacionalismo, a ideia de amor a uma pátria com a concepção das reencarnações sucessivas, nas quais teríamos existências em diferentes países e vidas nas mais variadas nacionalidades? A FEB procurou assim um alinhamento com os postulados do Estado Novo. Buscou encaixar-se na ordem vigente, adaptando o universalismo da Doutrina Espírita ao discurso patriótico (MIGUEL, 2009, p. 65-68).

Neste realinhamento do movimento espírita brasileiro, foram amplamente utilizadas apropriações ao livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Carecemos ainda de estudos para o mapeamento dos diversos usos desta obra na História do Espiritismo ao longo do século XX. Não obstante, a análise de nossas fontes revelou que ela não foi produzida no vácuo, já existindo precedentes doutrinários, inclusive na própria produção psicográfica de Xavier. A resposta às acusações de antipatriotíssimo começaria também a ser delineada no segundo artigo de Emmanuel, apresentando-se uma missão espiritual para o Brasil, sendo este responsável pela evangelização do mundo, tarefa na qual os espíritas estariam diretamente implicados. Aliás, toda uma agenda dos espíritas, plena de encontros com os mais diferenciados interlocutores, será abordada por meio da produção literária de Chico Xavier.

Especificamente quanto ao artigo de Emmanuel publicado em 1935, o texto alimentou o suspense em torno da identidade do novo autor espiritual. A equipe editorial¹²⁷ da revista *Reformador* procurou explorar, então, a deixa, realizando especulações não autorizadas acerca de quem de fato seria Emmanuel em nota inserida ao final do artigo. Na dimensão proporcional, a nota ocuparia mais espaço do que a mensagem objeto de seu comentário:

Além do ditado acima e dos que já anteriormente publicamos, outros, em número bastante apreciável tem o mesmo espírito transmitido, todos de maior quilate, e, portanto, merecedores de divulgação ampla, pelo que os irmãos do centro “Luiz Gonzaga” pensam acertadamente em dar-lhe publicidade, reunidos num pequeno volume.

¹²⁷ Nesta edição, assinam como responsáveis pela equipe editorial da revista o *Reformador*: Guillon Ribeiro (Diretor), Carlos Imbassahy (secretário) e João da Costa Vianna (gerente). Este último será substituído por Wantuil de Freitas, personagem que irá estabelecer uma intensa parceria com Xavier. Na década de 1940, se tornará o presidente da FEB e será a pessoa por mais tempo no cargo em toda a História da instituição (1943-1970).

Desejariam, porém, fazê-lo, dizendo na primeira página desse volume, quem foi na sua última personalidade humana, o eminente servo de nosso senhor Jesus Cristo, que adotou para as suas mensagens do Além o pseudônimo de “Emmanuel”. Daí o insistirem para que ele próprio a revelasse, insistência a que respondeu, como se vê da mensagem supra, pedindo que o dispensassem da tarefa de comprovar a sua identidade, por desejar ser sempre o – “Proletário anônimo de Jesus”. Entretanto, pensam os confrades de Pedro Leopoldo que Emmanuel foi o Padre Manuel Marcelino dos Santos, de cuja existência terrena, porém, quase nada ou mesmo nada sabem. Daí o desejarem que quantos em condições se achem de o fazer lhes enviem, diretamente, ou por nosso intermédio, quaisquer informações de que disponham, a cerca daquele sacerdote, apenas para verificarem se andam acertados ou em erro, imaginando serem de seu espírito as mensagens de Emmanuel. (*REFORMADOR*, 1935, P. 64).

Puderam ser detectadas na nota febianiana algumas estratégias editoriais, voltadas a fomentar na comunidade de leitores expectativas em torno do novo autor espiritual e sua possível obra doutrinária. Em seu conjunto, estes dispositivos mobilizados foram semelhantes aos utilizados no momento anterior, como ocorreu na preparação do público leitor para o lançamento de *Parnaso de Além-Túmulo*. Após as duas mensagens publicadas, comunica-se ao movimento espírita nacional, que representava o maior espaço de circulação da revista, a existência de um quantitativo mais amplo de textos psicografados por Xavier com a assinatura do desconhecido Emmanuel. Salienta-se, inclusive, a sua qualidade doutrinária, sendo os escritos considerados “do maior quilate” e “merecedores de divulgação ampla”. Justifica-se pelas características apontadas o desejo dos irmãos do centro Luiz Gonzaga em publicar no formato de livro uma coletânea dessas mensagens. Fundamentando-se ainda nos anseios do grupo espírita a que Xavier estava vinculado naquele momento, a equipe editorial do *Reformador* alimenta clima de curiosidade sobre a verdadeira identidade do recém-chegado autor espiritual. Especulou-se sobre esta, anunciando um possível nome próprio - o do Padre Manuel Marcelino dos Santos. Busca-se, pois, diminuir os riscos da especulação, transferindo a responsabilidade para o círculo próximo de Xavier. Aliás, ocorre neste mesmo sentido o anúncio da publicação em livro. Ora, seria ingenuidade considerar que o grupo liderado por Ribeiro e Quintão concederia qualquer decisão editorial ao inexpressivo Centro Luiz Gonzaga. Um dispositivo a mais para mobilizar a atenção e despertar o interesse dos leitores com relação ao novo autor espiritual foi o de solicitar informações acerca do dito Padre, sua biografia, para se confirmar ou eliminar a hipótese da identidade oculta.

No caso da confirmação, poder-se-ia estabelecer uma correspondência entre as duas personalidades. Teriam os espíritas elementos para comprovar a autenticidade espiritual da autoria, pois contariam com o ponto de partida de uma possível produção escrita, bem como possuiriam dados sobre sua vida particular e eclesiástica do padre. Estas informações

serviriam de parâmetro para avaliar a produção psicográfica, construindo-se e constituindo-se, desta forma, uma imagem autoral do espírito. Este caminho que acabamos de descrever seria o percurso convencional, consolidado ou estabelecido no campo da literatura mediúnica. O mecanismo clássico para a definição da identidade do polo espiritual na autoralidade compartilhada era o de justamente partir de um nome próprio conhecido para se estabelecer uma correspondência por características literárias ou traços de personalidade materializados no texto psicografado. Não foi este, entretanto, o caminho escolhido para a invenção da representação de Emmanuel como autor espiritual. No que tange a sua figura, acumulam-se adjetivações¹²⁸, mas se mantém a perspectiva da omissão de sua identidade pregressa. Desta forma, este procedimento propagandístico para promoção do recém-chegado espírito-autor, no qual não se revelou, definiu uma trilha diferente de constituição da autoralidade espiritual. Engendra-se uma plataforma aberta para criação do personagem autoral. Como não houve a definição de um nome próprio com existência empírica para a correspondência de sua personalidade, Emmanuel será assim o que quiserem Xavier e seus leitores. Talvez uma pergunta mais importante do ponto de vista literário não seria “quem?”, mas “o que ele é?”.

Lembre-mos das reflexões de Chartier em seus escritos, quando este trata da existência dos autores heterônimos. Na obra *O que é um autor? Revisão de uma genealogia* (CHARTIER, 2012), ele parece nos fornecer uma excelente chave de leitura. Segundo Chartier, os heterônimos representariam personagens autorais criados por literatos, caracterizando-se no procedimento pelo qual o escritor apresenta ao leitor um autor fictício para mediar a leitura de sua obra (CHARTIER, 2012, p. 66). Sendo uma invenção imaginativa, baseada na mobilização de energias criativas, um heterônimo se constituiria por meio de dispositivos textuais para permitir sua individuação. A identificação, pelo leitor, de sua individualidade se daria, por exemplo, mediante o uso de um estilo característico ou da apresentação de traços biográficos.

Vemos assim que, diferentemente dos poetas mortos de *Parnaso de Além-Túmulo*, a criação da imagem autoral do personagem Emmanuel, sob o ponto de vista estritamente literário, se deu por mecanismos muito semelhantes aos utilizados na invenção de heterônimos. Ao que tudo indica, existiram neste fenômeno mais do que convergências entre a literatura espírita e o campo literário mais amplo. Ocorreram sim apropriações de dispositivos textuais advindos da literatura, bem como transbordamentos dos seus característicos procedimentos de constituição autoral para a invenção do mais poderoso autor

¹²⁸ Na nota, outra adjetivação utilizada foi referir-se a Emmanuel como “o eminente servo de nosso senhor Jesus Cristo”.

espiritual do século XX. Referimo-nos aqui a um “transbordamento”, porque as funções autorais em Emmanuel transcenderão a esfera puramente literária, levando-o ao desempenho de atividades além do texto e do campo literário propriamente dito.

Ao longo das décadas em curso vai se desenvolvendo todo um conjunto de possibilidades para atuação de Emmanuel. Esta multiplicidade de funções estará fundamentada na representação de que este personagem seria mais do que um autor específico, pois se tratava do guia espiritual de Chico Xavier. A análise da revista *Reformador* permitiu constatar que, nos anos de 1934 a 1938, ele não havia alcançado este novo estatuto. Até o início de 1938 ele não havia se consolidado nesta posição. Em larga medida, o regime de sua existência e circulação dava-se nos moldes da “heteronímia” clássica, ocupando-se a esfera estritamente literária. Durante estes aproximadamente quatro anos, no entanto, foram se desenvolvendo os elementos necessários para um salto qualitativo, permitindo a complexificação e diversificação das tramas em que este autor espiritual estava envolvido. Vejamos primeiramente a base: seu funcionamento como um heterônimo.

Em 1936 e 1937 não ocorreram nos textos publicados no *Reformador*, acréscimos de informações sobre as características de sua personalidade, nem questões sobre a identidade de Emmanuel que pudessem contribuir diretamente com a invenção coletiva de sua imagem autorial. Como prometido na nota da equipe editorial febrina, inserida no final do artigo de 1935, finalmente saiu publicada em formato de livro uma coletânea de suas mensagens doutrinárias. Estas originalmente foram dadas à luz por via da Revista, órgão de divulgação oficial do Espiritismo brasileiro. No mês de fevereiro de 1938, um texto propagandístico¹²⁹ nela inserido anunciaria a chegada da obra, intitulada *Dissertações Mediúnicas, de Emmanuel*.¹³⁰ Na sua abertura, o livro traz um prefácio assinado por Chico Xavier. Talvez este seja um dos últimos textos públicos do Medium “publicizados” com um regime de autorialidade convencional. Após *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938), a maioria dos textos prefaciais receberá a alcunha do seu mentor espiritual, constituindo-se nesta atividade um dos aspectos de transbordamento, uma das múltiplas funções desempenhadas com a utilização de sua identidade autorial. Não obstante, ainda aqui seria Xavier a apresentar Emmanuel aos seus leitores. Seguindo um exercício de pinça, selecionamos alguns trechos considerados mais eloquentes para as nossas análises:

¹²⁹ A seguir, essa peça documental será analisada detidamente.

¹³⁰ Posteriormente, houve mudança no título deste livro, passando a obra a ser denominada com o próprio nome de seu autor espiritual, sendo chamada assim simplesmente de *Emmanuel*.

Lembro-me de que, em 1931, numa de nossas reuniões habituais, vi a meu lado, pela primeira vez, o bondoso Espírito Emmanuel. Eu psicografava, naquela época, as produções do primeiro livro mediúnico, recebido através de minhas humildes faculdades e experimentava os sintomas de grave moléstia dos olhos. Via-lhe os traços fisionômicos de homem idoso, sentindo minha alma envolvida na suavidade de sua presença, mas o que mais me impressionava era que a generosa entidade se fazia visível para mim, dentro de reflexos luminosos que tinham a forma de uma cruz (XAVIER, 1938, p. 05).

Xavier intitulou seu prefácio de “*Explicando...*”. O texto foi datado em 16 de setembro de 1937, entretanto, o livro só veio a ser publicado no início de 1938. De fato, é uma peça com características semelhantes às de *Palavras Minhas*, só que agora se procurou consolidar os traços gerais da personalidade do autor espiritual. A porta de entrada deste “discurso fundador” foi a memória. As lembranças de sua “chegada” foram evocadas para trazer ao leitor uma descrição de um perfil modelar. Antes, porém, Xavier faz mais uma demonstração de modéstia eloquente articulada a uma breve referência ao seu problema ocular, bem ao estilo Humberto de Campos¹³¹. Quando finalmente se apresenta Emmanuel, sua imagem vem marcada por estigmas de santidade. Vários elementos foram elencados: o reflexo luminoso em forma de cruz, a sensação advinda da suavidade de sua presença, os traços fisionômicos de um homem idoso. Neste trecho, bem como de forma transversal ao longo de todo o texto prefacial, aparece uma série de expressões de adjetivação. Emmanuel seria, desta forma, o “bondoso espírito”, a “generosa entidade”, o “bondoso guia”. Mais à frente, foram elencadas algumas de suas qualificações morais: “(...) noto-lhe sempre o mais alto grau de tolerância, afabilidade e doçura, tratando sempre todos os problemas com o máximo respeito pela liberdade e pelas idéias dos outros” (XAVIER, 1938, p. 05). Em seu conjunto, os elementos descritos expunham ao leitor uma síntese das características de personalidade do autor espiritual. Este é um dado digno de análises posteriores. Nas décadas seguintes, a configuração imagética do autor espiritual passará por transformações. Emmanuel rejuvenescerá. Do homem idoso de 1938, representação que inspirava respeitabilidade e indicava maturidade espiritual pela experiência, vai se tornar um homem de meia-idade, mas condizente com uma representação de austeridade, poder e disciplina. A ênfase na bondade, generosidade, afabilidade, doçura, tolerância, será suplantada, metamorfoseando-se o personagem até a invenção da representação vigente na atualidade. Emmanuel será assim: “(...) seu guia espiritual, com quem, de acordo com seus próprios relatos, passou a conviver diuturnamente. A presença deste na vida cotidiana do médium é atestada por ele de várias

¹³¹ Como já nos referimos, ambos foram privados da visão do olho esquerdo, passando parte de sua vida intelectual produzindo com a limitação de uma visão monocular.

formas. Grande parte do tempo, porém, predomina a postura do professor rigoroso”. (STOLL, 2003, p. 162-163).

Emmanuel, para os integrantes do circuito cultural da literatura espírita brasileira, tornar-se-á alguém que conduzirá com mão de ferro os passos do seu pupilo. Seus traços de personalidade mudam. A ênfase recairá sobre outros elementos. Como dissemos, o autor espiritual será representado como sendo austero, disciplinador, exercendo constantemente um poderoso controle sobre as ações de seu parceiro empírico. No texto de 1938, ele se esmera em cuidados. Há um trecho no qual Xavier reproduz, inclusive, uma fala do próprio Emmanuel. Em sua primeira comunicação com Xavier, ele teria recomendado:

Descansa! Quando te sentires mais forte, pretendo colaborar igualmente na difusão da filosofia espiritualista. Tenho seguido sempre os teus passos e só hoje me vês, na tua existência de agora, mas os nossos espíritos se encontram unidos pelos laços mais santos da vida e o sentimento afetivo que me impele para o teu coração tem suas raízes na noite profunda dos séculos (XAVIER, 1938, p.05).

Existe no trecho também a criação de uma filiação. Sua presença ao lado do jovem não seria por acaso. Eles teriam uma profunda ligação advinda de reencarnações passadas. Estas experiências transatas seriam lembradas a Xavier pelo autor espiritual como chave para explicação dos seus enfrentamentos cotidianos, pelos seus sofrimentos diários.

Junto do Espírito bondoso daquela que foi minha mãe na Terra, sua assistência tem sido um apoio para meu coração nas lutas penosas de cada dia. Muitas vezes, quando me coloco em relação com as lembranças de minhas vidas passadas e quando sensações angustiosas me prendem o coração, sinto-lhe a palavra amiga e confortadora. Emmanuel leva-me, então, às eras mortas e explica-me o grande e pequeno porquê das atribulações de cada instante. Recebo invariavelmente, com a sua assistência, um conforto indescritível, e assim é que renovo minhas energias para a tarefa espinhosa da mediunidade, em que somos ainda tão incompreendidos (XAVIER, 1938, p.05-06).

O Emmanuel de 1938 é assim um consolador por excelência, comparado na assistência à mãe do Jovem mineiro. Esta recebe inclusive a mesma adjetivação de bondosa. Ele, portanto, poderia perfeitamente ser qualificado de um pai espiritual. Uma figura paterna zelosa e próxima, diametralmente oposta ao seu genitor, personagem no qual as biografias sobre o Medium classificam como distante e incompreensivo (SOUTO MAIOR, 2010, p. 74). No fragmento há outra questão para ser comentada. Xavier indica um acesso a informações sobre suas vidas passadas. Não obstante, esse viés não foi explorado posteriormente. Descrições ou narrativas versando sobre as reencarnações anteriores do próprio Xavier não constituíram elementos importantes no processo de invenção de sua figura de autor empírico.

No que se refere ao passado espiritual, sua imagem autoral foi ancorada no vácuo, diferentemente de Emmanuel ¹³², que teve revelado no texto prefacial o nome utilizado em uma existência anterior, na qual teria sido contemporâneo de Jesus Cristo.

Convidado a identificar-se, várias vezes, esquivou-se delicadamente, alegando razões particulares e respeitáveis, afirmando, porém, ter sido, na sua última passagem pelo planeta, padre católico, desencarnado no Brasil. Levando as suas dissertações ao passado longínquo, afirma ter vivido ao tempo de Jesus, quando então se chamou Públio Lêntulos. E de fato, Emmanuel, em todas as circunstâncias, tem dado a quantos o procuram os testemunhos de grande experiência e de grande cultura. Para mim, tem sido ele de incansável dedicação. (XAVIER, 1938, p.05).

Na passagem, Xavier responde parcialmente à pergunta sobre identidade de Emmanuel, lançada na nota do artigo de 1935. Nada além do já dito sobre sua reencarnação imediatamente anterior, mas cria-se um personagem para qualificar sua matriz identitária. Como sacerdote católico no Brasil, têm-se um componente na configuração de sua imagem autoral diretamente relacionado ao campo de interlocução no qual o autor espiritual será posicionado. Como Públio Lêntulos, temos sua integração ao campo da cultura clássica, a erudição e ao conhecimento. Emmanuel é, portanto, neste momento, tanto representante do campo religioso quanto do saber erudito, capaz, assim, de dialogar com a ciência e a religião ¹³³. No início de 1939, a sua história será revelada ao mundo. Chico Xavier publica então seu primeiro romance psicografado. O personagem principal da trama e o seu narrador serão a mesma “pessoa”. Nele o senador romano Públio Lêntulos narra suas desventuras por meio de um romance histórico com características autobiográficas. O livro recebeu o título de *Há Dois Mil Anos*. Em suas páginas, por via da psicografia de Xavier, configura-se detalhadamente seu perfil autoral, aos moldes de um heterônimo bastante elaborado. Tem-se na obra mais do que traços de personalidade, existe uma História das origens, constituindo-se um produto bem acabado em seus contornos a partir de um diálogo com o conhecimento

¹³² Também diferente foi o caso Ivone de Amaral Pereira. Esta médium psicógrafa seguiu as matrizes implementadas pela literatura mediúnica de Xavier. Não obstante, psicografou uma trilogia romanesca na qual ela é uma das personagens centrais da trama. As obras foram intituladas, respectivamente: *Nas Voragens do Pecado* (1960) *O Cavaleiro de Numiers* (1976) *O Drama da Bretanha* (1974). A História inicia-se no que seria uma de suas reencarnações passadas, narrando acontecimentos relacionados ao massacre dos huguenotes na Noite de São Bartolomeu. Os romances foram publicados pela editora da FEB. Este caso guarda ainda a peculiaridade de o terceiro volume, responsável pelo desfecho, ter sido publicado antes do segundo.

¹³³ Veremos que até meados da década de 1940, em larga medida, Emmanuel representará a síntese espírita, responsável pela interposição a essas áreas do conhecimento. Apenas com a chegada de André Luiz em 1944 a situação se modificará. André Luiz, não por acaso, será médico, sendo o autor espiritual na obra literária de Xavier encarregado de estabelecer as interlocuções necessárias com o campo científico na defesa das teses espíritas.

histórico. Outros quatro romances¹³⁴ deram continuidade à criação de sua identidade, expondo as metamorfoses do espírito de Emmanuel em diferentes personalidades. Sua invenção literária como personagem foi atrelada ao percurso do Cristianismo:

Embora, nos romances, a ordem cronológica dos períodos que retratam não coincida com a ordem de publicação, eles estão agrupados da seguinte forma: *Há dois mil anos*, *50 anos depois* e *Ave Cristo* que têm como subtítulos, respectivamente – Episódios Históricos do Cristianismo no século I, II e III. E em *Paulo e Estevão* o subtítulo: *Episódios do Cristianismo Primitivo*. Só *Renúncia* encontra-se num espaço histórico deslocado dos demais, mas retratando o período conturbado que envolveu a instalação do Santo Ofício, a reforma protestante, as perseguições, a Companhia de Jesus. Em todos os romances constata-se a característica do gênero apontada por Ian Watt, no seu estudo sobre o nascimento do texto romanesco, quando as grandes narrativas clássicas são substituídas pela história pormenorizada do indivíduo, em que a verossimilhança passa a garantir uma recepção diferenciada, permitindo que o novo gênero pouco a pouco se afirme perante um público crescente. Dessa forma, na escrita psicográfica romanesca de Chico Xavier detectasse a trajetória individual dos personagens, entremeada à trajetória histórica da instalação do Cristianismo. Ao lado dos protagonistas, com as marcas individualizadoras de seus percursos, desfilam os Imperadores cujas características se apoiam no discurso histórico, fechando-se o círculo dos romances no processo da Inquisição, no século XVI. (LIGNANI, 2002, p. 126-127).

Não obstante, estudos que revelassem os movimentos de apropriação e migração dos saberes produzidos no campo historiográfico para a literatura mediúnica brasileira ainda estão por ser realizados, não integrando o escopo de nossa investigação. Interessa-nos neste momento apenas a consolidação de um núcleo duro de sua configuração autoral, dada até o ano de 1938. Falta-nos ainda fecharmos as análises do texto prefacial assinado por Xavier, voltado à invenção da representação de Emmanuel. O passo mais importante ainda não foi referido. O novo despontou no cenário literário espírita quando o autor espiritual foi alçado à condição de guia do Medium.

[...] Essa afirmativa foi para mim imenso consolo e, desde essa época, sinto constantemente a presença desse amigo invisível que, dirigindo as minhas atividades mediúnicas, está sempre ao nosso lado, em todas as horas difíceis, ajudando-nos a raciocinar melhor, no caminho da existência terrestre. A sua promessa de colaborar na difusão da consoladora Doutrina dos Espíritos tem sido cumprida integralmente. Desde 1933, Emmanuel tem produzido, por meu intermédio, as mais variadas páginas sobre os mais variados assuntos. (...) Alguns amigos, considerando o caráter de simplicidade dos trabalhos de Emmanuel, esforçaram-se para que este volume despretenso surgisse no campo da publicidade. Entrar na apreciação do livro, em si mesmo, é coisa que não está na minha competência¹³⁵. Apenas me cumpria o dever de prestar ao generoso guia dos nossos trabalhos a homenagem do meu

¹³⁴ *Há dois mil anos* (1940), *50 anos depois* (1940), *Paulo e Estevão* (1942), *Renúncia* (1943) e *Ave Cristo* (1953) configuram a coleção dos cinco romances históricos psicografados por Xavier, todos publicados pela editora da FEB, quatro deles de 1940 a 1943.

¹³⁵ Afirmção semelhante pode ser encontrada no texto prefacial escrito pelo médium estadunidense Thomas P. James, psicógrafo da parte inconclusa de *O Mistério de Edwin Droed*, obra já referida.

reconhecimento, com a expressão da verdade pura, pedindo a Deus que o auxilie cada vez mais, multiplicando suas possibilidades no mundo espiritual, e derramando-lhe n' alma fraterna e generosa as luzes benditas do seu infinito amor. (XAVIER, 1938, p.05-06).

A partir daqui foi “publicizada” textualmente a ideia de que Emmanuel não seria um autor espiritual convencional. Seu funcionamento como heterônimo ganha legitimação para transbordar o campo literário. Sua atuação não se restringiria a assinar as mensagens psicografadas, mas seria o responsável por dirigir as atividades mediúnicas de Xavier, desempenhando o papel de um “generoso guia” dos seus trabalhos. A plataforma para esta invenção foi erguida em processos ocorridos de 1934 a 1938. O texto prefacial apenas sacramenta e consolida este novo estatuto. Como autor espiritual, ele assinava livros, mas como guia espiritual se ampliava seu raio de ação, levando-se a autorialidade compartilhada, a interautoria para o agir no mundo, para o estar na vida, para a navegação social de Chico Xavier. Engendrou-se um tipo diferenciado de autor espiritual, dotado de múltiplas facetas e capaz de desempenhar variadas funções.

Já no prefácio, pode-se identificar essa abertura de perspectiva. Por exemplo, segundo Xavier “Emmanuel, em todas as circunstâncias, tem dado a quantos o procuram os testemunhos de grande experiência e de grande cultura”. Em outra passagem ele se refere à solicitação dos “confrades nossos para (Emmanuel) se pronunciar sobre esta ou aquela questão”. Estes trechos referem-se a circunstâncias em que o autor espiritual fora convocado a se pronunciar em situações nas quais precisou desempenhar o papel de autor-ator em cenários transpostos aos estritamente literários. Uma história da invenção de Emmanuel nos demonstra uma escalada de funções a ele atribuídas. Aqui se consolidou a premissa básica que possibilitaria o desenrolar do novo.

No corte epistemológico de nossa investigação, alguns conceitos adquiriram configurações peculiares. Apropriados para promover inteligibilidade e compreensão aos fenômenos estudados, transformaram-se em noções empíricas, com sentidos especificamente relacionados ao nosso objeto de pesquisa. Aqui sentimos a necessidade de explicitar ao leitor esses sentidos muito próprios do que estamos considerando por funções paratextuais e paraliterárias. As análises revelaram transbordamentos da função autoral, com os autores espirituais desempenhando papéis que ultrapassam a assinatura do texto em sentido estrito. Teremos da era Xavier em diante, espíritos autores realizando atividades próximas da edição e crítica literária espírita (funções paratextuais). Esse transbordamento também levará os autores espirituais à atuação como autores-atores, convivendo cotidianamente, agindo ao no

mundo social em parceria com o Medium, atuando em acontecimentos sem uma aparente relação direta com a esfera literária (funções paraliterárias). Vale salientar que os processos de transbordamento, ao contrário do que se poderia pensar, desenvolveram um intenso ciclo de retroalimentação, estabelecendo-se na obra de Chico Xavier uma autoralidade compartilhada, dotada de sofisticados mecanismos de constituição de verossimilhanças.

Duas ocorrências localizadas em nossas fontes de pesquisa explicitam bem as funções paratextuais e até paraliterárias engendradas a partir da constituição de Emmanuel como guia espiritual de Xavier. Na edição de 01/05/1936 da revista *Reformador*, foi publicado um artigo com o título de *No limiar do Ethereo*. O texto tratava de uma obra recentemente traduzida por Guillon Ribeiro, vinda à luz com o selo da editora febianana. Uma nota da equipe editorial, inserida antes do artigo propriamente dito, foi uma peça bastante esclarecedora da situação. Segundo esta, “Quando de sua recente viagem a Pedro Leopoldo, em visita ao médium Francisco Xavier, teve o nosso companheiro M. Quintão o grato ensejo de ofertar ao Dr. Romulo Joviano um exemplar da interessantíssima obra de Arthur Findlay: *No limiar do Ethereo*”. Joviano, impressionado com o conteúdo do livro que receberá de presente, teria resolvido inquirir a opinião do espírito Emmanuel. Vejamos o trecho de sua carta de agradecimento escrita a Quintão. Nas palavras de Joviano,

“Impressionou-me, sobremaneira, o volume do sr. Findlay, sendo de muito interesse a tradução dessa obra valiosa para a nossa língua, merecendo parabéns a FEB pela realização dessa iniciativa. Manifesto o desejo de que o nosso amigo Emmanuel se manifeste sobre o livro em apreço, em uma das nossas sessões aqui, ele veio de encontro à minha vontade, escrevendo essas impressões pelo médium Xavier, das quais lhe envio cópia inclusa, julgando-as muito oportunas e interessantes. (JOVIANO APUD *REFORMADOR*, 1936, p. 145).

A frase inicial representa a “publicização” da posição de Joviano sobre o livro e poderia integrar qualquer texto propagandístico que desejasse divulgá-la. O autor espiritual teria atendido seu pedido. Xavier psicografou então um texto com a sua assinatura, apoiando a publicação da obra pela FEB. Algumas informações adicionais serão importantes para alcançarmos maior inteligibilidade, para realizarmos as inferências necessárias às análises. Dois personagens aqui precisam ser elucidados. Rômulo Joviano era integrante do Grupo Espírita Luiz Gonzaga. Havia empregado Chico Xavier na fazenda-modelo sob sua administração. Era, portanto, um representante do círculo próximo de Xavier e seu empregador. Logo em seguida, o jovem conseguiu com a sua chancela se efetivar como funcionário público da instituição, na qual passou a exercer a função de datilógrafo, equacionando minimamente sua sobrevivência (SOUTO MAIOR, 2010, p. 65). Há neste

episódio um dado eloquente que não deve passar despercebido. Xavier contou, pelo menos nestes primeiros anos, com parceiros e interlocutores locais para estabelecer conexões com o grupo editorial febiano. Em contrapartida, vários textos do *Reformador* dão conta das frequentes visitas de Quintão à Pedro Leopoldo durante todo o período que representa o recorte cronológico dessa investigação.

O segundo sujeito em questão para potencializar nossa compreensão é Arthur Findlay. Esse autor inglês se propôs escrever uma obra defendendo princípios espiritualistas sob a óptica da ciência. O subtítulo do livro é bastante esclarecedor de seus propósitos: *No Limiar do Etéreo Ou sobrevivência à morte cientificamente explicada* (1936). De posse desse cenário, poderemos realizar as inferências necessárias. Recentemente, a editora da FEB vinha implementando uma política editorial mais agressiva, como procuramos demonstrar nas análises realizadas sobre o catálogo resumido de 1935. A configuração plural da listagem, incorporando obras vinculadas às diferentes tendências e segmentos do movimento espírita nacional, visava claramente atender os anseios variados, potencializando a divulgação doutrinária mediante a ampliação do público leitor. Não obstante, possivelmente, a inserção de um título novo dedicado a uma temática científica pode ter reacendido as resistências da tendência de viés religioso, dominante no Espiritismo brasileiro desde o final do século XIX. Recorrer a Emmanuel, provavelmente, represente uma tentativa de controlar a recepção da obra, dissolver possíveis resistências em torno de seu lançamento. O espírito-autor foi assim chamado a ratificar a publicação científica no catálogo febiano.

O autor espiritual adquiriu nesta ocorrência uma configuração próxima a de um crítico literário, desempenhando uma função paratextual. Em sentido semelhante, ele desempenhará outras atividades, como prefaciador de obras assinadas por variados “espíritos”¹³⁶. Rocha (2001, p.27) citando, por exemplo, um artigo de Francisco Thiesen, publicado na edição de setembro de 1973 do *Reformador* com o título de “Nos bastidores do ‘Parnaso de além-túmulo’”, conclui que “(...) Emmanuel indicava a Chico Xavier quais dentre os poemas psicografados deveriam ser incluídos na antologia”. E mais, “(...) além das supressões e inclusões de poemas, Emmanuel também sugeriu “emendas”.

Essas revisões e supressões de poemas, nas edições finais de *Parnaso de Além-Túmulo*, são um indício de que Emmanuel teria passado a intervir sistematicamente na esfera da edição, representando um papel de semelhante a um editor espiritual. Sua atuação

¹³⁶ Como dissemos, desde 1938, a maioria das obras psicografadas por Chico Xavier terá prefácios com assinatura de Emmanuel, inclusive o texto prefacial responsável por apresentar aos leitores André Luiz, na abertura de *Nosso Lar* (1944).

exclusivamente como autor espiritual havia transbordado há muito para outros campos, outras esferas. Chico Xavier, desta forma, passou a estar na cena editorial, atuando no centro decisório da edição febianiana, pelo menos quando o assunto era sua produção literária. As múltiplas facetas deste tipo particular de autor espiritual, no entanto, foram sendo levadas paulatinamente a escalas ainda mais à frente, transcendendo uma atuação estritamente relacionada com a literatura mediúnica. Cada vez mais se caminhará para a criação de presença-existência constante ao lado do Medium, marcada pela produção de orientações voltadas à vida prática. Vejamos este caso noticiado no *Diário Carioca* em sua edição de 15/05/1936, mesmo mês e ano do artigo da revista *Reformador* que acabamos de analisar (ANEXO N).

A manchete trazia como título *Os Mistérios do Espiritismo*. A chamada principal da matéria informava ao leitor que: “atuada por entidade perversa, a menina Cynira vem sendo alvo das atenções de quantos se dedicam ao estudo da doutrina de Allan Kardec. Objetos que se transportam e pedras que caem dentro de casa – A palavra do “Guia” Emmanuel, através do médium Francisco Candido Xavier” (DIÁRIO CARIOCA, 1936, p. 03).

O texto segue apresentando uma série de depoimentos, descrevendo acontecimentos sobrenaturais nos quais a jovem Cynira estaria envolvida. Os fenômenos teriam começado na casa em que ela trabalhava como empregada doméstica. Os efeitos físicos teriam sido abundantes: “Se estava varrendo, o cisco voltava, apesar de não haver vento”. Sem movimentação aparente de ar, também as lâmpadas balançavam. Uma trouxa de roupa teria ido parar no quintal do vizinho. Sua colega de trabalho, a lavadeira da residência, teria recebido diversas pedradas na cabeça. Uma garrafa de licor, guardado no móvel da sala, havia se transportado para a cozinha. Sua avó contou que durante o curto período de sua hospedagem, pois a menina havia iniciado uma peregrinação por várias casas em busca de abrigo, ninguém tinha mais sossego. Até um padre fora chamado, não obtendo resultado. Cynira entrava em crises nervosas, durante as quais objetos mudavam de posição. Pedras eram lançadas para dentro da residência. Um primo seu, chamado de João, havia recebido “um punhado de terra pelo rosto, sem saber quem o jogou”.¹³⁷ Em outro domicílio, a esposa do proprietário, Geraldo Rocha, cética em relação aos acontecimentos, havia desafiado a entidade logo após pedaços de tijolos serem arremessados casa adentro. O resultado fora que

¹³⁷ Em *Assombrações do Recife Velho*, Freyre registra um relato com aspectos semelhantes. Em 1929, num antigo casarão recifense, um jornalista investigativo que alugara um sobrado assombrado fora acordado com um punhado de terra arremessado na rede em que dormia (2000, p. 164). Difusão ou paralelismo cultural? Ao que tudo indica, este fenômeno integrava o arsenal das crenças populares compartilhadas na década de 1930.

“(…) em menos de 10 minutos mais de 40 pedaços de tijolos, sem saber de onde vieram, estavam dentro de casa”. E eles ainda vinham molhados, mesmo sem estar chovendo no local. Além dessas narrativas, situadas entre o incrível e o risível, nosso foco analítico concentra-se no surgimento das figuras de Xavier e Emmanuel nas páginas do artigo. Foi com estas referências que o articulista pôs Xavier em cena:

Francisco Xavier, o médium de Pedro Leopoldo, que tanto barulho causou há tempos, fazendo revelações do além-túmulo surpreendentes, volta ao cartaz nesse caso. Ontem foi divulgada uma comunicação, em que Chico Xavier diz que o espírito de Cynira e o do espírito que a persegue, viveram juntos em outras encarnações e foram, no século passado, protagonistas de uma tragédia dolorosa. Eram de pessoas irmãs na última encarnação. Agora, o espírito do além-túmulo está perseguindo o de sua irmã, aqui na terra. Assim, explica Xavier o fenômeno em que a menor Cynira está sendo perseguida por um espírito maléfico. (*DIÁRIO CARIOCA*, 1936, p. 03).

Segundo o jornal, o Medium teria trazido um quadro explicativo clássico para o fenômeno denominado na Doutrina Espírita de obsessão espiritual¹³⁸, justificando o que seria o assédio de um espírito por conta de tramas engendradas em reencarnações anteriores. Na reportagem há uma divisão de tarefas. Na parceria, enquanto Xavier explica, Emmanuel fornece o diagnóstico e orienta a terapêutica. Vejamos este fragmento inserido na reportagem como sendo um trecho literal da mensagem de Emmanuel:

Nossa irmãzinha presente é atuada por uma entidade muito perversa. De tal forma estão casados os fluidos do perseguidor e da perseguida que esta se tornou em um aparelho dócil de suas maquinações. Faz-se conveniente doutrinar tal criatura, libertando essa pobre menina de tão terrível influência. A sua falta de higiene, a sua insaciabilidade de criança são frutos dessa maléfica atuação, obsessão esta que tem uma ligação profunda no passado, que não me cabe explicar no momento. (*DIÁRIO CARIOCA*, 1936, p. 03).

Os argumentos convergem e se complementam. O caminho sugerido para a cura seria o da desobsessão em um Centro Espírita¹³⁹. Novamente aqui, nada de novo sob o sol. Não

¹³⁸ A análise desse fenômeno ganhou em Kardec um capítulo específico no Livro dos Médiuns (2013, p. 259-273). Nele apresenta-se a seguinte definição da obsessão: “(..) o domínio que alguns Espíritos exercem sobre certas pessoas. É praticada unicamente pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar, pois os Espíritos bons não impõem nenhum constrangimento. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus, ao contrário, agarram-se àqueles a quem podem aprisionar. Se chegam a dominar alguém, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança (KARDEC, 2013, p. 259)”.

¹³⁹ Em um artigo publicado no *Reformador* de 15 de abril de 1890, Adolfo Bezerra de Menezes, liderança febianista ligada ao grupo que defendia uma configuração religiosa para o Espiritismo, elabora um relato de experiência intitulado de *Uma obsessão*. O texto traz o caso de um paciente, um rapaz de 22 anos, imerso em um quadro paranoico, com surtos marcados por crises de fúria. Segundo o autor, ele desconfiou que o fulcro do fenômeno estivesse a atuação de uma agente espiritual. Para comprovar a hipótese, ele teria levado o jovem a uma sessão mediúmica do Grupo Luz e Caridade. No local, ocorre uma surpreendente comunicação do espírito

obstante, o mais importante é percebermos que as referências demonstram certo trânsito de Xavier e seu heterônimo com o público de massa, leitores do jornal. Ao citar o jovem, não mais desconhecido, relaciona-se sua figura a outras ocorrências, bem como a revelações surpreendentes sobre o além. Veremos adiante que esta não se tratava de uma indicação apenas em torno das repercussões do lançamento do *Parnaso*. Já Emmanuel foi posicionado como guia espiritual do Medium, antecipando no campo jornalístico a consolidação na esfera literária, legitimada mediante o texto prefacial assinado por Xavier em 1938. Vale salientar que a constituição de Emmanuel como guia não fora gratuita, ao contrário, respeitou um percurso de atuação do próprio Xavier. O uso desta noção entre aspas, contudo, como mostra a chamada geral da matéria, pode indicar que seu funcionamento nesta outra posição ainda não estava com visibilidade e dizibilidade consolidadas. Com o amadurecimento da fusão entre as funções de autor espiritual e guia do Medium, Emmanuel exercerá atividades múltiplas, indo muito além de um exercício literário, atuando constantemente na esfera social como uma espécie de “alter ego” de Xavier. Essa configuração de interautoria, com um livre acesso a funções paratextuais e paraliterárias, representou uma fórmula de sucesso, uma aposta bem-sucedida.

É preciso explicitar que os casos analisados são amostras qualitativas, selecionadas para ilustrar o percurso de transbordamento para as múltiplas funções exercidas pela alcunha de Emmanuel. Essas duas ocorrências nos trazem questões ainda não respondidas. Como explicar a rápida ascensão de Emmanuel em um espaço de tempo tão curto? Como compreender, depois do seu relativamente discreto surgimento, que ele detivesse já em 1936 um peso doutrinário capaz de emitir um parecer sobre determinado livro? Isto ao ponto de a poderosa FEB convocá-lo para contribuir na tarefa de mediar à recepção de uma obra com possíveis resistências de segmentos mais conservadores do movimento espírita, ligados a uma ortodoxia religiosa – não nos esqueçamos de que no ideário de sua comunidade de leitores

perseguidor. Bezerra inicia um diálogo com a entidade e a convence a deixar o ideal de vingança, pois o espírito explica que o rapaz lhe teria feito mal em vidas passadas. Com seu afastamento, eis o desfecho da narrativa, “Em meados de março, veio ele visitar-me e eu senti o mais vivo prazer, verificando que se achava completamente restabelecido, na mais perfeita integridade intelectual”. (MENEZES, 2011, p. 23). Esse relato foi transformado no espiritismo brasileiro em caso paradigmático, criando-se uma significativa diferença que faz distanciarem-se as vivências do nosso movimento spiritista com relação aos procedimentos adotados na França. Com ele Bezerra de Menezes introduz um aspecto terapêutico, por meio de uma ênfase na desobsessão como tratamento para perturbações mentais. Esta não estava na obra kardequiana, já que sua abordagem enfoca o fenômeno como elemento complicador no exercício da mediunidade. Produz-se uma operação interessante. A mesma prática doutrinária engloba uma atuação terapêutica, mediante a cura as perturbações mentais, o exercício da caridade, pelo bem realizado aos envolvidos na trama, e a divulgação do evangelho, utilizado para fornecer argumentos à sensibilização do espírito obsessivo em vistas da necessidade do perdão sincero. A prática da desobsessão passou desde o segundo mandato de Bezerra de Menezes a ganhar cada vez mais espaço nas atividades da FEB e do movimento espírita.

Emmanuel representava um sacerdote católico. E ainda podemos situar a intimidade de Xavier com as páginas dos veículos de comunicação nacionais apenas mediante as polêmicas em torno do lançamento de *Parnaso de Além-Túmulo*? Para responder a essas inquietações, precisamos voltar ao ano de 1935. Veremos que todo o percurso da invenção de Emmanuel foi viabilizado pela constituição de outro autor espiritual.

5.2 O surgimento de uma (in)esperada parceria

Os pilares que possibilitaram a invenção de Emmanuel, com sua fusão entre autor e guia espiritual, foram sendo erguidos durante o percurso de criação da imagem de Xavier como médium e psicógrafo. Está intimamente relacionada com o surgimento de um autor espiritual com múltiplas funções a representação de Xavier como sendo detentor de faculdades mediúnicas excepcionais, acima da média. Nesta direção, um elemento-chave surgiu em 1935. Uma pedra angular foi depositada, permitindo a sustentação do transbordamento da autoridade compartilhada para esferas além da literária, possibilitando, concomitantemente, a consolidação de imagem mediúnica-autoral de Xavier com colorações próximas do extraordinário, bem como a invenção de um *locus* privilegiado para um autor espiritual, em condições agora de atuar como autor-ator. As múltiplas funções de Emmanuel e um Xavier concebido cada vez mais como supermédium representaram dois lados de uma mesma moeda, elementos, portanto, que interagiam e se retroalimentavam constantemente. Não obstante, um acontecimento peculiar catalisou essas energias criadoras, engendrando o salto “qualitativo” que criou um médium com autoridade doutrinária capaz de reconfigurar e, mesmo em alguns aspectos, reinventar o Espiritismo brasileiro. Em primeiro de abril de 1935, retornava das sombras da morte o cronista Humberto de Campos Veras. Neste tópico, estudaremos como as repercussões de sua conversão à condição de autor espiritual representaram uma ocorrência decisiva para carreira de Chico Xavier, essencial para a compreensão da sua imagem autoral como escritor psicógrafo e médium.

5.2.1 O Retorno de Humberto de Campos: de celebridade literária a autor espiritual

No final de sua vida, Humberto de Campos passou a tematizar o cotidiano de sua convivência com a doença crônica que o acometia. Narrava então cenas de seus sofrimentos, inclusive na obrigação de manter-se produzindo sua literatura para sustentar a família. Descrevia as dores incessantes causando comoção na ampla comunidade de leitores que

consumia seus textos. Esta dedicação compulsiva à escrita de sua literatura não nos parece um mero desejo de reconhecimento ou uma busca por perpetuar sua popularidade em uma glória póstuma, mas a tentativa desesperada de vencer, pela literatura, a finitude constatada mediante a proximidade da morte. Nas palavras de Campos,

Pretendo, apenas, que meu nome me sobreviva, que se fale de mim quando eu já repousar no seio da terra. Eu me mato, pois, para dilatar a vida. Quero enganar a Morte, deixando no mundo o meu rastro, para que os estudiosos de amanhã me procurem, depois que ela me tenha levado (CAMPOS APUD ROCHA, 2008, p. 65).

Esse desejo de perpetuidade, de infinidade, foi amplamente socializado. Ao que tudo indica, Chico Xavier escolheu atendê-lo por meio de uma forma peculiar, resgatando dos braços da morte, fazendo ressurgir do mundo dos espíritos. A publicação da primeira mensagem psicografada com a sua assinatura se deu na edição do *Reformador* de 01/04/1935. A seção foi *Valores e Testemunhos*. Uma nota antecipava o texto. Nela há uma indisfarçável satisfação, afinal o literato que produzira a crítica mais demolidora contra *Parnaso de Além-Túmulo* voltava à cena, mas agora mudará de lado:

O saudoso escritor, que foi Humberto de Campos, ao apreciar aqui na terra a produção poética de “Parnaso de Além-Túmulo”, disse, com a suavidade de sua peculiar ironia, ser lamentável que os nossos bardos mortos, além de nos não trazerem cambiantes novas de maravilhas maiores em mostras de progresso, ainda viessem fazer desleal concorrência aos colegas cá de baixo...Mais ou menos isto. Pois agora é ele que deita para cá a poeira doirada do seu estro, não em verso, mas em boa cristalina proza, através do mesmo aparelho que manufaturou o “Parnaso”. Publicado as comunicações abaixo, é claro que não pretendemos autenticá-las, porque para nós a identificação dos espíritos só se faz por eles mesmos, e mais – para os que têm olhos de ver e coração de sentir. Uma coisa, entretanto, não poderíamos deixar em branco, e vem a ser a originalidade do estilo, o ritmo da frase e a limpidez das imagens. O médium não entende patavina de mitologia, desconhece antecedentes e fatos históricos e, para que melhor ajuíze os confrades, aqui lhes damos também a carta na qual se refere a essas mensagens (*REFORMADOR*, 1935, p. 162).

Esse texto, provavelmente de autoria de Quintão, recompõe os escritos de Campos, relembrando aos leitores, por meio de uma síntese, as críticas que o cronista havia elaborado para seus artigos do *Diário Carioca*. Sua comunicação *post mortem* foi saboreada como uma vitoriosa constatação. Teria vindo mediante o mesmo médium desdenhado de outrora. A nota traz ainda uma importante ressalva. Autenticidade seria diferente de autenticação. Não haveria desta forma uma preocupação em autenticar a mensagem, pois a veracidade do fenômeno seria uma questão de fé – acreditam aqueles que teriam “olhos de ver e coração de

sentir”¹⁴⁰. Os critérios de comprovação da autenticidade, no entanto, permaneceram os mesmos já apontados. De um lado, teríamos as convergências entre a produção literária convencional, escrita em vida, com a produção psicográfica, assinada agora pelo escritor morto. Do outro, a impossibilidade de o Medium ser o verdadeiro autor intelectual dos textos pelas suas fragilidades cognitivas e escolares. Mais uma vez, o *Reformador* concede a palavra a Xavier. Sua voz foi novamente conclamada para compor um espectro de dispositivos textuais que visavam a convencer o leitor da legitimidade da psicografia, a autenticidade espiritual do artigo. A carta foi escrita por Xavier tendo como interlocutor direto Manuel Quintão, mas a finalidade da produção era bem outra. Ela destinava-se a apresentar ao mundo o retorno de Humberto de Campos. Nela descreve-se o primeiro encontro entre ambos, realizado nos domínios de Morfeu:

Pedro Leopoldo- 30/03/1935

Bondoso amigo Sr. M. Quintão

Saudações, com meus votos de paz.

Não sei se o amigo recebeu a minha última carta, mas, mesmo sem saber se o estou aborrecendo, envio-lhe outra, acompanhada de duas produções mediúnicas recebidas por mim nesta semana. Peço-lhe a sua opinião muito franca sobre elas. Desejando que me escreva em breves dias. Há mais de um mês tive um sonho engraçado. Sonhei que uma pessoa me apresentou Humberto de campos, num lugar de céu muito azul e brilhante e no chão havia uma espécie de vegetações que não me deixava ver a terra. Não vi casa alguma. O que me impressionou mais é que as pessoas que eu via estavam sob uma arvore muito grande e tão branca que quando o sol batia nas suas frondes de folhas muito delgadas, parecia uma grande arvore de cristal. Ele veio então ao meu lado e me estendeu a mão com bondade dizendo – “Você é o menino do Parnaso?” Disse-me mais coisas das quais não posso me recordar.

Que diz o amigo de tudo isso? Seria a minha imaginação? Não sei. Em todo o caso, mando estas páginas para o senhor ler. Estão certas as citações? Sem mais, esperando carta sua, espera as suas desculpas o amigo e menor criado as ordens (XAVIER apud *REFORMADOR*, 1935, p. 162).

¹⁴⁰ Quase uma década depois, em 1944, a esposa do escritor Humberto de Campos moverá um processo judicial contra a FEB e Xavier, exigindo um posicionamento do campo judiciário acerca dos direitos autorais dos textos psicografados com o nome do marido falecido. O argumento da impossibilidade de arbítrio sobre questões relacionadas à fé religiosa será então mobilizado pelos febianos. Ao contrário do que indicam Aubrée e Laplatine (2010, p.191), quando afirmam que a sentença “condenava os acusados a despesas simbólicas, proibindo-os de utilizar a partir de então o nome do escritor”, a Federação Espírita, juntamente com o Medium mineiro sairão vitoriosos da ação. Para Aprofundamentos, ver TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais (O caso de Humberto de Campos)*. 6. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999. Após o encerramento do caso, a equipe editorial febianana, em parceria com Xavier, optaram por não mais utilizar o nome próprio de Campos, adotando-se a partir de então o de Irmão X, em uma nítida referência ao Conselheiro XX, o mais conhecido pseudônimo utilizado em vida pelo Cronista maranhense. Esta mudança, porém, longe de representar uma exigência judicial, parece compor o espectro dos dispositivos mobilizados para o estabelecimento do efeito de sobrevivência, diante da efervescência e visibilidade midiática adquirida pelo questionamento dos direitos autorais. As implicações do desfecho do caso Humberto de Campos revelam, desta forma, mais uma ocorrência do senso de oportunidade daqueles que estavam à frente do projeto editorial da FEB, zelosos igualmente da carreira literária de Chico Xavier, este que, na época, já havia se tornado o principal nome autoral do catálogo da editora.

A descrição paradisíaca do local onde se encontraria o espírito do Cronista maranhense não é gratuita, mas representa um dispositivo textual para permitir ao leitor a inferência de que Campos gozava de uma boa condição no mundo dos espíritos. Essa relação não passaria despercebida a um leitor familiarizado com o edifício doutrinário do Espiritismo. Como ele poderia ser um autor espiritual se não estivesse à altura? O público leitor foi informado então que Humberto de Campos se encontrava em um estado espiritual elevado ou gozando de um estatuto superior do ponto de vista espiritual. Chama a atenção também a posição de deferência de Xavier em relação a Quintão. Não obstante, ao consultar o vice-presidente da FEB, o Medium solicitava mais do que sua opinião. Neste momento de sua carreira seria muito difícil que Xavier tivesse realmente dúvidas sobre o que acreditava, se seu encontro com Campos no mundo dos sonhos seria ou não fruto de sua imaginação. Ao fazer esta pergunta, Xavier realizava uma exortação, visando a receber do dirigente febianos apoio e proteção para o seu novo projeto literário. Manuel Quintão respalda então a sua produção psicográfica em prosa, como fez com a poética, continuando a parceria com o Jovem médium. Dias depois de chegada da carta de Xavier, a revista *Reformador* publicaria a primeira crônica assinada pelo “espírito” de Humberto de Campos. Esta recebeu como título *De um Casarão de Outro Mundo*. As duas mensagens iniciais são narrativas versando sobre as experiências do recém-chegado ao mundo dos mortos. Os relatos desempenharam a importante função de promover o nascimento do novo autor espiritual. Há neles informações acerca da realidade com a qual o escritor havia se deparado na vida depois da vida. Em *De Um Casarão de Outro Mundo*, o leitor é levado à constatação da certeza de sua frustração se resolvesse considerar excessivamente as crenças religiosas tradicionais como fonte de convicções sobre o *post mortem*.

Tranquilizem-se, contudo, os que ficaram, porque, se não encontrei o Padre Eterno com as suas longas barbas de neve, como se fossem feitas de paina alva e macia, segundo as gravuras católicas, não vi também o Diabo.

Logo que tomei conta de mim, conduziram-me a um solar confortável, como a Casa dos Bernardelli, na praia de Copacabana. Semelhante a uma abadia de frades na Estíria, espanta-me o seu aspecto imponente e grandioso. Procurei saber nos anais desse casarão do outro mundo as notícias relativas ao planeta terreno. Examinei os seus infólios. Nenhum relato havia a respeito dos santos da corte celestial, como eu os imaginava, nem alusões a Mefistófeles e ao Amaldiçoado. Ignorava-se a história do fruto proibido a condenação dos anjos rebelados, o decreto do dilúvio, as espantosas visões do evangelista no Apocalipse. As religiões estão na Terra muito prejudicadas pelo abuso dos símbolos. Poucos fatos relacionados com elas estavam naqueles documentos...(XAVIER, 1935, p. 163).

As notícias do além colocam em xeque o ideário do Catolicismo, dando razão aos princípios spiritistas. Em diversos momentos, a primeira crônica com a assinatura de Campos traz também elementos anticatólicos, um marca da produção psicográfica de Xavier no período; mas um aspecto que trouxe novidades dentro do cenário da literatura espírita foi a inserção do gênero crônica, incomum naquele momento. Justamente por conta das características textuais deste gênero literário, pôde ser introduzida a cotidianidade, abordando-se o que seriam as vivências no mundo dos mortos do mais popular escritor da década de 1930. A primeira mensagem anuncia ao leitor a possibilidade de adentrar um campo desconhecido, informando sobre a nova situação do estimado cronista. Seu público agora poderia acompanhar os novos lances do autor que em vida já havia se constituído em personagem literário e convertido suas memórias em matéria privilegiada em suas composições:

A vida, entretanto, não é mais idêntica à da Terra. Novos hábitos. Novas preocupações e panoramas novos. A minha situação é a de um enfermo pobre que se visse de uma hora para outra em luxuosa estação de águas, com as despesas custeadas pelos amigos.

Restabelecendo a saúde, estudo e medito. E meu coração, ao descerrar as folhas diferentes dos compêndios do infinito, pulsa como o do estudante novo.

Sinto-me novamente na infância. Calço os meus tamanquinhos, visto as minhas calças curtas, arranjo-me à pressa, com a má vontade dos garotos incorrigíveis, e vejo-me outra vez diante da Mestra Sinhá, que me olha com indulgência, através de sua tristeza de virgem desamada, e repito, apontando as letras na cartilha: _ A B C...A B C D E ... (XAVIER, 1935, p. 164).

Um dos aspectos que facilitava a transformação de Humberto de Campos em autor espiritual era o fato de este, antes mesmo de seu falecimento, já ter constituído um personagem com vida literária gravitando em torno de sua imagem autora, criado por meio das suas crônicas e narrativas autobiográficas. Não obstante, outros elementos dificultam a tarefa. O estabelecimento de correspondências entre os textos convencionais e os psicografados representa um exercício difícilíssimo. Exigia um domínio da obra literária do Cronista para estabelecer relações de intertextualidade, fazer referências aos textos escritos pelo autor em vida, bem como aos textos lidos e citados em suas crônicas, demonstrando assim um sentido de continuidade entre as duas produções. Xavier não declinou deste desafio. Por exemplo, mediante sua escrita psicográfica os elementos memorialísticos foram novamente mobilizados. No trecho em análise, existem referências ao que seria a infância do autor, com descrições de suas vivências relativas a esta faixa etária, apresentadas como uma metáfora para traduzir a situação nova em que este se encontrará. Neste sentido, Rocha (2008,

124-125) realiza um minucioso estudo para elucidar como foi constituída a identidade autoral, apontando-se justamente o estabelecimento de relações de intertextualidade com a produção literária original de Campos.

A intertextualidade que aí se estabelece busca produzir, entre os leitores que conhecem a literatura de Humberto, um “efeito de sobrevivência”, isto é, uma impressão de que quem fala é o autor “morto”. Outros fatores potencializam esse efeito: o discurso sobre si foi bastante eficaz na literatura de Humberto de Campos, e a mediunidade procura recuperar esse *eu*; além disso, cartas e crônicas são dois tipos textuais em que a primeira pessoa do narrador fica em evidência, e normalmente se funde com a figura do autor. (ROCHA, 2008, 124-125).

Este efeito de sobrevivência se engendraria com o narrador posicionado em uma dimensão após a vida. Há um intenso diálogo, muitas vezes com as relações de intertextualidade sendo estabelecidas mediante de diversos dispositivos textuais:

O reconhecimento desse trânsito provoca o que chamei de efeito de sobrevivência – a impressão de que o enunciador é o escritor “morto” – e nos permite detectar outras camadas de sentido existentes em algumas produções. Os intertextos são utilizados de diferentes formas: citações diretas, indiretas, alusões, paráfrases evidentes ou sutis. Com tais procedimentos, o autor evidentemente pretendeu demonstrar o conhecimento que possui da obra do escritor que, supostamente, seria ele próprio. (ROCHA, 2008, 150).

Estes passam despercebidas ao leitor contemporâneo, mas era uma exigência premente para a credibilidade e a autenticidade em um plano imediato de recepção. Grande parte dos interlocutores diretos do texto era o público consumidor da obra do literato morto recentemente. As análises literárias de Rocha identificaram inclusive trechos dos textos mediúnicos, lançando mão de obras citadas pelo cronista em vida. Desta forma, as relações de intertextualidade foram estabelecidas não apenas em uma apropriação direta das crônicas, mas de autores lidos e citados por Humberto de Campos em sua obra literária. Segundo as palavras do próprio pesquisador, “Embora afirme que está retomando algo que já foi dito por Humberto de Campos, a fonte não é explicitada; sua identificação fica a cargo do leitor”. (ROCHA, 2008, p. 151). Assim, relações de intertextualidade, inclusive com inferências, representaram na década de 1930 um mecanismo de criação de verossimilhança.

Quinze dias após a primeira mensagem, seria publicada outra crônica. Como havia prometido a equipe editorial, o texto foi inserido na edição seguinte do *Reformador*, em 16 de abril de 1935, na mesma seção da anterior, *Valores e Testemunhos*.

Conforme noticiamos no passado número do reformador, duas foram as mensagens que, no curso da última semana de março, o espírito recém-desencarnado do notável

escritor maranhense Humberto de Campos transmitiu do além aos seus contemporâneos ainda encarnados, por via do médium Francisco Candido Xavier, o mesmo que recebeu a coletânea de poesias enfeixadas no volume Parnaso de Além-túmulo.

Cumprindo o que então prometemos, damos hoje aqui a segunda dessas mensagens, em a qual, tanto na primeira, se evidenciam as características literárias do eminente publicista patricio. É a seguinte essa mensagem, cuja leitura deve ser particularmente grata aos que se veem tachados de loucos, por professarem e propagarem o Espiritismo, e de especial interesse para os que lhes lançam esse epíteto, à semelhança talvez do autor do ditado, que o intitulou: *Cartas aos que Ficaram*. (REFORMADOR, 1935, p. 176).

A nova crônica, denominada de *Cartas aos que Ficaram*, se incumbia de descrever os momentos de renascimento de Campos no mundo dos mortos. De fato o título explicita bem a que o texto se propunha. O uso deste gênero literário (crônica) permitia ao narrador adotar a posição de quem conta aos leitores acontecimentos impregnados de elementos sensoriais, experienciais, vivências. A novidade não estava no gênero, mas na posição e natureza do narrador: um sujeito que voltava da morte para narrar aos seus contemporâneos o que por lá encontrara. Como autor intelectual-espiritual do texto, ninguém menos de que o escritor que havia resgatado para a crônica sua dignidade literária. Portanto, um mestre em seu ofício. E mais, morto apenas meses antes sob intenso clamor popular. Sua morte havia sido fruto de uma intervenção cirúrgica que buscava solucionar uma enfermidade de longo curso. A doença havia sido tematizada pelos escritos de Campos, mobilizando as sensibilidades. O desfecho trágico, que interromperá a vida do mais popular literato de sua geração, havia engendrado uma comoção nacional e ainda pairava sobre as mentes e corações de seu público leitor. Neste cenário, Chico Xavier psicografou a segunda crônica na qual Humberto de Campos narra sua nova situação. Eis o nascimento de um novo autor espiritual:

Aos que perguntarem no mundo sobre a minha posição em face da morte, direi que ele teve para mim a fulguração de um Treze de Maio para os filhos de Angola.(...) Adormeci nos seus braços como um ébrio nas mãos de uma deusa. Despertando dessa letargia momentânea, compreendi a realidade da vida, que eu negara, além dos ossos que se enfeitam com os cravos rubros da carne.

-Humberto!... Humberto... exclamou uma voz longínqua – recebe os que te enviam da Terra!

Arregalei os olhos com horror e com enfado:

- Não! Não quero! Sempre, sempre prescindí dos colegas... Não quero ler panegíricos e tenho pavor das seções necrológicas dos jornais.

Enganas-te – repetiu – as homenagens da convenção não se equilibram até aqui. A hipocrisia é como certos micróbios de vida muito efêmera. Toma as preces que se elevaram por ti a Deus, dos peitos sufocados, onde penetraste com as tuas exortações e conselhos. O sofrimento retornou sobre o teu coração um cântaro de mel.

Vi descer de um ponto indeterminado do espaço, braçadas de flores inebriantes como se fossem feitas de neblina resplandecente, e escutei, envolvendo o meu nome pobre, orações tecidas com suavidade e doçura. Ah! Eu não vira o céu e a sua corte

de bem-aventurados; mas Deus receberia aquelas deprecações no seu sólio de estrelas encantadas como a hóstia simbólica do catolicismo se perfuma na onda envolvente dos aromas de um turíbulo. Nossa Senhora deveria ouvi-las no seu trono de jasmims bordados de ouro, contornado dos anjos que eternizam a sua glória.

Aspirei com força aqueles perfumes. Pude locomover-me para investigar o reino das sobras, onde penso sem miolos na cabeça. Amava e ainda sofria, reconhecendo-me no pórtico de uma nova luta.

Encontrei alguns amigos a quem apertei fraternalmente as mãos. E voltei cá. Voltei para falar com os humildes e infortunados, confundidos na poeira da estrada de suas existências, como frangalhos de papel, rodopiando ao vento. Voltei para dizer aos que não pude interpretar no meu ceticismo de sofredor:

-Não sois os candidatos ao casarão da Praia Vermelha¹⁴¹. Plantai pois nas almas a palmeira da esperança. Mais tarde ela descobrirá sobre as vossas cabeças encanecidas os seus leques enseivados e verdes... ... (XAVIER, 1935, p.177).

O texto se apropria de procedimentos literários utilizados na criação de heterônimos para constituir uma transição, drenando a imagem autoral do literato Humberto de Campos para o texto psicografado. Assim, Humberto de Campos Veras teria despertado no além, transformando-se em autor espiritual. Após o torpor da morte, uma recepção gloriosa. A lembrança de seus leitores e as preces advindas do seu público cativo teriam se convertido em bênçãos, vertida na forma de perfume celeste. No trecho, estilo e linguagem convergem para as usualmente utilizadas pelo Cronista maranhense, caracterizando-se a identidade autoral nos moldes clássicos da literatura mediúnica do período.

Se na primeira crônica nossas análises revelaram momentos com trechos anticatólicos¹⁴², na segunda, foi identificada uma interlocução discreta que não nos deve passar despercebida. Agora não apenas com os católicos, mas também com a Medicina. Na última passagem, o espírito do escritor realiza um *mea-culpa*, afirmando voltar para aqueles que seu ceticismo de sofredor não teria permitido uma interpretação. Esta representa uma referência direta ao Espiritismo. Sua fala de finalização é um consolo aos espíritas. Ao dar razão a eles, o narrador assume um lado. Seu papel seria o de conclamar, orientando para que não esmorecessem, pois estariam certos. Os equivocados seriam, portanto, os médicos que os ameaçavam com a internação pelo diagnóstico de uma *loucura espírita*. Existe no trecho uma relação direta, mas que exige um trabalho de inferência do leitor. Talvez por isso a nota da equipe editorial chame a atenção para a referência ao hospício, quando se afirmou que esta seria uma “mensagem, cuja leitura deve ser particularmente grata aos que se veem tachados

¹⁴¹ Aqui o texto faz referência ao *Hospício Nacional de Alienados*, fundado originalmente em 1852 como *Hospício Pedro II*. Em 1944 o local foi fechado, sendo o prédio doado à Universidade do Brasil. Hoje nele funciona o campus Praia Vermelha, da UFRJ.

¹⁴² Vale salientar que os trechos anticatólicos foram suavizados por concessões ao ideário do Catolicismo, tais como a referência afetiva a Maria de Nazaré e a comparação respeitosa à hóstia. Não obstante, esses dispositivos não representam uma adesão, mas a sofisticação e complexificação das estratégias discursivas de convencimento, mobiliadas para as disputas de espaço no campo religioso brasileiro.

de loucos, por professarem e propagarem o Espiritismo (Reformador, 1936, p. 176)”. Esse é um lembrete particularmente importante para os sujeitos envolvidos, se avaliarmos que do final do século XIX a meados do século XX,

Tanto a Psiquiatria como o Espiritismo tentavam penetrar nos domínios do campo científico, em busca de reconhecimento para se pronunciarem com a devida autoridade intelectual sobre o funcionamento da mente. Por lidarem com as mesmas questões, possuíam pontos de contato e, por isso, de conflito: as relações mente-corpo, a etiologia, as formas de prevenção e tratamento das doenças mentais. O outro fator foi uma disputa também dentro do campo religioso. Isto pode ser detectado na defesa do Catolicismo, considerado por muitos psiquiatras como a única religião verdadeiramente saudável¹⁴³. Dentro desse campo de lutas pelo poder científico e religioso, algumas estratégias discursivas foram elaboradas. Os psiquiatras construíram uma representação da mediunidade tentando excluir qualquer possibilidade da existência de um elemento extra-material nos fenômenos espíritas. A mediunidade foi definida como fraude ou fruto do subconsciente do médium (desagregação psicológica). Alegavam que a frequência constante aos centros espíritas e o exercício da mediunidade desencadeariam transtornos mentais crônicos. (ALMEIDA, 2007, p. 152-153).

Enfim, por intermédio dessas duas crônicas, procurava-se estabelecer uma continuidade entre a produção literária convencional e a psicografada por Xavier. Não obstante, uma mudança significativa foi anunciada: a pena de Humberto de Campos, depois de morto, liberto das imposições do mercado editorial, não estaria mais a serviço do seu estômago e sim de uma causa. Ele agora voltaria para falar aos “*humildes e infortunados*”. Lançada a continuação de seu projeto literário, estabelecidas às conexões necessárias para o seu funcionamento como um autor espiritual, a equipe editorial do *Reformador* anunciaria mais dois textos mediúnicos com a sua assinatura. Uma dessas mensagens veio à luz na edição da revista em 01 de maio de 1935. Para tal, utilizou-se ainda a seção *Valores e Testemunhos*. Vejamos a nota que “publiciza” as informações referidas.

Dois Novos Ditados de Humberto de Campos

Pelo mesmo médium Francisco Candido Xavier, em Pedro Leopoldo, Minas, mais duas comunicações vem de transmitir o espírito de Humberto de Campos, cuja lucidez no plano espiritual, a que recentemente ascendeu, não podido os nossos leitores apreciar, através das que o Reformador publicou em seus números de 01 e 16 de abril próximo findo.

Tanto quanto essas, as que ora vamos divulgar trazem, como também hão de eles reconhecer, as características inconfundíveis e o original feitio literário que alçaram

¹⁴³ Ainda segundo Almeida, “Alguns dos psiquiatras mais críticos do Espiritismo e teóricos da “loucura espírita” foram exatamente os que defendiam os benefícios do catolicismo. (...) Defendiam que o catolicismo, ao contrário das outras religiões, exerceria uma influência preventiva para o suicídio e a loucura. A Igreja Católica teria aproveitado o debate em torno da “loucura espírita” para incorporar muitos desses argumentos ao seu discurso de combate ao Espiritismo. Buscava legitimar suas ideias sobre os inconvenientes da nova doutrina através de pressupostos ditos científicos, conseguindo maior credibilidade”. (2007, p. 114-116).

à categoria dos mais eminentes prosadores brasileiros e que, portanto, sobejamente, a nosso ver, identificam o autor dos ditados a que aludimos.

O primeiro deles, o que hoje inserimos, recebido a 8 daquele mês, tocante expansão de afeto paternal e expressiva exortação, senão amoroso convite ao entendimento da verdade, é dirigido aos que constituíram a sua descendência humana, conforme se evidencia do título que lhe ele próprio deu – *Aos Meus Filhos*.

O outro, intitulado – Na Mansão dos Mortos, recebido no dia imediato, de interesse mais geral e de não menor importância, publicá-lo-emos no nosso número de 16 do corrente. (*REFORMADOR*, 1935, p. 197).

A equipe editorial enfatizou no anúncio as características inconfundíveis e o feitio literário de Humberto de Campos nas crônicas psicografadas. Mais uma vez os elementos de identificação da autoria são lembrados no sentido da reafirmação da autenticidade. A nota, como toda produção deste tipo de gênero textual, busca não apenas introduzir o leitor na leitura a ser realizada, mas controlar seus efeitos, conduzir suas interpretações, coordenar os movimentos da recepção. Sua missão seria depositar mais uma peça para consolidar um pacto de leitura em torno da criação do novo autor espiritual. Dentro dessa perspectiva, a da transformação de Humberto de Campos em espírito-autor, a terceira crônica teria a explicitação de um público leitor bem específico, o da família Campos, os filhos do escritor. A quarta mensagem voltar-se-ia para um público geral. Esta última representou de fato a primeira crônica em que teremos caracterizada a escrita psicográfica ou mimética, como queira o leitor, de Humberto de Campos a serviço de ensinamentos doutrinários, cuja finalidade era a divulgação dos princípios espiritistas. Ambas compuseram o conjunto das suas mensagens iniciais. Visavam a dar credibilidade à sobrevivência do Cronista maranhense após a sua Morte e a perpetuação de seu projeto literário por meio da escrita psicográfica de Francisco Cândido Xavier.

Um dado importante surgiu ainda em nossas fontes. Ao final da crônica *Aos Meus Filhos*, a equipe editorial da revista *Reformador*, leia-se aqui Manuel Quintão, inseriu outra nota, agora de correção:

Uma retificação

Quando não mais nos era possível fazê-la, nem no respectivo original, nem nas provas tipográficas, visto que o *Reformador* de 01 de Abril, que a publicou, já se achava impresso, recebemos do irmão e amigo Francisco Cândido Xavier uma carta em que nos pedia – “obedecendo a uma ordem que receberá do além” (naturalmente do autor do ditado) – a modificação de um dos períodos da mensagem de Humberto de Campos, intitulada – *Aos que Ficaram*.

Obrigados fomos, portanto, a deixar para o presente número a solicitada corrigenda, que incide sobre o seguinte trecho da aludida mensagem, sem dúvida apanhado imprecisamente pelo médium:

“Não! Não quero! Sempre, sempre prescindí dos colegas... Não quero ler panegíricos e tenho pavor das seções necrológicas dos jornais”.

Retificado, de acordo com o que posteriormente ditou o autor da mensagem de que se trata, o qual reputa de maior importância a correção, o trecho citado deve ser lido assim:

“Não! Não quero saber de panegíricos e agora não me interessam as seções necrológicas dos jornais”.

Feito o que devíamos, só nos resta pedir aos leitores que atendam ao desejo do autor do ditado mediúnico aos que aqui ficamos e nos achamos. (*REFORMADOR*, 1935, p. 198).

Segundo o texto, Chico Xavier teria recebido ordens do além para modificar um determinado trecho da mensagem inicial de Campos. Como sua carta havia chegado após o material tipográfico ter ficado pronto, apenas um mês depois foi socializada a retificação. Em um futuro próximo, estas “ordem vindas do além” serão cada vez mais frequentes e tomarão a forma de Emmanuel. Referências genéricas deste tipo serão substituídas pela figura de autoridade do guia e autor espiritual. Como justificativa para a “corrigenda”, foi apresentado o argumento da captação imprecisa pelo Medium. Seria então um lampejo de humanidade na representação transcendente do autor empírico? Maculou-se pela imperfeição seu trabalho mediúnico? Ao contrário, reconhecendo-se a existência de elementos *apanhados imprecisamente*, constituiu-se um dispositivo argumentativo para proteger a produção literária de Xavier de qualquer problema a ser apontado. Principalmente no caso brasileiro, toda uma epistemologia de conhecimentos espíritas foi baseada na interautoria. Erros não podem ser atribuídos na autoralidade compartilhada ao polo do autor espiritual, sob o risco de se colocar em xeque a fonte das verdades doutrinárias. As marcas da individualidade do Medium na mensagem mediúnica é um princípio doutrinário kardequiano¹⁴⁴ e foi mobilizado para permitir a realização da retificação com uma fundamentação na doutrina espiritista.

No mais, esta correção não deve ser lida como fragilização e sim como uma complexificação da autoralidade compartilhada. Neste momento, Xavier inseriu um elemento por demais significativo, que veio a representar um dos grandes diferenciais da sua produção literária de via mediúnica. Quando o autor espiritual volta ao texto psicografado por meio de Chico Xavier, promovendo ajustes, correções, mudanças, ele está realizando o que representaria um exercício metacognitivo¹⁴⁵, pois estaria explicitando uma reflexão sobre sua própria crônica. Assim, o funcionamento dos autores espirituais em Xavier começa a ganhar uma complexidade maior do que os de seus precedentes, com a utilização de dispositivos textuais e editoriais mais complexos. Estes resultaram na fusão de guia e autor em Emmanuel,

¹⁴⁴ No *Livro dos Médiuns*, Allan Kardec dedica um capítulo específico ao tema - Capítulo XIX, O Papel dos Médiuns nas Comunicações Espíritas (KARDEC, 2008, p. 225-236).

¹⁴⁵ Por exercício metacognitivo entenda-se um movimento de reflexão do sujeito sobre sua ação e sua reflexão na ação; semelhante a uma metateoria, que representa uma “teoria (reflexiva) da teoria”. (RÜSEN, 2001, p. 15).

mas as experiências de transbordamento da função autoral foram iniciadas, ao que tudo indica, com a criação da imagem de autor espiritual para Humberto de Campos.

Quanto especificamente ao conteúdo da modificação proposta, nitidamente se procurou suavizar o texto, suprimindo-se as passagens em que Campos afirmava sempre ter prescindido dos colegas e possuir pavor das seções necrológicas dos jornais; retirando-se, desta forma, componentes que poderiam desagradar tanto aos literatos - leitores especializados que não convinha provocar – quanto aos veículos de comunicação.

Não obstante, mesmo com os cuidados explicitados, as críticas vieram. Sem dúvida, a repercussão das crônicas psicografadas de Humberto de Campos ganharam um volume e dimensão muito maiores do que o lançamento da primeira edição de *Parnaso de Além-Túmulo*. Desta vez, o saldo será muito positivo, pois trará a consolidação da nacionalização do nome de Chico Xavier. Vejamos, então, a recepção ao novo autor espiritual e os desdobramentos para a produção literária do Medium mineiro.

5.3 A consolidação dos autores espirituais que dominaram o cenário da literatura espírita na segunda metade da década de 1930 (1935-1938)

No início de 1938, o jovem e desconhecido Chico Xavier terá se transformado em uma referência doutrinária importante no Espiritismo brasileiro. Com a consolidação de sua imagem autoral, com a constituição de um *locus* privilegiado para sua figura no movimento espiritista nacional, ele promoverá uma série de operações de reconfiguração, recontextualização e ressignificação na matriz literatura espírita no Brasil, engendrando uma mudança de eixo para o Espiritismo como religião. Estes processos de transformações paradigmáticas implementadas por via da escrita psicográfica do Medium são apontados por estudiosos como grande responsável pela criação de um “Espiritismo à Brasileira” (STOLL, 2003). Em parte, esta tese procurou analisar o percurso das invenções que foram preenchendo os componentes necessários à criação de um espaço privilegiado para Chico Xavier. Apenas por meio deste foi possível a ele promover a inserção de elementos díspares dos convencionados no circuito cultural da literatura espírita.

Neste momento, procuraremos demonstrar que, a chegada de Humberto de Campos como novo autor espiritual representou um expressivo lance na direção apontada, pois Xavier drenou parte da popularidade do escritor para a sua obra psicográfica, chamando a atenção da grande mídia de seu tempo e despertando o interesse em torno de sua figura mediante a

produção das crônicas assinadas com o nome do famoso e prestigiado literato. Para seguir este percurso, várias entradas nos seriam possíveis. Privilegiamos, no entanto, segui-lo por meio das páginas do *Reformador*. Veremos que o retorno de Campos foi um epicentro para uma promoção sem precedentes da imagem autoral de Xavier. Na atualidade, não se imagina que, em grande parte da década de 1930, Emmanuel representou um importante coadjuvante no cenário da produção literária do Medium. Outro autor espiritual ocupou a centralidade da cena, sendo o grande responsável por catapultar a figura de Chico Xavier, por conceder-lhe espaço midiático e prestígio na comunidade de leitores espiritistas.

O primeiro dado acerca da recepção das mensagens psicografadas com a assinatura de Humberto de Campos foi localizado em nossas fontes no dia 01 de maio de 1935. Também na seção *Valores e Testemunhos*, sempre sob a responsabilidade da equipe editorial da revista *Reformador*, encontra-se um artigo comentando aspectos da contundente crítica elaborada pelo literato Eloy Pontes, publicada no jornal *O Globo* na edição de 12/04/1935. Pontes escrevera “a propósito da primeira das recentes comunicações mediúnicas de Humberto de Campos (*REFORMADOR*, 1935, p. 213)”. O texto, reproduzido na íntegra nas páginas do *Reformador*, fora originalmente publicado na coluna *O Mundo das Letras*, especializada em análises literárias. O escritor denominou seu artigo com o sugestivo título de *Crônicas de Além-Túmulo*. Vejamos alguns trechos. Segundo Eloy Pontes:

Há tempos teve enorme voga na França a literatura de “Pastiche”. A série de volumes “à la manière de...”, em que se macaqueavam estilos de prosadores e poetas, revelou formas de inteligência muito curiosas. Os mais notáveis escritores eram imitados com perfeição desconcertante. Todos os estilos tem estigmas e “tics”, que caracterizam os autores. Os “pastiches” por isso mesmo exigem longos estudos. Entre nós passou a ser explorado pelo espiritismo com extraordinária segurança e sucesso muito justo. Foi o médium português Fernando de Lacerda quem propagou o gênero aqui. Hoje em dia outros médiuns seguem os seus passos, alguns com talento digno de nota. A tempos foi publicado um volume curiosíssimo de Guerra Junqueiro colhido pelas antenas mediúnicas de uma mulher no Pará que o prefácio afirma ser analfabeta. Os poemas do volume pastichados da “Velhice do Padre Eterno”, eram Guerra Junqueiro puro. Depois tivemos versos de Hermes Fontes, mas já sem o mesmo talento. Mas não faz meses ainda apareceu Victor Hugo, psicografado pela Sra Zilda Gama, escritora de talento, com perfeição... Os Técnicos de “À la manière...” se vão aperfeiçoando de modo curiosíssimo. (PONTES apud *REFORMADOR*, 1935, p. 213).

Para confrontar a crônica assinada com o nome do Colega maranhense, Pontes estabeleceu ao seu modo uma filiação para Xavier. A acusação de pastiche que tinha sido apontada discretamente por Humberto de Campos fora agora escancarada, transformando-se a arte de imitar estilos em mote, em categoria central de análise, para explicar o fenômeno da literatura mediúnica. Especificamente sobre o Medium mineiro, acentua o literato:

Ainda agora aqui temos uma crônica de Humberto de Campos, mandada do além-túmulo, por intermédio dum “caixeiro de venda”, psicógrafo hábil, que a recolheu em transe. O “pastiche” é perfeito. Todas as niquices, todos os “chiques”, todos os estigmas, todas as características de estilo daquele escritor se encontram aqui. Narra ele coisas pitorescas de além mundo, com aquela ironia procurada de sempre, não se esquecendo nem mesmo de nos dar conta dum encontro com Emilio de Menezes ¹⁴⁶, que conserva o frente, os hábitos e os sararmos. (...) O livre senhor José Olympio, que é assim uma espécie de proprietário feroz das glórias póstumas de Humberto de Campos, poderia bem explorar o “caixeiro de venda”, que tão enfronhado se mostra no gênero de imitar estilos mortos... (PONTES apud *REFORMADOR*, 1935, p. 213).

Apesar de passagens com certa ironia – como, por exemplo, quando Pontes denominou Xavier de o “caixeiro de venda” – o Literato realiza uma crítica formal, em tom de seriedade. A acusação de pastiche evidentemente representava um argumento principal para colocar em xeque o pacto de leitura que os espíritas procuravam estabelecer com seus leitores. Sendo uma imitação do estilo e não o produto de um fenômeno transcendental, no qual o espírito de um morto é o autor intelectual do que foi escrito, os textos psicografados perderiam seu elã, sua vitalidade, sua finalidade. Sem a credibilidade, a convicção na autoria espiritual, todo o edifício da literatura espírita, ancorado justamente na crença da autoria compartilhada, viria abaixo por falta de sustentação epistemológica.

O artigo de Pontes representava, portanto, uma crítica que se queria demolidora. Não obstante, ao tratar seriamente a questão, ele permitiu o estabelecimento de um diálogo, possibilitando contra-argumentação pelos espíritas. Inclusive, ao reconhecer uma qualidade literária nos pastiches, ele realizou em determinado nível um elogio que não passará despercebido e será explorado pelos editores da FEB para ressaltar como sendo um reconhecimento seu do valor da literatura mediúnica. Humberto de Campos, diferentemente, ao adotar uma abordagem cômica, não concede um lugar do outro. Talvez por isso os artigos do *Diário Carioca* tenham incomodado tanto Xavier e os febianos. No caso de Pontes, a equipe editorial da Revista pôde posicionar-se no lugar abertamente de interlocução,

¹⁴⁶ O trecho da crônica referido por Pontes foi inserido abaixo. Ele compõe o arsenal dos dispositivos textuais voltados ao estabelecimento do que Rocha (2008) denominou de efeito de sobrevivência.

Encontrei o Emílio radicalmente transformado. Contudo, às vezes, faz questão de aparecer-me de ventre rotundo e rosto bonacheirão, como recebia os amigos na Pascoal, para falar da vida alheia.
- “Ah! Filho- exclama sempre -, há momentos nos quais eu desejaria descer ao Rio, como o homem invisível de Wells, e dar muita paulada nos bandidos de nossa terra.” E, na graça de quem, esvaziando copos, andou enchendo o tonel das Danaides, desfolha o caderno de suas anedotas mais recentes. (XAVIER, 1935, p. 164).

buscando reverter em bases argumentativas semelhantes, procurando dobrar sobre si mesmo os argumentos lançados pelo Literato.

Mas, de que maneiras seria possível, aos médiuns citados na crônica, explorar o gênero “pastiche”, em literatura, quando, para só falar do que serviu de instrumento ao espírito de Humberto de Campos, se trata de um simples “caixeiro de venda”, conforme o próprio cronista o declara, sem cultura alguma literária, dispondo unicamente de instrução muito rudimentar, o os “pastiches”, segundo afirma o mesmo cronista – exige longos estudos? Como, dada essa condição, poderia ele, o “caixeiro de venda” mostrar-se tão enfronhado no gênero de imitar estilos mortos”? Está-se a ver, diante de semelhante contradição, que todas as observações bordadas pelo ilustrado cronista só tiveram por escopo não deixar muito nua e crua a confissão de que a mensagem apreciada é mesmo do Espírito de Humberto de Campos e não, apenas, um “pastiche perfeito”, tão evidentes são nela – “*as niquices, todos os “chiques”, todos os estigmas, todas as características de estilo daquele escritor*”. É que esta confissão seria a da veracidade absoluta do que proclama o Espiritismo, acerca da existência e da sobrevivência do Espírito à morte do corpo, das condições do seu viver no plano invisível e da possibilidade que tem de comunicar-se com os encarnados, os chamados “vivos”. (*REFORMADOR*, 1935, p. 213-214).

A carga pejorativa do rótulo de “caixeiro de venda” também não passou incólume, sendo apropriada pelos espíritas febianos como imagem-síntese da impossibilidade de sua autoria intelectual, como um elemento-síntese da denegação de autoria, revertendo-a em favor de Xavier. A expressão foi então ressignificada no sentido apontado, estando nos textos posteriores do *Reformador*.

O artigo de Eloy Pontes foi o primeiro considerado digno de nota pela FEB, entretanto, existiram outras ocorrências de textos jornalísticos comentando as crônicas psicografadas com a assinatura de Humberto de Campos. A curiosidade e interesse mobilizados para o caso chamou a atenção da imprensa de grande circulação do período. Organizou-se no final de abril de 1935 uma peregrinação jornalística a Pedro Leopoldo. Na liderança da caravana que buscava descobrir “verdades” sobre os fenômenos em torno do Jovem medium, estava Clementino de Alencar. Repórter de *O Globo*, fora colega de repartição de Humberto de Campos. Ele hospedou-se na cidade e durante cerca de 30 dias investigou a vida de Chico Xavier. Entrevistou vários sujeitos, inclusive o próprio Medium. Acompanhou suas atividades no Centro Espírita Luiz Gonzaga. Fez de surpresa, perguntas aos espíritos. Produziu registros fotográficos que se tornariam elementos importantes na definição de uma representação pública do Jovem mineiro, tais como Xavier no desempenho de suas funções de “caixeirinho de venda” ou sua imagem frontal, já mostrando a catarata no olho esquerdo. Como resultado do seu “inquérito investigativo”, Alencar publicou uma série de reportagens no jornal *O Globo* (SOUTO MAIOR, 2010, p. 58-61). A série foi replicada em

outros veículos de comunicação por todo o Brasil, dentre eles *O POVO*, de Fortaleza/CE¹⁴⁷. Nos textos, Clementino de Alencar adotou posição bastante favorável sobre o Espiritismo. Ao que tudo indica, ele se convenceu da idoneidade de Xavier. Sua investigação engendrou assim a primeira grande promoção positiva da imagem do Medium mineiro na mídia de massa nacional. O sucesso editorial, o êxito diante da investida jornalística, foi muito comemorado no *Reformador*. A Revista passou a comentar os artigos de Alencar com a série ainda em curso. Na edição de 01/06/1935, inseriu-se um texto intitulado de *O “Subconsciente” em Espírito e Verdade*. Assinado pela equipe editorial, foi publicado na seção *Echos e Factos*.

Se bem já dure por mais de um mês o assedio posto ao médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo; se bem já sejam copiosíssimas e das mais conclusivas as provas que por seu intermédio hão facultado os espíritos, de que deles realmente é que vem tudo quanto o mesmo Xavier grafa no papel que lhe colocaram sob a mão (...). (...) ainda muito se há de prolongar a exigência de novas provas, de novas demonstrações do que já se encontra, por bem dizer, exaustivamente demonstrado. E o médium, que é humilde, tímido, acanhado, continuará, como se fora uma maquina de mensagens do além, a satisfazer às exigências até que ou cesse de funcionar por esgotamento, visto que se trata de “maquina humana”, ou pare por determinação dos que a acionam. E tanto menos o faremos, quanto o nosso intuito, por agora, não é apreciar detidamente o que haja resultado, ou venha a resultar da perquirição jornalística que se está desenvolvendo em torno do “caixeirinho” inculto de Pedro Leopoldo. Tal apreciação só terá cabimento mais tarde, quando a perquirição esteja concluída, porque então somente poderemos analisar as conclusões a que chegue o perquiridor, ou os perquiridores. Muito mais restrito é, por enquanto, o nosso propósito, que não vai além de por em destaque, aqui, como merece e se faz necessário, a luminosa, precisa e completa resposta que Bezerra de Menezes, o inigualável e inolvidável Max dos Estudos Filosóficos, deu a uma pergunta apresentada ao médium; sobre o “subconsciente”. (*REFORMADOR*, 1935, 261).

Ao informar seus leitores do andamento da perquirição jornalística, o *Reformador* expressa mais uma vez elementos de denegação autoral, agregando novos componentes como a timidez e acanhamento do Medium. Aqui também temos um bom exemplo da apropriação e ressignificação da expressão proferida por Pontes. Transforma-se “o caixeiro de venda” em ““caixeirinho” inculto”, imagem que acompanhará Xavier por muitos anos, mesmo quando ele não desempenhar mais esta função. Uma questão importante dessa notícia, porém, e talvez fosse justamente esse o seu propósito maior, foi o anúncio ao movimento espírita brasileiro que Chico Xavier havia psicografado ninguém menos que Adolfo Bezerra de Menezes. Era um momento excruciante, no qual os espíritas acompanhavam com expectativa o desempenho do Jovem medium, agora não mais desconhecido. O grupo liderado por Clementino de Alencar havia proposto perguntas consideradas muito acima dos seus conhecimentos e das capacidades intelectuais, sistemática essa utilizada de forma recorrente durante o período de

¹⁴⁷ Para verificação, ver edições de O POVO dos dias 28/06, 01/07, 09/07, 10/07 e 13/07 de 1935.

coleta das informações para a série jornalística. A questão abordava uma categoria central da Psiquiatria para ler os fenômenos mediúnicos. No período, as manifestações do subconsciente eram apontadas pelos psiquiatras como um elemento explicativo decisivo na composição de um quadro referencial cientificamente fundamentado. O conceito de subconsciente sustentava uma representação da mediunidade “enquanto um fenômeno estritamente material, vinculado a uma disfunção cerebral”. (ALMEIDA, 2007, 128).

Foi então que teria se apresentado a Xavier, o Kardec brasileiro, o “pai espiritual” da FEB, o grande articulador da matriz febianas de um Espiritismo de configuração religiosa. Na assinatura do texto, Bezerra de Menezes ainda teria se utilizado do seu tradicional pseudônimo, com o qual publicava artigos nos jornais da capital: simplesmente, Max. O tema tratado na pergunta guardava afinidades com sua produção literária. Lembremos de que além de romancista, Bezerra de Menezes fora médico e escrevera sobre os transtornos mentais à luz do Espiritismo. Um texto seu tivera inclusive uma publicação póstuma na década de 1920 com o título *Loucura Sob Novo Prisma*¹⁴⁸, reeditada na década de 1930 sob os auspícios do projeto editorial de Guillon Ribeiro e Manuel Quintão. A resposta assinada por MAX trazia assim uma apropriação espírita da categoria psiquiátrica, uma versão do conceito sob a ótica espiritista¹⁴⁹.

Como poderíamos avaliar as implicações desta ocorrência? O que representou para Xavier e os febianos o ressurgimento por via do Medium da principal liderança fundadora do Espiritismo com características nacionais? No mesmo lance, Xavier angariou mais prestígio doutrinário, a FEB capitaneou mais energia política para se consolidar no cenário espiritista como a sua principal instituição federativa. Assim, Bezerra de Menezes, apesar de não ter sido transformado em autor espiritual, trouxe sua chancela em momento decisivo.

Não obstante, mesmo com o saldo deveras positivo como resultado da série jornalística publicada no *O Globo* por Clementino de Alencar, tamanha visibilidade também

¹⁴⁸Publicada pela editora da FEB, esta obra ganhou uma publicação recente pela mesma instituição. Ver Menezes (2010).

¹⁴⁹ Esta foi a resposta psicografada por Xavier com a assinatura de Max, Pseudônimo de Adolfo Bezerra de Menezes: “O mundo do subconsciente não se acha subordinado à função de nenhum órgão. Ele representa a summa dos conhecimentos do ser, em suas existências passadas, consubstanciada na inteligência operosa e criadora. Ele é a câmara secreta onde todas as experiências se arquivam, para emergirem em futuro próximo ou longínquo. A vossa ciência não conhece o homem integral, porquanto o esquecimento a que se acham submetidos os encarnados não deixa que se possa entrever a alma total. A subconsciência e o mundo da alma em sua existência extraterrestre. Podeis conceber isto ponderadamente. O aparelho respiratório existe no feto, que dele se não serve, em virtude do meio não comportar o seu uso. Ele, porém, está latente no homem embrionário. Assim são as faculdades espirituais. Não aparecem na nossa vida comum, porquanto o ambiente atual ainda não as comporta; mas, estão no seu estado latente, para emergirem, futuramente, em toda a plenitude. – Max”. (XAVIER, 1935, p. 261-262).

atraiu as atenções de diferentes sujeitos que disputavam espaços com os seguidores da Doutrina dos Espíritos. O evento não poderia passar em branco pelo crivo vigilante do principal ator do campo religioso brasileiro no período. Desta forma, as notícias sobre o inquérito de Alencar ainda não haviam se esgotado quando o *Reformador* trouxe, na edição 16/06/1935, o que talvez seja um dos primeiros registros de uma mobilização católica tendo como alvo Chico Xavier. Um sacerdote que atuava na Catedral da cidade de Niterói/RJ teria proferido conferência antiespírita para desmistificar os fenômenos no qual o Medium mineiro estaria envolvido. Como resposta, a Revista publicou, com o título de *Os Discursos do Padre João Gualberto*, uma série de artigos contra-argumentando a posição da Igreja Católica, sendo os textos assinados por Carlos Imbassahy. Aqui está uma clara demonstração de como a intelectualidade do círculo editorial febianos se envolveu ou foi mobilizada para a sustentação da obra literária de Xavier, na defesa de sua representação ou figura mediúnica - autoral¹⁵⁰. No primeiro artigo, Imbassahy adotou desde a introdução o desvelamento dos interesses ocultos da Igreja como estratégia para desqualificar a crítica de seu opositor:

Todas as vezes que há um fato psíquico que desperta a atenção do público, a Igreja a rebate e prepara a investida. Pensa ela que ainda estamos nos tempos medievais, onde o dogma, como uma floresta de ciprestes, absorvia toda a selva da inteligência e do raciocínio humanos. O fato perturbador de agora foram as mensagens recebidas em Pedro Leopoldo, por um modesto caixeirinho de venda. O público se interessou pelas mensagens, os jornais que delas tratam multiplicam as edições e a Igreja alarmou-se. (*REFORMADOR*, 1935, p.267).

Se houve de fato um sucesso de vendagem das edições dos jornais nos dias em que se abordavam os mistérios em torno do Medium mineiro, ou se um aumento das vendagens pode ser relacionado com a curiosidade e o interesse do público leitor sobre o tema, não o sabemos; mas tudo indica se tratar de um dado concreto que a publicação dos artigos em série criou um fato jornalístico de amplitude nacional. Logo após o seu encerramento o *Reformador* publicou um artigo provavelmente escrito por Manuel Quintão, na seção *Echos e Factos*, desta vez com o título *Em Torno de um Médium*. Seu propósito foi o de realizar um balanço da experiência a que Xavier fora submetido:

¹⁵⁰ Vários indícios dão mostras inclusive de que havia a orquestração dessa intelectualidade febianos no sentido da produção de obras dentro de uma agenda constitutiva, com diretrizes responsáveis por nortear um projeto editorial elaborado coletivamente. Por exemplo, neste mesmo ano, Carlos Imbassahy lançou um livro publicado pela FEB intitulado *O Espiritismo à Luz dos Fatos (1935)*. Nele busca-se “questionar a tentativa dos médicos de negar todos os fatos atribuídos ao Espiritismo, procurando colocá-los nos domínios da matéria, como fruto do subconsciente. (...) Para Imbassahy, explicar a mediunidade como sendo resultado de ação do inconsciente seria explicar um fenômeno desconhecido através de algo também pouco compreendido, pois o próprio subconsciente ainda seria uma “área” cerebral inacessível diretamente, sendo pouco compreendido e delimitada as suas funções e capacidades”. (ALMEIDA, 2007, p. 129-130).

Verificado o que prevíamos e dissemos em *Echo* do último número do *Reformador*, isto é, o exaurimento das suas forças psíquicas, com o conseqüente abalo da saúde, teve o médium Francisco Candido Xavier, de Pedro Leopoldo, que dar por findas, ao menos temporariamente, obedecendo a determinação do seu Guia – Emmanuel – as experiências a que, perante um círculo, cada vez mais numeroso, de pessoas estranhas à Doutrina Espírita, vinha ele sendo submetido, havia mais de um mês, por iniciativa de “O Globo”, vespertino de grande circulação desta capital, que resolvera fazer uma reportagem a fundo, em torno daquele nosso estimado irmão e á bastante conhecido intermediário dos Espíritos, malgrado a modéstia absoluta, em que se lhe espelha a humildade real. (*REFORMADOR*, 1935, 285).

A equipe editorial do *Reformador* escolheu iniciar o artigo situando o leitor na versão apresentada por Xavier para finalizar as atividades de Clementino de Alencar. Segundo ele, Emmanuel havia determinado a impossibilidade da continuidade dos trabalhos mediúnicos naquele momento. Esse é um dado por demais relevante. Quando os olhares brasileiros se voltaram para o Jovem médium de Pedro Leopoldo em busca de um Humberto de Campos redivivo, Chico Xavier apresentou ao Brasil, Emmanuel, um espírito-autor, antes de publicamente assumir a função de guia espiritual. Nas reportagens de *O Globo*, a figura de Emmanuel ocupou centralidade na cena, garantindo a Xavier legitimidade para a realização do transbordamento da autoralidade compartilhada, para levar o autor espiritual da literatura à vida prática. Outro aspecto da notoriedade adquirida foi o aumento ainda maior do tom, via escalada rumo ao mito de santidade. Para o agora bastante conhecido Medium, uma qualificação de modéstia absoluta, na qual se espelharia uma humildade real. O provável Quintão buscou historicizar o percurso que teria concedido fama e reconhecimento ao Medium mineiro:

Deu origem à sua notoriedade como instrumento mediúnico, é sabido, o volume – Parnaso de Além-Túmulo- que a Federação editou faz pouco tempo e do qual sairá em breve segunda edição muito acrescida de novas poesias mediúnicas recebidas depois da primeira, volume esse em que, conforme notaram quantos o leram, as produções poéticas revelam com exatidão o estilo próprio e o feito literário peculiar a cada um dos poetas desencarnados que ali figuram. O que, porém, mais chamou a atenção de toda gente e maior admiração causou foram as mensagens, que esta revista publicou e que nosso companheiro Figner¹⁵¹ transcreveu em sua “Crônica Espírita”, no “Correio da Manhã”, transmitidas pelo Espírito de Humberto de Campos, que, considerado o maior prosador brasileiro é, por isso, difícil de ser imitado, ainda que de longe, dadas a beleza da linguagem, a suavidade e clareza do seu estilo, as suas características individuais de escritor, a sua erudição extraordinária, fora um dos críticos daquele volume de versos.

É que tudo isso se encontra nas páginas que post-mortem Humberto de Campos escreveu pela mão de Francisco Xavier, o Chico Xavier, ou o Chico simplesmente,

¹⁵¹ Frederico Figner fora diretor da FEB. Ele também, após sua morte, será transformado em autor espiritual, personagem central e narrador da obra *Voltei* (1949), na qual se narra a experiências da vida depois da vida. O texto em prosa apresenta-se, portanto, com uma configuração de narrativa autobiográfica. Para evitarem-se problemas com os direitos autorais, afirma-se que Figner se utilizou do pseudônimo Irmão Jacó.

como lhe chamam os íntimos e como também lhe chamamos nós que nesse número nos incluímos, empolgados pelo seu desinteresse e pela sua humildade, que tão violentamente contrastam com a cobiça e o orgulho que na época atual predominam. (*REFORMADOR*, 1935, 285).

Com o episódio da série do *O Globo*, Chico Xavier ganhou ares de celebridade. Com o estatuto diferenciado adquirido após as reportagens, Xavier transformou-se em “simplesmente Chico” para os íntimos febianos. Não obstante, faz-se questão de salientar a participação da instituição na conquista da popularidade. Primeiramente, com a publicação da editora de seu livro poético *Parnaso de Além-Túmulo*. Em seguida, atribuindo a um de seus diretores – Frederico Fignner - méritos no interesse despertado no grande público pelas crônicas psicografadas com a assinatura de Humberto de Campos, pois este as teria replicado no *Correio da Manhã*.

Além das questões do mérito alheio, não se pode negar o do próprio Xavier. Uma ocorrência ilustra bem o dado que gostaríamos de ressaltar. Vários sujeitos compunham comitiva jornalística ou foram convocados para as análises do fenômeno de Pedro Leopoldo. *O Reformador*, ao final da série de *O Globo*, registrou a opinião do psiquiatra e professor da Universidade de Belo Horizonte, o Dr. Mello Teixeira:

Não se pode negar: estamos diante de um fenômeno lídimo, visto, presenciado (...). Haverá naturalmente, os que acusem esse rapaz de fabricar pastiches. É uma hipótese para o observador distante e superficial, mas não para os que presenciem e se inteirarem como o fizemos hoje, do fenômeno. (...) Sentimo-nos diante de uma força ultra-normal. Dadas a variedade de estilos e cultura e as circunstâncias em que vimos o “médium” grafar os trabalhos e considerada ainda a pouca instrução, sente-se que não há possibilidade de elaboração individual, no caso. (TEIXEIRA apud *REFORMADOR*, 1935, p. 286).

Para Mello Teixeira, a atuação de Xavier em cena representou um forte argumento de convencimento. A psicografia de textos em transe, escritos freneticamente diante do público, parece ter levado o Psiquiatra à convicção de que estava “diante de um fenômeno lídimo”. E esse é justamente um aspecto que nos faltava salientar. Diversos componentes nos possibilitam maior inteligibilidade sobre o êxito alcançado por Chico Xavier ao longo de sua carreira de psicógrafo. A invenção de uma representação de médium acima dos padrões comuns. Também uma complexificação na sua obra do funcionamento da autoralidade compartilhada, com os autores espirituais desempenhando papéis metatextuais, paratextuais e até paraliterários. Seu desempenho como autor-ator, no entanto, foi peça importante no conjunto dos elementos explicativos que nos ajudam a compreender um pouco mais o sucesso editorial de sua literatura mediúnica.

No mais, o trabalho jornalístico de Alencar resultou na projeção de Chico Xavier, com a nacionalização de sua imagem. Até aquele momento, nenhum médium ligado ao seu pequeno movimento religioso havia alcançado uma visibilidade nesta dimensão, principalmente com aspectos positivos sendo ressaltados. Intramuros, Xavier saiu do episódio ainda mais fortalecido, aprofundando-se a sua parceria com círculo Ribeiro-Quintão. Ainda lhe faltava, porém, galgar alguns degraus no sentido de sua consolidação como referência doutrinária.

Em meio à efervescência criada pela crônica psicográfica de Humberto de Campos, veio à luz a segunda edição de *Parnaso*, explicitando uma estratégia editorial possivelmente visando a aproveitar o momento de visibilidade e repercussão na grande mídia do período. No *Reformador* de 16/05/1935, na seção *Casos e Coisas* assinada por Manuel Quintão, anuncia-se finalmente a publicação: “Parnaso de Além-Túmulo vai circular muito breve em segunda edição, melhorada e aumentada de muitos outros poetas, que não figuram na primeira (QUINTÃO, 1935, 229-230)”. O artigo se encerra anunciando uma provável comunicação de Humberto de Campos na composição da segunda edição do livro poético. Seu lançamento explicita bem o tino editorial do binômio Ribeiro-Quintão. Quando a segunda edição foi publicada, cumpria o prometido trazendo em sua nova abertura um texto psicografado do Cronista maranhense. A mensagem foi intitulada *De Pé, os Mortos!*

Pede-me você uma palavra para o introito do “Parnaso de Além-Túmulo”, que aparecerá brevemente em nova edição. (...) Os vivos do Além e os vivos da Terra não podem enxergar as coisas através de prismas idênticos. Imagine se o aparelho visual do homem fosse acomodado, segundo a potencialidade dos raios X: as cidades estariam povoadas de esqueletos, os campos se apresentariam como desertos, o mundo constituiria um conjunto de aspectos inverossímeis e inesperados. Cada esfera da vida está subordinada a certo determinismo, no domínio do conhecimento e da sensação. (XAVIER, 2010, p.37).

Integrava também a obra, além de outros diversos poemas, como já abordamos no capítulo anterior, um novo prefácio de Manuel Quintão. O conteúdo da crônica em si não acrescenta nenhum dado mais significativo, procurando espírito-autor justificar sua mudança de perspectiva por meio da analogia entre a morte e os raios-X. Sua abertura, entretanto, explicita uma informação que permite inferências sobre a prática editorial febianiana. Quintão, no artigo referido do dia 16/05/1935, já havia antecipado a possibilidade de “Humberto de Campos que arguiu, como larva da terra, de menos leal a concorrência dos colegas do além, talvez nos venha dar agora um *avant-faire-droit*, como falena do céu, na segunda edição do Parnaso”. (QUINTÃO, 1935, p. 230). Na crônica, o narrador inicia remetendo a um

interlocutor direto que lhe teria solicitado a escrita do texto. Tudo indica, desta forma, que havia um acerto entre Xavier e a FEB para que o primeiro buscasse psicografar um texto do Literato com a finalidade explicitada. Assim, não só o momento do lançamento da segunda edição, mas também a presença provocada do Cronista maranhense, solicitada pela equipe editorial, demonstra a intencionalidade de aproveitar o bom momento de visibilidade de Xavier e o grande interesse demonstrado pelo público mais amplo nas crônicas do Humberto de Campos morto. O *Reformador* de 01/08/1935 trazia finalmente a propaganda da segunda edição da obra (ANEXO O).

O texto propagandístico afirma categoricamente ser o “livro verdadeiramente único, ate agora, nos anais da bibliografia espírita (*REFORMADOR*, 1935)”. Sem a necessidade da constituição de filiações, desapareceu a referência à obra *Do País da Luz*, psicografada pelo médium português Fernando de Lacerda. Talvez um indício da consolidação das bases de sustentação do Sol Negro, já promovendo um apagamento de seus antecessores. Outro indício revelador do novo estatuto adquirido por Xavier pode ser localizado na forma como a obra foi tratada. Suas poesias seriam “(...) joias mirificas, não só de labor literário, como de aspectos filosóficos inéditos, trabalhadas por inteligências de escol, que nos deixaram, de sua passagem pela terra, traços inapagáveis. É assim que temos neste livro uma das provas mais robustas da identidade pessoal, post mortem (...) (*REFORMADOR*, 1935)”.

O exemplo do senso de oportunidade materializado no lançamento da segunda edição do *Parnaso* permite-nos a reflexão acerca da devida dimensão a ser considerada no caso dos artigos de *O Globo* e adjacências. Um olhar da atualidade, já informado do percurso das décadas posteriores, do que Chico Xavier se tornara, poderia atribuir ao episódio uma força explicativa excessiva, como se exclusivamente pudesse justificar o êxito e popularidade do Medium nos anos que se seguiram. Tal raciocínio ignora o aproveitamento das oportunidades engendradas pela visibilidade instantânea. Neste sentido, Xavier não se encontrava sozinho, recebendo um suporte institucional sistemático da FEB. A série de reportagens de Clementino de Alencar trouxe, sem dúvida, ganhos significativos. Xavier, porém, como fenômeno midiático, poderia ter sido marcado pela fugacidade, se desmanchando na poeira do tempo. Ao contrário, suas opções, suas escolhas, somadas ao apoio febiano, permitiram a perpetuação, a consolidação e o desenvolvimento dos espaços conquistados. Desta forma, desde meados de 1935, a promoção de sua imagem e de sua obra literária passou a compor de forma privilegiada a agenda institucional da Federação, mobilizando uma parte significativa da política editorial febiana. O *Reformador*, cuja autodenominação atualmente é de órgão

oficial de divulgação do Espiritismo no Brasil, representou na época o principal instrumento dessa política, assegurando a circulação dos textos psicografados pelo Medium mineiro. Em nossas análises, realizamos um acompanhamento dos artigos doutrinários publicados na Revista com a assinatura dos seus dois espíritos-autores, escritores de textos em prosa. Vejamos que dados nos revela a tabela a seguir.

QUADRO 5: Textos psicografados por Xavier, com assinatura de Emmanuel e Humberto de Campos publicados no Reformador (1934-1937)

Título	Autor Espiritual	Data de Publicação	Número da Página
Roma e a Humanidade	Emmanuel	16/06/1934	286-28
Uma Glorificação do Evangelho	Emmanuel	01/02/1935	62-63
De Um Casarão de Outro Mundo	Humberto de Campos	01/04/1935	162-163
Carta aos que Ficaram	Humberto de Campos	16/04/1935	176-177
Aos Meus Filhos	Humberto de Campos	01/05/1935	196-197
Na Mansão dos Mortos	Humberto de Campos	16/05/1935	222-223
Oh! Jerusalém!...Jerusalém!	Humberto de Campos	16/09/1935	406-408
Confissão Auricular	Emmanuel	03/10/1935	438-439
Atualidade do Mundo	Emmanuel	01/12/1935	556-557
A Ordem do Mestre	Humberto de Campos	01/01/1936	04-05
Um Séptico	Humberto de Campos	16/01/1936	30-31
A Passagem de Richet	Humberto de Campos	16/02/1936	62-64
Comentário Sobre “No Limiar do Etéreo”	Emmanuel	01/05/1936	145-146
A Casa de Ismael	Humberto de Campos	16/07/1936	253-255
Carta a Maria Lacerda de Moura	Humberto de Campos	16/08/1936	293-294
Pedro, o Apóstolo	Humberto de Campos	01/09/1936	313-314
Aos Sofredores Angustiadados	Emmanuel	16/09/1936	333-335
A Igreja de Roma na América do Sul	Emmanuel	03/10/1936	352-353
A Palavra do Papa	Emmanuel	16/10/1936	406
Educação Evangélica	Emmanuel	01/11/1936	429-430
Sobre os Animais	Emmanuel	16/01/1937	31-33
A Paz e a Verdade	Humberto de Campos	01/02/1937	58-60
Sócrates	Humberto de Campos	16/02/1937	77-79
Escrevendo a Jesus	Humberto de Campos	01/04/1937	142-143
O Elogio do Operário	Humberto de Campos	16/05/1937	205-206
O Problema da Longevidade	Humberto de Campos	01/06/1937	227-228
Aniversário do Brasil	Humberto de Campos	16/06/1937	251-252
Maió	Humberto de Campos	01/07/1937	277-278
A Lenda das Lágrimas	Humberto de Campos	16/07/1937	296-298

Fonte: elaboração própria

O quadro 5 possibilita-nos uma visão panorâmica acerca da produção literária de Xavier veiculada no *Reformador*. De 1934 a 1937 foram 29 textos psicografados. Apenas 01 em 1934; 08 em 35; 11 em 1936; 09 em 1937, neste último, todos concentrados no primeiro semestre do ano. O corte por autor revela uma preponderância de Humberto de Campos. Apesar de Emmanuel ter surgido quase um ano antes, foram 10 mensagens do autor e Guia

espiritual contra 19 do Famoso cronista, o que matematicamente representa praticamente o dobro numérico. Este balanço das mensagens publicadas no *Reformador* demonstra que nestes primeiros anos foi Humberto de Campos o autor espiritual a ocupar uma centralidade da pena psicográfica do Medium. Dentro de uma lógica editorial, esse equilíbrio desproporcional faz muito sentido se levarmos em conta a busca por atender o interesse dos leitores. Crônicas de Campos escritas do além despertavam um índice maior de curiosidade do público em geral, mobilizando mais atenção para a produção literária do Medium mineiro. Hoje, para a maioria dos brasileiros, o literato Humberto de Campos representa uma personalidade desconhecida. A pouca visibilidade que ainda lhe resta advém justamente das crônicas psicografadas. Sua última fronteira é a comunidade de leitores composta pelos espíritas. Na segunda metade da década de 1930, a situação fora diametralmente oposta. A fama e popularidade de Humberto de Campos fizeram a fortuna de Chico Xavier. Sustentaram sua imagem autoral. Possibilitaram uma continuidade de seu projeto literário em bases mais sólidas.

Campos, no entanto, não está sozinho. Há com Emmanuel uma alternância entre os autores espirituais. Eles são parceiros que se complementam. Pelas características textuais dos artigos publicados no *Reformador*, é possível identificar a existência de uma divisão de tarefas com cada espírito-autor, especializando-se pela produção de gêneros literários específicos. Invertendo-se a proposição, tem-se a fórmula: o gênero escolhido servia como elemento de caracterização da identidade de um determinado autor espiritual. Na fase posterior ao recorte cronológico desta tese, quando Chico Xavier estará definitivamente consolidado como a principal referência do Espiritismo nacional, não apenas o gênero literário, mas também o campo temático de interlocução do texto integrarão os mecanismos de definição da personalidade espiritual. Assim Emmanuel será encarregado de escrever mensagens doutrinárias e romances históricos; Humberto de Campos, de produzir crônicas; André Luiz, espírito-autor surgido na década de 1940, assinará uma coleção de romances referenciados nos saberes ditos científicos¹⁵². Para Lewgoy (2000, p. 139), a “própria unanimidade de Chico Xavier está relacionada a uma espécie de polivalência mediúcnica ligada a uma divisão do trabalho dos espíritos-autores que psicografava”.

¹⁵² Foram eles, em ordem cronológica: *Nosso Lar* (1944), *Os Mensageiros* (1944), *Missionários da Luz* (1945), *Obreiros da Vida Eterna* (1946), *No Mundo Maior* (1948), *Libertação* (1949), *Entre o Céu e a Terra* (1954), *Nos Domínios da Mediunidade* (1955), *Ação e Reação* (1957) *Sexo e Destino* (1963) e *E a Vida Continua* (1968).

Não obstante, no período estudado, ainda não estava clara a divisão de tarefas por campo temático. A singularidade, a identificação da identidade do autor espiritual acontecia, *grosso modo*, pela via do gênero literário. Neste momento, o campo de interlocução privilegiado nos artigos foi o religioso. A produção literária como um todo de Xavier estava muito voltada à mobilização de saberes relacionados a este campo de conhecimentos. Não havia, portanto, condições para o estabelecimento de distinções entre os autores espirituais utilizando-se deste critério.

Quanto ao quadro em análise, resta-nos ainda uma observação. Como pode ser verificado, até 1934, o Medium mineiro teve publicações esporádicas na *Revista*. Com o surgimento do complexo heterônimo Emmanuel, com a transformação de Humberto de Campos em autor espiritual, com toda a visibilidade angariada com a repercussão da série jornalística de Clementino de Alencar, Chico Xavier torna-se um colaborador assíduo do *Reformador*, frequentando de forma recorrente suas páginas, porém, na segunda metade de 1937 há um novo silêncio. Desapareceram seus textos em prosa, apesar da manutenção das publicações em versos, como a evocar sua presença para seus leitores. Vários números da *Revista* neste semestre traziam apenas suas poesias psicografadas. Como compreender esses meses sem a publicação de artigos doutrinários psicografados por Xavier? Traremos agora, então, alguns elementos que talvez nos proporcionem inteligibilidades acerca desta retração e do seu ressurgimento em bases qualitativamente diferentes no *Reformador*.

O relatório das atividades da Federação Espírita Brasileira, publicado na edição do dia 16/09/1937, informa que em agosto do ano anterior (1936) havia sido substituído o gerente do *Reformador*. João da Costa Viana assumiu a segunda secretaria, outro cargo da diretoria. Em seu lugar, foi conduzido Antônio Wantuil de Freitas, personagem recém-incorporado aos quadros da instituição (*REFORMADOR*, 1937, p. 397-398). Em assembleia Deliberativa da FEB ocorrida no dia 15/08/1937, ele foi reconduzido ao posto, consolidando sua posição à frente da *Revista*. A nova diretoria foi anunciada em nota, tendo novamente como presidente e vice, o binômio Ribeiro-Quintão (*REFORMADOR*, 1937, p.369). Um olhar do presente sobre o passado não contém apenas riscos, mas também vantagens, dores, mas também delícias. Somos observadores privilegiados, pois, estando posicionados no fluxo temporal quase 80 anos depois dos acontecimentos. Sabemos que Wantuil de Freitas, por meio do desempenho na função de gerente do *Reformador*, conquistará cada vez mais espaços dentro da FEB. Tornar-se-á presidente da instituição em 1943, lá permanecendo até 1970. Será, portanto, o mandato mais longo da História da Federação. Durante 40 anos, período de duração de seu

mandato, Freitas trocou sistematicamente cartas pessoais com Xavier. Eles tornaram-se amigos que gozavam de muita intimidade¹⁵³. Os desdobramentos acerca de sua gestão estão fora do escopo de nossa investigação; mas há um dado que precisamos levar em consideração. Em 1937 iniciou-se um processo de reestruturação da Revista, inclusive sua tiragem passou a ser mensal desde 1938. Nela Chico Xavier ocupará um *locus* até aqui diferenciado. Como dissemos, uma posição qualitativamente diferente. Antes, porém, de analisarmos a inserção de Xavier nesta nova configuração do *Reformador*, precisamos abordar outra eloquente ocorrência. A edição de 16/07/1937 trazia a propaganda do lançamento de *Crônicas de Além-Túmulo* (ANEXO P).

A inserção de uma fotografia do escritor quando vivo, associada ao texto propagandístico, revela uma estratégia editorial para ampliação do efeito de sobrevivência, essencial, como vimos, na constituição da identidade autoral no caso de Campos. Como nos diria Chartier, em suas análises da passagem do manuscrito ao livro impresso, houve neste último um “aumento da presença do autor”, caracterizada pela inserção de seu retrato no corpo da obra (CHARTIER, 2012, p. 57).

Ainda segundo a propaganda, não haveria leitor espírita, estudioso das mensagens do além, que

[...] não haja lido sofregamente as que vêm transmitindo o Espírito do talentoso literato que foi HUMBERTO DE CAMPOS, tendo por instrumento o excelente médium Francisco Candido Xavier, sobejamente conhecido hoje em todo o Brasil, pelo alto valor de sua produção mediúnica. Nenhum, portanto, haverá, sem dúvida, que não deseje possuir a coletânea dessas comunicações ou mensagens, para reler de quando em quando e para as consultar (...). Pois bem, essa coletânea formada por 28 mensagens, a Livraria da Federação publicou, em volume prefaciado pelo próprio Humberto de Campos, de forma elegante e graciosa (...) (*REFORMADOR*, 1937).

Como pode ser observado, o primeiro livro do Medium mineiro tendo como autor espiritual Humberto de Campos que veio à luz com o selo da FEB foi uma decisão da esfera editorial. Tratou-se de uma coletânea de crônicas, em sua maioria, já publicadas no *Reformador*. A obra recebeu o mesmo título do artigo assinado pelo crítico literário Eloy Pontes, outra apropriação dos febianos ao texto do seu detrator. Sua publicação possivelmente veio compor uma das ações integrantes da reestruturação em curso na Federação, com a adoção de medidas para a continuidade de uma política editorial mais agressiva, instaurada desde os primeiros mantados de Guillon Ribeiro. Vale salientar que

¹⁵³ Esse material está preservado e foi integrado ao acervo da biblioteca de obras raras da FEB. Parte dele, com trechos selecionados das cartas, foi publicada na obra *Testemunhos de Chico Xavier* (SCHUBERT, 2010).

aproveitar artigos publicados em jornais para compor coletâneas publicadas em formato de livro de modo algum constituía prática alienígena ao mercado editorial brasileiro do período. Neste caso específico da literatura psicográfica de Xavier, as convergências não são coincidências, mas dispositivos do texto e da edição mobilizados como estratégias de definição da identidade a espiritual. Lembremos, por exemplo, que a maioria dos livros do cronista Humberto de Campos seguiu esta perspectiva, inclusive os publicados por José Olympio.

No prefácio, como disse a propaganda, psicografado por Xavier com a autoria espiritual de Campos, mais efeitos de sobrevivência podem ser verificados. Nele o espírito-autor do cronista maranhense se refere diretamente ao editor paulista: “Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literária a determinada casa editora, obedecendo a dispositivos contratuais, ressaltando-se a minha estima sincera pelo meu grande amigo José Olímpio”. (XAVIER, 1937, p. 04). Também no sentido da continuidade entre as obras literárias (a do próprio escritor e a mediúnica), encerra-se o texto prefacial recomendando aos leitores: “Aguardem com calma o toque de trombetas de Josafá (XAVIER, 1937, p. 04)”. Uma referência ao livro *Vale de Josafá* (1918), uma coletânea de artigos cômicos assinados por Humberto de Campos com o pseudônimo de Conselheiro XX.

Seis meses depois das crônicas de Humberto de Campos, em fevereiro de 1938, chegou a vez de Emmanuel ter o conjunto de suas mensagens doutrinárias formatadas em coletânea para a publicação como livro. Na seção *Livros Novos*, a equipe editorial da Revista anunciava a chegada de *Dissertações Mediúnicas, de Emmanuel*:

A livraria Editora da Federação acaba de publicar várias mensagens do Espírito Emmanuel, que as transmitiu por intermédio de Francisco Candido Xavier, o menino de Pedro Leopoldo. Emmanuel, ao que parece, é o mentor espiritual de Chico Xavier, a cuja promissora faculdade, alimentada por incedível modéstia, devemos os escritos mediúnicos de Humberto de Campos. (...) Temos, agora, pela pena de Chico, outros trabalhos de grandiosas proporções – é o livro das mensagens de Emmanuel que a Livraria da Federação vem editar. (...) Na preciosa coleção de mensagens do Além, de que é autor Emmanuel, há respostas várias que esse Espírito vem dando a diversos consulentes e relativas a pontos doutrinários. Essas respostas merecem ser lidas e meditadas, porque formam um corpo de doutrina, que explica, comenta, amplia e esclarece as noções que já possuímos sobre os magnos problemas da vida, sobre a filosofia da existência, sobre os destinos do ser, sobre a nossa conduta na terra e no espaço. Emmanuel é bem o Espírito tolerante, meigo, suave, cuja exposição, cheia de encanto, doçura e maviosidade, lembra as prédicas daquele que é o seu e o nosso Guia, o Mestre do Bem e da Verdade – Jesus de Nazaré. (REFORMADOR, 1938, p. 50).

Posteriormente esta obra passou a ser denominada apenas de *Emmanuel*, tornando-se *Dissertações Mediúnicas* seu subtítulo. Ao que tudo indica, o livro não teve projeto editorial

pensado previamente neste formato, mas foi composto por uma decisão editorial. Alguns dados neste fragmento são significativos. Mesmo tratando-se de uma produção psicografada por Xavier com a assinatura do seu guia espiritual, há uma referência gratuita a Humberto de Campos, o que nos remete a uma permanência de sua importância como elemento catalizador da atenção e do interesse dos leitores. Emmanuel aparece representado como um “*Espírito tolerante, meigo, suave*”, cuja exposição é cheia de encanto e doçura. Ainda carecem estudos históricos para responder com propriedade quando a representação deste personagem adquiriu as feições da austeridade e disciplina. Possivelmente esta reconfiguração, com a mutação do perfil de personalidade do que veio a ser o principal heterônimo de Xavier, trata-se de um fenômeno mais recente do que se imagina. Possivelmente tenha ocorrido no período próximo ao da instauração da ditadura civil-militar de 1964, mas a confirmação dessa hipótese exige esforço de investigação que transpõe o escopo desta pesquisa, solicitando a delimitação de um objeto de investigação que permitisse um corte transversal para acompanhar os discursos sobre este autor espiritual durante algumas décadas do século XX. Não obstante, o componente identificado neste trecho mais relevante ao nosso interesse imediato foi a menção às respostas de Emmanuel sobre pontos doutrinários. Segundo o *Reformador*, por intermédio delas, o autor espiritual “explica, comenta, amplia e esclarece as noções”, formando um “corpo de doutrina”. Esse é um dado muito eloquente porque se tratava de um reconhecimento público, no principal órgão de divulgação do Espiritismo nacional, legitimando a posição de Chico Xavier como fonte de enunciação de novas verdades doutrinárias. É um indício do endosso dado pela FEB para iniciar-se por meio da produção literária do Medium mineiro uma reconfiguração da Doutrina Espírita no Brasil.

Existiram ainda outros indícios do endosso institucional febianos para esse estatuto epistemológico diferenciado que Xavier alcançara desde então. Após os meses sem publicar textos em prosa na Revista, a edição do *Reformador* no mês de lançamento de *Dissertações Mediúnicas* (02/1938) trouxe pela primeira vez uma mensagem de Emmanuel como matéria de abertura. Intitulada de *Nas Inquietações dos Tempos Modernos* (REFORMADOR, 1938, p. 33-34), fazia uma reflexão sobre o papel dos espíritas naquele momento de escalada dos antagonismos no mundo. No mês seguinte, o artigo que abriu a Revista, cujo título era *Sublinhando Conceitos Sábios* (REFORMADOR, 1938, p. 65-66), trazia citações do pensamento de Emmanuel para referendar sua posição, utilizando o texto psicografado por Xavier como argumento de autoridade na defesa de seu ponto de vista. Para o autor e guia do Medium, criou-se uma seção específica no *Reformador*, chamada de *Mensagem de*

Emmanuel. Esses, porém, são apenas alguns exemplos ilustrativos do que parece representar uma intensificação do investimento da política editorial febiana na produção literária de Chico Xavier.

Vemos assim que, de 1938 em diante, o Medium mineiro alcançaria o estatuto de importante referência doutrinária, aproximando-se da dimensão de um autor-actor (MAINGUENEAU, 2010, p. 30). Mediante a parceria com a equipe editorial febiana, agora composta também por Wantuil de Freitas, seriam produzidas obras em prosa pensadas especificamente para o formato de livro. *Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho* (1938), bem como *A Caminho da Luz* (1938), foram textos encarregados de posicionar a Federação Espirita Brasileira na História, engendrando para a instituição um *locus* privilegiado nos destinos humanos. Na sequência, viria *Há Dois Mil Anos* (1940), romance histórico sobre a vida de Emmanuel psicografado em 1938 e 1939, mas apenas publicado em 1940.

Este “amadurecimento” da literatura de Xavier não se deu no vácuo. Foi fruto de um investimento pessoal e coletivo. No percurso, em que evidentemente o Medium desempenhou o papel de personagem central da trama, foram estabelecidas parcerias essenciais para a compreensão de seu sucesso editorial. Como entender seu êxito sem a intensa troca de serviços com as lideranças da FEB? A essa altura, já estavam consolidados os dispositivos que possibilitariam sua longa carreira, seu prolongado fôlego para a escrita de um quantitativo relevante de livros psicografados. Sua produção literária iria adquirir uma força paradigmática. No projeto editorial febiano fundira-se definitivamente a imagem autoral de Francisco Candido Xavier. O jovem e desconhecido medium do rincão mineiro não mais existia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um General na Biblioteca. Foi assim que Ítalo Calvino nomeou seu conto acerca da aventura de Fedina, militar de alta patente escalado para uma árdua missão em meio a um enorme acervo de objetos considerados perigosos: os livros. Segundo Calvino (2010),

Na Panduria, nação ilustre, uma suspeita insinuou-se um dia nas mentes dos oficiais superiores: a de que os livros contivessem opiniões contrárias ao prestígio militar. De fato, a partir de processos e investigações, percebeu-se que esse hábito, agora tão difundido, de considerar os generais como gente que também pode se enganar e organizar desastres, e as guerras como algo às vezes diferente das radiosas cavalgadas para destinos gloriosos, era partilhado por grande quantidade de livros modernos e antigos, pandurianos e estrangeiros (P.67).

O general Fedina, “oficial severo e escrupuloso”, indicado para liderar a comissão encarregada de examinar a maior biblioteca de sua pátria, estabeleceu uma sistemática de trabalho baseada na rígida hierarquia militar, organizando uma divisão de tarefas em que aos seus subordinados caberiam as leituras e a ele a definição da aprovação ou reprovação das obras.

Os neoleitores, como era de se esperar, entram em um turbilhão de novas ideias. Certa feita, Fedina questiona um de seus subordinados: “Mas como é que você deixou passar este romance? Aqui a tropa se sai melhor do que os oficiais! É um autor que não respeita a ordem hierárquica”. (CALVINO, 2010, p.70). Seu tenente responde à indagação “citando outros autores, e embrenhando-se em raciocínios históricos, filosóficos e econômicos”. (IDEM, p.70).

No conto, Calvino narra a ressignificação das representações mediante a imersão do grupo militar no universo das letras. Nele o autor tratou da força transformadora dos livros, dando ênfase sutil ao poder dos romances. Ante a miríade de descobertas há uma reinvenção das relações, do estar no mundo. Ao final,

[...] o espírito de Fedina e seus homens se debatia entre sentimentos opostos: por um lado, estavam descobrindo a todo instante novas curiosidades a serem satisfeitas, estavam tomando gosto por aquelas leituras e aqueles estudos como nunca antes teriam imaginado; por outro, não viam a hora de voltar para junto das pessoas, de retomar contatos com a vida, que agora lhes parecia muito mais complexa, quase renovada aos olhos deles(...) (CALVINO, 2010, p.71).

Esta foi uma investigação que partilhou de algumas prerrogativas do conto de Calvino. De forma semelhante ao *General na Biblioteca*, nossa pesquisa refletiu sobre a força de uma literatura, acerca do poder dos livros e das leituras como elementos criadores. Fedina encontrou no conhecimento a abertura de uma porta cujo caminho levava ao infinito. A fome incontrolável, o desejo por satisfazer sempre novas curiosidades engendrara um recém-adquirido amor ao saber. Não nos parece, no entanto, terem sido exclusivamente as informações, as categorias, conceitos e noções aprendidos o alimento espiritual de sua alma. Seu fulcro pode ser localizado muito mais nas indagações sugeridas, na percepção dos mais diferentes problemas nunca imaginados. Quiçá a maior relevância de uma pesquisa não esteja nas respostas encontradas, mas nas perguntas que lança adiante. Talvez sua melhor contribuição não esteja nas possíveis inteligibilidades produzidas, mas nas inquietações suscitadas. Dentro desta compreensão, optamos, nas *Considerações Finais*, por efetivar um movimento de abertura, não de fechamento. A intencionalidade manifesta foi a de abrimos o leque e não fechá-lo.

No capítulo 02 desenvolvemos um ensaio sobre a invenção da literatura espírita no Brasil. Nele, nosso exercício foi muito mais dialogarmos com outras investigações que tomaram o Espiritismo brasileiro como objeto de estudo. Sua originalidade está localizada justamente em fazer dialogar, em promover o diálogo com diversos dados de diferentes trabalhos. Neste corte epistemológico, o novo se anunciou fazendo perceber a invenção de um paradigma lítero-religioso, engendrado na confluência de fatores que produziu a formação de uma matriz febianiana, criada na contextura das disputas intestinas entre espíritas religiosos e científicos, bem como nos enfrentamentos com diferentes interlocutores em tempos de criminalização do Espiritismo pelo primeiro Código Penal republicano. Como procuramos discutir, desde o final do século XIX, a Doutrina Espírita havia se tornado no Brasil uma religião que produzia suas verdades doutrinárias por meio da literatura.

Não obstante, existem muitos aspectos ainda por serem explorados em pesquisas futuras. Aqui elencaremos apenas alguns deles. Por exemplo, as nuances do primeiro projeto editorial da FEB precisam ser mais bem compreendidas. Faltam esclarecimentos sobre a relevância na sua formulação da função desempenhada por Bittencourt Sampaio. Quais as contribuições das suas experiências como editor da Garnier e diretor da Biblioteca Nacional? Outra questão a ser aprofundada são as apropriações realizadas pelas leituras de Bezerra de Menezes. Há nelas um movimento inventivo a ser analisado, com um papel preponderante para a criação de uma configuração brasileira do Espiritismo. Ainda permanece inexplorada a

vasta escrita considerada “filosófica”, dos seus artigos doutrinários publicados no *Reformador* e na imprensa laica da Capital. Em especial seus romances, escritos em sua maioria para o formato de folhetim, podem representar uma fonte importante para pesquisas históricas sobre a invenção de uma literatura espiritista nacional. Vale salientar que, até o momento, as investigações realizadas levaram em conta apenas obras suas publicadas postumamente, 20 anos ou mais após seu falecimento. Ao contrário, ainda não se explorou seus os artigos doutrinários e os romances espíritas, publicados em formato de folhetim nos jornais de grande circulação da época ou na revista *Reformador*, foram escritos em interlocução direta com seu público leitor.

O desafio do capítulo 03 localizava-se em procurar desvelar a riqueza e diversidade da literatura espírita nacional no período de chegada de Xavier à cena literária espiritista. As análises revelaram um segundo projeto editorial febiano em movimento. Lideravam os quadros sitiados na Federação Espírita Brasileira dois personagens centrais da trama: Manuel Quintão e Guillon Ribeiro. Detectou-se todo um trabalho coletivo, envolvendo diferentes sujeitos das esferas do texto, da edição e da editoração. Um labor das ideias e das oficinas tipográficas foi mobiliado para a publicação de um catálogo, com vários títulos lançados no período estudado. Muitas obras foram traduzidas por meio da garimpagem à produção literária espiritualista internacional, realizada pela dupla Ribeiro-Quintão. De forma semelhante, houve uma política da instituição de incentivo à produção literária espírita nacional, com livros de autores locais sendo publicados pela própria editora ou recebendo apoio doutrinário por meio de seu órgão de divulgação oficial – a revista *Reformador*. Este capítulo permitiu assim a compreensão de que Xavier surgiu no bojo de um processo no qual se procurava intensificar a produção literária espírita no Brasil. Esta busca representou a principal aposta da FEB para fazer frente aos seus interlocutores, internos e externos ao movimento espírita organizado. Dentre estes últimos, a Igreja Católica figurou como o mais destacado agente do campo religioso a solicitar uma contraposição. As análises indicaram assim uma marca anticatólica em parte significativa dos títulos do catálogo febiano, representando uma característica da produção literária espiritista do percurso de formação inicial do Jovem medium mineiro. Esta configuração pôde ser encontrada nos livros em geral, mas também nos romances espíritas da listagem. Especificamente quanto a este gênero literário, reservamos maior fôlego e energia para tratar da diversidade tipológica dos regimes de autorialidade encontrados. Identificamos desde estruturas convencionais, com apropriações

de técnicas de denegação autorais advindas do campo literário, até obras contando com uma interautoria definida.

Este sobrevoo na literatura espírita do período da chegada de Xavier permitiu, enfim, detectarmos indícios de bases culturais para sua escrita psicográfica. Muitas entradas possíveis, entretanto, ficaram inexploradas. Por exemplo, uma possível abordagem quantitativa, focando-se os preços praticados pela editora da FEB, inclusive nos períodos de retração do mercado editorial. Análises nesta formatação poderiam revelar se houve, atrelada ao projeto editorial de fomento à produção literária espírita no Brasil, uma política de preços visando a promover uma massificação desta literatura doutrinária. Esta é uma hipótese plausível a ser verificada mediante um cotejamento entre os dados dos balancetes da FEB, “publicizados” anualmente na revista *Reformador*, em comparação com o volume de vendagem e preços praticados por outras editoras, principalmente as que dominavam o mercado editorial brasileiro na ocasião.

O capítulo 04 focou na invenção da representação autoral de Chico Xavier. No um primeiro momento, analisamos a sua escrita de si. Puderam ser identificadas nos textos prefaciais assinados pelo Medium estratégias de sedução e convencimento, com o uso de um amplo espectro de dispositivos textuais voltados à denegação autoral, procedimentos já partes do campo literário, sendo também utilizados por romancistas brasileiros desde o século XIX. Neste capítulo, um segundo movimento analítico foi desenvolvido enfocando a invenção da imagem autoral do Jovem medium de Minas Gerais por meio da recepção de sua obra, do que dele disseram a primeira geração de seus leitores. Pudemos compreender seu surgimento na cena literária espiritista integrando um projeto coletivo elaborado e capitaneado por lideranças da Federação Espírita Brasileira. Nessa invenção coletiva de sua imagem de autor empírico, tempo e energia foram solicitados. Em especial, Manuel Quintão parece ter investido seu capital político e prestígio literário para dar suporte à recepção de *Parnaso de Além-Túmulo*, obra psicografada por um desconhecido médium. As análises revelaram, então, que o núcleo editorial febianco, ante as críticas que procuravam desqualificar o livro de poesias escritas mediunicamente, promoveu transformações na imagem autoral de Xavier visando a intensificar a denegação autoral para sustentar a autenticidade espiritual dos poemas. Assim, foram se diluindo os vestígios de suas qualificações intelectuais. Concomitantemente, potencializaram-se suas qualidades mediúnicas. Atrelada a estas, se passou a ressaltar seu comportamento virtuoso, conferindo-lhe uma representação de medium acima da média.

Nesta destacada posição, Chico Xavier inseriu elementos diferentes na matriz literária vigente no Espiritismo febiano de seu tempo.

Este novo representado por Xavier pôde ser encontrado no percurso de invenção da imagem de seus autores espirituais. Buscamos, desta forma, analisar no capítulo 05, os procedimentos literários e editoriais mobilizados na constituição dos espíritos-autores que dominaram o cenário da literatura espírita na segunda metade dos anos 30 do século XX. No que tange a este ponto, a investigação permitiu compreender duas estratégias de criação dos autores espirituais. Para Emmanuel, foram utilizados dispositivos textuais semelhantes aos da invenção de heterônimos. Não obstante, o sucesso editorial do personagem pode ser diretamente relacionado ao seu transbordamento com atuações em funções paratextuais e principalmente paraliterárias. As análises indicaram que este exercício de transbordamento estava fundamentado na fusão entre as representações de Emmanuel tanto como autor espiritual, quanto como guia do médium. Esta posição permitirá ao personagem desempenhar múltiplas atividades, ampliando-se significativamente as possibilidades de ação do próprio Xavier.

No caso peculiar de Humberto de Campos, houve a apropriação de um já consagrado personagem literário para transformá-lo em um espírito-autor. As análises revelaram a busca por estabelecer uma continuidade entre a produção literária convencional do Cronista maranhense e a psicografada por Xavier. Neste sentido, encontramos nas crônicas mediúnicas uma utilização de procedimentos literários que visavam a drenar a imagem autoral do literato para o texto psicografado. Estas apostas representaram estratégias bem-sucedidas, permitindo a Chico Xavier maior atuação como autor-ator na cena literária espiritista e também no cenário da grande imprensa nacional.

Durante o percurso epistemológico da investigação, tangenciamos outros possíveis objetos de estudo. Outras possibilidades de pesquisas nos figuram como flancos abertos convidando-nos para trilhar novos caminhos. Neste momento, a opção foi a de “publicizarmos” alguns deles. Não tivemos acesso a materiais produzidos por grupos dissidentes ou vozes que divergiram da linha adotada pela FEB para o trato com o Jovem médium mineiro. Estas entraram nas análises mediante os contra-argumentos elaborados pelos febianos, publicados nas páginas da revista *Reformador*. Uma análise importante poderia ser realizada por via da imersão sobre a recepção inicial da obra de Xavier por estes grupos, para captá-las antes do estabelecimento de uma leitura canônica costurada pela Federação Espírita Brasileira. De forma semelhante, os olhares de outros interlocutores acerca do fenômeno

Xavier no período de sua chegada à cena literária espiritista podem ser trazidos à baila. Por exemplo, o que disseram sobre a literatura psicografada pelo Medium de Minas Gerais os médicos, pastores, cientistas sociais?

Ultrapassando nosso recorte cronológico, chama-nos especialmente atenção a coleção de romances psicografados por Chico Xavier assinados com o codinome de André Luiz. Surgida em meados dos anos de 1940, com o lançamento de *Nosso Lar* (1944), terá seu encerramento apenas no final da década de 1960, mediante a publicação de *E A Vida Continua* (1968). As suas características textuais e literárias – os romances trazem narrativas concebidas como relatos de experiência da vida cotidiana, descrevendo intensas relações do mundo dos mortos com a dimensão dos vivos – permitem o estabelecimento de diálogos com sujeitos de campos diversos. Suas descrições ganham força de prescrição às práticas vivenciadas nos centros espíritas brasileiros durante o século XX, pois trazem quadros com ocorrências consideradas modelares ou procedimentos avaliados como incorretos. Seria interessante um estudo voltado a desvelar a invenção deste personagem-autor, promovendo inteligibilidade acerca da sua centralidade na produção literária de Xavier por mais de duas décadas.

O anúncio dessas possibilidades de pesquisa representa tanto a “publicização” de uma agenda para futuras investigações, quanto um convite para que outros pesquisadores se integrem na empreitada. No que se refere ao nosso atual objeto de estudo, neste espaço dedicado a sua finalização, resta-nos ainda a última reflexão. Mais uma vez, recorreremos à pena de Ítalo Calvino. Seu conto *O Visconde Partido ao Meio* (2002) narra a história de Melardo di Terralba. O nobre teria ido aos campos de batalha das planícies da Boêmia para integrar-se ao exército cristão na guerra contra os turcos. Na frente, fora atingido por uma bala de canhão. Como resultado, o Visconde ficara

[...] terrivelmente mutilado. Faltava-lhe um braço e uma perna, e não só, tudo o que havia de tórax e abdômen entre aquele braço e aquela perna fora arrancado, pulverizado pelo canhão recebido em cheio. Da cabeça sobravam um olho, uma orelha, uma bochecha, meio nariz, meia boca, meio queixo e meia testa: da outra metade só restava um mingau. Em suma, salvara-se apenas a metade, a parte direita, que, aliás, se conservara perfeitamente, sem nem sequer um arranhão, excluindo aquela enorme rasgadura que a separara da parte esquerda esvaçada. (CALVINO, 2002, p. 20).

Foi assim que Melardo seguira de volta para sua terra natal: “(...) vivo e partido ao meio”. Mas logo seus súditos perceberam no Visconde um fenômeno ainda mais terrificante. Da guerra apenas havia retornado sua parte má. Sua metade direita era a encarnação clássica

da maldade. Suas atitudes demonstravam um mal incondicional. Seu governo impusera assim grande sofrimento à população.

Meses depois, um alento invadiu os corações de Terralba. Das planícies da Boêmia, volvera a metade perdida do Visconde. Seu lado esquerdo manifestava um bem incomensurável. Gestos de bondade infinita caracterizavam seu comportamento. Logo, porém, as pessoas perceberam que fora um equívoco nutrir esperanças, pois suas ações sempre resultavam em mais sofrimentos. O próprio Melardo, em sua porção exclusivamente boa, explicitou inquietações neste sentido, chegando a refletir no fato de que a infelicidade alheia a qual pretendia socorrer talvez estivesse sendo alimentada pela sua presença (CALVINO, 2002, p 87). Também Nietzsche afirmara que “Em torno do herói tudo se torna tragédia (2006, p. 96)”. Desta forma, transcorriam os dias em Terralba, com os súditos sentindo-se “como perdidos entre maldades e virtudes igualmente desumanas”. (CALVINO, 2002, p 87).

Esta pesquisa procurou contribuir com a desconstrução de uma representação mitificada acerca da figura de Francisco Candido Xavier. Este estudo nos possibilitou o entendimento de que ele não fora o criador da literatura espírita no Brasil, operando sim dentro de uma matriz literária engendrada no percurso de configuração do Espiritismo brasileiro. Também uma aproximação da cena literária do período de sua formação inicial como medium espiritista permitiu alguma inteligibilidade acerca das raízes de sua escrita psicográfica, dos processos de apropriações, migrações e interlocuções estabelecidos pela sua produção literária. As análises propriamente ditas sobre a invenção coletiva de sua imagem autoral, intrinsecamente atrelada a de seus espíritos-autores, demonstram o quanto de histórico pode ser encontrado no exercício de atribuir-lhe uma conduta cristã modelar somada a potenciais mediúnicos extraordinários. A investigação coloca em xeque esta criação, permitindo a compreensão de que uma representação mitificada, muito presente na contemporaneidade, nega sua condição humana, transformando Xavier na parte boa de Melardo, no lado esquerdo do Visconde. Norteou esta pesquisa, o desejo, a todo tempo implícito e intenso, de recompor um pouco de sua humanidade perdida, de devolver-lhe alguma porção de sua incompletude.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcia. Letras, Belas-Letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink(org.). **História da Literatura: o discurso fundador**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2003.
- ABREU, Marcia. **Os caminhos dos livros**. 2. ed. Campinas-São Paulo: Mercado de Letras, 2012.
- ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. **Uma fábrica de loucos: psiquiatria x espiritismo**. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. **Religião em confronto: o espiritismo em três rios (1922-1939)**. Campinas: UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 2000.
- AMORIM, Pedro Paulo. Muito Além da Unidade: a cisão no movimento espírita. In: Isaias, Artur Cesar e Manuel, Ivan Aparecido (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: História e Ciências Sociais**. São Paulo: UNESP, 2012.
- A EPOPEIA de Gilgamesh. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião? : a doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. São Paulo: Alameda, 2010.
- ARRIBAS, Célia da Graça. Espíritas e Católicos: os “adversários cúmplices” na formação do campo religioso brasileiro. **Revista Debates do NER**, Porto Alegre, Ano 10, n. 15, p. 13-38, 2009.
- AUBRÉE, Marion e LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BURKE, Peter. Culturas da Tradução nos Primórdios da Europa Moderna. In: **A tradução cultural nos primórdios da europa moderna**. São Paulo: UNESP, 2009.
- CALVINO, Ítalo. **Um general na biblioteca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CALVINO, Ítalo. **O visconde partido ao meio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CAVALCANTE, Marianne e MARCUSCHI, Beth. Atividades de escrita em livros didáticos de língua portuguesa: perspectivas convergentes e divergentes. In: VAL, Maria da Graça Costa e MARCUSCHI, Beth. **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e Cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: 1991.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: Editora da UNB, 1999..

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

_____. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGC, 2002.

_____. **Formas e sentidos – cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

_____. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. São Paulo: UNESP, 2007

_____. **Origens culturais da revolução francesa**. São Paulo: UNESP, 2009a.

_____. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2009b.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009c.

_____. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2012.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: Literatura popular e pornografia no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERNANDES, Magali oliveira. **Chico Xavier**: um herói brasileiro no universo da edição popular. São Paulo: Annablume, 2008.

FERNANDES, Magali oliveira. **Vozes do céu**: os primeiros momentos do impresso Kardecista no Brasil. Salvador: Intercom, 2002.

FERREIRA, Geresa Pires. **O livro de São Cipriano**: uma legenda de massas. São Paulo: Perspectivas, 1992.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4. ed. Lisboa: Passagens, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

GIL, Marcelo Freitas. A Inserção do Espiritismo no Universo Cultural Europeu: uma análise panorâmica. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá (PR), Ano 2, n. 6, p-187-221, 2010.

GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1997, v. 40, n. 2, p. 31-82.

GIUMBELLI, Emerson. O baixo espiritismo e a história dos cultos mediúnicos. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 9, n.19, p. 247-281, 2003.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história de condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GODOY, Paulo. **Grandes vultos do Espiritismo**. São Paulo: FEESP, 1981.

GODOY, Paulo e LUCENA, Antônio de Souza. **Personagens do espiritismo**: do Brasil e de outras terras. São Paulo: FEESP, 1982.

GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira**: a visão da espionagem. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ISAIAS, Artur Cesar e MANOEL, Ivan Aparecido. **Espiritismo e religiões afro-brasileiras**: História e Ciências Sociais. São Paulo: UNESP, 2011.

ISAIAS, Artur Cesar. Hierarquia Católica e Religiões Mediúnicas no Brasil da Primeira Metade do Século XX. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 30, p. 67-80, out. 2001.

JANOTTI, Maria de Lurdes Mônico e LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **Espiritismo progressista: o pensamento e ação de Rino Curti**. São Paulo: CONEX, 2005.

JOLY, Maurice. **Diálogo no inferno entre Maquiavel e Montesquieu**. São Paulo: UNESP, 2009.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto auto-biográfico de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 44, n. 01, p. 53-116, 2001.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

LEWGOY, Bernardo. O Livro Religioso no Brasil Recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. **Revista Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, Ano 6, n.06, p. 51-69, 2004.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. São Paulo: USP, Tese de doutoramento, 2000.

LIGNANI, Ângela Maria de Oliveira. Inscrições Discursivas: a Escrita de Chico Xavier. **Revista Em Tese**. Belo Horizonte, v. 5, p. 121-129, dez. 2002.

MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis**. 2ª edição. Niterói/RJ: Lachâtre, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MALANGA, Eugênio. **Publicidade: uma introdução**. Atlas, São Paulo, 1979.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Espiritismo e política: o compasso dos espíritas com a conjuntura dos anos 1930-1940. **Revista Debates do NER**, Porto Alegre, Ano 10, n. 15, p. 39-70, 2009.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Espiritismo *fin de siècle*: a inserção do espiritismo no Rio Grande do Sul (1896-1898). **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá (PR), Ano 11, n. 04, p. 145-184, 2009.

MORAIS, Christianni Cardoso. Posse e Circulação de Romances: a novela *Eduardo e Lucinda*, ou *A Portuguesa Infidel* na Vila Oitocentista de São João Del Rei. In: ABREU, Márcia. **Trajatórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes de. **Livres, porém perseguidos:** o cotidiano das relações entre espíritas e a polícia na cidade do Rio de Janeiro. 2010. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes de. **Imprensa espírita na cidade do Rio de Janeiro: propaganda, doutrina e jornalismo.** 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil:** o presente no passado. Rio de Janeiro: FIOCRU, 2001.

PORTO, Ana Gomes. Literatura e Sociedade: Produção, circulação e recepção. In Ramos, Alcides Freire; Costa, Cléria Botelho e Patrióta, Rosangela. **Temas de história cultural.** São Paulo: Hucitec, 2012.

RAMOS, Clóvis. **50 anos de parnaso.** Rio de Janeiro: FEB, 1981.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto:** o museu no ensino de História. Chapecó: ARGOS, 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel passado:** cartas entre os devotos e o Padre Cícero. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula:** o Ceará na escrita da história. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Passado Sedutor: A História do Ceará entre o fato e a fábula. In RIOS, Kênia Sousa e FURTADO FILHO, João Ernani (orgs). **Em tempo:** história, memória e Educação. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

REIS, José Carlos. **História:** entre a filosofia e a ciência. São Paulo: Ática, 1996.

ROCHA, Alexandre Caroli. **A poesia transcendente de parnaso de além-túmulo.** 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ROCHA, Alexandre Caroli. **O Caso Humberto de Campos:** autoria literária e mediunidade. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RYBACK, W. Timothy. **A biblioteca esquecida de Hitler:** os livros que moldaram a vida do Führer. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica:** teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

SALES, Germana Maria Araújo. **Palavra e sedução:** uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881). 2003. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso:** a representação humorística na história brasileira, da belle époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- SAUSSE, Henri. **Biografia de Allan Kardec**. Rio de Janeiro: FEB, 2012.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Porto Alegre: L & PM Pocket, 2013.
- SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938-1949)**. Londrina: EDUEL, 2005.
- SILVA, Fábio Luiz da. **Céu, inferno e purgatório: representações espíritas do além**. (Tese de Doutorado). Doutorado em História. Assis: UNESP, 2007.
- SILVA, Raquel Marta da. Representações da Mineiridade na Vida e na Obra de Francisco Cândido Xavier. In: ISAIAS, Artur Cesar e MANOEL, Ivan Aparecido. **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: História e Ciências Sociais**. São Paulo: UNESP, 2011.
- SOARES, Maria Angélica Lau P. A prosa de ficção britânica no gabinete de leitura (1837-1838). In ABREU, Márcia. **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.
- SOARES, Sylvio Brito. **Vida e obra de Bezerra de Menezes**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.
- SOARES, Sylvio Brito. **Grandes vultos da humanidade e do espiritismo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.
- SOUTO MAIOR, Marcel. **As vidas de Chico Xavier**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2010.
- SOUZA, Maria das Graças de. Apresentação. In JOLY, Maurice. **Diálogo no inferno entre Maquiavel e Montesquieu**. São Paulo: UNESP, 2009.
- SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. “Sahiram à Luz”: livros em prosa de ficção publicados pela imprensa régia do Rio de Janeiro. In: ABREU, Márcia. **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.
- STOKER, Bram. **Drácula**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- STOLL, Sandra Jacqueline. Dos mortos e sua volta: biografia e família na literatura espírita. **Revista Debates do NER**, Porto Alegre, Ano 10, n. 15, p. 151-174, 2009.
- STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Edusp, 2003.
- STOLL, Sandra Jacqueline. Narrativas Biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, p. 181-199, 2004.
- STOLL, Sandra Jacqueline. Religião, ciência ou auto-ajuda?: trajetos do espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 361-402, 2002.

TIMPONI, Miguel. **A psicografia ante os tribunais: (O caso de Humberto de Campos)**. 6. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999.

VENANCIO, Giselle Martins. A Utopia do Diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada. In: CASTRO GOMES, Ângela e SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou Cristão: (312-394)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WANTUIL, Zêus e THIERSEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

WANTUIL, Zêus. **Grandes espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. A Magia Espírita. In: ISAIAS, Artur Cesar e MANOEL, Ivan Aparecido. **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: UNESP, 2011.

FONTES

Livros

ALENCAR, José de. **Senhora** São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

ANGEL, Aguarod. **Grandes e pequenos problemas**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

ARÃO, Manuel. **O Claustro**. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1921.

ARTAZÚ, Daniel Suarez. **Marieta**: páginas de duas existências. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1934.

BODIER, Paul. **A granja do silêncio**. Rio de Janeiro: FEB, 1933.

BOURDIN, Antoinette. **Entre dois mundos**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

BOURDIN, Antoinette. **Memórias da loucura**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

CARVALHO, Antônio Cesar Perri de e MELO, Oceano Vieira de (orgs.). **Depoimentos sobre Chico Xavier**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

COLAVIDA, J. F. **O inferno ou a barqueira do Júcar**. Rio de Janeiro: FEB, 1932.

COLAVIDA, J. F. **O inferno ou a barqueira do Júcar**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

DENIS, Léon. **O porquê da vida**. Rio de Janeiro: CELD, 2007.

DENIS, Léon. **O grande enigma**. 2. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

DENIS, Léon. **Cristianismo e espiritismo**. 13. ed. Brasília: FEB, 2013.

DELANNE, Gabriel. In BODIER, Paul. **A granja do silêncio**. Rio de Janeiro: FEB, 1933.

DICKENS, Charles e JAMES, Thomas. **O mistério de Edwin Drood**. Niterói, RJ: Lachâtre, 2001.

FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA. **Orientação ao centro espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA. **O livro espírita na FEB**: catálogo geral. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

FLAMMARION, Camille. **Estela**. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

GAMA, Ramiro. **Lindos casos de Chico Xavier**. 21. ed. São Paulo: Lake, 2010.

GAMA, Zilda. **Redenção**. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

- GUILLON, Ribeiro. **Jesus, nem Deus nem homem**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- JAMES, Thomas. Prefácio do Médiun. In DICKENS, Charles e JAMES, Thomas. **O mistério de Edwin Drood**. Niterói, RJ: Lachâtre, 2001.
- KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. São Paulo: IDE, 1996.
- KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. São Paulo: IDE, 2008.
- KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. São Paulo: IDE, 2009.
- KARDEC, Allan. **Instruções práticas sobre as manifestações espíritas**. São Paulo: O Clarim, 1978.
- KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns, ou, guia dos médiuns e evocadores: espiritismo experimental**. Rio de Janeiro: FEB, 2011.
- KARDEC, Allan. **O céu e o inferno: ou a justiça divina segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2013.
- KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2005.
- KARDEC, Allan. **Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos**. Rio de Janeiro, 2011.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **O espiritismo no Brasil: orientação para os católicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1960.
- KRIJANOWSKY, W. **A vingança do judeu**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1938.
- KRIJANOWSKY, W. **Herculanum**. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1940.
- LACERDA, Fernando de. **Do país da luz**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- LANZA, Celestina Arruda. **O beijo da morta**. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1935.
- LIMA, Antônio. **A caminho do abismo**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- LIMA, Antônio. **A estrada de Damasco**. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1985.
- MACHADO, Leopoldo. **A caravana da fraternidade**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.
- MENEZES, Bezerra de. **A loucura sob um novo prisma: estudo psíquico-fisiológico**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.
- MENEZES, Bezerra de. **A pérola negra**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.
- MENEZES, Bezerra de. **Evangelho do futuro**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.
- MENEZES, Bezerra de. **História de um sonho**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

MENEZES, Bezerra de. **Uma carta de Bezerra de Menezes**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.

MENEZES, Bezerra de. **Bezerra de Menezes: ontem e hoje**. 4. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.

MENEZES, Bezerra de. **Bezerra de Menezes, o abolicionista do Império**: a escravidão no Brasil e as medidas que convém tomar para extingui-las sem danos para nação. 2º edição. Rio de Janeiro: Lorenz, 2011.

PELLICER, José Amigo e. **Roma e o evangelho**. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1920.

QUINTÃO, Manuel. **O Cristo de Deus**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

QUINTÃO, Manuel. Prefácio. In: BOURDIN, Antoinette. **Memórias da loucura**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

SCHUBERT, Suely Caldas. **Testemunhos de Chico Xavier**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

SILVA JUNIOR. Frederico Pereira da. **Jesus perante a cristandade**. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

SOLER, Amália Domingues. **Fragmentos das memórias do Padre Germano**. Rio de Janeiro: FEB, 1923.

SURINACH, José. **Lídia**. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, Francisco Cândido. **O primeiro livro**. Pedro Leopoldo, MG: Casa de Chico Xavier, 2010.

XAVIER, Francisco Cândido. **Cartas de uma morta**. 15. ed. São Paulo: Lake, 2011.

XAVIER, Francisco Cândido. **Parnaso de além-túmulo**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

XAVIER, Francisco Cândido. **Parnaso de além-túmulo**. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

XAVIER, Francisco Cândido. **Paulo e Estevão**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

XAVIER, Francisco Cândido. **Há dois mil anos**. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

XAVIER, Francisco Cândido. **Nosso lar**. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1947.

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil: coração do mundo, pátria do evangelho**. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1985.

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil: coração do mundo, pátria do evangelho**. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

XAVIER, Francisco Cândido. **Emmanuel**: dissertações mediúnicas sobre importantes questões que preocupam a humanidade. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

REVISTAS

- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 14, n. 03, p.06, 01 fev.1897.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 48, n. 21, p.579-580, 01 nov.1931.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 48, n. 23, p.635-636, 01 dez.1931.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 49, n. 02, p.39,16 Jan.1932.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 49, n. 03, p.65-66, 01 fev.1932.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 49, n. 04, p.89-91, 16 fev.1932.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 49, n. 08, p.236-237,16 abr.1932.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 49, n. 14, p.392-393,16 jul.1932.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 49, n. 17, p.479-481, 01 set.1932.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 49, n. 19, p.500-502, 03 out.1932.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 49, n. 21, p.544-545, 01 nov.1932.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 50, n. 01, p.20-23, 21 jan.1933.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 50, n. 06, p.177-179, 01 abr.1933.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 50, n. 06, p.182, 01 abr.1933.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 50, n. 10, p. 155-156, 01 jun.1933.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 50, n. 14, p.381, 01 ago.1933.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 50, n. 18, p.546-547,03 out.1933.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 50, n. 22, p.621-622,16 nov.1933.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 50, n. 23, p.648-649, 01dez. 1933.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 51, n. 01, p.31-32, 01 jan.1934.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 51, n. 12, p.286-288, 16 jun.1934.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 51, n. 14, p.305-307,16 jul.1934.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 51, n. 14, p.307-308,16 jul.1934.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 51, n. 18, s/p,16 set.1934.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 03, p.62-64, 01 fev.1935.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 04, p.85, 16 fev.1935.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 04, s/p,16 fev.1935.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 07, p.162-164, 01 abr. 1935.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 08, p.176-177,16 abr.1935.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 09, p.197-198, 01 maio 1935.
- REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 09, p.213-214,01 maio1935.

REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 10, p.229-230,16 maio1935.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 11, p.261-262, 01 jun.1935.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 12, p.267-268, 16 jun.1935.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 12, p.285-287,16 jun.1935.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 13, s/p, 01 jul.1935.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 14, s/p, 16 jul.1935.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 14, s/p,16 jul.1935.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 15, s/p, 01 ago.1935.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 52, n. 19, s/p, 03 out.1935.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 53, n. 09, p.145, 01 maio1936.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 54, n. 17, p.369-370, 01 set.1937.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 54, n. 18, p.397-398,16 set.1937.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 55, n. 02, p.33-34, 02/1938.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 55, n. 02, p.50,02/1938.
REFORMADOR. Rio de Janeiro, Ano 55, n. 03, p.65-66, 03/1938.

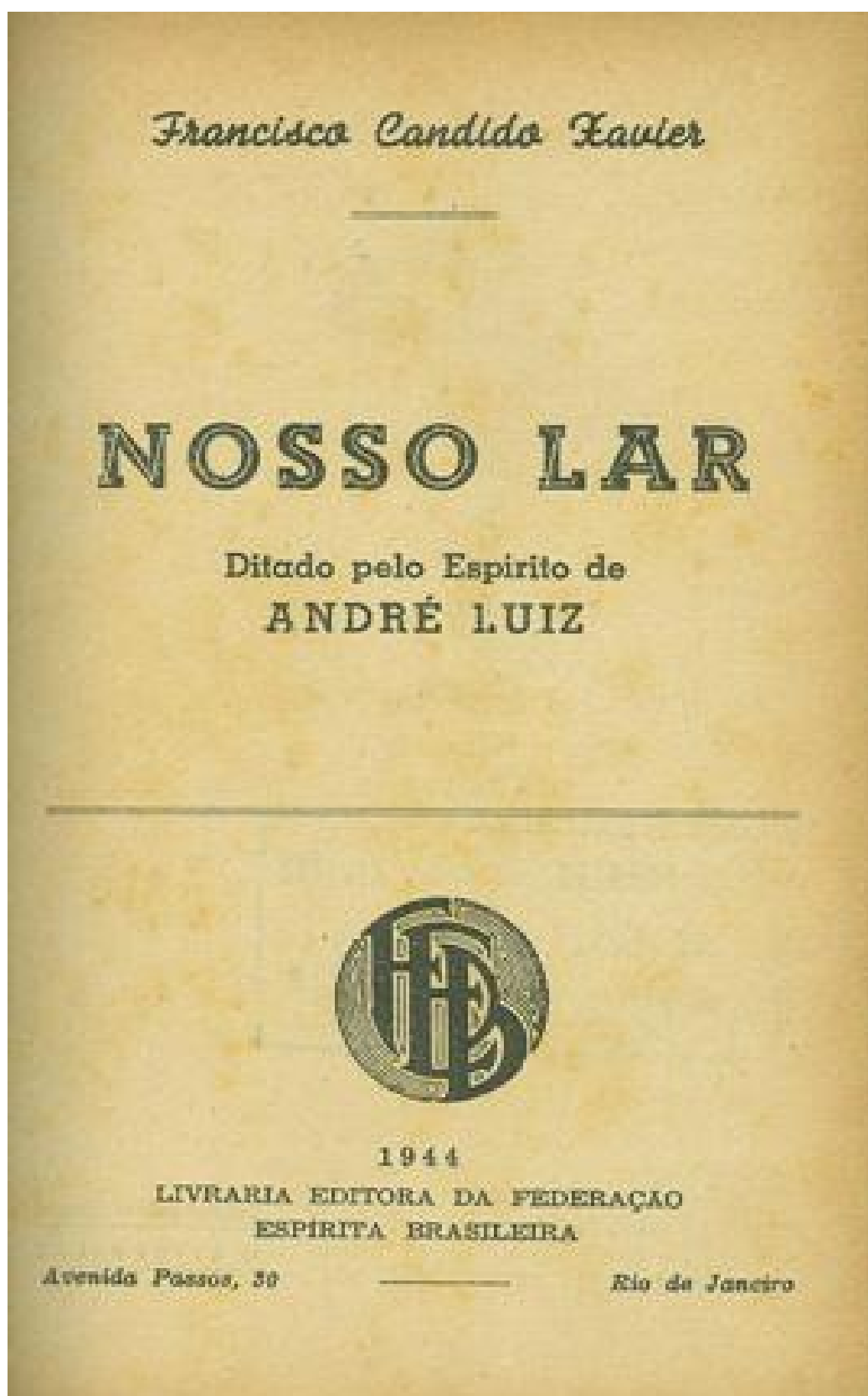
JORNAIS

POETAS do outro mundo. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, Ano 5, n. 1204, 10 jul. 1932.

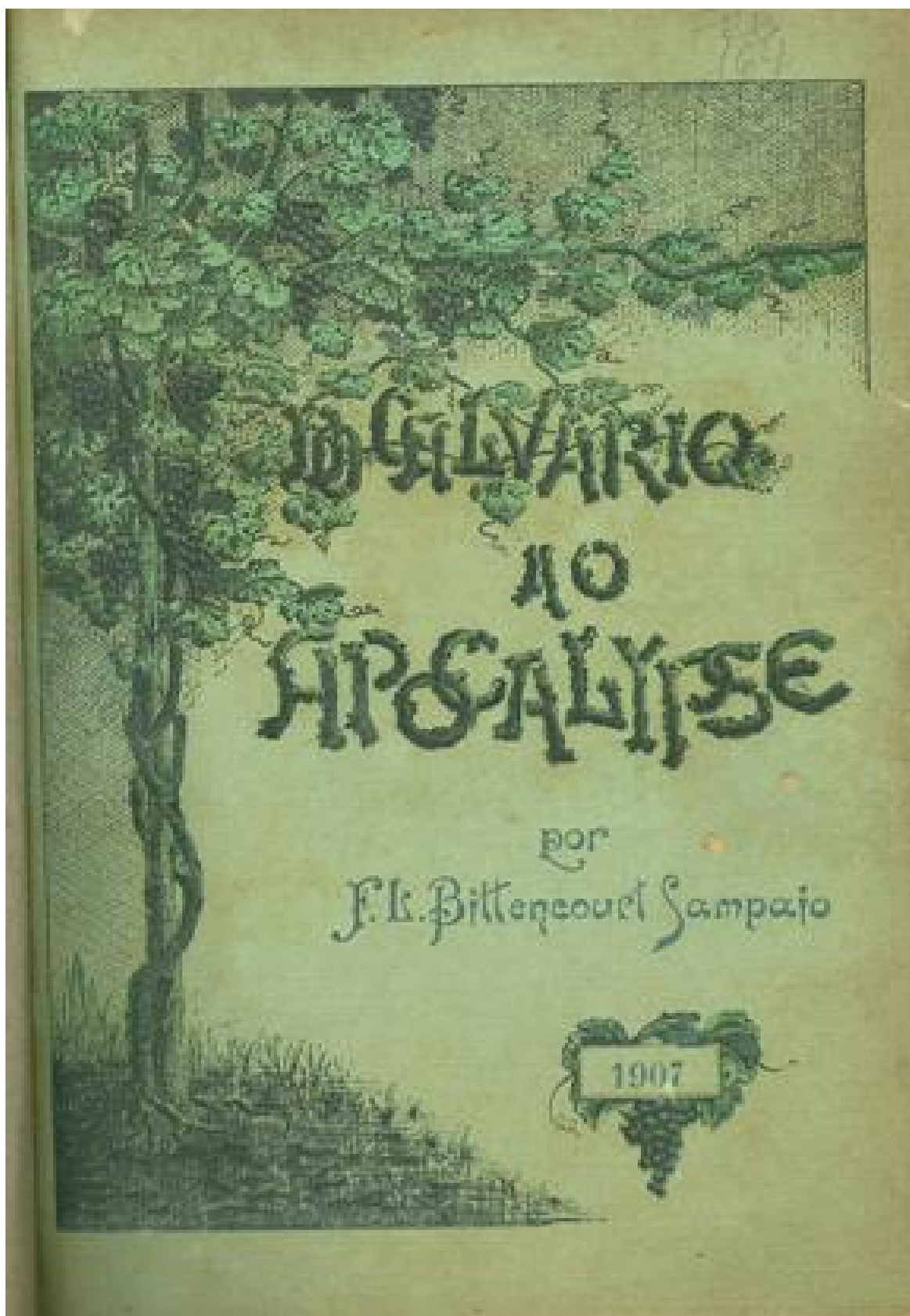
Diário Carioca. Rio de Janeiro, 10/11/1935.

RÁDIO educadora. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, Ano. 5, n. 1025, 12 jul. 1932.

OS MYSTERIOS do espiritismo: objetos que se transportam e pedra que caem dentro de casa – a palavra do “Guia” Emanuel, através do Médiun Francisco Cândido Xavier. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 15 maio 1936.



ANEXO B – Capa do livro *Do Calvário ao Apocalipse*



Do Calvário — AO — Apocalipse

Ditado pelo Espírito de
BITTENCOURT SAMPAIO

Secco medium
Frederico Pereira da Silva Junior

Tomado e ditado e publicado
a primeira vez por
Pedro Luiz de Oliveira Sayão

2.^ª edição



1943

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
ESPÍRITA BRASILEIRA

Avenida Passos, 50

Rio de Janeiro

Livraria da Federação Espirita Brasileira

BIBLIOTÉCA DE FILOSOFIA ESPIRITUALISTA MODERNA E CIÊNCIAS PSIQUICAS
Avenida Passos, 30 --- Rio de Janeiro

Resumo do catalogo de obras notaveis que muito recomendamos aos nossos confrades

Allan Kardec		Bittencourt Sampaio	
O Livro dos Espiritos — br. 5\$, enc.	7\$000	Jesus Perante a Cristandade — br. 5\$, enc.	7\$000
O Livro dos Mediuns — br. 5\$, enc.	7\$000	De Jesus para as Crianças — br. 2\$, enc.	4\$000
O Evangelho segundo o Espiritismo — br. 5\$, enc.	7\$000	Miguel Vives	
O Céu e o Inferno — br. 5\$, enc.	7\$000	O Guia Pratico do Espirita — br. 2\$, enc.	4\$000
A Genese — br. 5\$, enc.	7\$000	Oscar d'Argonne	
Obras Postumas — br. 5\$, enc.	7\$000	Não ha morte — br.	4\$000
O que é o Espiritismo — br. 3\$, enc.	5\$000	Vozes do Além pelo telefone — br.	3\$000
O Principlante Espirita — br. 2\$, enc.	4\$000	José Amigó y Pellicer	
A Prece — br. 1\$, cart. 2\$, enc.	3\$000	Roma e o Evangelho — br. 5\$, enc.	7\$000
Léon Denis		J. C. Friedrich Zolner	
Depois da Morte — br. 5\$, enc.	7\$000	Fisica Transcendental — br. 4\$, enc.	6\$000
No Invisível — br. 6\$, enc.	8\$000	Angel Aguard	
O Problema do Sér, do Destino e da Dór — br. 6\$, enc.	8\$000	Grandes e Pequenos Problemas — br. 5\$, enc.	7\$000
O Além e a Sobrevivencia do Sér — br. 2\$, enc.	4\$000	Paul Gibier	
Cristianismo e Espiritismo — br. 5\$, enc.	7\$000	Análise das Coisas — br. 4\$, enc.	6\$000
Joanna d'Arc Medium — br. 6\$, enc.	6\$000	Alfonse Bué	
O Grande Enigma — br. 4\$, enc.	6\$000	Magnetismo Curador — br. 4\$, enc.	6\$000
O Porque da Vida — br. 4\$, enc.	6\$000	Magnetismo e Hipnotismo Curativo — br. 6\$, enc.	8\$000
Fernando de Lacerda		A. Leterre	
Do Paiz da Luz — Obra completa — 4 vols. enc.	20\$000	Jesus e sua Doutrina — br. 10\$, enc.	14\$000
Alphou Gomes O. Campos (Dr.)		Hilarietas — br. 6\$, enc.	10\$000
Amor á Verdade — br.	3\$000	Francisco Candido Xavier	
Nogueira de Faria		Parnaso de Além Tumulo — br. 5\$, enc.	7\$000
O Trabalho dos Mortos — br. 6\$, enc.	8\$000	ROMANCES	
Conan Doyle		A Vingança do Judeu — br. 7\$, enc.	9\$000
A Nova Revelação — br. 3\$, enc.	5\$000	Fragmentos das Memórias do Padre Germano — br. 5\$, enc. 7\$, ed. esp.	8\$000
Leopoldo Cirne		Reencarnado — br. 5\$000, enc.	7\$000
Doutrina e Pratica do Espiritismo — 1.º e 2.º vols. em um só exemplar — enc.	15\$000	O Claustro — br. 4\$, enc.	6\$000
Ernesto Bozzano		A Casa de Deus — br. 4\$, enc.	6\$000
Fenomenos Psíquicos no Momento da Morte — br. 6\$, enc.	7\$000	A Barqueira do Jucar — br. 5\$, enc.	7\$000
Metapsíquica Humana — br. 5\$, enc.	7\$000	Memórias da Loucura — br. 4\$, enc.	6\$000
A Crise da Morte — br. 4\$, enc.	6\$000	Na Sombra e na Luz — br. 6\$, enc.	8\$000
Pensamento e Vontade — br. 4\$, enc.	6\$000	Do Calvario ao Infinito — br. 8\$, enc.	10\$000
Xenoglossia — br. 5\$, enc.	7\$000	Redenção — br. 6\$, enc.	8\$000
Enigmas da Psicometria — br. 6\$, enc.	7\$000	A Granja do Silencio — br. 4\$, enc.	6\$000
Bezerra de Menezes		Mireta — br. 4\$, enc.	6\$000
Doutrina Espirita como Filosofia Teogonica — Valioso autografo — br. 2\$, enc.	3\$000	Marieta — br. 6\$, enc.	8\$000
Padre Marchal		O Espirito das Trevas — br. 6\$, enc.	8\$000
Espirito Consolador — br. 6\$, enc.	8\$000	(Cruzada Redentora) — A Caminho do Abismo — br. 4\$, enc.	6\$000
Stainton Moses		Senda de Espinhos — br. 4\$, enc.	6\$000
Ensinos Espiritualistas — br. 6\$, enc.	8\$000	Estrada de Damasco — br. 4\$, enc.	6\$000
		O Beijo da Morte — br. 4\$, enc.	6\$000
		Rosario do Coral — br. 4\$, enc.	6\$000

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação — Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro.
Porte de 500 rs. por volume.

JESUS E SUA DOUTRINA

S U M M U L A

I - A THESE

Provar que o "CATHOLICISMO" não é "CHRISTIANISMO"; que Religião não é Culto, que o CATHOLICISMO é o ROMANISMO; que o ROMANISMO é uma instituição puramente Política, tendo Christo como pretexto e como fim o Poder temporal; que a doutrina que Jesus pregou, era a Budhica amalgamada com a mosaica; que os nomes de Jesus e Christo, já eram applicados ha milhares de annos, ao Filho de Deus da religião de Zoroastro; que, em summa, o Christianismo moderno, sabido como está em varias seitas, é um erro, e que o catholicismo é um crime.

II - INTRODUÇÃO

Genesis das religiões. — Revelação. — Inicio dos achismos. — Personalidade de Jesus.

III - EXPLANAÇÃO

A verdade. — A fé. — Archemastro. — Sciencias occultas. — Trilateralismo. — Diluvia. — Babilonia. — O nome de Jesus e sua doutrina. — Os 10 mandamentos. — Fontes Moaicas. — Filiação de Moysés. — Ordem de Melchisedec. — Maria e seu filho Jesus. — Virgindade de Maria. — Virgens que



concebem. — Predicção de vinda do Messias. — Divindade de Jesus. — Filho de Deus. — Religião e Culto. — Antagonismo entre Christianismo e Catholicismo. — Piaggio Catholico. — Doutrina de Jesus. — Luta entre Pedro e Paulo. — Os Evangelhos. — Millogras. — Adão e Eva. — Pecado original. — Baptismo. — Céu, purgatório e inferno. — O dabo. — Reencarnação. — Ressurreição. — Pluralidade das almas. — Livre arbitrio. — Templos. — Identidade de religiões. — Intolerância. — Odm catholico. — judeo. — Christianismo Budhico.

IV - ELUCIDAÇÕES

Rama. — Mises. — Filiações teaptricas. — Filho de Deus, filho do homem, filho da mulher. — Vos tambem sois deuses. — Reino de Deus. — Corrupções das traduções. — Dorismo e Ionismo. — Consequencias do schisma de Istra. — Lei do verbo. — Anarchia linguistica. — Primitivo alphabeto. — Pyramide e Esphinge. — O Zodiaco. — Astrologia. — Cosmogonia e Mythologia. — Apocalypsas. — Archemastro e as arias.

V - CONCLUSÕES

Synarchia. — Papa Rei. — Infalibilidade do Papa. — O anti-Christo. — Celibato do padre. — Jesuitismo e Moral. — Ensino religioso. — Casa de Orates. — Queda do Romanismo. — Catholicismo pagão. — Preces. — Os schismas. — Appello aos estudiosos. — Fim do mundo. — Os cultos. — Os dogmas. — Aherces do Catholicismo. — Basta de Cabotismo.

VI - APPENDICES

Symbolo dos apostolos. — Idiostria. — Trilogia humana. — Mystificação. — Falsificações. — Analogia de numeros. — Musica architectonica. — A morte dos 12 apostolos. — Hérzites.

Br. \$3200, em. \$4500 —: Para mais \$3000 per volume.

Livraria Editora da Federação — Av. Passos. 30

TRATAMENTO MODERNO
 dos vermes e anemias, pela
 composição químico-poterápica
 das pilulas VERMI-TONICAS
Tomam-se às refeições sem dieta
 De grande effeito na prisão
 de ventre
 Queiram pedir amostras ao fabricante
ORVILLE RODRIGUES
 Rua S. José, 54-1.ª and. — Rio de Janeiro
 EM SÃO PAULO:
Stal, Telles & Cia. Ltda.
 Rua Libero Badaró, 61-sob.
 Telef. 2-7164 — Caixa Postal, 101
 Endereço Telegraph. "SVEA"

CARLOS MBRASSAHY
OS MENEZES
 O autor apresenta obra romântica, gênero de literatura em que se incinua nas letras, nos verdadeiros amos.
 No romance, publica o autor o nome de philosophico, porque, ao lado do enredo destacam-se os ensinamentos doutrinaes, uns brevemente expostos a outros que se percebem das Noções de vida ali gravadas.
 O romance é recalcado em episódios todos reaes.
 A imaginação do autor pouco, em taxa inferiorencia leve no livro, a não ser na forma.
 O mundo vem demonstrar a realidade do principio da reincarnação. Ella é justificada em todos os principios do drama, ali descritos, os quees um fazem o, oua churur.
 Trata-se, em summa, não só de factos que padecem ser reaes, mas de factos que, na verdade, se realizam, podendo ser a obra uma contribuição capaz de curar eor mais ainda as doenças subconscia multiphysicas.
 Mark. 45000 - Enc. 45000. Parte de 500 rs. por vol.
 A' venda em todas as Livrarias e na
 Editora da Federação
 Avenida Passos, 30 - Rio de Janeiro



NA SOMBRA E NA LUZ
DO CALVARIO AO INFINITO
REDENCÃO
 Constituem três novelas de subido valor literario, temperadas ao exatido medicinal pelo genio mortal de
VICTOR HUGO
 mercê das faculdades da eschivista
ZILDA GAMA
 São páginas de grande emotividade e maior enalçamento, decalcadas na tel do reincarnação. Ha, em cada esta obra, um algo de eternidade, um balsamo e um perfume de esperança, que transcendem das misérias terrenas para os piazos etereis, onde os conjugam e completam os todos humanos.
 Pazidade do nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, contraditões politicas, tudo isso que faz o tormento e a desgraça felicidade do mundo, permeia nesta obra, cujos personagens vivem, na trama da acción, como patriões indoleveis incunfundiveis.
 DO CALVARIO AO INFINITO br. 8000 enc. 10000
 NA SOMBRA E NA LUZ > 8000 > 8000
 REDENCÃO > 8000 > 8000
 A' venda em todas as Livrarias e na
 Editora da Federação - Avenida Passos, 30 - Rio de Janeiro

ANEXO H - Propaganda do livro *Redenção*

VICTOR HUGO

REDENÇÃO

LIVRARIA EDITORA A FEDERAÇÃO
AVENIDA PASSOS 30 - RIO

Heloisa consozoriando-se ao rico castelão Gastão Dusmevil, dele se separa devido a perseguição de um hindú de nome Arlet, servo de absoluta confiança de seu esposo.
Arlet, não podendo conter o seu amor por Heloisa e sendo presentido na intenção de matar seu amo, fala-lhe de um dogma do Oriente sobre as transmigrações das almas ou da metempsicose que ainda será reconhecida por toda a humanidade ferrena e que só ele explica lucidamente; pois que, o amor e o odio se radicam nas almas, por muitos séculos, de vez em até que este seja por aquete nupcializado.
O hindú confessa que jamais se tendo extinguido as recordações da eternidade transcorrida, reconhece em Heloisa, sua esposa Plavia, quando em vida anterior fôra moarca de Persepolis.
Após a morte tragica de Arlet, Gastão procura reconciliar-se com sua esposa, estorecendo-se então serem vítimas de acerba provação. — Br. 63000, enc. 86900.

ANEXO I - Propaganda do livro *Lidia*



Extraordinária novela mediana, que atesta não apenas a originalidade do fenômeno existencial, como as suas possibilidades latitudinais de expressão e beleza. "LIDIA" é o depoimento atualizado de um Espírito que viveu nos tempos heroicos do Cristianismo cristão, ou apostólico.

A história dos seus amores, a caminhar intrepidamente para o circo romano, cheia de lances emocionais, é o que forma a tela artística, bela, delineada na técnica, e ao mesmo tempo pródiga de ensinamentos doutrinários.

No fim do volume, o leitor encontra o sumário das sessões que prolongaram e ambientaram a captação da obra, de sorte que se habilitam a formar juízo seguro da sua origem, transcendentalmente edificante e consoladora - Rr. 55, enc. 15.

ANEXO J - Propagando do livro *Herculanum*



Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 - Rio de Janeiro

Poesia extraída do "PARNASO DE ALÉM TÚMULO", magnífica e opulenta collectanea de produções mediumnicas de consagrados vates, quaes Souza Caldas, Casimiro de Alencar, Castro Alves, João de Deus, Augusto dos Anjos e tantos outros, cujos estros se affirmam inconfundiveis pela mediumnidade de Francisco Candido Xavier, um joven de relativissima cultura intellectual isolado de influencias literarias num rincão mineiro.

O livro será lançado em Junho proximo, pela Livraria da Federação.

A T E R R A

(AOS PESSIMISTAS)

Se ha noite escura na Terra,
Onde rugem tempestades,
Se ha tristeza, se ha saudades,
Amargura e disabor;
Existem dias dourados,
De sol e de melodias,
Esperanças e alegrias
Canções de eterno fulgor!

A Terra é um mundo ditoso.
Um paraíso de amores,
Jardim de risos e flores,
Rolando no céu azul,
Um hymno de força e vida
Pulsa em suas entranhas,
Reflemba pelas montanhas,
Echôa de norte a sul.

Os sonhos da mocidade,
As galas da natureza,
Livro de exceleu belleza,
Com paginas de esplendor;
Onde as historias são cantos
De garrulos passarinhos,
Onde os gravuras são filhos
Estampados no verdor;

Onde ha vela que oão poetas,
E trovadores alados,
Heróis ternos, namorados,
Gargantas de ouro a cantar,
Sandando o aurora que surge
Como nymphas luminosas,
A olhar-se, toda orgulhosa,
No grande espelho do mar!

Onde as princezas são flores,
Que se beijam luzidias,
Perfumando as pradarias,
Com seu halito, de amor;
Desabrochando ás centenas,
Na estrada que o homem passa,
Offercendo-lhe graça,
Sorrindo, cheias de olor.

O dia todo é alvorada
De doces encantamentos,
A noite, deslumbramentos
Da lua, em seus braços vetes!
A tarde oncula as estrelas,
Os astros o sol nascente,
O sol o prado ridente,
O prado perfuma os céus!...

Quem vive num eden dusses
É sempre risonho e forte,
Jamais almeja que a morte
Na vida o veu trazer;
Sabe encontrar a ventura,
Nesse jardim de pupiões
E esche-se da esperanças
Para soffrer e lutar.

Se ha noite escura na Terra,
Abarrotada de doras,
De lagrimas e amargores,
De triste e rude carpir;
Existem dias dourados
De juventude e esplendores,
De aromas, risos e flores,
De aureos sonhos no parvir!...

CASIMIRO DE ALENCAR

Br. 5\$000, Enc. 7\$000

Forne mais 500 rs. por volume

CAPITAL 100 REIS

Diario Carioca

INTERIOR 200 REIS

Anno V - Numero 1.205

Rio de Janeiro, Terça-feira, 12 de Julho de 1932

Praça Tiradentes, n. 77

São Paulo em armas contra a Ditadura

DIARIO CARIOCA... Diretor: Theodoro... J. B. MARTINS GULMAREAS

Os srs. João Neves, Paulo Nogueira e Macedo Soares seguiram para S. Paulo

O sr. João Neves da Fontoura... O sr. J. de Macedo Soares...

O capitão João Alberto passou a chefia da policia

Já adiantada da hora, o capitão João Alberto...

O movimento em Minas

CONFEDERAÇÃO LONGANIMIDADE... BELLO HORIZONTE, 11 (DO CORRESPONDENTE) - O sr. Olegário...

O SR. MARIO BRANT EM GRANDE ACTIVIDADE

BELLO HORIZONTE, 11 (DO CORRESPONDENTE) - O sr. Olegário...

O SR. PINHEIRO CHAGAS EM BELLO HORIZONTE

BELLO HORIZONTE, 11 (DO CORRESPONDENTE) - Chegou a...

FORAM SUSPENSAS EM BELLO HORIZONTE AS TRANSAÇÕES BANCARIAS

BELLO HORIZONTE, 11 (DO CORRESPONDENTE) - Foram suspen-

AGITAÇÕES NA ALLEMANHA

Registraram-se, em varias cidades, sangrentos conflitos

BERLIM, 11 (Gazeta) - O ministro...

Como Cantamos os Mortos...

Uma morte amaldiçoada e corpo...

Dr. Pedro II continua, mesmo depois de morte...

Magalhães Senhor, que os orbes da...

Dr. Pedro II continua, mesmo depois de morte...

Magalhães Senhor, que os orbes da...



Auto-camiónes requisitados a particulares, estacionados na praça Tiradentes, em frente à...

Radio Educadora Gymnastica pelo radio em São Paulo

Por intermédio da Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Radio Educadora Paulista, está sendo ir-

Nomeados os membros da comissão encarregada de elaborar o anteprojeto da Constituição

O chefe do Governo assinou o seguinte decreto: O chefe do Governo Francisco de Paula...

O flagello da Amazonia

De outro, é daquele sob cujo influxo do fogo se abrasa, do...

Por desgostos intimos

No Hospital de Pronto Socorro, foi...

Como Cantamos os Mortos...

Uma morte amaldiçoada e corpo...

AGITAÇÕES NA ALLEMANHA

Registraram-se, em varias cidades, sangrentos conflitos

Como Cantamos os Mortos...

Uma morte amaldiçoada e corpo...

AGITAÇÕES NA ALLEMANHA

Registraram-se, em varias cidades, sangrentos conflitos

Como Cantamos os Mortos...

Uma morte amaldiçoada e corpo...

AGITAÇÕES NA ALLEMANHA

Registraram-se, em varias cidades, sangrentos conflitos

Como Cantamos os Mortos...

Uma morte amaldiçoada e corpo...

AGITAÇÕES NA ALLEMANHA

PROGRAMAS DE HOJE: ALHAMBRA, ODEON, PALACIO, GLORIA, PATHE PALACIO, PATHE, MOULIN BLEU. Includes showtimes and program details for various theaters.

DA ALIMENTAÇÃO da Alimentação no Brasil

“Os Erros e Defeitos da Alimentação Nacional Têm Pesado Como Um Terível “Handicap” na Evolução do Nosso País” — Diz no DIÁRIO CARIOCA o Professor Josué de Castro

Reproduzimos hoje, interessada e esclarecedora, pelo Dr. Josué de Castro, sobre o problema alimentar brasileiro. O autor professor de Faculdade de Medicina de São Paulo, escreveu este livro sobre o assunto de sua especialidade. Assim, a parte do seu tempo na medicina, ele dedica ao estudo da alimentação e dos seus aspectos de saúde pública e de higiene social. O livro é uma contribuição valiosa para a evolução social do Brasil.

Em nenhuma dúvida, não há de qualquer povo. Segundo os dados estatísticos da antropologia cultural, na formação estrutural de uma cultura, é o grupo humano qualquer, a ordem social, a sua evolução, a sua história e a sua economia, que são os fatores que influenciam a alimentação. A alimentação é, portanto, o resultado da interação da cultura e da natureza. A alimentação é, portanto, o resultado da interação da cultura e da natureza.

Os Mistérios do Espiritismo

Actuada por uma entidade perversa, a menina Cynira vem sendo alvo das atenções de quantos se dedicam ao estudo da doutrina de Allan - Kardeek

OBJECTOS QUE SE TRANSPORTAM E PEDRAS QUE CAEM DENTRO DE CASA — A PALAVRA DO “GUIA” EMMANUEL, ATRAVEZ DO MEDIUM FRANCISCO CANDIDO XAVIER

A jovem de dez anos, Cynira, que nasceu em 1926, em São Paulo, começou a manifestar fenômenos de espíritos em 1934. Ela é filha de uma família pobre e vive em condições precárias. Ela é alvo das atenções de muitos pesquisadores do espiritismo. Ela é alvo das atenções de muitos pesquisadores do espiritismo.



Cynira, a vítima das mãos espíritas

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

Enthusiásticas e Vibrantes Manifestações ao Dr. Ivair Nogueira Itagiba, em Glycerio e no Frade

Inaugurado importante serviço de água, no Frade, em Glycerio, em homenagem ao Dr. Ivair Nogueira Itagiba, médico e engenheiro, que se dedica ao estudo da alimentação e da saúde pública. A inauguração foi realizada com entusiasmo e vibrantes manifestações.

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

Decorreu Calma a Sessão de Hontem na Camara Municipal

O vereador Alberico de Moraes pro nunciou vibrante discurso sobre a Lei Orgânica do Distrito — O lio, as acumulações e a agiotagem movimentaram o plenário do legislativo da cidade

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

A tragédia de Fortaleza

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

O novo assistente do dr. Veiga Faria, diretor da Caixa Econômica

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

curas, libertando aos pobres meios de vida terribilíssimos. A sua falta de higiene, a sua insalubridade de criar frutos deuses, malfeticos e obscuros, que tem uma ligação profunda no passado, que não se sabe explicar no momento.

CYNIRA — A garota que tem sido vítima de espíritos, vive, simpatiosa, alegre, de braços abertos, com um sorriso que se espalha sobre os lábios. Ela é alvo das atenções de muitos pesquisadores do espiritismo.

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

Decorreu Calma a Sessão de Hontem na Camara Municipal

O vereador Alberico de Moraes pro nunciou vibrante discurso sobre a Lei Orgânica do Distrito — O lio, as acumulações e a agiotagem movimentaram o plenário do legislativo da cidade

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

A tragédia de Fortaleza

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

O novo assistente do dr. Veiga Faria, diretor da Caixa Econômica

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

DELLA HORIZONTE, 13 (Dois dias depois, quando se classificou o “medium” em espírito, não se provando a malícia, o espírito se manifestou no espírito. Foi então que se iniciou a comunicação com o espírito.

ANEXO O - Propaganda da Segunda edição de *Parnaso de Além-Túmulo*



É um livro verdadeiramente útil, até agora, nos ámbitos da bibliografia espírita. Prefaciado por M. Quispido, que lhe põe em relevo as belezas literárias e artísticas num entusiasmado prefácio, comporta também algumas páginas de Francisco Cândido Xavier, o jovem médium, quasi adolescente, a quem a Providência concedeu a regia dita de intêrprete encastado e consagrado livro, na morte supostamente espúricas para sempre, mas, na verdade, agora vivas e vibrantes na orquestral magnificência dos seus ritmos inconfundíveis.

São jóias místicas, não só de valor literário, como de aspectos filosóficos tão altos, trabalhadas por inteligências de escol, que nos deixaram, da sua passagem pelo terra, traços insuperáveis.

E assim é que temos neste livro uma das provas mais robustas da identidade universal, ainda existente, de um Guerra Junqueiro, de um Castro Alves, de um Casimiro de Alencar, de um João de Deus, de um Antero de Quental, de um Augusto dos Anjos e tantos outros poetas da nossa e das próximas gerações, inclusive Souza Castro.

Leu o Parnaso não será apenas um fim prazer intelectual, mas fertilizar o espírito nas suas seduz, que sobram alvissaradamente da outra margem da vida. — Stock, 33000 — Enc. 78000.



CRONICAS DE ALEM TUMULO

ditadas pelo Espírito de

Humberto de Campos

Mediun

Francisco Cândido Xavier

Não há, certo, entre os espíritos que têm contato da melhor ou pior maneira com a vida do Espírito, que se utilizam do canal do médium para se manifestarem, sob todos os aspectos, por que se apresentam, e que praticam a comunicação em obras comunicadas ou mensagens provenientes do plano invisível, aquelas que não haja sido sofridamente, em que se dole suas penas, e se transmitem ao Espírito do talento literário que foi HUMBERTO DE CAMPOS, tendo por instrumento o excelente medium Francisco Cândido

Xavier, sabidamente conhecido há já em todo o Brasil, pelo alto valor de sua produção mediúnica.

Nenhuma, portanto, haverá, sem dúvida, que não deseje possuir o conteúdo dessas comunicações ou mensagens, para se referir de quando em quando e para se consultar nesses momentos, tão amedrontados, em que o ânimo se nos abate e o espírito quasi desfalece, tanto elas se destacam da generalidade das escritas desse gênero. O que, portanto, com efeito, não só pela substância dos assuntos, sobre que versam, como também, e é esta uma circunstância que as torna ainda mais apreciáveis, especialmente para se que não se letam com o livro de espírito, pelo estilo em que são escritas, aquele estilo claro, conciso, prático, que de modo tão agradável caracteriza o talento literário do escritor humano e que conserva na mais agradável da sua palavra, o mesmo elemento inconfundível de prosa da inteligência do seu espírito, e que se encontra no livro de espírito.

Por isso, para se obter, o livro de espírito, a Livraria da Federação, publicará, em volume, a obra intitulada pelo próprio HUMBERTO DE CAMPOS, de forma tão agradável e prática, como também a natureza da matéria que contém: — *Crônicas de Além-Túmulo*. — Br. 85, enc. 85.

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, via postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação.

AVENIDA PASSOS, 30 - RIO

Porto: 1 vol. 1\$000, diversas moedas 600 % por volume.

Do Calvario ao Infinito : — : Redenção Na Sombra e na Luz

Constituem tres romances de grande valor literário, temperados do cadinho mediúnico pelo gênio imortal de

VICTOR HUGO

Na, em todas estas obras um signo de eternidade, um bálsamo e um perfume de esperança que transcendem das misérias terrenas para os planos eternos, onde se conjugam e completam os todos humanos.

Patetidade do assunto, conhecimentos de rãoa, odjaz, joatos, caracteres públicos, tudo isto que faz o momento e a eterna felicidade do mundo, permeiam estas obras, cujos personagens vivem, no tramo da ação, como padrões indelévels e inconfundíveis.

Do Calvario ao Infinito — br. 1\$500, enc. 10\$000.
Redenção — br. 8\$000, enc. 1\$000.
Na Sombra e na Luz . . . — br. 8\$000, enc. 1\$500.

Porte mais \$500 por volume.

A INDIA

A Índia foi sempre o país das maravilhas.

Dez séculos antes da Era Cristã, esse país já tinha sido uma civilização passageira. Setecentos anos antes de Cristo atingiu o apogeu e o país caiu em decadência moral, trazida fatalmente pelo excesso de bens e da riqueza que hoje já se espalham pela Europa e na América.

No tempo em que nossos antepassados viviam em cavernas, a Índia captava cidades incanáveis por causa de salinas de marfim. A mulher longe de ser como em muitas civilizações antigas, reduzia a escravidão, era ao contrário, na Índia antiga, guardadora de respeito. A ciência e a poesia não eram ignoradas lá.

A Índia teve a civilização mais avançada, quanto à ciência, literatura, se refere que de se possuir a ciência, porém para a ciência e a civilização e a ciência e a ciência.

A literatura da Índia produzida por causa de muitos profetas e filósofos da antiguidade dos tempos.

A arte da Índia chegou ao seu auge no período de ouro. A Índia produziu através dos séculos, desde os primeiros do mundo, uma civilização. Não a Índia, mas a civilização, uma civilização eterna.

CIDADES DE PARIS

No America do Norte há muitas cidades de dezesseis cidades que têm a nome de Paris, em honra a capital da França. Como se vê na Paris, e Paris...

Por maior que se o valor do arte americano, e esse valor é imenso, inevitavelmente as grandes cidades do País só se põem com a cultura e arte.

Em conclusão, não há país que possa ser uma Nova York.

Coleções do "Reformador"

De todos os dias - Encadernadas (edição de luxo)

Livraria da Federação Espírita Brasileira

Av. Passos, 30 CAPITAL FEDERAL

Preço 12\$ — Enc. 3 interior, mais 1\$500